

KLS

A man with a beard and short brown hair is shown in profile, looking towards the right. He is wearing a light blue button-down shirt. The background is a teal chalkboard with faint white chalk scribbles. A large, vibrant red abstract shape with a fine, concentric line pattern overlaps the left and bottom portions of the image, partially obscuring the man's face and the chalkboard. The overall composition is clean and modern, suggesting a theme of education or psychology.

História da psicologia

História da psicologia

André Roberto Ribeiro Torres

© 2016 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Dieter S. S. Paiva

Camila Cardoso Rotella

Emanuel Santana

Alberto S. Santana

Regina Cláudia da Silva Fiorin

Cristiane Lisandra Danna

Danielly Nunes Andrade Noé

Parecerista

Ana Lucia Jankovic Barduchi

Editoração

Emanuel Santana

Cristiane Lisandra Danna

André Augusto de Andrade Ramos

Daniel Roggeri Rosa

Adilson Braga Fontes

Diogo Ribeiro Garcia

eGTB Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T693h Torres, André Roberto Ribeiro
História da psicologia / André Roberto Ribeiro Torres. –
Londrina : Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.
236 p.

ISBN 978-85-8482-429-8

1. Psicologia - História. 2. Psicologia – História – Brasil.
3. Psicologia cognitiva. I. Título.

CDD 150

2016

Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Avenida Paris, 675 – Parque Residencial João Piza
CEP: 86041-100 – Londrina – PR
e-mail: editora.educacional@kroton.com.br
Homepage: <http://www.kroton.com.br/>

Sumário

Unidade 1 A História, a Filosofia e seu papel para a compreensão da evolução dos campos científicos da Psicologia	7
Seção 1.1 - O estudo da História, os períodos históricos e a história da Psicologia	9
Seção 1.2 - Os gregos pré-socráticos e a investigação da alma	23
Seção 1.3 - Os filósofos clássicos: Sócrates, Platão e Aristóteles	37
Seção 1.4 - A idade medieval e o pensamento cristão	51
Unidade 2 A modernidade e a fundação da psicologia como ciência	67
Seção 2.1 - Renascimento e modernidade	69
Seção 2.2 - A psicofísica e as influências da fisiologia	83
Seção 2.3 - A psicologia experimental e o estruturalismo	97
Seção 2.4 - O funcionalismo e a psicologia como necessidade moderna	109
Unidade 3 Principais escolas do pensamento psicológico	125
Seção 3.1 - Behaviorismo	127
Seção 3.2 - Psicanálise	139
Seção 3.3 - A psicologia da gestalt	153
Seção 3.4 - Abordagens humanistas e a abordagem sócio-histórica	167
Unidade 4 História da psicologia no Brasil e tendências atuais da psicologia	183
Seção 4.1 - Cronologia da psicologia no Brasil	185
Seção 4.2 - Derivações importantes das principais escolas da psicologia	197
Seção 4.3 - Tendências da psicologia como ciência	207
Seção 4.4 - Tendências atuais da psicologia no Brasil	219

Palavras do autor

A Psicologia é uma ciência recente e cheia de possibilidades. Nem todos sabem, mas não existe uma única forma de se pensar e de se trabalhar com a Psicologia. Os estudantes de Psicologia precisarão fazer duas escolhas importantes para a sua carreira: 1) quais serão suas áreas de atuação; e 2) que abordagem teórica utilizarão para compreender as situações que enfrentarão no futuro.

A primeira escolha se refere à prática em si, ou seja, se trabalhará em clínica particular, hospitais, centros de saúde, empresas, organizações não governamentais etc. Essa escolha dependerá do interesse de cada aluno, das pretensões e expectativas que tem com a Psicologia. Também dependerá do mercado de trabalho, do que encontrarão como possibilidade para começar sua nova profissão.

A escolha da abordagem depende menos da situação externa e mais da sua forma de pensar, da sua personalidade, do que você acredita enquanto filosofia e teoria psicológica. Essas coisas nem sempre são claras e não temos como simplesmente abrir um cardápio de teorias e escolher a partir dos nomes. Aqui está a ênfase da disciplina História da Psicologia, que pode ajudá-lo na escolha da abordagem teórica a ser seguida.

Para que essa compreensão aconteça, é necessário que você, aluno, se comprometa com o conteúdo aqui exposto e os caminhos que se abrirem a partir dele. Aproveite os recursos didáticos preparados para o seu autoestudo. Os psicólogos são profissionais que estão sempre estudando para aprimorar seu trabalho e precisam, desde o início do curso, desenvolver sua disciplina para estudar individualmente ou com colegas de grupo.

A jornada que iniciamos aqui busca entender como surgiram essas tais abordagens. Poderemos acompanhar a história do desenvolvimento da Psicologia. Começaremos com algumas noções básicas sobre História e Filosofia, falando sobre a Antiguidade grega e a Idade Medieval. Num segundo momento, estudaremos o surgimento da Idade Moderna e o nascimento das ciências e da Psicologia como ciência. O nascimento e as características básicas das principais abordagens psicológicas serão o tema da terceira unidade e, por fim, teremos um momento para compreender especificamente a história da Psicologia no Brasil, alguns desdobramentos importantes das principais abordagens e as tendências científicas que se mostram hoje no mundo da Psicologia.

Ao final dos seus estudos, você terá desenvolvido a competência de conhecer os

domínios da Psicologia enquanto ciência e profissão do ponto de vista da sua história, bem como conhecer a origem das diferentes teorias e sua forma de fazer ciência. Quanto mais clareza e conhecimento tivermos dessa origem, maior será nossa habilidade de pensamento na prática e na pesquisa científica da Psicologia.

Desejo a você um ótimo semestre de estudos e acredito que esse trabalho e proposta pedagógica colaborarão para seu aprendizado, pensamento e desenvolvimento.

A HISTÓRIA, A FILOSOFIA E SEU PAPEL PARA A COMPREENSÃO DA EVOLUÇÃO DOS CAMPOS CIENTÍFICOS DA PSICOLOGIA

Convite ao estudo

Neste momento, iniciamos os nossos estudos sobre a história da Psicologia. Aqui, você irá compreender qual o papel da História e da Filosofia na evolução dos campos científicos da Psicologia e na origem das formas de pensamento teórico que ajudam a construir a capacidade de raciocínio do psicólogo. Na Psicologia, é muito importante que se tenha clareza e consistência teórica para tomar decisões importantes sobre determinados casos e situações. O psicólogo deve conhecer bem sua abordagem teórica – utilizada para a compreensão dos casos –, assim como a sua área de atuação. Para desenvolver essa competência, é fundamental que você saiba quais são as origens dos conceitos básicos de cada escola de pensamento da Psicologia.

Com certeza você já ouviu uma série de explicações psicológicas e ficou na dúvida se acreditava nelas ou não. Existem explicações que nos convencem mais que outras, dependendo da forma como se desenvolve o raciocínio lógico e teórico. Quais serão as teorias e explicações que combinam com o seu jeito de pensar?

Nós, psicólogos, temos a missão de compreender uma longa linha de raciocínio que se estende pelo tempo. Mas o mais importante de se entender essa linha não é simplesmente decorar datas e nomes. O importante é entender o surgimento e o desdobramento das ideias psicológicas através do tempo. Para

isso, esta unidade de ensino está organizada em quatro seções. Primeiro, vamos nos concentrar no estudo da História e sua importância. Em seguida, veremos os primeiros pensamentos filosóficos da História, os filósofos mais conhecidos da nossa civilização (Sócrates, Platão e Aristóteles) e terminamos a unidade com a filosofia medieval e o pensamento cristão.

Conhecer a história da Psicologia e o desenvolvimento de cada área é uma forma de conseguir entender melhor como os psicólogos têm atuado e quais os setores que mais valorizam o seu trabalho. Além disso, conhecer a história do início das abordagens teóricas ajuda a compreender melhor quais são as teorias que realmente convencem cada profissional com suas compreensões e modo de atuação. Por isso, a primeira unidade apresenta as filosofias básicas que formaram a nossa maneira de fazer ciência, destacando a ligação dessas correntes com a Psicologia.

Para você aprender os conteúdos desta unidade de ensino de modo contextualizado e significativo, foi elaborada uma situação fictícia para embasar seus estudos. O objetivo é exercitar a busca de dados em pesquisa e conhecer melhor a história da Psicologia, suas áreas de atuação e abordagens teóricas. Depois de alguns anos trabalhando na área de recrutamento e seleção, a psicóloga Mariana começou a perceber que não estava mais tão realizada como costumava ficar quando começou a desempenhar essa função. Ela não sabia muito bem o que havia mudado, mas não tinha como negar que não estava satisfeita com a atual situação. Resolveu conversar com várias pessoas para ajudar na sua decisão, mas a maioria delas só defendia sua própria opinião, tentando lhe dizer o que deveria ou não fazer. Não a ajudavam a pensar da forma como ela gostaria. Como lidar com uma situação nova e desconhecida? Será que isso realmente estava acontecendo ou era apenas uma impressão dela?

Como tinha férias para vencer, Mariana resolveu que se dedicaria a pensar sobre sua vida para superar esse momento de dúvida e incerteza. Tirou do armário seus diários e apostilas e cadernos da faculdade. Achou que a ajudariam a se lembrar do passado e a se entender melhor.

Você também já quis repensar sua vida pessoal ou profissional? Como saber se está fazendo escolhas coerentes com a sua própria vida? Como saber se deveria tomar uma atitude radical ou se deveria simplesmente aceitar essa mudança e deixar tudo como está? E se resolvesse mudar de área, qual escolher? Você consegue imaginar como se lembrar de coisas do seu passado pode ajudar a entender o momento presente e tomar uma decisão para o futuro?

Seção 1.1

O estudo da História, os períodos históricos e a história da Psicologia

Diálogo aberto

Se estamos estudando história da Psicologia, a primeira coisa a entendermos melhor é como estudar História, não é mesmo?

Como qualquer outra ciência, a História tem critérios para validar certos conhecimentos e rejeitar outros. Vamos aprender um pouco sobre isso. Também vamos ter uma ideia de como nos localizar nos períodos históricos. Cada um deles tem algumas características marcantes. Por isso, é possível identificar a que período pertence cada tipo de pensamento. Dessa forma, é fácil, finalmente, chegarmos ao nosso estudo principal, que é a história da Psicologia.

Assim, os objetivos de aprendizagem a serem alcançados por você nesta seção dizem respeito a: compreender a relação entre Psicologia, História e Filosofia e compreender a História como um processo em andamento.

Após conhecermos a situação de Mariana, podemos dizer que, em escala individual, ela está seguindo um caminho muito semelhante ao que é realizado por historiadores. Talvez não com o mesmo rigor, mas não deixa de seguir alguns passos bastante parecidos. Usaremos seu caso aqui como uma analogia ao estudo da História em si.

Ao encontrar uma situação nova e desconhecida em sua vida, Mariana resolveu pensar sobre ela em vez de tomar atitudes precipitadas. Da mesma forma, a História é uma ciência que nos ajuda a tentar entender situações novas por meio da compreensão dos acontecimentos passados.

Para que essas informações tenham credibilidade, é muito importante que existam critérios e métodos de pesquisa. Assim as informações e conclusões podem ser consideradas confiáveis. A própria Mariana percebeu que ouvir as opiniões alheias nem sempre é algo que realmente ajuda.

Observe que Mariana busca, então, registros antigos que a façam lembrar de um tempo em que ela não tinha as mesmas dúvidas. Entender aquela época pode

ser importante para saber qual era a harmonia vigente. Por que ela não se fazia as perguntas que se faz hoje? Quando é que as coisas começaram a mudar? O que ficou para trás e que fazia muito sentido naquela época?

Voltemos ao seu problema... Em seu primeiro dia de férias, a psicóloga Mariana estava agitadíssima, tentando pensar sobre a decisão que precisava tomar. Encontrava-se no meio de uma crise pessoal e profissional: já não se sentia tão realizada com seu trabalho em recrutamento e seleção, uma das áreas de atuação da Psicologia.

Quando viu, já estava com um monte de papéis, lembranças, cadernos e apostilas espalhados pelo chão do seu quarto. Com isso, foi se recordando de muitas coisas, mas suas dúvidas continuavam.

Mariana percebeu que, para tomar decisões coerentes, precisaria saber antes quem era ela. Todas essas perguntas se mesclavam com fotos da infância, cartinhas da adolescência, mensagens da turma, textos rabiscados, cadernos com desenhos no meio da matéria de aula dos professores da época. Provas com notas altas, provas com notas baixas; trabalhos com inscrições de "muito bem, excelente" e trabalhos com o vermelho que dizia "refazer".

Compreendeu que tinha vivido diferentes fases na vida, e, mesmo em cada uma delas, tinha diversos momentos para lembrar e pensar.

Será que Mariana pode entender melhor a sua história revendo anotações e materiais antigos de sua vida? Como os conceitos e métodos de História podem ajudá-la? Ela vai conseguir construir seu futuro com essas informações? Sua história é apenas passado ou acontece ainda hoje? Como essa "viagem no tempo" vai ajudar a resolver sua crise profissional como Psicóloga?

Para ajudar você a resolver essa situação-problema e a atingir os objetivos de aprendizagem propostos, os seguintes conteúdos serão desenvolvidos: conceitos, métodos e compreensões sobre o estudo da História; a História como ciência da atualidade.

Não pode faltar!

História é uma palavra que tem diferentes sentidos. Se pararmos para pensar, encontramos ao menos dois sentidos do que é História. Primeiro, podemos imaginar uma história que se conta para alguém, um livro, um filme ou até uma mentira mesmo. Mas o sentido de História que aprenderemos aqui é a História como uma ciência. Uma ciência que estuda as ações da humanidade no tempo. Em português, até temos a palavra "estória" para diferenciar de "história", mas seu

uso acabou se tornando opcional. No inglês, por exemplo, ainda há a diferença entre *story* e *history*.

A História busca fontes de dados confiáveis para contextualizar o ocorrido dentro do seu contexto vigente. Os pesquisadores de História recorrem com frequência a documentos, arquivos, artefatos antigos, registros ou inscrições que possam demonstrar uma época na sua forma mais “direta” possível. Isso porque existem alguns problemas que podem acontecer quando não são estabelecidos critérios para escolher e analisar essas afirmações (BORGES, 1996). Um relato pessoal, por exemplo, não pode ser tomado como pura verdade. Ele pode ser tendencioso, equivocado, exagerado ou até mentiroso. Para que ele seja aceito, é preciso descartar ou minimizar essas possibilidades, buscando entender os motivos pelos quais aqueles documentos foram preservados enquanto outros podem ter sido destruídos. Você já ouviu falar que a História é contada pelos vencedores? Pois é, eles escolhem o que vão contar, esconder ou distorcer (MANCIBO, 2004).



Pesquise mais

Leia este artigo sobre a História da Educação e entenda melhor a importância de se obter informações confiáveis para o estudo da História. Será importante que você perceba o cuidado que os pesquisadores precisam ter com os dados obtidos:

PRADO, E. M. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. **InterMeio**. Campo Grande, v. 16, n. 31, jan./jul. 2010. p. 124-33. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/31/31%20Artigo_08.pdf> Acesso em: 2 out. 2015.

Na nossa vida pessoal, isso acontece mesmo sem querer. Com frequência nossa memória é distorcida de acordo com nosso interesse ou desinteresse em determinadas lembranças. Mariana, por exemplo, não ficou apenas pensando. Foi resgatar seu material de faculdade, ou seja, cadernos, apostilas e atividades reais, que estão da mesma forma como produzidos na época. Ali, Mariana pôde ver suas anotações da época sem depender exclusivamente da sua memória, podendo surpreender-se, inclusive, de ter esquecido certas lembranças.

Dá-se bastante importância na História ao que chamam de *historiografia*. Historiografia, literalmente, significa “escrever a História” ou “registrar a História”, isto é, produzir textos que relatem o momento histórico para que sejam resgatados no futuro. Essa é uma forma de transmitir não apenas informações, mas também de passar a

sensação daquele momento. Contudo, também é um método para impedir que as leituras ingênuas aconteçam. Além de afirmar uma constatação e uma interpretação, a historiografia também tem a função de criticar e oferecer exemplos para a reflexão teórica. Ela é utilizada, inclusive, no estudo de culturas que já desapareceram (BLANKE, 2006).

A historiografia oferece material de reflexão para os próprios historiadores e para os profissionais de outras áreas que pesquisam não apenas o passado, mas também tentam entender a situação atual e as tendências futuras daquela ciência. É o que faremos com a Psicologia nesta unidade de ensino.

Para entender uma época específica, é preciso contextualizá-la. Existe uma palavra em alemão utilizada na Filosofia para tentar definir o modo de pensar, sentir e agir de uma época. Ela se chama *zeitgeist* (pronuncia-se "zaigaist"). A tradução literal seria "o espírito da época" ou "o espírito do tempo". Sendo assim, é possível identificar diferentes *zeitgeists* em cada momento da humanidade, cada um com sua particularidade. O *zeitgeist* da Modernidade nos séculos IX-XX, por exemplo, está envolto na ideia de progresso, desenvolvimento e controle da natureza. Não adianta julgar o passado com a realidade que vivemos hoje. Precisamos entender os pensamentos de uma época da forma como as pessoas pensavam àquele momento, quais eram as crenças, expectativas e pretensões da época (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Vocabulário

Historiografia: é o termo que define propriamente o trabalho do historiador: o estudo e a descrição da História. A palavra é formada pelos elementos "história" + "graphia", que significa "escrita" em grego (HOUAISS, 2009). Seu significado seria, portanto, o trabalho de relatar e pensar criticamente a História.

Zeitgeist: é uma palavra alemã formada por duas outras palavras: *zeit* (tempo) e *geist* (espírito). *Zeitgeist*, portanto, se refere ao espírito de uma época ou espírito de um determinado período de tempo (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Sem a contextualização necessária, é impossível compreender qualquer pensamento ou atitude diferente da nossa atual realidade. Se formos nos aproximar do entendimento de um personagem da época Moderna, por exemplo, não podemos achar que ele pensa da mesma forma como pensamos hoje no século XXI.

Para melhor entender a História, foram nomeadas diferentes eras ou períodos (cada uma com seu *zeitgeist*) no decorrer da evolução da humanidade. Apenas para lembrá-lo, as siglas a.C. e d.C. dizem respeito, respectivamente, a antes de Cristo e depois de Cristo. Basicamente, nossa história ocidental está dividida da seguinte maneira:

1) Pré-História: período anterior à escrita. Estima-se que a escrita como a conhecemos teria surgido por volta de 3.500 a.C. Há várias críticas sobre o uso desse termo, pois existiam pessoas que fizeram História, assim como existiam outras formas de comunicação que não a escrita tradicional.

2) Antiguidade: do advento da escrita até o século V d.C. Os grandes representantes da Antiguidade são os gregos, não apenas no sentido dos habitantes da região da Grécia (que ainda não existia como país), mas como representantes de uma nova forma de pensar: a Filosofia.

3) Idade Média: séculos V a XV d. C. Época marcada pelo teocentrismo, ou seja, a fé em Deus era o centro de toda a preocupação e produção humana. A fé dominante era a Igreja católica e seus dogmas.

4) Modernidade: séculos XVI a XVIII. Período em que a razão adquiriu um destaque absoluto sobre quaisquer outras características humanas. É nesse período que as ciências são elaboradas de maneira lógica e prática separadamente da Filosofia.

5) Contemporaneidade: considera-se o início da contemporaneidade a partir do final século XVIII, quando ocorreu a Revolução Francesa. Esse período ainda está em andamento e isso faz com que seja muito difícil entendê-lo e defini-lo.



Assimile

História: é uma ciência que estuda a ação humana no tempo, reinterpretando e pensando criticamente sobre os acontecimentos através da *historiografia*. A História pode ser dividida em diferentes períodos, cada um com seu *zeitgeist* específico.

É possível entender que nós também vivemos certos períodos históricos em nossa vida, geralmente definidos pela idade ou por alguns acontecimentos marcantes. Cada época tem a sua forma específica de pensar, e elas mudam assim como nós mudamos. Uma divisão possível na vida de alguém seria: infância, adolescência, escola nova, faculdade, casamento, transferência no emprego,

nascimento do filho etc. O pensamento psicológico também esteve presente em todos esses períodos históricos, tendo, em cada um deles, sua forma específica de ser abordado e desenvolvido. Quando Mariana percebe que “algo mudou”, assemelha-se aos períodos de mudança de eras, nas quais o jeito de agir e pensar vai se alterando gradualmente.

Essa não é uma situação exclusiva de Mariana. Várias pessoas passam por essas dúvidas na vida. Existem, inclusive, estudos sobre a mudança de profissão por exemplo (MOURA; MENEZES, 2004), orientação profissional, recolocação no mercado de trabalho etc. Portanto, se você prestar atenção, também perceberá que há diferentes períodos na sua vida.



Pesquise mais

Leia este artigo sobre mudança de profissão e veja como esse assunto está presente na história da Psicologia. Esta leitura é fundamental na solução da sua situação-problema.

MOURA, C. B.; MENEZES, M. V. Mudando de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de reescolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 out. 2015.



Refleta

Desde que nascemos, estamos aprendendo coisas novas. Coisas que não fomos nós que criamos: o uso de roupas, o tipo de comida, o formato e funcionamento das cidades, a língua que falamos, a forma de nos relacionarmos com as pessoas etc. Tudo isso é assimilado por cada um de nós. À medida que usamos roupas do “nosso estilo”, preferimos esta ou aquela comida, moramos e vivemos, falamos aquilo que só nós pensamos e sentimos e convivemos com as pessoas nas cidades; ao mesmo tempo que repetimos uma parte da História, criamos também a História enquanto a construímos. Até que ponto estamos fazendo na nossa vida tudo como sempre foi e a partir de quando estamos realmente criando algo novo? Ninguém pode ser totalmente automático e nem totalmente original.

Não adianta, porém, termos todos os dados sobre a História se não sabemos como analisá-los e compreendê-los. Já abordamos aqui alguns artifícios para evitar que aconteçam as distorções e, somente assim, atenuar possíveis imprecisões, tendenciosidades e interesses de quem conta a história. Esse é um tema mais específico e avançado que levanta uma complexidade teórica muito maior que o espaço que temos disponível aqui. Portanto, é importante saber que há diferentes formas de se pensar os acontecimentos históricos. Da mesma maneira, a Psicologia desenvolveu diferentes abordagens teóricas, sendo que todas visam compreender o ser humano da sua maneira.

Porém, mesmo quem escreve a História costuma ter uma opinião ou uma posição sobre ela. É por isso que as pesquisas devem ser metódicas e rigorosas, evitando que tudo se resume a meras opiniões. Outros problemas que podem atrapalhar a pesquisa da história são dados perdidos ou omitidos, traduções livres que não atendem a padrões de qualidade e relatos ou análises tendenciosas (MANCIBO, 2004).

Além disso, analisar também significa ter um olhar crítico sobre a informação histórica e, através de argumentação lógica e análise dos dados, conseguir demonstrar seu posicionamento.

É justamente esse senso crítico sobre a História que nos possibilita compreender melhor o presente. Hoje, podemos entender, por exemplo, que muitos conflitos que alegavam ter motivos religiosos como causa tinham como pano de fundo, na realidade, motivos financeiros ou territoriais, como é o caso do conhecido conflito entre católicos e protestantes na Irlanda. É um conflito antigo e que visa poder de representação política e independência de parte do país (ALVES, 2011). A visão crítica da História é capaz de reinterpretá-la sob outra ótica, possibilitando enxergar o mesmo acontecimento histórico de uma nova maneira.

Sendo assim, a História se torna uma arma crítica de conhecimento e contestação muito poderosa. No clássico livro 1984 de George Orwell, que retrata uma ditadura fictícia estranhamente atual, quando o governo muda uma decisão anterior, como, por exemplo, assinou um tratado de paz com outro país, os editores passam a noite mudando as notícias antigas dos jornais arquivados para que nunca digam que os países já foram inimigos no passado. Com o tempo, isso se tornaria verdade e as ações jamais poderiam ser acusadas de contraditórias ou incoerentes com relação ao seu passado. Orwell deixa claro, portanto, o quanto considera importante o papel da História no senso crítico das pessoas, pois a intenção dos mandatários daquele livro era a de que ninguém pensasse, apenas obedecesse (ORWELL, 2009).

A História, portanto, não é apenas uma visita a coisas que ficaram para trás. Através desses acontecimentos passados, é possível entender como as coisas

adquiriram a forma que têm hoje, como, por exemplo, a formação das cidades, o modo de produção industrial, a maneira de ensinar e aprender etc.

Indo além, quando conseguimos entender a concepção e o processo de desenvolvimento das coisas no presente, é possível deduzir ou intuir o caminho que o futuro tomará através de um raciocínio lógico e coeso.

Sabemos que o mercantilismo surgiu no fim da Idade Média e criou uma nova classe social chamada burguesia. O mercantilismo se desenvolveu, no decorrer da Modernidade, até o século XVIII. Os burgueses participaram ativamente da Revolução Francesa como parte do povo. Nesse momento, ao mesmo tempo que começa a Contemporaneidade, a burguesia adquire o poder que sempre esperava, pois, apesar de terem dinheiro, o que importava era o status social através de títulos de nobreza ou de cargos dentro da Igreja. O mercantilismo evoluiu para o capitalismo e vivemos hoje um sistema que visa ao lucro. Numa sociedade projetada por mercadores, podemos entender que existirão empresas que vão buscar formas de lucrar cada vez mais, perdendo o compromisso com a qualidade.



Exemplificando

Quando vejo as notícias da cidade e saio pelas ruas, noto um número diariamente maior de carros. Ao tomar o ônibus, vejo que o preço da passagem subiu, mas a qualidade dos ônibus caiu, eles são desconfortáveis, demorados, atrasam e vivem quebrando.

É possível perceber a ação da burguesia não só na empresa de ônibus, mas também no incentivo a não querer usar o transporte público e comprar um carro particular. Dessa forma, as indústrias de automóveis vendem mais veículos individuais para mais pessoas. Em vez de vender apenas um ônibus para transportar 50 pessoas, é mais vantajoso vender 50 carros para 50 pessoas.

Sendo assim, também é possível perceber que há uma tendência de ressaltar o individualismo na cultura que usa esse tipo de estratégia. Nesse caso, teríamos cada vez menos incentivo às experiências de grupo, de comunidade, de união etc. É visível que haverá um aumento de conflitos individuais, pois as pessoas dessa sociedade são ensinadas a não compartilhar bens e objetos e a querê-los para si como posse. Também podemos imaginar que cada vez mais os produtos serão personalizados para estimular sua compra individual.

A pergunta para o futuro é: até que ponto os recursos do planeta conseguirão sustentar a produção de todos esses produtos que são descartados com alguns anos de uso para a compra de novos produtos?

É assim que a História pode ajudar a pensar sobre o mundo atual e as necessidades para o futuro.

A percepção da realidade se modifica quando se tem um olhar crítico e fundamentado em termos históricos. Na Psicologia, portanto, é possível afirmar que conhecer a sua história é conhecer melhor seu próprio objeto de estudo: o ser humano, seu desenvolvimento, seu estado atual e seu provável futuro. E assim definir como lidar com ele ontem, hoje e amanhã.



Faça você mesmo

Escolha qualquer tema do seu interesse, como uma situação da realidade atual, e faça uma breve pesquisa sobre sua história na internet. Pensemos, por exemplo, na "internet". Basta entrar num site de busca e digitar "história da internet". Dentre os artigos que encontrar, selecione aqueles que você achar mais confiáveis. Tendo contato com esse material, tente imaginar o que pode acontecer no futuro com esse tema (no caso do exemplo, qual será o futuro da internet?).

Sem medo de errar!

Mariana estava tentando aplicar em sua vida os passos do estudo da História. Achava mais prudente pensar antes de tomar qualquer atitude impulsiva e se arrepender depois. Então, ela precisava ser um pouco mais sistemática com suas lembranças e registros antigos que tinha do seu passado

E como estará Mariana agora? A essa hora, já teve tempo de rever várias lembranças da sua vida. Mariana encontrou anotações das aulas de História da Psicologia e resolveu aplicar alguns critérios do estudo de História em sua própria vida.

A primeira coisa a ser feita era conseguir localizar informações confiáveis sobre o que estava em jogo: seu trabalho e sua realização. Ela precisava de informações confiáveis sobre seu campo de trabalho e sobre si mesma.

Para saber sobre a sua área de atuação, Mariana decidiu conversar com pessoas que também trabalhavam em funções semelhantes à sua em outros lugares. Assim,

podia verificar se havia diferença entre a empresa em que trabalha e outras empresas com as quais poderia comparar a forma de exercer sua atividade.

Ela também decidiu estudar o mercado de trabalho, conseguindo encontrar um histórico de ofertas de vagas que apontava os períodos em que as empresas mais contratavam. Foi percebendo, ao dialogar com os outros profissionais e estudar as estatísticas anuais de emprego e demissão, que existem períodos de funcionamento do mercado.

O segundo tipo de informação confiável era sobre si mesma. Esse foi o primeiro passo: buscar sua “historiografia”, quer dizer, o que tinha de anotações e documentos sobre seu desempenho na graduação. Ela começou a verificar que tinha mais facilidade em determinadas disciplinas e mais dificuldade em outras. Vendo cadernos e fotos, sentiu várias emoções, lembrou-se de amigos que não encontrava mais e notou que, de certa forma, havia mudado, sim. Lembrou-se do quanto ela e as amigas falavam sobre trabalhar em empresas. Achavam elegante o mundo corporativo, e um dos caminhos para ele era o trabalho de recrutamento e seleção.

Mariana ficou surpresa por ter se lembrado disso e agora já não sabia mais se havia escolhido a carreira por interesse ou se apenas queria ser “elegante”. Percebeu que entre ela e a realidade havia uma série de idealizações, desejos, teimosias. Difícil saber qual era mesmo a sua vontade. Pensou então em avaliar sua vida de forma mais ampla, estabelecendo “períodos históricos” para que pudessem exercer também a crítica e a reflexão a partir da sua historiografia. Ajude Mariana a selecionar fases ou eventos marcantes da vida para entender a sequência das ações que a levaram até a situação atual, desde sua “pré-história” até a sua “contemporaneidade”.

Ela pôde chegar à conclusão de que seu trabalho nessa área era apenas uma empolgação que passou e procurar uma reciclagem na carreira, como entrar numa pós-graduação em outra área e buscar vagas para um novo emprego, por exemplo. Mas também pôde permanecer onde está e concluir que precisa mudar a sua forma de fazer o mesmo trabalho de sempre, pois isso muda bastante a rotina diária, reinventa o que já se vive. Diante da história de Mariana, você consegue imaginar outras possibilidades futuras para ela?



Atenção!

Sempre é preciso procurar informações confiáveis. Opiniões não podem ser consideradas informações confiáveis. Depois de encontrados os dados, é preciso analisá-los em seu contexto, pensando sobre as motivações que levaram à escrita ou preservação dos dados encontrados. Por que Mariana guardou aquelas fotos e registrou aqueles acontecimentos? É preciso pensar como na época em que viveu.



Lembre-se

Historiografia implica, além de se escrever a História, conseguir analisar criticamente os dados obtidos, compreendendo-a enquanto ela acontece e podendo constatar as tendências para o futuro. Essa análise certamente auxilia a tomar decisões e atitudes coerentes com o caminhar da História.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
A história da Psicologia agora	
1. Competência de fundamento de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender a relação entre Psicologia, História e Filosofia. Compreender a História como um processo em andamento.
3. Conteúdos relacionados	Conceitos, métodos e compreensões sobre o estudo da História; a História como ciência da atualidade.
4. Descrição da SP	Você está trabalhando em uma empresa de consultoria de carreiras. O gerente disse que a equipe precisa se informar sobre as diversas profissões. Você ficou responsável por apresentar aos colegas uma descrição sobre a profissão de Psicólogo.
5. Resolução da SP	<p>Você pode pesquisar sites com informações confiáveis sobre o mercado de trabalho, entrar em contato com agências de emprego e profissionais da área.</p> <p>Com esses contatos, pesquise ou pergunte sobre ofertas de emprego, salário, áreas de atuação e demais informações que julgar importantes.</p> <p>Ao verificar as tendências da profissão de psicólogo, pense em quais campos ou áreas você poderá atuar depois de formado. Reflita se acha as opções interessantes e se estão de acordo com o que você imaginava sobre a profissão.</p>



Lembre-se

Para usar o senso crítico, não basta se prender às informações que aparecem; é preciso pensar sobre elas também.



Faça você mesmo

Faça uma pesquisa sobre o “mercado de trabalho da Psicologia”, seguindo os critérios aprendidos: busque fontes confiáveis, analise criticamente as informações e diga que tendências vê para o futuro da profissão.

Faça valer a pena

1. A História é uma ciência que tem como objeto de estudo os acontecimentos do passado e seus desdobramentos. Sobre o estudo e a pesquisa em História, é possível afirmar que:

- Não existe maneira confiável de se estudar História, pois não é possível ter certeza sobre o que já passou.
- Não há nenhum benefício prático para o estudo da História.
- O estudo da História deve ser realizado com base em dados confiáveis, como documentos, arquivos, artefatos históricos e relatos metodologicamente analisados.
- O estudo da História é feito através do esforço de memorização do pesquisador que descreve da sua forma aquilo que vivenciou.
- Os dados mais confiáveis são os relatos pessoais, pois dispensam os critérios de inclusão dos dados de pesquisa.

2. Para melhor compreensão da História, os acontecimentos do passado são divididos em grandes períodos históricos. Assinale a opção que traz os nomes corretos e em sequência cronológica desses períodos:

- Pré-História, História, Idade Média, Contemporaneidade e Modernidade.
- Pré-História, Antiguidade, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade.
- Antiguidade, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade.
- Pré-História, Antiguidade, Idade Média e Modernidade

e) Idade Baixa, Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade.

3. Contemporâneo significa algo ou alguém que pertence ao tempo atual. Sendo assim, contemporaneidade significa:

- a) O atual período histórico em que vivemos, assim como foi no momento em que as pessoas do passado viveram sua época.
- b) A comemoração da passagem de uma Idade para outra.
- c) O período histórico anterior ao que vivemos no momento presente.
- d) O período histórico que virá posteriormente ao que estamos vivendo.
- e) O momento de início dos períodos históricos.

Seção 1.2

Os gregos pré-socráticos e a investigação da alma

Diálogo aberto

Vamos verificar que frutos Mariana colheu com as noções sobre o estudo de História. Aprendemos que é preciso ter informações confiáveis, que é possível dividi-la em períodos e que conhecer a História ajuda a entender o presente e a perceber as tendências para o futuro.

Voltando ao caso da Mariana, pensamos e falamos sobre sua situação, conseguimos definir métodos mais rigorosos para pensar sobre sua vida, mas Mariana ainda está com dúvidas para resolver. Ela juntou os seus “documentos históricos”, definiu seus períodos de vida e começou a pensar sobre eles de maneira crítica. Além disso, resolveu explorar o mercado para conhecer melhor como está a realidade da profissão de psicóloga.

No meio desse processo, Mariana começou a perceber que já tinha feito coisas muito legais na vida. Viajou um pouco nas lembranças, como costumamos fazer quando pensamos em coisas do passado. Aproximou-se daquele *zeitgeist*.

As primeiras memórias que conseguiu resgatar foram sobre o período anterior do seu primeiro trabalho na área. Era uma época muito diferente da de hoje: ela passava muito mais tempo lendo livros, gibis, ouvindo música, desenhando, pintando e assistindo séries na TV.

As suas escolhas ainda não estavam muito claras, mas Mariana via muitas possibilidades completamente diferentes para a sua vida naquela época. Pensava em ser atriz, cantora, médica, modelo, bombeira... tudo era possível!

Voltando da sua “viagem” mental, Mariana pensou então o que tudo aquilo tinha a ver com seu problema atual. Procurou suas inscrições históricas e achou essas coisas confusas do passado. Mas, ao mesmo tempo que tinha mudado tanto, aquela também era ela! O que buscava com aqueles sonhos e desejos infantojuvenis? Como havia chegado nos resultados que vivia hoje? Agora, Mariana percebia que queria entender melhor de onde teria vindo sua escolha profissional.

Você já se perguntou se aqueles sonhos infantis e adolescentes da sua vida não teriam algum sentido nos dias de hoje?

Os filósofos pré-socráticos foram os primeiros da nossa civilização e, numa época em que não existia ciência e as explicações sobre o Universo eram todas mitológicas, eles começaram a tentar entender as coisas a partir de suas próprias observações. Foram extremamente originais e criativos na primeira tentativa de explicação racional da natureza. Quando estudamos os pensamentos atuais da Filosofia e da Ciência, inevitavelmente percebemos a presença de filosofias pré-socráticas. A originalidade e criatividade das suas propostas são características que talvez ajudem Mariana em seu problema.

Será que Mariana e você conseguem encontrar uma relação entre um passado quase esquecido, mas que faz parte da vida atual? É possível identificar os primeiros pensamentos que definem as escolhas do futuro? Mariana sentia que não conseguiria prosseguir sem se aproximar de uma ideia de quem era ela. Foi engraçado pensar que, às vezes, no seu trabalho, ela costumava provocar esses pensamentos nas outras pessoas e, agora, ela precisava fazer isso consigo mesma. Mas com essas ideias todas dispersas, malucas e estranhas de entender... como faria isso? De onde vinha tudo isso?

O objetivo aqui é conhecer o surgimento da Filosofia, os filósofos pré-socráticos com suas propostas de compreensão da natureza e do Universo e os primeiros pensamentos psicológicos. Para isso, eles buscavam um elemento fundamental que formaria todas as coisas. Eles a chamavam de *arché* (pronuncia-se "arquê") e cada um propunha que fosse um elemento em específico. Eles criaram as primeiras ideias sobre ciências naturais e da alma, como veremos.

Não pode faltar!

Embora a Filosofia seja uma ciência recente, os pensamentos psicológicos são antigos na história da humanidade. Afinal de contas, onde há pessoas, há uma forma primitiva ou avançada de Psicologia, ou seja, uma tentativa de compreensão das pessoas.

Quando voltamos à Antiguidade – o primeiro período histórico após a Pré-História –, percebemos as primeiras formas de Filosofia tentando entender a natureza, a vida e o Universo, que chamavam de *cosmos*. A Filosofia começa, então, como cosmologia.

Antes dos filósofos pré-socráticos, as explicações eram todas mitológicas, como acontece em qualquer sociedade tribal, seja na Europa, na África, América ou qualquer

lugar do mundo. Os homens sempre tentam entender a sua realidade de alguma forma. As mitologias são explicações muito ricas em imaginação, sempre proporcionando metáforas possíveis para a realidade e a situação atuais.

Por isso, não devemos desprezar os mitos como formas ultrapassadas e ingênuas de se entender a vida. Há diversos estudiosos de mitos que ressaltam o quanto eles fazem sentido mesmo para o mundo atual. O próprio Freud, fundador da Psicanálise, resgatou alguns mitos para entender e explicar melhor a psiquê humana. Édipo e Narciso são figuras mitológicas que viraram conceitos psicanalíticos, no caso o complexo de Édipo e o narcisismo. Outro exemplo comum é o de Sísifo, condenado a rolar uma pedra montanha acima. Assim que chega ao topo, a pedra rola montanha abaixo e Sísifo volta para buscá-la e rolar montanha acima novamente. Esse mito é usado como figuração do trabalho inútil (BRANDÃO, 1993).



Pesquise mais

Aprenda mais lendo este artigo sobre mitos dos índios brasileiros que mostra o quanto os mitos têm uma capacidade de sempre promover uma releitura e uma reinvenção. Ele foi escrito pela Prof^a. Dr^a. em Antropologia MINDLIN, Betty. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v16n44/v16n44a09.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015. Esse texto mostra o quanto é possível exercitar nos dias de hoje a criatividade compartilhada pelos pré-socráticos.

Os pré-socráticos, porém, começaram a fazer algo diferente. Até compartilhavam os mitos, mas começaram a desenvolver explicações com base em seu próprio raciocínio ao observar a natureza. Dessa forma, começaram a fazer o rascunho das ciências a partir de seus interesses e curiosidades.

Eles têm esse nome porque antecedem Sócrates, um filósofo que, de tão marcante, é uma referência na divisão da história da Filosofia. Literalmente, eles vieram antes, mas também apresentavam um pensamento diferente do que foi inaugurado por Sócrates.

Vamos conhecer os principais filósofos pré-socráticos: Tales de Mileto, Pitágoras de Samos, Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eleia, Anaxágoras de Clazômenas e Demócrito de Abdera. Os nomes são estranhos, eu sei, mas você vai ver como eles são pensadores interessantes. Lembrando que, antes deles, simplesmente não havia nenhum pensamento filosófico estruturado!

Tales de Mileto (cerca de 625-558 a.C.) era reconhecido pela sabedoria e conhecimento na Geometria, Astronomia, Matemática e Meteorologia. Ele é considerado o primeiro filósofo da História Ocidental. Conforme dito anteriormente, ele buscava algo que se mantivesse estável diante das constantes mudanças do mundo. Para ele, haveria um elemento fundamental do qual todas as coisas teriam sido criadas, e esse elemento seria a água. Seus argumentos são os de que os seres vivos precisam de água para viver e de que a terra flutua sobre a água, sendo sua base verdadeira da qual a vida toda brota. A água, de alguma forma, estaria presente em todas as coisas, ainda que em outro estado que não fosse o líquido (FREIRE, 2008; SOUZA, 1999).

É claro que não podemos simplesmente transportar a filosofia de Tales para os dias de hoje, mas entender seu fundamento. É consenso mundial a importância da água para a vida e, biologicamente, sabemos que uma grande porcentagem do nosso corpo é de água. Como já vimos anteriormente, o grande mérito de Tales foi, pela primeira vez, por um lado, pensar sobre a Natureza de uma forma além da necessidade de fazer algo prático e, por outro lado, desenvolver um pensamento racional diferente dos mitos.

Outros filósofos também vão propor um elemento fundamental do qual as coisas são criadas. O nome dado a esse elemento é *arché*.



Assimile

O grande mérito dos filósofos pré-socráticos foi ter desenvolvido uma explicação para o Universo a partir da razão humana, diferenciando seus pensamentos das explicações mitológicas sobre a realidade.

Pitágoras de Samos (cerca de 580/78-497/6 a.C.) é um filósofo bastante presente nas nossas vidas. Das influências que nos deixou, estão – entre outros, estudos de Matemática e Geometria – o famoso Teorema de Pitágoras e estruturas de escalas musicais. Tudo isso devido ao seu interesse pelos números. Para ele, os números é que traziam a estabilidade procurada pelos primeiros pensadores (FREIRE, 2008; SOUZA, 1999).

Embora a maior influência que Pitágoras tenha deixado para a nossa cultura seja a importância dos números e da quantificação das coisas, sua visão sobre os números não era meramente prática. Os números significavam muito mais do que medidas e cálculos. Para ele, os números demonstravam a harmonia e a ordem do Universo, o que provava a existência de uma alma imortal que vinha habitar um corpo a fim de harmonizarem-se.

A relação que Pitágoras via entre a matemática e a música, além da noção de harmonização, era sua tentativa de “medir o som” através da sua Lei das Cordas. Se você esticar bem uma corda de maneira bem firme e “tocá-la”, poderá ouvir um determinado som. Ao diminuir a medida da corda, terá outro som. Basta manusear um violão para perceber isso: quando você aperta a corda no braço do violão, está diminuindo o tamanho da corda a ser tocada. Ele transportou essa proporção para outras situações, como a diferença entre o tamanho dos sinos e os sons que eles emitem.

Figura 1.1 | Pitágoras toca sinos



Fonte: Wikimedia Commons (2015).

Heráclito de Éfeso (cerca de 540-470 a.C.) foi um filósofo envolto em grande admiração e mistério. Era conhecido como “Heráclito, o obscuro”. Sua filosofia era espantosamente elaborada e complexa para a época, o que também a tornava de difícil compreensão. Sua escrita era poética e extremamente concisa. Heráclito tinha como elemento primordial o fogo. O fogo é o elemento que provoca a mudança. Tudo o que passa pelo fogo se transforma, nunca sai igual. Heráclito encontra, então, um paradoxo: a única coisa constante no Universo é a transformação. Todo o resto muda. Um de seus fragmentos mais famosos diz que “Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo” (SOUZA, 1999, p. 92). Isso quer dizer que, quando você coloca o pé no rio, as águas passam por ele e continuam seguindo seu caminho, a água que toca seu pé é sempre nova, vindo da nascente e indo para a foz. Tudo flui (*panta rei*). Ele entende que na vida tudo está em eterna mudança e nada permanece... a não ser a própria mudança. Dá o que pensar, não?

A compreensão que Heráclito tem do Ser e da vida é de extrema importância para a Psicologia, pois acreditar que as pessoas possam mudar é fundamental para exercer a profissão em qualquer uma de suas áreas de atuação.



Exemplificando

Um dos principais pensadores da contemporaneidade chama-se Zygmunt Bauman. Ele é um sociólogo polonês radicado na Inglaterra. Uma das características de suas obras é ressaltar o caráter de mudança presente na maneira como vivemos hoje. Seus livros usam a metáfora de “líquidos”

para mostrar o quanto as posturas e posicionamentos são maleáveis nos dias de hoje. Dessa forma, apesar de Bauman usar a palavra “líquido”, demonstra a ideia do fogo como elemento primordial para Heráclito. A ideia de que tudo está sempre mudando é, portanto, extremamente atual.

A principal contribuição desse pensamento para a resolução da situação de Mariana é a ideia de que ela não tem nenhuma obrigação de manter determinada escolha na sua vida apenas porque já começou. Essa seria uma característica de outro período histórico, no qual mudanças desse tipo eram muito raras ou não eram toleradas. Hoje, porém, a mudança, segundo Bauman, é uma das características mais fortes da nossa época (BAUMAN, 2001).

Parmênides de Eleia (cerca de 530-460 a.C.) foi o filósofo que defendia uma posição exatamente contrária à de Heráclito. Parmênides acredita que o movimento e a mudança são ilusões. A sua noção de Ser afirma que aquilo que é, é aquilo e nada mais. Dá um nó no cérebro, não? Mas vamos com calma que a gente entende. Se um livro é um livro, ele só pode ser livro e nada mais. Ele não é caneta, não é computador, não é pessoa, não é quadro, não é porta, não é relógio... e por aí se vai infinitamente. Ainda que alguém rasgue e queime o livro, ele sempre será um livro queimado e rasgado, sua identidade não muda jamais. Para ele, o Ser é eterno, perfeito e imutável (SOUZA, 1999).

A filosofia de Parmênides tem importância fundamental na busca das essências das coisas, ou seja, na busca daquilo que não muda nas coisas. Sua noção de Ser permanece até hoje de forma predominante na nossa cultura em geral. Outra influência importante foi ter criado, a partir desse entendimento do ser, um dos primeiros princípios da Lógica: o princípio de identidade, no qual se diz que, se eu digo que uma coisa é uma coisa, não posso dizer, portanto, que ela seja outra coisa.



Faça você mesmo

Localize uma foto sua de quando era bebê ou criança. Depois, selecione uma foto atual ou simplesmente se olhe no espelho. Tente identificar o que mudou e o que não mudou. Você se sente a mesma pessoa ou não? Você concorda mais com Heráclito ou com Parmênides? Ou com os dois?

Anaxágoras de Clazômenas (cerca de 500-428 a.C.) é tido como o pré-socrático que mais gerou debates e discussões, inclusive por ter sido interpretado de várias maneiras. Um diferencial do pensamento de Anaxágoras é que ele não buscava um elemento único responsável pela origem das coisas. Ele acreditava que havia uma diversidade de elementos que se combinariam, originando as coisas. Eram como sementes do Cosmo. Esses elementos foram denominados homeomerias. Sua distribuição, contudo, havia sido definida e selecionada por uma inteligência divina racional. Porém, as combinações se dariam de forma mecânica. Desse modo, haveria relação profunda entre todas as coisas do Universo, visto que todas as coisas têm algo comum com as outras coisas (FREIRE, 2008; SOUZA, 1999).

No pensamento de Anaxágoras, é possível identificar, num mesmo processo de desenvolvimento, a possibilidade da diversidade de elementos e combinações entre eles. Essa descrição é semelhante à forma como ocorre a genética. São alguns poucos elementos que se combinam e geram uma grande diversidade. Haveria alguns processos ou elementos básicos que fundamentariam a formação de outros mais complexos. Essa é uma ideia retomada e defendida em grande parte da história da Psicologia.

Demócrito de Abdera (cerca de 460-370 a.C.) foi, possivelmente, um dos maiores escritores da Antiguidade. Ele é considerado o filósofo que melhor sistematizou a doutrina atomista. Demócrito, assim como outros atomistas, acreditava que seria possível dividir a matéria em pequenos pedaços até chegar a um ponto em que não é possível dividir mais. Em grego, temos a formação da negação ("a") com a divisão ("tomia"), gerando a palavra "átomo", ou seja, "aquilo que não se pode dividir". Segundo ele, todo o Universo seria composto por átomos de diferentes formas e tamanhos. Acreditava ainda que esses átomos estariam sempre em movimento, e suas combinações eram também mecânicas (FREIRE, 2008; SOUZA, 1999). Impressionante saber que algo tão atual para nós já havia sido formulado teoricamente naquela época, não é?

Para Demócrito, nós somos formados de átomos do corpo e átomos da alma, distinguindo, portanto, que se trata de duas coisas diferentes.

A filosofia de Demócrito deixou a herança para o futuro de três doutrinas importantes que serão retomadas no momento oportuno: reducionismo, mecanicismo e determinismo. O reducionismo significa que é possível reduzir as coisas em pequenos pedaços; o mecanicismo significa que esses pedaços estão harmonizados como num grande mecanismo; e o determinismo quer dizer que todos os atos, pensamentos e acontecimentos da vida de alguém já estão definidos pelo movimento dos átomos.



Refleta

Atualmente, temos alguns conceitos semelhantes aos já propostos pelos atomistas no século V a.C. Você consegue imaginar, por exemplo, que o que o chamamos de “espaço vazio”, na verdade, pode não existir? O espaço entre você e outra pessoa ou entre você e algum objeto está cheio de átomos que compõem o ar. Quando se move, você empurra átomos o tempo todo.

É claro que essas ideias são, por vezes, bastante ingênuas, mas, se prestarmos atenção, vemos que são também surpreendentes. Como foram os primeiros desenvolvimentos lógico-rationais acerca da realidade, é de se admirar a pertinência das colocações e, às vezes, até a atualidade delas. Para perceber isso, preste mais atenção nas ideias que eles estavam tentando expressar do que nos sistemas que criaram.

Os filósofos pré-socráticos, com todas as suas propostas, trazem-nos também a oportunidade de conseguirmos olhar para a realidade de diversas formas possíveis, sem que nenhuma seja melhor que a outra. Essa é uma habilidade fundamental para um psicólogo: unir e administrar diferentes pontos de vista.

Para um cientista, a capacidade de pensamento sistemático é uma necessidade. Já falamos um pouco disso quando abordamos o estudo da História. Podemos dizer que essa foi uma das grandes contribuições dos pré-socráticos: desenvolver o pensamento numa sequência lógica, racional e rigorosa. Tempos depois, a **Filosofia** e a **Ciência** desenvolverão o conceito de **método** e **metodologia**, fundamentais para a produção de conhecimento atual, incluindo a área da Psicologia.



Vocabulário

Ciência: tipo de conhecimento produzido mediante critérios rigorosos e característicos, como racional, certo ou provável, obtido através de um método válido, sistematizado, verificável e referente a determinado objeto (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Filosofia: pela origem da palavra, Filosofia significa amor à sabedoria. Seria pensar “profissionalmente” sobre as coisas. Porém, trata-se de uma forma específica de conhecimento também criterioso, rigoroso, sistemático, lógico e racional, mas também afirmativo. Uma filosofia define os pressupostos e valores em que cada autor acredita para fundamentar a

construção do seu pensamento (MARCONI; LAKATOS, 2007).

Método e metodologia: regras e procedimentos estabelecidos para a realização de determinada atividade (método) e o estudo sobre os fundamentos e princípios dos métodos (metodologia) (PÁDUA, 2004).

Como foi dito anteriormente, os filósofos pré-socráticos colaboraram com as primeiras ideias sobre as ciências naturais e da alma. Ciências naturais seriam aquelas que investigam a natureza. Ora, foi exatamente o que eles fizeram pela primeira vez, trazendo a racionalidade e a lógica para a compreensão da natureza.

Contudo, também passaram a compreender que existiam determinadas coisas que não conseguiam ver no mundo afora, ou da mesma forma como se vê uma árvore, um animal ou uma pedra. São coisas que são percebidas, mas não são concretas.

Ao falar sobre a vida, o elemento fundamental e a composição do cosmo, do corpo e da alma, estão atentos também ao próprio fenômeno da vida. O que faz um ser vivo estar de fato vivo. Que coisa é essa que faz um corpo se mover, uma pessoa se perguntar coisas, alguém ter vontades disso ou daquilo, uma decisão, uma dúvida? Tales fala da vida, Heráclito da mudança, Parmênides da identidade, Demócrito dos átomos. Todos estão estimulados por um mesmo tipo de pergunta que é não só o mundo lá fora, mas como ele é impactante para nós. A curiosidade e a admiração que o mundo nos proporciona.

Ficam claros esses elementos que dizem respeito também ao sujeito que está percebendo a natureza. Por isso, perguntam-se sobre a alma. A palavra "alma" vem da palavra latina, que significa "sopro de vida", princípio da vida humana. A palavra grega que tem um sentido semelhante é psique (HOUAISS; VILLAR, 2009). A partir disso, dá para entender o que virá a ser, no futuro, a Psicologia: literalmente, seria o estudo da alma humana. Não no sentido teológico, claro, mas no sentido de compreender as capacidades e habilidades humanas que não são físicas, que fazem parte desse "sopro de vida".

Sem medo de errar!

E Mariana continua envolta em suas lembranças e pensamentos. Porém, esse seu processo não está nem um pouco tedioso. Cada vez mais intrigada com sua própria história de vida, Mariana queria entender melhor de onde teria vindo sua escolha profissional.

Numa situação profissional da Psicologia, é possível trabalhar, conforme vimos na seção anterior, resgatando a história de vida de cada um e ajudando-a a desenhar uma “linha da vida”. Geralmente, nesse processo, a pessoa tem novas ideias e consegue tomar suas próprias decisões. Mariana já havia começado a coletar o material para isso e a pensar criticamente sobre sua vida. Para facilitar esse processo, porém, podemos nos valer de uma ajudinha dos pré-socráticos. Como?

Vamos tentar fazer com Mariana o mesmo movimento questionador daqueles filósofos. Lembre-se de que eles eram totalmente originais e criativos. Nesses anos todos trabalhando, Mariana percebia agora que acabou perdendo um pouco de sua essência. Sempre foi brincalhona e descontraída, mas já fazia um tempo que andava séria demais e sentia que perdera sua criatividade mesmo em coisas simples, fazendo tudo sempre igual.

Como você imagina que Mariana poderia se classificar com as metáforas das *archés* dos filósofos: ela era água, jorrando vida nova? Era fogo, transformando-se sem parar? Era uma semeadora, plantando novas ideias por onde passava? Era determinada por movimentos mecânicos sem liberdade de escolha? Como você acha que Mariana poderia recuperar o olhar criativo e observador semelhante ao dos pré-socráticos?

Claro que ninguém vai lhe dar uma solução pronta, mas pensar significa ter referências para novas ideias e decisões. E é exatamente por isso que, por mais antigos que sejam, esses filósofos estão sempre provocando novos debates e reflexões.

O que você estaria pensando a partir das ideias filosóficas pré-socráticas relacionadas ao seu histórico de vida? Seria possível “conversar” com os antigos pensadores? O que Pitágoras, Heráclito, Anaxágoras ou Parmênides diriam a você e a Mariana?



Atenção!

Não se trata apenas de imaginar livremente o que quiser. Os pré-socráticos, por mais estranhas que pareçam suas ideias, tinham muito rigor lógico para desenvolvê-las. É por isso que esse pensamento foi considerado Filosofia.



Lembre-se

Arché é o elemento fundamental e formador das coisas; cada pensador acreditava ser um diferente elemento a substância básica do Universo e da vida.

Essas perguntas são orientadoras e apontam um possível caminho, raciocínio ou procedimento para a solução do problema da nossa personagem Mariana.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
Solte sua filosofia	
1. Competência de fundamento de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Conhecer o surgimento da Filosofia, os filósofos pré-socráticos com suas propostas de compreensão da Natureza e do Universo e os primeiros pensamentos psicológicos.
3. Conteúdos relacionados	Filósofos pré-socráticos em busca pela substância fundamental (<i>arché</i>); primeiras ideias sobre as ciências naturais e da alma.
4. Descrição da SP	Você está trabalhando em um novo projeto e, diferente do que está acostumado, precisa criar uma campanha de conscientização sobre a depressão. Apesar de ter todo o conhecimento técnico necessário, você se lembra que nunca foi muito bom em criar. Mas, nessa campanha, o mais importante é justamente o uso da criatividade para que a população se interesse em saber mais sobre o assunto. Você até tentou conversar com alguém para mudar de equipe, mas seu pedido foi negado. O que lhe restava seria pedir demissão. Mas será que toda vez que tivesse uma tarefa difícil seria o caso de desistir? Você então decide encarar a situação e rever seu jeito de pensar. Observar mais e conseguir aprofundar-se nos temas para poder pensar sobre a realidade que se mostra.
5. Resolução da SP	Lembrando dos pré-socráticos, você pode perceber que eles foram extremamente criativos e originais em seus pensamentos filosóficos. Que tal se imaginar como um deles? Em vez de ficar preocupado com o que vão achar da sua ideia, tente observar as informações sobre a depressão e as pessoas deprimidas como se não soubesse nada a respeito desse assunto e procure em suas próprias ideias algumas constatações sobre depressão. Depois procure entender de onde ela vem, qual seria o "elemento" fundamental da depressão. Aproveite mais uma característica dos pré-socráticos e procure uma forma poética para expressar o que está pensando.



Lembre-se

Os filósofos pré-socráticos descreveram o mundo a partir da sua observação e da forma como entendiam que as coisas funcionam e se relacionam. Não se trata de um “achismo” ou de ideias malucas soltas pelo ar, mas de propostas logicamente encadeadas a partir de uma observação real.



Faça você mesmo

Escolha alguns temas sobre os quais costuma ouvir ou tenha interesse e tente buscar sozinho uma reflexão original sobre eles. Observe e descreva, desenvolvendo com rigor seu raciocínio lógico. Faça por escrito e verá o quanto estará mais preparado para as próximas atividades no decorrer do curso.

Faça valer a pena

1. Os mitos são formas de compreensão e explicação sobre o surgimento e funcionamento do Universo. Sobre eles, é possível afirmar que:

- a) São frutos de uma grande ingenuidade e de credence popular; ler sobre os mitos é apenas uma distração para passar o tempo.
- b) Conforme diz o próprio nome, são mentiras inventadas para confundir a população e evitar que ela pense.
- c) São frutos de um pensamento racional e filosófico que evoluiu para a Filosofia; até hoje conservamos os mitos como a verdade objetiva sobre o Universo.
- d) Apesar de serem muito diferentes do que estamos habituados, os mitos são uma forma de conhecimento anterior ao pensamento filosófico que também trazem muita sabedoria.
- e) Nasceram juntamente com a Filosofia; porém, a Filosofia acabou sendo mais divulgada e deixou para trás o conhecimento mitológico; ele nunca mais foi estudado.

2. Os pré-socráticos foram os filósofos que antecederam Sócrates. Por isso têm esse nome. Eles também possuem outra característica comum. Assinale a opção que traz a resposta mais coerente para definir essa característica dos pré-socráticos:

- a) Desenvolveram filosofias com pensamentos harmônicos, criando a Filosofia como uma disciplina de coesão e concordância.
- b) Eles buscavam compreender o que havia de estável no Universo, assim como encontrar seu elemento fundamental (*arché*).
- c) Suas filosofias eram muito infantis e perderam-se no tempo por não apresentarem nenhum raciocínio interessante.
- d) Continuaram a filosofia de seus antecessores para criar suas próprias teorias.
- e) Criaram a Filosofia sem alterar fundamentalmente a estrutura do mito, que continuava presente como explicação não racional.

3. Tales de Mileto é considerado o primeiro filósofo da história ocidental. Em busca de compreender a água como sua *arché*, podemos afirmar que seu grande mérito foi:

- a) Elaborar, pela primeira vez, uma explicação racional para compreender eventos da natureza, saindo da estrutura dos mitos para inaugurar a Filosofia.
- b) Aliar a ideia da água como origem da vida e a razão humana para criar as bases dos conceitos de uso racional da água.
- c) Criar a teoria da evolução, afirmando que os seres humanos descendem dos peixes.
- d) Afirmar que o único elemento que nos compõe é a água, assim como todo o Universo é um grande oceano regido por Poseidon.
- e) Dar mais consistência ao mito, permitindo que a Filosofia se unisse ao pensamento mitológico e ambos progredissem juntos.

Seção 1.3

Os filósofos clássicos: Sócrates, Platão e Aristóteles

Diálogo aberto

“Mais um passo percorrido” – foi o que Mariana disse a si mesma antes de se dar conta de que, apesar de ter tido várias ideias sobre si mesma e sua carreira, ainda não conseguia estabelecer claramente quais eram seus maiores interesses e realizações.

Diante da crise que vivia, uma série de possibilidades se abriu depois de rever criteriosamente sua história e aplicar sua criatividade sobre essas informações.

Parecia que dezenas de estrelas piscavam para ela, e cada uma trazia uma solução possível. Mas qual delas realmente poderia ter mais consistência? Mariana se sentia capaz de muitas coisas, mas percebia que, caso optasse por uma delas, abandonaria outras.

Pensava em mudar de empresa e imaginava como seria sua vida trabalhando em outro lugar. Pensava em fazer outro curso e mudar de ramo completamente, e ficava viajando em como seria sua vida então. Pensava em abrir uma empresa com uma amiga, uma loja com seu primo, dar consultoria, prestar concurso público... Ufa!... Todas poderiam funcionar, mas como diminuir o risco de se enganar consigo mesma?

Mariana precisava investigar com mais cuidado cada uma das opções e tentar entender se, no fundo, elas não queriam dizer outra coisa. Sua vontade de ter um negócio próprio seria isso mesmo ou seria vontade de ter um cargo mais ligado ao setor administrativo?

A originalidade e a criatividade trazidas pelos pré-socráticos têm sua função, mas não são tudo. De que adianta uma série de novas e boas ideias sem que nenhuma demonstre consistência suficiente para se tornar realidade?

A inspiração para essa nova fase vem dos grandes filósofos clássicos da nossa cultura. Sócrates, Platão e Aristóteles, herdeiros dos primeiros filósofos, foram responsáveis por uma revolução no pensamento e, com isso, estabeleceram as bases de todo o pensamento ocidental. Até hoje, mesmo sem saber, compartilhamos de pensamentos

relacionados de alguma forma com esses três pensadores. Eles conseguiram mudar o foco da Filosofia, reorganizar as ideias de outros filósofos e até conciliar diferentes impressões de mundo em uma nova proposta.

O objetivo de aprendizagem desta seção é conhecer os filósofos clássicos e suas propostas: Sócrates e o questionamento socrático, Platão e a divisão da realidade em dois mundos, Aristóteles e as potências da alma.

Você já teve dúvidas parecidas com essas novas dúvidas de Mariana? Você já começou uma coisa pensando ser de um jeito e depois percebeu ser algo completamente diferente? Você já precisou conciliar ideias contrárias para entender as coisas de um modo novo?

Não pode faltar!

Para considerar os filósofos clássicos e a importância de seus pensamentos, é importante contextualizar o *zeitgeist* da época. Como você pôde ver, os chamados pré-socráticos preocupavam-se em explicar a origem e o funcionamento da natureza e do Universo. Havia, no entanto, uma outra tendência de pensamento, denominada antropológica. Esse nome dá a entender que havia pensadores que se preocupavam mais em entender as pessoas e seus relacionamentos do que a natureza e o Universo.

Um grupo que representava essa tendência era o dos sofistas. "Sofista" significa "sábio" (HOUAISS; VILLAR, 2009). Os sofistas foram um dos primeiros a defender uma educação voltada para o cidadão, ensinando arte, cultura, política e retórica. Antes disso, a educação era toda direcionada para a formação de guerreiros e atletas. Retórica é a arte do debate e da argumentação. Bom pensador seria aquele que ganha debates, e os sofistas eram especialistas em praticar e ensinar essa arte.

Embora haja uma coerência nesse raciocínio, havia um problema: o risco de se tentar ganhar a qualquer custo. Isso significa que, por vezes, alguns sofistas distorciam certas informações e argumentos para vencer o debate. Esse recurso ficou conhecido como "sofisma" e foi muito criticado pelos filósofos que tinham um compromisso com a busca da verdade (HOUAISS; VILLAR, 2009).

No entanto, essa não era uma atitude totalmente descompromissada, pois os sofistas realmente acreditavam que a verdade era relativa e jamais seria possível atingir uma verdade absoluta sobre as coisas. Portanto, o conhecimento era sempre temporário, relativo e inseguro para eles.

Outro aspecto fortemente criticado era o fato de os sofistas darem aulas em

troca de pagamento. Por causa disso eram acusados de corromper a verdade em benefício de seus ganhos.

Apesar de terem sido criticados durante grande parte da História, hoje considera-se a importância dos sofistas, inclusive por terem educado mediante pagamento, pois, por isso, houve maior democratização do conhecimento (KERFERD, 2003).

Protágoras, um dos mais conhecidos sofistas, deixou uma frase que representa com muita clareza essa tendência antropológica: "O Homem é a medida de todas as coisas". Isso significa que tudo o que fazemos tem o homem como referência. É assim que Protágoras marca um período que vai se efetivar de fato com o advento de Sócrates: o antropocentrismo grego (FREIRE, 2008).

Sócrates (470 ou 469-399 a.C.) foi uma figura ímpar na história da Filosofia. Não é à toa que, entre os períodos do pensamento filosófico, dividem-se os períodos "antes de Sócrates" (pré-socráticos) e "depois de Sócrates" (pós-socráticos) da mesma forma como separamos a contagem dos anos em "antes de Cristo" (a.C.) e "depois de Cristo" (d.C.).

Aliás, Sócrates traz algumas semelhanças com a figura de Jesus Cristo: também ensinava na praça (Ágora) a seus discípulos sem remuneração. Nunca escreveu nada de próprio punho, mas teve as palavras eternizadas por seus seguidores (Platão e Xenofontes). Depois de questionar a tradição e os governantes, acaba condenado à morte e executado publicamente.

Depois dos sofistas, Sócrates leva a Filosofia ao antropocentrismo, o que, literalmente, significa "o homem no centro". Ao assumir para si o lema lido no Oráculo de Delfos – "Conhece-te a ti mesmo" –, Sócrates direciona a Filosofia para a compreensão de si e, portanto, do ser humano. Aquela busca sobre a verdade da natureza e do Universo tornou-se uma busca da verdade sobre o próprio homem. O conhecimento de si é que seria o verdadeiro conhecimento.

Esse movimento de olhar para dentro de si em busca de uma verdade é chamado de **introspecção**. Guarde bem essa palavra, pois ela é de fundamental importância para a Psicologia.



Assimile

Segundo Abbagnano (2014), introspecção ou autorreflexão ou auto-observação é o ato de observar seus próprios estados internos: seus pensamentos, sentimentos, intuições, impressões... todos observados por você mesmo.

Sócrates acreditava que as pessoas traziam consigo o conhecimento, mas era preciso superar a ilusão da verdade para se chegar à verdade. Para isso, Sócrates questionava sistematicamente seus interlocutores até perceber que eles, na verdade, não sabiam o que afirmavam saber. Demonstrou, apenas com perguntas, que um general de Atenas não sabia o que era coragem e que um sacerdote não sabia o que era a fé. Todos achavam saber, mas, no fundo, quando questionados, nada sabiam. Como fazia esse exercício introspectivamente, Sócrates afirmava também nada saber, mas era sincero o suficiente para assumir isso (PLATÃO, 1999).

O método de questionamento utilizado por Sócrates envolve alguns conceitos criados por ele. O primeiro é o da **ironia**. Assim como a palavra "ironia" remete a algo que disfarça, dissimula, a ironia utilizada por Sócrates consiste em demonstrar ignorância quando, na verdade, tem conhecimento sobre o assunto. Platão afirmava que, justamente por dizer que nada sabia, Sócrates era o mais sábio de todos os homens.

Como dizia antes, Sócrates acreditava que todos podiam resgatar dentro de si o conhecimento. Para isso, era necessário "fazer o parto" desse conhecimento, ou seja, trazê-lo ao mundo a partir do interior das pessoas. Essa atividade foi elaborada por ele, inspirando-se no trabalho de sua mãe, que era parteira. Sócrates também se considerava um "parteiro da verdade". Essa atividade é chamada de **maiêutica** e se realiza através de perguntas que vão, pouco a pouco, desconstruindo as certezas e obrigando a pessoa a pensar por conta própria. Certa vez, com suas perguntas, fez com que um escravo deduzisse operações matemáticas complexas que nunca tinha aprendido. Assim se configura o chamado **questionamento socrático** (PLATÃO, 1999).



Exemplificando

Se alguém faz qualquer afirmação, é sempre possível questionar de onde vem aquela informação. Se eu disser que é importante estudar Filosofia, você pode me questionar de diversas formas, como, por exemplo, "por que é importante estudar?", "o que é o estudo?", "o que é Filosofia?". Suponhamos que minha resposta seja que quem estuda tem mais oportunidades no mercado de trabalho. Sua próxima pergunta poderia ser sobre como eu sei que estudar Filosofia daria mais oportunidades no mercado. "Há alguma estatística que demonstre que as pessoas que estudaram filosofia conseguiram mais oportunidades?". Ou "por que são necessárias mais oportunidades se eu preciso apenas de uma que me convenha"?

E por esse caminho seguia Sócrates até esgotar o assunto e chegar ao ponto em que a pessoa demonstrava que, realmente, não sabia ou não tinha certeza sobre o assunto. Ou até de que, na verdade, era apenas uma opinião (doxa) ou uma crença, mas não a verdade sobre o tema.

As crianças, quando estão na famosa “fase do por quê”, costumam fazer esse exercício naturalmente.



Vocabulário

Doxa: termo grego utilizado pela Lógica e que significa a opinião ligada à crença, sem necessidade de qualquer fundamento científico ou lógico. Sendo assim, as pessoas podem ter opiniões absurdas e descompromissadas sobre qualquer assunto, ainda que evidências científicas mostrem o contrário. Por isso, a palavra “ortodoxo” se refere a algum sistema teórico ou a alguém que seja irredutível, inflexível e intolerante a respeito de qualquer outra posição que questione a sua doxa (ABBAGNANO, 2014; HOUAISS; VILLAR, 2009).

O debate socrático teve um impacto muito grande na Filosofia, nas Ciências e no pensamento de forma geral. Todas as atividades que envolvam diálogo, debate e retórica podem ser influenciadas por técnicas inspiradas em questionamento socrático.



Faça você mesmo

Experimente conversar com alguém e usar o método socrático. Lembre-se de que ele se utiliza da ironia, o que significa abrir mão de todo o conhecimento que tiver a respeito do tema debatido (“Só sei que nada sei”). Portanto, você não deve expressar sua opinião, mas apenas fazer perguntas que busquem, de forma simples, a certeza da informação que está sendo dada.

Dissemos que Sócrates havia sido condenado à morte e executado publicamente, lembra-se? Pois é, seus questionamentos foram tão eficazes que passaram a incomodar os governantes de Atenas. Foi acusado de desconhecer os deuses da cidade, introduzir novos deuses e corromper a juventude. Defendeu-se no processo,

mas, por não ceder diante do que afirmava ser a verdade, perdeu o processo. No entanto, não demonstrou nenhum abalo e, enquanto se preparava para tomar o veneno (cicuta), conversava com seus discípulos sobre a imortalidade da alma.



Vocabulário

Alma: apesar de estarmos habituados com o sentido religioso dessa palavra, não podemos deixar de pensar no sentido psicológico dela, sou seja, no conjunto das capacidades vitais físicas e psicológicas (HOUAISS; VILLAR, 2009). Atualmente, estaria equiparada aos conceitos de “psiquê” ou “mente”.

A ideia de imortalidade da alma humana já era abordada por outros filósofos mas, com Sócrates, uma semente – entre tantas outras – foi plantada no seu mais ilustre discípulo: Platão.

Platão (428 ou 427-348 ou 347 a.C.) é um dos pensadores mais influentes da nossa cultura ocidental. Ele, além do contato direto com Sócrates, já tinha bastante conteúdo filosófico para pensar e, a partir de sua grande dedicação, buscou uma forma inédita de ir além das filosofias pré-socráticas e integrar em um novo sistema as ideias dos antigos pensadores e do seu mestre Sócrates.

Platão concordava com praticamente tudo o que Sócrates dizia. Aliás, foi ele quem mais relatou as falas e ações de Sócrates em suas obras. Compartilhava, portanto, da ideia de que o conhecimento vinha do próprio sujeito. Mas como isso acontecia? Partindo da noção de imortalidade da alma, Platão acreditava que a alma é que trazia o conhecimento para a pessoa. Como a alma é imortal, mas o corpo é mortal, Platão supunha que a alma já existia antes do corpo em outro lugar de onde trazia o conhecimento. Esse é o conceito de **reminiscência da alma**. Dessa doutrina, derivam as **teorias inatistas**, ou seja, aquelas que consideram que o conhecimento nasce com as pessoas.



Assimile

Inatismo é uma doutrina que defende a posição de que as ideias nascem naturalmente com as pessoas. O aprendizado, portanto, se daria sempre de “dentro” para “fora” de cada um. As teorias inatistas são aquelas que criam explicações e técnicas baseadas no pressuposto de que as ideias nascem com as pessoas (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Mas de onde viria esse conhecimento?

Para Platão, ele viria de um mundo superior ao nosso, onde habitam as ideias eternas, perfeitas e imutáveis que são a fonte original de todas as coisas do nosso mundo. As coisas que podemos perceber na nossa realidade são apenas projeções ou sombras desse mundo perfeito.

Como Platão chegou a essa proposta aparentemente tão diferente? Você se lembra dos filósofos pré-socráticos, não é? Pois bem, há dois nomes em especial que levam Platão a criar uma teoria muito própria. São justamente os dois mais opostos possíveis: Heráclito e Parmênides. Se você bem se lembra, eles diziam coisas realmente contrárias. Heráclito era o que afirmava que tudo flui, que tudo está em constante mudança e a única coisa que não muda é o fato de as coisas mudarem incessantemente. Por outro lado, Parmênides afirmava que o movimento é uma ilusão e que a essência das coisas sempre permanece.

A proposta de Platão é de considerar que os dois têm sua parcela de razão. Podemos ver que as coisas mudam o tempo todo e, no entanto, também é possível perceber que, de alguma forma, a identidade delas permanece, mesmo com a mudança. O exemplo da seção anterior era a de um bebê que tem seu corpo completamente modificado ao crescer e, no entanto, ninguém afirma se tratar de outra pessoa.

Platão busca, então, conciliar essas duas compreensões sobre o ser. Para isso, ele entende que a **realidade se divide em dois diferentes mundos**: o mundo sensível e o mundo suprassensível ou mundo das ideias. O sensível é o mundo onde tudo muda. O suprassensível é o mundo estável e imutável.

O mundo sensível, conforme o significado da palavra, é aquele a que podemos ter acesso através de nossos sentidos. Portanto, qualquer coisa que possa ser vista, ouvida, tocada, degustada ou cheirada faz parte do mundo sensível. Esse mundo é acessível a qualquer um, independentemente de seu estudo ou inteligência. Platão o considera, portanto, inferior. Não se pode encontrar a verdade estável se tudo está sempre mudando, envelhecendo ou morrendo.

Já o mundo suprassensível ou, como é mais conhecido, mundo das ideias, só pode ser acessado pela razão, pois é preciso enxergar além da obviedade das coisas e encontrar as ideias essenciais das coisas. Esse é um conhecimento superior, segundo Platão, pois está imune às ilusões dos sentidos e das paixões. No mundo das ideias, ficam as ideias das coisas do mundo sensível. Essas ideias, quando estão lá, são perfeitas. Porém, quando passam para o mundo de cá, sofrem alterações e distorções. É por isso que as coisas têm uma essência possível de ser reconhecida, mas, por outro lado, apresentam diferenças individuais (ABRÃO, 1999).



Exemplificando

Um ótimo exemplo sobre a passagem do mundo das ideias para o sensível talvez esteja no livro *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder (1995). Ele compara a uma fornada de biscoitos caseiros, dizendo que as forminhas para confeccionar os biscoitos seriam as ideias, pois estão sempre iguais. Supondo que esse padrão seja em forma de cavalo, toda vez que essa forma for usada, inevitavelmente, o biscoito terá forma de cavalo.

Porém, há uma série de variáveis que serão diferentes em cada fornada: a consistência da massa (mais dura ou mais mole), o tipo de farinha utilizada, a quantidade e combinação dos ingredientes, a distância que fica do fogo, o tipo de assadeira utilizada, alguns cuidados tomados (ou não) pelo cozinheiro, o tempo de fornada etc.

Além disso, depois de retirados do forno, os biscoitos precisam ser desenformados, quer dizer, retirados da forma para que possam ser comidos. Na hora de retirá-lo das formas, porém, alguma extremidade do biscoito poderá se quebrar, ou desmanchar, rachar, esfarelar etc.

Portanto, nenhum biscoito será exatamente igual ao outro, mesmo que as forminhas sejam idênticas.

Quando vejo um cavalo na vida real, reconheço-o imediatamente como cavalo, pois identifico a ideia de cavalo. Não vou confundir um cavalo com um sofá ou uma chaleira jamais. Porém, é fácil perceber que existem cavalos de diferentes tamanhos, cores, raças, tipos de pelo etc., discriminando-se um do outro individualmente.

É assim que Platão diferencia corpo de alma. O corpo pertence ao mundo sensível, enquanto a alma pertence ao mundo suprassensível. Em linguagem científica, podemos afirmar que Platão se referia à mente humana, fenômeno também de interesse da Psicologia. Sobre a alma, ele identifica três faculdades principais: a sensível, a afetiva e a racional. Elas correspondem, respectivamente, às características humanas da percepção, emoções e razão. Isso configura um pensamento psicológico presente na filosofia de Platão.



Pesquise mais

Para aprender Filosofia de forma lúdica, leia o livro *O mundo de Sofia*, no

qual o autor cria toda uma situação para ensinar Filosofia de uma forma inusitada, buscando proximidade com a realidade contemporânea.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia** – Romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Veja um pequeno trecho no link da editora: <<http://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13331.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2015.

Assim como Platão foi discípulo de Sócrates, houve um discípulo de Platão que também se destacou bastante. O nome dele é Aristóteles (384-322 a.C.) e, diferentemente da relação entre Sócrates e Platão, Aristóteles passa a discordar de Platão em sua compreensão filosófica. Assim como seu mestre, consegue desenvolver um sistema filosófico extremamente coeso e complexo, também influente até os dias de hoje.

A principal discordância de Aristóteles com relação a Platão é que ele não menospreza a **importância dos sentidos**. Aristóteles acredita que os sentidos sejam necessários para aprender as informações sobre as coisas do mundo. No entanto, concorda que a constatação do senso comum não é suficiente para se fazer Filosofia e ciência. Por isso, Aristóteles escreveu obras de forma bastante sistemáticas. É tido, portanto, como um precursor do pensamento científico, pois dessa forma ressalta a importância do método rigoroso na pesquisa. Aristóteles defende a observação do mundo como um primeiro passo para o conhecimento (ABRÃO, 1999).

Para isso, era necessário desenvolver uma outra compreensão filosófica que sustentasse sua visão de mundo. Não seria possível, portanto, aceitar uma filosofia que separasse a realidade de forma tão radical como Platão havia feito.

Para Aristóteles, corpo e alma eram inseparáveis. Ele não separava a realidade da mesma forma que Platão, mas entendia que existiam coisas concretas, sensíveis e, ao mesmo tempo, coisas que não podem ser percebidas com os sentidos. Segundo ele, há uma diferenciação entre a forma e a matéria. No entanto, elas são interdependentes, pois não há matéria sem forma e não há motivo de se existirem formas sem que elas se tornem reais. A denominação utilizada por ele é a de potência e ato.

Essa é uma ideia bastante próxima da nossa compreensão. Algo pode ser possível em potência, mas precisa se tornar ato para ser real. Por exemplo, toda semente é uma árvore em potencial. No entanto, se ela não estiver em solo fértil e não receber umidade suficiente, nunca será uma árvore, ou seja, sua potência nunca será ato. Essa também é uma concepção muito importante para a Psicologia, pois demonstra que há uma diferenciação entre o possível e o realizado.

Aristóteles identifica a presença da alma em todos os seres vivos, incluindo as plantas. Esse sentido de alma como o elemento que possibilita a presença de vida nos seres foi traduzido para o latim como *anima* e é muito próxima da maneira como usamos a palavra “ânimo”.

Devido ao seu interesse pelo assunto, Aristóteles escreveu um tratado que vai influenciar a cultura ocidental diretamente por mais de um milênio pela frente. Ele se chama *De anima*. Em português seria “sobre a alma” ou “sobre a mente”, se buscarmos uma linguagem científica da Psicologia (ABRÃO, 1999).

Nesse **tratado sobre a alma**, ele descreve quais são as potências da alma, além de abordar vários outros temas que hoje são parte integrante do mundo da Psicologia, como os sentidos, as sensações, a memória e a associação, o sono, a insônia etc.

Se a alma tem “potências”, então você entende que ela precisa ter as condições necessárias para se tornar ato, certo? Assim como a semente precisa delas para virar árvore, o que é preciso para que uma potência da alma seja realizada? Sua resposta é a educação. A educação dá forma à matéria e desenvolve as potencialidades. Aristóteles aqui demonstra um germen do que será no futuro o pensamento empirista, ou seja, um pensamento que acredita que o conhecimento vem da experiência. Para esses autores, as pessoas nascem como se fossem folhas de papel totalmente em branco (tradicionalmente, usa-se o termo “tábula rasa”) e, à medida que o tempo passa, essa folha vai sendo preenchida com as experiências vividas por cada pessoa.



Refleta

Você já pensou se as coisas que você sabe ou faz no seu dia a dia vieram de dentro de você mesmo ou se você as aprendeu com a experiência?

Sem medo de errar!

Vamos ajudar a Mariana a resolver suas novas dificuldades.

Agora, ela já tinha resgatado sua história e aplicado uma bela dose de criatividade sobre as origens de suas ideias novas e antigas.

O que Mariana precisa é conseguir encontrar coerência e consistência diante de tantas possibilidades que se abriam.

Seguindo o exemplo dos filósofos clássicos, Mariana já tem novas opções para organizar os seus pensamentos.

Como Sócrates, pode aplicar os preceitos do questionamento socrático de forma introspectiva ou num debate sobre suas possíveis atividades profissionais. Pode “esquecer” tudo o que sabe para buscar uma realidade nova a ser descoberta.

Seguindo os moldes de Platão, pode tentar conciliar pensamentos inicialmente opostos mas que podem se complementar. Também pode tentar despertar suas “reminiscências”, descobrindo em si mesma todo o aprendizado de que precisa.

Por fim, pode se inspirar em Aristóteles e descobrir suas potencialidades ainda não desenvolvidas. Além disso, buscar experiências que lhe proporcionariam diferentes formas de olhar para as suas atividades.

Você consegue desenvolver alguns exemplos de como seriam essas possibilidades? E para você? Essas propostas podem ajudá-lo a pensar melhor sobre sua vida?



Atenção!

Mariana já tem várias ideias novas. Ela precisa é de possibilidades mais complexas e profundas, como uma proposta inovadora, a junção de duas áreas diferentes ou um projeto para apresentar na empresa que já trabalha.



Lembre-se

O questionamento socrático, conforme pode ser conferido no “Não pode faltar!”, é um exercício metódico e profundo. Sua intenção é demonstrar a gama de desdobramentos que pode ter um único conceito.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.

Improviso filosófico	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Conhecer os filósofos clássicos e suas propostas: Sócrates e o questionamento socrático, Platão e a divisão da realidade em dois mundos, Aristóteles e as potências da alma.
3. Conteúdos relacionados	Sócrates: ironia, debate, maiêutica e eternidade da alma; Platão: divisão da realidade em dois mundos; Aristóteles: valorização dos sentidos e o tratado sobre a alma (<i>De anima</i>).
4. Descrição da SP	Você foi chamado para participar de uma mesa-redonda em um canal de TV para comentar sobre o comportamento de um jovem que invadiu uma escola armado. Como o acontecimento acabara de acontecer, não há ainda muitas fontes para serem estudadas. Uma nova informação surge a cada 30 minutos. Você estará de plantão com outros profissionais para comentar as novas notícias sobre o caso. Você vai precisar desvendar comentários inéditos e consistentes para que sua participação seja pertinente no programa.
5. Resolução da SP	Para trabalhar um tema novo e desconhecido de forma profissional, você precisa ter uma bagagem teórica na qual se basear, mas precisará de capacidade para explorar a temática. Sócrates considerava que o mais importante era fazer perguntas do que se iludir com falsas respostas. Assim era possível fazer o parto da verdade. Platão afirmava que o conhecimento vinha da reminiscência da alma. E Aristóteles dizia que era possível transformar em ação a sua potencialidade através das observações e experiências.



Lembre-se

Os filósofos estudados nesta seção acreditavam e defendiam arduamente a capacidade humana de autodesenvolvimento. Isso serve para você também. Acredite no seu potencial e use-o! (ABRÃO, 1999).



Faça você mesmo

Ao ouvir debates entre as pessoas, procure treinar seu questionamento socrático, identificando que perguntas simples poderia fazer para enfraquecer as certezas apresentadas pelos debatedores.

Faça valer a pena

1. “Sofista” significa “sábio”. Porém, os sofistas sempre foram muito atacados com fortes acusações sobre suas atividades filosóficas. Diante dessa situação, o que se pode dizer sobre eles?

- a) As acusações eram falsas. Os sofistas sempre buscaram uma verdade única e coerente cuja investigação era desenvolvida em grupo colaborativo.
- b) Os sofistas não apresentaram nenhuma afirmação consistente. Se não tivessem sido ativos por tanto tempo, a civilização grega teria se desenvolvido mais rapidamente.
- c) Sócrates, Platão e Aristóteles foram os principais sofistas clássicos e, por meio dos sofismas, criaram a base da cultura ocidental.
- d) Apesar das críticas que sofreram, a importância dos sofistas na divulgação e mudança da educação na Grécia foi reconhecida.
- e) Desenvolveram as teorias da ironia, maiêutica, mundo das ideias e potencialidades da alma.

2. Antes de Sócrates, a Filosofia tinha uma tendência de investigação da Natureza. Os primeiros filósofos eram também chamados de “filósofos da natureza”. Com os sofistas e Sócrates, ocorre uma mudança no foco da investigação filosófica. Assinale a opção que melhor representa esse momento:

- a) Os sofistas demonstravam uma tendência antropológica e Sócrates voltou a preocupação da Filosofia para o conhecimento do próprio homem, consolidando o antropocentrismo grego.

- b) Sócrates e os sofistas disputavam acirradamente os rumos da Filosofia, pois, enquanto um dos lados queria manter o estudo sobre a natureza, o outro pretendia priorizar o homem.
- c) Sócrates e os sofistas, juntos, conseguiram voltar a Filosofia para o foco do teocentrismo, revalorizando os mitos em sua plenitude.
- d) Sócrates e os sofistas lideraram juntos um movimento para que todos pudessem ter acesso gratuito à educação.
- e) Os sofistas insistiam em buscar uma verdade única, enquanto Sócrates insistia na posição de que a verdade é sempre relativa.

3. Sócrates foi uma das principais figuras da Filosofia Antiga. Ao afirmar que nada sabia, Sócrates pretendia demonstrar qual significado?

- a) Que era desprovido da capacidade intelectual e não conseguia assimilar os ensinamentos dos pré-socráticos e sofistas da época.
- b) Que a verdadeira sabedoria consistia em eliminar falsas verdades para encontrar a verdade em si mesmo.
- c) Não saber era uma das coisas que Sócrates sabia. Portanto, queria dizer que sabia ao menos uma coisa, o que é mais que nada.
- d) Reconhecer que os outros filósofos eram claramente mais sábios que ele.
- e) Fingir ignorância para, no fim, dar uma aula, mostrando o quanto sabia sobre tudo.

Seção 1.4

A idade medieval e o pensamento cristão

Diálogo aberto

Mariana finalmente conseguia entender melhor sua situação e percebia um último impasse para resolver. Estava já decidida com relação à sua vida profissional, pois conseguira identificar o que havia acontecido para chegar à situação a que chegou: sentia falta de mais desafio, de mais criação, de poder não só fazer um trabalho repetitivo, mas criar, pensar com mais profundidade cada situação que encontrava nele. Esse era um dos motivos pelos quais procurou o curso de Psicologia.

No entanto, ela sabia que o dia a dia não é sempre criativo e desafiador. Como conseguir trazer para a rotina esse seu lado de interesse pessoal e teórico? Como combinar duas coisas que aparentemente se excluem? Outro fato que percebia e que acontecia com frequência era ela achar que havia se passado muito tempo ao fazer coisas chatas quando, na verdade, não tinha trabalhado quase nada. Por outro lado, quando fazia coisas de que gostava, como mexer nas suas redes sociais, nem via as horas passarem. Isso, de certa forma, a prejudicava.

Algo semelhante acontece quando se estuda a Filosofia na Idade Média. Os filósofos medievais viviam numa época difícil para o pensamento livre: não podiam desafiar os dogmas católicos e a sua própria fé cristã, mas precisavam satisfazer sua necessidade de pensamento filosófico. Faziam aquilo que parecia impossível: conciliavam razão e fé. Para isso, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino precisaram de uma releitura própria dos sistemas filosóficos fornecidos por Platão e Aristóteles, adaptando suas filosofias ao catolicismo.

O objetivo desta seção é compreender o desenvolvimento do pensamento psicológico conforme proposto pelas duas escolas medievais da Filosofia: a patrística e a escolástica. Para atingir esse objetivo, serão utilizados os seguintes conteúdos: Santo Agostinho – a patrística e o neoplatonismo cristão; Santo Tomás de Aquino – a escolástica, o aristotelismo cristão e as potências da alma.

Pelo jeito esse não é um problema exclusivo de Mariana. O estudo da Psicologia e outras ciências humanas costuma questionar algumas posições pessoais até então

bastante acomodadas na vida dos estudantes. Existem as convicções próprias e existe a necessidade de compreender algo novo, estranho, provocador, instigante.

Como você imagina que Mariana pode resolver essa dificuldade de agora? Como conseguir reinterpretar sua realidade e inserir suas necessidades de criação e compreensão na rotina do seu trabalho?

Não pode faltar!

Desde a última seção, demos um salto histórico e chegamos até a Idade Medieval. Como vimos na seção 1.1, a História pode ser dividida em períodos e, nesse momento, estamos passando da Antiguidade para a Idade Média.

O grande dilema dessa época era conseguir conciliar a herança filosófica produzida por gregos, romanos e outros povos da Antiguidade com o cristianismo vigente mantido pela Igreja Católica. A Igreja, por sua vez, era pouco receptiva a ideias que pudessem contestar seus dogmas. Esse período apresenta uma característica chamada teocentrismo. A palavra “teo” vem do grego e significa “Deus” (BUENO, 1968). teocentrismo, portanto, seria Deus no centro de tudo, ou seja, Deus seria o foco de todas as coisas, o objetivo de toda a produção cultural. Tudo tinha como referência a adoração a Deus. A Igreja católica era quem detinha o poder do conhecimento e da teologia e, conseqüentemente, o poder político e social.



Pesquise mais

Aproxime-se do contexto da Idade Média para entender melhor como os pensadores desenvolviam suas filosofias e como chegaram às conclusões expostas na atual seção do livro didático:

SOSA, D. A. C. **As universidades medievais**: estudo e formação. Rio Grande: Biblos, 2007. p. 179-82. v. 21. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_0b1a18d86f_0010962.pdf>. Acesso em: 31 out. 2015. Ou disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000000496/5ffc114d0dc67b88acb9e14a91a71a09>>.

Há dois grandes pensadores que representam as duas principais correntes medievais da filosofia ocidental: a **patrística** é representada por Santo Agostinho, que traz uma releitura da filosofia de Platão, e a **escolástica** é representada por Santo Tomás de Aquino, que se baseia em Platão e Aristóteles e colaborou com o auge dessa corrente.



Assimile

Escolástica: filosofia cristã medieval que buscava conciliar fé e razão, tentando minimizar ou eliminar o conflito entre elas. Para isso, usava a influência das filosofias de Platão e Aristóteles, combinando-as à teologia católica (ABBAGNANO, 2014; HOUAIS & VILLAR, 2009).

Patrística: filosofia cristã dos primeiros séculos da Era Cristã. Caracteriza-se pela construção de doutrinas e argumentos com a finalidade de promover diálogos e debates com o paganismo, convertendo seus membros ao cristianismo (ABBAGNANO, 2014).

Esses movimentos são de momentos diferentes da era medieval. O período histórico denominado Idade Média durou mil anos, do século V ao século XV d.C., o que faz com que a realidade do início da Idade Medieval mostre um contexto um tanto diferente da realidade do final do mesmo período.

A patrística é mais antiga. É de uma época em que o cristianismo ainda era pouco conhecido e o maior projeto era divulgar sua religião e combater as crenças consideradas “pagãs”, ou seja, as religiões e místicas não cristãs.

Os representantes da patrística tinham como base o platonismo adaptado ao cristianismo. Entre seus pensadores, estão: Santo Ambrósio (340-397 d.C.), São Jerônimo (347-419 d.C.) e Santo Agostinho (354-430 d.C.) (FREIRE, 2008).

Na filosofia de Platão, o mundo é entendido de forma dividida entre dois âmbitos da realidade: o sensível e o suprassensível ou mundo das ideias. Não é difícil estabelecer uma relação entre o mundo ideal de Platão e a teologia cristã. Lembre-se de que o mundo das ideias tem as características do Ser como eterno, perfeito e imutável. Além disso, a alma humana já conhecia esse mundo antes de encarnar em algum corpo. Assim, surge a possibilidade de identificar o mundo das ideias com a noção do paraíso cristão, lugar divino (eterno, perfeito e imutável) de onde partem e para onde voltam as almas humanas. O próprio Platão considerava que a morte era uma libertação da alma, aprisionada no corpo até então.

Para dialogar com o paganismo e convencê-lo da lógica cristã, os primeiros padres da Igreja se utilizaram largamente da filosofia derivada do pensamento de Platão, chamada **neoplatonismo**, que é a tendência de levar o platonismo a uma característica mais mística e religiosa. Platão sempre defendeu a superioridade do suprassensível com relação à concretude (CHAUÍ, 1996; GARCÍA MORENTE, 1966).



Exemplificando

Para entender o quanto Platão valorizava o supracosmético no lugar do cosmético, podemos notar que a própria expressão “amor platônico” corresponde à ideia de que, para ele, há uma grande vantagem nas coisas que nunca se realizam e, portanto, permanecem ideais (eternas, perfeitas e imutáveis). Para ele, o amor acaba assim que concretizado. Imagine que você goste de alguém e chegue a dizer que ama essa pessoa. Segundo Platão, para que esse amor seja perfeito, nunca tente ficar com ela, aproximar-se demais ou namorar essa pessoa. Caso isso aconteça, haverá decepção, e o amor, então, acabará.

Santo Agostinho de Hipona, um dos pensadores da época patrística, foi um grande nome da Filosofia. Em sua obra, traçava o tempo todo a relação da Filosofia racional com a fé, demonstrando seu caráter religioso em praticamente todos os seus escritos. É importante saber que Agostinho era, antes da sua conversão, professor de Filosofia e adepto de correntes pagãs. Ele se converteu ao cristianismo por volta dos 30 anos de idade. Talvez por isso tenha sido um pensador de destaque para uma época em que o diálogo entre essas duas vertentes se fazia tão necessário para a Igreja católica (PESSANHA, 1999).

Alguns conceitos de Agostinho se tornaram mais conhecidos que outros. Ele recebe críticas dos pensadores pagãos ao cristianismo e responde. Por exemplo, todos sempre disseram que, se Deus é Bom e criou o mundo do nada, por que ele criou o Mal no mundo? Agostinho responde que, sim, Deus é Bom e criou o mundo a partir do nada. Mas afirma que Deus não criou o Mal. O Mal não existe como um ser próprio e independente. O Mal é o afastamento do Bem. E é possível se afastar do Bem porque temos livre-arbítrio. Com o livre-arbítrio, somos tão livres que podemos escolher nos afastarmos de Deus. Para Agostinho, essa é a única forma de que o Mal exista: como “Mal Moral”. O Mal Moral não vem de Deus, é decidido pelo homem, pois Deus é bom e nada de Mal d’Ele vem. Porém, através da conversão, a fé o guiará de volta até Deus.

Agostinho também abre o interesse à capacidade racional do ser humano, buscando compreender como se dá a cognição. Com isso, ele tenta buscar as provas da existência de Deus através de um caminho racional e humano. Entender a mente humana é essencial para isso (REALE; ANTISIERI, 2003).

O papel desempenhado por Agostinho, portanto, de trazer ao cristianismo seu conhecimento anterior em filosofias pagãs, como o ceticismo, o maniqueísmo e, principalmente, o neoplatonismo, foi de extrema importância para que a

nova religião nascente conseguisse se adaptar às demandas da época. Assim, ela se tornou muito mais convincente diante dos argumentos encontrados nos debates filosóficos. O trabalho da patrística foi fundamental para a sobrevivência e a propagação do cristianismo, gerando os primeiros argumentos filosóficos e teológicos utilizados até hoje nos discursos religiosos.

Uma alegoria bastante conhecida de Agostinho é analisar a Cidade dos Homens, ou seja, a humanidade em sua organização social e política regida apenas pelas leis humanas; e, por outro lado, imaginar, como um bom platonista, uma idealização do que seria a perfeição a ser atingida através da fé religiosa: a Cidade de Deus (ABRÃO, 1999).

Uma última temática trabalhada por ele é considerada uma das propostas históricas da Filosofia: o tempo. Agostinho consegue trazer ao seu leitor a complexidade que é pensar sobre o tempo. O filósofo diz que, quando falamos sobre o tempo no senso comum, sabemos exatamente o que ele significa. No entanto, se alguém pede uma explicação sobre o que é o tempo, percebe-se que, na verdade, não é um assunto tão simples de se entender e menos ainda de se explicar. Com essas reflexões, Santo Agostinho demonstra a possibilidade de consideração do tempo como uma experiência subjetiva. Isso quer dizer que, diferente do tempo do relógio, a experiência vivida do tempo é diferente de uma pessoa para outra. Explora, assim, algumas características psicológicas, como o hábito e a memória na relação com o tempo (FREIRE, 2008).



Vocabulário

Alegoria: forma de expressão que se utiliza de figuras e situações imaginárias como exemplo para demonstrar ideias, pensamentos, impasses e conceitos (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Ceticismo: escola filosófica que acredita que o espírito humano não é capaz de conhecer a verdade. Portanto, sua maior característica é duvidar o tempo todo. Está relacionada ao pensamento científico e ao ateísmo (ABBAGNANO, 2014; HOUAISS; VILLAR, 2009).

Maniqueísmo: doutrina mista de cristianismo, gnosticismo e outras místicas pagãs orientais que pretendiam levar a religião cristã à perfeição. Sua maior característica é polarizar tudo na disputa entre Bem e Mal (ABBAGNANO, 2014).

Não é necessário dizer que o cristianismo fez sucesso depois daquelas dificuldades iniciais. A Idade Média foi o seu auge, colocando os representantes da Igreja, muitas vezes, em posição de superioridade social e política. O clero – forma como era chamada a classe social dos representantes religiosos – era quem controlava a educação, as leis, as decisões dos reis, incluindo até decisões sobre guerras. Sua palavra sobre o que era pecado, quem seria condenado ao inferno, quem iria ao paraíso e outras recompensas e castigos de natureza metafísica eram cruciais numa sociedade teocêntrica. Tudo era voltado para Deus, e era o clero quem decidia o que atendia esses critérios ou não.

Séculos à frente, o contexto histórico já era outro. Porém, a tática de se investir no debate e na pregação religiosa continuou vigente. O diálogo travado entre católicos e pagãos gerou, dentro da Igreja, uma marcante tendência pedagógica. Enfatizar a educação religiosa era uma forma de preparar as pessoas para acolher com mais convicção e segurança os argumentos a favor dos dogmas católicos. Desde o começo da Idade Média, os professores foram gradualmente sendo chamados de *scholasticus*. O nome significa “a filosofia da escola” e inspirou a denominação da principal filosofia medieval que reinará durante todo esse período: a escolástica (ABBAGNANO, 2014).

Os representantes da escolástica foram muitos, pois ela se estende por vários subperíodos no decorrer da Idade Medieval, tendo o seu momento de formação do século IX ao século XII – no qual há um predomínio da fé sobre a razão –, seu auge no século XIII – equilíbrio entre fé e razão – e sua decadência do século XIV ao século XVII – predomínio da razão sobre a fé (FREIRE, 2008).

O pensador que mais se destacou, representando o apogeu da escolástica, foi Santo Tomás de Aquino, devido à abrangência de sua obra e à capacidade de sintetizar em seu trabalho toda a discussão em torno da Escolástica, assim como suas propostas de conciliação entre fé e razão. Tomás foi influente na Filosofia e na Teologia de modo geral, principalmente com sua obra *Suma Teológica*. Embora tenha recebido apelidos que o homenageavam, como “Doutor Angélico” e “Doutor Comum”, sua filosofia ficou conhecida como tomismo. Sobre o equilíbrio entre fé e razão, Tomás afirmava que não havia contradição entre o conhecimento racional e a fé católica, pois a razão também é uma criação de Deus. Isso quer dizer que a razão pode levar a Deus e não ser contra seu próprio Criador (ABRÃO, 1999; REALE; ANTISIERI, 2003; FREIRE, 2008).

Se a maior influência da patrística era o neoplatonismo (adaptação mística da filosofia de Platão), na escolástica, a influência mais marcante era de Aristóteles. Lembra-se do conceito de potência e ato em Aristóteles? Existem coisas em potencial que podem ou não se tornar ato. Isso serve para tudo, como as árvores e os animais. Pois então: Santo Tomás estuda as potências da alma. Se a gente lembrar que “alma” significa “psique”, então podemos dizer que Tomás estava

justamente estudando Psicologia, isto é, uma análise sobre a alma humana. Para isso, usou um trabalho sobre a alma já existente de Aristóteles chamado *De anima* na tradução para o latim, que quer dizer “Da alma”. Tomás descreveu cinco gêneros de potências da alma, também chamado de faculdades da alma. São as seguintes: a vegetativa ou nutritiva; a sensitiva; a motiva ou locomotiva; a apetitiva e a intelectiva (FAITANIN, 2015a; FAITANIN, 2015b).

Vamos entender cada uma das potências da alma. Para facilitar, vejamos isso num quadro:

Quadro 1.1 | Síntese das potências da alma.

Potência ou faculdade da alma	Descrição	Divisão	Descrição	Subdivisão	Descrição
1 – Vegetativa ou nutritiva	Capacidade de nutrir e conservar o corpo, mantendo-o vivo				
2 - Sensitiva	Capacidade de transformar as informações dos sentidos externos em informações dos sentidos internos	Sentidos externos	Informações adquiridas dos órgãos do sentido: visão, audição, tato, olfato e gustação		
		Sentidos internos	“Faculdades psicológicas”	Sentido comum	Capta a forma dos objetos
				Imaginação	Retém as formas captadas
				Cogitativo	Responsável pela associação
				Memória sensitiva	Conserva elementos sensíveis
3 - Locomotiva ou motiva	Relacionada à motivação. Motivar + ação: o que move a pessoa em busca de algo				

4 - Apetitiva	"inclinações" ou "apetites" da alma	Sensíveis	Prazeres dos cinco sentidos externos		
		Paixões da alma	Emoções e sentimentos		
		Intelectivos	Vontade: capaz de direcionar a alma como um todo		
		Livre-arbítrio	Poder de escolha		
5 - Intelectiva	Capacidade racional	Memória	Conservação dos elementos intelectivos		
		Razão	Capacidade de redução: entender separadamente as potências da alma, mesmo sendo ela única	Superior (raciocinativa)	Relacionada a raciocínios lógicos
				Inferior (opinativa)	Relacionada a opiniões
		Inteligência	Capacidade de descobrir a verdade		

Fonte: Organização dos autores



Faça você mesmo

Como estamos vendo desde o começo do nosso estudo, não é porque as coisas são do passado que não estejam presentes. Releia o parágrafo anterior e tente identificar nas potências ou faculdades da alma descritas por Santo Tomás de Aquino alguns temas abordados pela Psicologia atual.

Como a vontade é fundamental para que as potências se tornem ato, Tomás, de certa forma, questiona as tendências que afirmam uma pedagogia essencialista, ou seja, ter o conhecimento dentro de si como potência não serve para nada se elas não forem transformadas em ato. Lembrando do exemplo presente na seção 1.3, toda semente é uma árvore em potência, mas nem todas as sementes vão virar árvores de fato. Da mesma forma, nem tudo aquilo do que a pessoa é capaz será concretizado na realidade. Não é difícil pensar isso em termos psicológicos. Alguém pode ter toda a genética voltada para a inteligência e até demonstrar comportamentos inteligentes. Porém, caso haja um ambiente que estimule a

inteligência, o resultado do ato será muito mais evidente, ou seja, a inteligência se desenvolverá mais do que sem os estímulos adicionados com o ambiente educativo.



Refleta

As ideias de Santo Tomás de Aquino demonstram uma posição que tem relação direta com a Educação. Afinal de contas, educar é justamente alterar o ambiente a fim de provocar e sensibilizar as pessoas para que aprendam. As falas de um professor, um debate em grupo, um problema a ser resolvido, um texto lido, um vídeo, uma imagem ou quaisquer outros elementos didáticos são uma alteração do ambiente.

Perceba também o quanto se falava sobre a importância da memória. É por isso que decorar informações é um dos fundamentos de uma educação tradicionalista. Lembre-se que naquele mundo poucos sabiam ler, existiam poucos livros e aos quais quase não se tinha acesso, e internet... nem pensar! A memória era realmente muito importante. Imagine que você poderia consultar um livro apenas uma vez na vida e não teria como fazer anotações sobre ele. A única possibilidade seria decorá-lo.

Tomás, em seu compromisso teológico, também apresenta, racional e metodicamente, cinco vias de pensamento para provar a existência de Deus. Pode-se perceber que a razão é direcionada para um objetivo de fé, ou seja, não é uma razão totalmente livre, pois ela tem os compromissos e limites teológicos típicos da medievalidade. Não deixa, no entanto, de ser Filosofia. O assunto desvia um pouco do nosso objetivo psicológico. Porém, para constar como curiosidade, as vias são: o movimento; a causa eficiente; o ser possível e o ser necessário; os graus de perfeição; e o governo do mundo (ABRÃO, 1999; REALE; ANTISIERI, 2003).

Encerrando nossa aventura medieval, percebemos que, apesar de alguns estudiosos dizerem que pouco se evoluiu na Idade Média, existem sim filosofias complexas e de grande influência na História ocidental. A patrística e a escolástica trazem reflexões profundas e pertinentes sobre a alma humana, influenciando fortemente a Filosofia, a Psicologia e a Pedagogia.

Sem medo de errar!

Não era exatamente um conflito entre fé e razão pelo qual passava Mariana, mas entre sua rotina diária e repetitiva, ou seja, aquilo que tinha de fazer; e a necessidade de

ser desafiada, de ir além, o que significa usar mais da sua razão, mas também buscar as coisas que acreditava e queria presentes em sua vida. Qual o motivo de se trabalhar tanto? O que esperava da vida com aquelas atividades todas? Ela sabia que esse era um problema de muitas pessoas. E uma das coisas que mais preocupa as pessoas e não poderia deixar de preocupar Mariana é o tempo.

As dicas que tinha relembrado através dos últimos cadernos que guardou eram da Filosofia Medieval. A inspiração que teve ao retomar Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino foi a de equilíbrio, de união de coisas diferentes e, por vezes, até opostas. Mas como fazer isso na prática?

A receita que recebia para solucionar o problema também não era uma receita simples. O que os filósofos da época faziam era explorar seus pensamentos e experiências, entendê-los de maneira cada vez mais complexa e utilizar esse conhecimento para dialogar e debater com pessoas que pensavam diferente. Educavam a si mesmos, os que queriam pensar como eles e os que pensavam de forma diferente da deles.

Mas como seria isso na vida de Mariana? Como desenvolver as potências da sua alma? Ela conseguia identificar essas potências nela mesma? Como seria imaginar uma vida ideal totalmente correta para comparar com a vida real que tinha? E o tempo? Como ela vivia o tempo? E como poderia entendê-lo de uma forma melhor para ela?

E você? Consegue desenvolver esses dois lados da vida: um prático e um desafiador? Consegue desenvolver suas faculdades para assimilar o conhecimento e, em seguida, assimilar o que precisa aprender a ponto de conseguir ensinar outras pessoas? Já pensou em como você vive o tempo de forma própria? Consegue mudar a forma de percebê-lo?



Atenção!

A escolástica prezava pela boa memória e pela repetição do conhecimento. Acreditavam que essa era a melhor forma de desenvolver as faculdades intelectivas da alma. A rotina, portanto, tem um motivo para existir e ser repetitiva. Pense em sua rotina e na de Mariana como uma oportunidade de organizar aqueles compromissos que realmente não podem faltar no seu dia a dia.



Lembre-se

Para Agostinho de Hipona, o tempo é algo complexo e difícil de se definir,

pois está ligado a experiências pessoais e subjetivas. Isso quer dizer que não há um único jeito de se organizar o tempo.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
Falar é fácil?	
1. Competência de fundamento de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica. Os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o desenvolvimento do pensamento psicológico conforme proposto pela patrística e pela escolástica.
3. Conteúdos relacionados	Santo Agostinho: a patrística e o neoplatonismo cristão; Santo Tomás de Aquino: a escolástica, o aristotelismo cristão e as potências da alma.
4. Descrição da SP	Você foi designado a apresentar um projeto para os diretores da empresa em nome de seu chefe, que não poderá estar presente. Porém, ele informou que há um grupo que se posiciona completamente contra a execução desse projeto. Orientou que se preparasse muito bem para defender com bons argumentos a proposta que está fazendo.
5. Resolução da SP	A patrística ficou marcada pela habilidade argumentativa dos seus participantes, e Agostinho talvez tenha sido o maior deles. O que dava vantagem a Agostinho era conhecer muito bem o outro lado, pois ele havia sido professor de filosofia pagã antes de se converter. Também vale a pena revisar as potências da alma descritas por Santo Tomás para entender melhor alguns aspectos tanto do projeto quanto dos críticos do projeto. Por exemplo, qual a motivação de cada um dos lados?



Lembre-se

Apesar de o conteúdo desta seção ser totalmente baseado no cristianismo, trata-se de um estudo de Psicologia. Sua ação, portanto, não deve envolver pregação religiosa ou julgamentos morais de ordem dogmática.



Faça você mesmo

Preste atenção na descrição das potências da alma feita por Santo Tomás e tente entender como você as utiliza. Alguns especialistas dizem que Santo Tomás de Aquino fez um "mapa" da alma humana. Que tal conhecer o seu mapa? É possível que suas habilidades argumentativas se tornem melhores com esse autoconhecimento.

Faça valer a pena

1. Teocentrismo é um conceito muito importante para se entender a Idade Média, pois determina todo um funcionamento e características sociais de determinada cultura humana. Diante disso, assinale a afirmativa que melhor exemplifica o teocentrismo medieval:

- a) Cumprir as obrigações religiosas era fundamental para todos; depois retomava-se a vida comum da maneira como achava melhor sem se preocupar muito com a religião.
- b) Deus era o centro de tudo e estava presente em todos os momentos na vida das pessoas.
- c) Devido à influência de Platão e Aristóteles, muito da cultura grega havia sido preservada durante a Idade Medieval, como, por exemplo, a noção sofisticada de que "O Homem é a medida de todas as coisas".
- d) As pessoas precisavam escolher uma religião e, mesmo que mudassem depois, precisariam se manter fiéis a ela.
- e) *Teo* significa "homem", de modo que teocentrismo significa que o homem está no centro de todas as preocupações sociais.

2. Um dos movimentos importantes para a formação da Idade Média e do estabelecimento do cristianismo foi a patrística, realizada pelos primeiros padres da Igreja. Escolha a afirmação que caracteriza com mais clareza seus objetivos:

- a) A patrística tinha como missão a construção de doutrinas e argumentos para buscar o diálogo e a conversão dos pagãos.
- b) Patrística significa trazer para sua pátria aqueles que não faziam parte da mesma cultura, levando ao rei os pagãos para serem julgados.
- c) Patrística quer dizer aquilo que é relativo aos padres, portanto fazia referência a uma ordem secreta exclusiva que acumulava o conhecimento, impedindo sua divulgação.
- d) Patrística refere-se a "pais" e era um movimento para que os religiosos adotassem novos discípulos como se fossem filhos.
- e) Patrística significa "filosofia da escola" e busca formar novos propagadores do cristianismo católico.

3. A escolástica é um elemento de extrema importância para a configuração da Idade Média, praticamente representando suas características principais. Qual seria a frase que mais se aproxima da sua definição ou características?

- a) Escolástica era um movimento de construção de escolas para alfabetizar a população e divulgar a leitura da Bíblia.
- b) Escolástica era a filosofia dos primeiros padres da Igreja e tinha como objetivo construir as primeiras doutrinas e argumentos para dialogar com o paganismo.
- c) Escolástica era uma forma de patrística que ocorria dentro das escolas.
- d) Escolástica diz respeito a "escolher", sinalizando ao novo integrante do clero de qual ordem religiosa fará parte.
- e) Escolástica é a filosofia cristã medieval que buscava equilíbrio entre fé e razão, baseando-se nas filosofias de Platão e Aristóteles.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- ABRÃO, B. S. **História da filosofia**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).
- ALVES, W. V. **Católicos x protestantes: a guerra dos trinta anos (1618-1648)**. [s.l.]: Sinergia, 2011.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BLANKE, H. W. Para uma nova história da historiografia. In: MALERBA, J. (Org.). **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORGES, V. P. **O que é história?** 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BRANDÃO, J. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BUENO, F. S. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.
- FAITANIN, P. S. **A pedagogia tomista**. Rio de Janeiro: Aquinate, s/d. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/a-pedagogia-tomista.php>>. Acesso em: 31 out. 2015a.
- FAITANIN, P. S. A pedagogia tomista. Rio de Janeiro: **Aquinate**, s/d. Disponível em: <<http://www.aquinate.net/portal/Tomismo/Filosofia/a-psicologia-tomista.php>>. Acesso em: 31 out. 2015b.
- FREIRE, I. R. **Raízes da psicologia**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GAARDER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GARCÍA MORENTE, M. **Fundamentos de filosofia: lições preliminares**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KERFERD, G. B. **O movimento sofista**. São Paulo: Loyola, 2003.
- MANCEBO, D. História e psicologia: um encontro necessário e suas "armadilhas". In: MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. (Orgs.). **História da psicologia no Brasil: novos estudos**.

São Paulo: EDUC/Cortez, 2004.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MOURA, C. B.; MENEZES, M. V. Mudando de opinião: análise de um grupo de pessoas em condição de reescolha profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 out. 2015.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 15. ed. Campinas: Papirus, 2004.

PRADO, E. M. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. **InterMeio**. Campo Grande, v. 16, n. 31, jan./jul. 2010, p. 124-33. Disponível em: <http://www.intermeio.ufms.br/revistas/31/31%20Artigo_08.pdf> Acesso em: 2 out. 2015.

PESSANHA, J. A. M. **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

_____. Vida e obra. In: **Santo Agostinho**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 5-26. (Os pensadores).

_____. Vida e obra. In: **Sócrates**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 5-32. (Os pensadores).

PLATÃO. **Diálogos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da filosofia**: patrística e escolástica. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage, 2009.

SOSA, D. A. C. As universidades medievais: estudo e formação. Rio Grande: **Biblos**, 2007. v. 21. p. 179-82. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_0b1a18d86f_0010962.pdf>. Acesso em: 31 out. 2015.

SOUZA, J. C. Fragmentos, doxografia e comentários. In: **Pré-socráticos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).

A MODERNIDADE E A FUNDAÇÃO DA PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA

Convite ao estudo

Seguimos com o conteúdo, agora em um novo período histórico da Psicologia. Ele se chama Modernidade ou Idade Moderna. É um tanto mais familiar para o nosso jeito atual de pensar. Há muito de Modernidade entre nós. Para chegar à Modernidade, conheceremos um movimento denominado Renascimento, e esse assunto será abordado na seção 2.1. Depois, as ciências começam a se consolidar. Da Medicina, surge a psicofísica, que será estudada na seção 2.2, e que avançará para a psicologia experimental, a ser estudada na seção 2.3. Foi ela que fundou a Psicologia como ciência. Na mesma seção, veremos o estruturalismo que, apesar de ser uma tentativa malsucedida de Psicologia, deixou importantes contribuições. A partir de então, finalizaremos a Unidade 2 apresentando na seção 2.4 uma corrente de pensamento e aplicação da Psicologia que deixou muitos frutos: o funcionalismo.

É dessa forma que continuaremos o desenvolvimento da competência de fundamento de área na disciplina História da Psicologia, que consiste em conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica, assim como conhecer os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.

Você já imaginou que tudo o que vimos até agora pertencia a um mundo sem a ciência da forma como a conhecemos hoje? E como surgiu a ciência? De onde veio esse jeito de pensar a realidade? É isso que estudaremos aqui.

Esse jeito novo de pensar é que prossegue evoluindo até que as ciências

tomem forma. Depois desse momento, nunca mais pensamos da mesma maneira. Fazemos questão do “cientificamente comprovado”. Entre essas ciências que surgem, está a Psicologia. Ainda de forma rudimentar, o pensamento psicológico aparece vindo de todos os lados e com diferentes características e possibilidades. Para desenvolver esse conhecimento de maneira prática, estudaremos usando uma situação geradora de aprendizagem que exemplifica um desafio da profissão e que trará problemas a serem resolvidos no decorrer das seções. Eis a situação:

Imagine que você, em busca de desafios e superações, decide prestar um concurso público apenas para saber como se sairia. Para sua surpresa, você passou nesse concurso. Claro que ficará muito feliz, mas é provável que não possa assumir a vaga, pois ainda não estará formado.

Agora, outra surpresa: a prefeitura da cidade onde você prestou o concurso demora para convocar os novos funcionários e os primeiros lugares desistem da vaga. Supondo que você esteja numa colocação que dê o tempo correto com sua colação de grau, pode ser chamado para trabalhar, por exemplo, num hospital público. Novamente você ficará feliz com seu grande mérito, mas, de repente, pode se dar conta de um problema: com exceção dos estágios da faculdade não terá nenhuma experiência profissional como psicólogo. E já vai precisar encarar uma grande responsabilidade: muitas pessoas para atender, equipe multiprofissional para integrar e tantos desafios que surgirem a cada dia em sua nova vida.

Você já se imaginou numa situação como essa? Penso que seja do seu maior interesse ajudar resolvê-la, pois um dia pode ser você quem esteja nesse lugar. A que recursos recorrer para começar uma vida cheia de desafios novos que surgem várias vezes por dia?

Seção 2.1

Renascimento e modernidade

Diálogo aberto

Os objetivos de aprendizagem a serem alcançados aqui são: compreender o Renascimento, o surgimento e as características do pensamento moderno; compreender a filosofia de René Descartes, o mecanicismo, o empirismo e o associacionismo, bem como o positivismo. Para isso, temos uma nova situação-problema a ser resolvida.

Você está num hospital público sem qualquer experiência profissional com exceção dos estágios da faculdade, e percebe que a realidade não para ou aguarda o seu tempo de adaptação. Entra uma maca, uma equipe se prepara para a cirurgia, alguém deixa o quarto ao receber alta, uma família chora, outra sorri... os acontecimentos não param. É necessário se adaptar logo. Para isso, precisa entender como tudo funciona, como as coisas se encaixam e se influenciavam mutuamente por ali.

As dúvidas permanecem: o que fazer primeiro? Onde seu trabalho é mais necessário? Como lidar com as demandas tão específicas que lhe pedem? Como entender a linguagem médica e o funcionamento do hospital?

O pensamento médico moderno nasceu na mesma época da formação da Psicologia, e as forças filosóficas presentes nele estão ligadas às influências que a Psicologia recebeu para se tornar ciência: mecanicismo, reducionismo, determinismo, empirismo, associacionismo, positivismo. Mas como essas escolas ou doutrinas estariam no pensamento psicológico? E como estariam presentes naquele lugar? De que forma o pensamento dessas doutrinas todas poderiam ajudar numa situação em que o corpo era a queixa predominante? Haveria espaço para um sofrimento "da alma", mesmo sendo algo tão diferente? Como poderiam essas coisas tão diferentes estar juntas na mesma pessoa?

É necessário assimilar como você desempenharia sua função ali, sendo que observará as pessoas relatando problemas físicos e não psicológicos. Os médicos registram os diagnósticos das doenças físicas, e é preciso encontrar uma forma de intervir e ajudar com o caso.

Existem maneiras mais eficazes que outras para atender portadores de determinados tipos de doenças físicas? E em casos em que você não conhece as doenças diagnosticadas? É possível ajudar as pessoas mesmo assim?

O que você faria nessa situação? A que tipos de pensamento, conceitos e explicações recorreria para entender o funcionamento da Psicologia num ambiente tão complexo como um hospital? Como o conteúdo desta seção poderá ajudar?

Não pode faltar!

Como sempre acontece na História, é claro que uma época não acaba de repente de uma hora para a outra. Ocorreu todo um processo histórico, social, econômico, filosófico e cultural para que a Idade Média terminasse. Como nosso foco aqui é a Psicologia, não é necessário detalhar com profundidade como se deu essa mudança. O que é importante saber é que, aos poucos, as pessoas e a sociedade foram mudando. A Igreja perdeu parte de seu poder, os castelos ficaram abandonados, surgem as cidades e uma nova classe social começa a ganhar importância: a burguesia. Esse nome não apareceu à toa. Burguesia refere-se a “burgo”, palavra que também tem sua história.

Durante a Idade Medieval, havia uma área em torno do castelo habitada pelo povo, que ali trabalhava, morava e fazia o comércio. O morador do castelo era o nobre proprietário dessas terras e responsável por proteger o povoado de possíveis inimigos. Para isso, havia uma área mais reclusa e fortificada chamada burgo. Era uma área militarizada para onde a população podia correr no caso de um ataque. Com o tempo, formaram-se cidades fortificadas nos burgos e, com a decadência da nobreza, dos castelos e do modo de vida medieval durante o século XIV, os burgos acabaram crescendo e se tornando verdadeiras cidades protegidas, muradas (AQUINO, 1983).

Após a queda dos nobres, os habitantes dos burgos – chamados de burgueses – continuaram morando por lá e tocando suas atividades normalmente. Porém, precisaram criar uma estrutura social até então inexistente, envolvendo política, segurança, comércio, estudo, cultura etc. Essa foi a mudança necessária para que se desenhasse o contexto histórico essencial para o surgimento do Renascimento. A burguesia que sempre teve dinheiro, mas não tinha status social, começou a ser classe de destaque, pois o dinheiro passou a ser mais valoroso que a linhagem de nobreza. À medida que as mudanças aconteciam, o clero também perdia seu poder, deixando mais espaço para a expressão humana que não visava mais à adoração divina teocêntrica. A rigidez medieval se esgotava, e a razão humana típica da Antiguidade retornava (AQUINO, 1983).

Retornavam também aspectos das culturas greco-romanas, como o

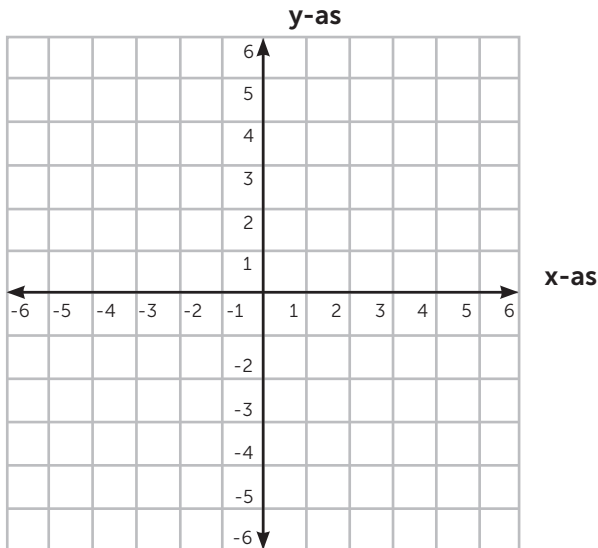
antropocentrismo. Devido a toda essa reinvenção pela qual passava a Europa, Francesco Petrarca (1304-1374), o fundador do movimento chamado humanismo – que consistia na revalorização do ser humano – deu à época o nome de Renascimento ou Renascença (REALE; ANTISIERI, 2004).

O Renascimento foi uma época de muita riqueza cultural, intelectual, artística, religiosa e de muitos outros avanços para a humanidade. O homem renascentista é aquele que, oprimido durante mil anos, de repente se vê livre para criar, dotado de grande capacidade racional e habilidade manual. Ele busca, então, desenvolver ao máximo toda sua potencialidade, o que é chamado de homem universal. A figura que melhor representa esse momento é nada mais nada menos que Leonardo da Vinci (1452-1519). Da Vinci é conhecido pela qualidade e variedade de sua obra: contribuiu com a Pintura, a Escultura, a Filosofia, a Literatura, a Engenharia, a Arquitetura, a Tecnologia e Estratégia de guerra, a criação de códigos secretos, a Anatomia, a Matemática, a Botânica, a Poesia, a Música, o Desenho. Entre seus projetos, foram encontrados desenhos de uma espécie de avião, de um tanque de guerra, de formas de uso da energia solar, de uma calculadora, entre outras anotações e ideias.

O homem passa, então, de adorador passivo que vive em função e obediência a Deus, a criador de si mesmo, ativo e singular. Várias pessoas em diversas áreas do conhecimento humano foram revolucionárias nesse período, deixando-nos um importante legado até os dias de hoje. Além de Leonardo da Vinci, veja alguns nomes e áreas em que foram influentes. Religião: Martinho Lutero, participa da reforma protestante; Ciência: Copérnico e Galileu, desenvolveram o heliocentrismo, ou seja, a teoria de que a Terra é que girava em torno do Sol e não o contrário; Política: Maquiavel, propõe uma política estratégica; arte: Da Vinci e Michelângelo, pinturas e esculturas históricas; literatura: Miguel de Cervantes, *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha* (considerado o primeiro romance da história); filosofia: Michel de Montaigne, cria o “ensaio” (estilo filosófico); poesia e teatro: William Shakespeare, peças históricas e marcantes, como *Hamlet* e *Rei Lear*. Essa tendência continuou, não com o mesmo impacto, claro, mas no desenvolvimento do conhecimento humano através da razão.

Um destaque especial vai para René Descartes (1596-1650), filósofo e matemático francês, que cunhou a famosa frase “penso, logo existo”. A pronúncia do seu nome é “Decarte”, e o nome utilizado por Descartes quando escrevia em latim era Cartesius. Por isso, fala-se em “cartesiano” para se referir ao que é relacionado a Descartes e não “decartiano”. Vamos entender como ele chegou até aqui. Descartes teve inúmeras contribuições para o pensamento ocidental, incluindo, na Matemática, o plano cartesiano, no qual é possível estabelecer os eixos x na horizontal e y na vertical para traçar um gráfico, conforme pode ser conferido na Figura 2.1.

Figura 2.1 | Plano cartesiano



Fonte: Por KoenB (Trabalho próprio pelo carregador) [Domínio público], Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3A2D_Cartesian_Coordinates_nl.svg>. Acesso em: 21 nov. 2015.



Exemplificando

Desde a seção 1.1, falamos de pensamentos que continuam valendo até hoje, mas talvez nem sempre isso fique claro. No caso do plano cartesiano, é muito simples explicar como isso acontece. Quando se traça um eixo x na horizontal e um eixo y na vertical, cria-se uma espécie de régua que permite localizar qualquer ponto naquele espaço definido. Ainda muito teórico, não é?

Então, imagine que esse espaço (plano) é uma tela. Pode ser de qualquer aparelho: TV, computador, celular, tablet, videogame, ou até mesmo uma imagem projetada por holograma. Se você prestar atenção, verá que as telas são feitas de pequenos pontos ou quadradinhos. Cada um deles se chama pixel (pronuncia-se "píxel"). Cada imagem que você vê numa tela exige uma enorme quantidade de informação, dizendo qual será a cor de cada pixel. Para isso, é preciso que se tenha a informação exata de onde está cada pixel. Essa informação é permitida justamente pelo plano cartesiano. Assim, é possível atribuir um endereço a ele, como $x847, y78$. Com vários endereços, uma tela inteira é desenhada.

Isso significa que, com informações pontuais, é possível construir e compreender um "todo" mais complexo.

Porém, foi com suas dúvidas que Descartes mais contribuiu, deixando um legado de influência direta ainda por séculos após a sua morte. Filosoficamente, Descartes um dia se perguntou: “o que é que me prova que isso que percebo do mundo é real?”. Nenhuma resposta o satisfazia, pois ele sempre encontrava uma brecha pela qual poderia estar sendo enganado. Por exemplo, não podia confiar em seus sentidos, pois há inúmeros relatos de ilusões de ótica e percepções enganosas das coisas.



Faça você mesmo

Quando estiver viajando pela estrada num dia de calor e tiver uma visão de longe, de preferência para um lugar mais abaixo de onde você está, preste atenção se tem a impressão de que há uma poça de água lá na frente. À medida que vai se aproximando, a poça desaparece. Esse fenômeno se chama “miragem” e é um dos motivos que levaram Descartes a não confiar nos sentidos e nas aparências, pois elas podem nos enganar.

Porém, ele levava a sério essas dúvidas, analisando-as metodicamente. Descartes chegou a cogitar até que poderia estar sonhando e que, assim que acordasse, perceberia que tudo não passava de ilusão. Ou que poderia estar sendo iludido por um Gênio Maligno enviado por um Deus enganador, que lhe forneceria ao espírito certas matemáticas nas quais ele acreditaria, mas seriam falsas. Afirmar que $2 + 3 = 5$ não passa de imaginação e, portanto, pode ser um engano.

Nada convencia Descartes a ter uma certeza, fosse qual fosse. Até que ele se deu conta de uma constatação da qual não podia duvidar: o fato de que, naquele momento, ele estava duvidando. Sim, sua única certeza era a dúvida. Porém, a partir da lógica, é possível deduzir algo dessa constatação. Por exemplo, ao duvidar, estava pensando, raciocinando ao buscar resposta para suas dúvidas. Sendo assim, o pensar torna-se a primeira certeza da filosofia cartesiana. Em latim, sua afirmação era “*Cogito, ergo sum*”. A tradução literal seria algo como “Penso, então eu sou”, ou “Penso, portanto existo”. A forma como ela ficou conhecida, porém, é “Penso, logo existo”, considerando o “logo” típico da Lógica (DESCARTES, 1999).

Mas o que quer dizer isso? Quais as consequências? Isso significa que, para Descartes, a razão é anterior a qualquer outra coisa. Ela existe, antes de tudo, como fundadora da existência humana. A principal consequência dessa conclusão foi a fundação do racionalismo como uma importante corrente filosófica.

Outra consequência – importante para a Psicologia – foi a divisão realizada por Descartes ao descrever o cogito. Ao ter certeza da razão, Descartes descreve que pode compreender dois componentes de si: uma coisa que pensa (*res cogitans*) e uma coisa que ocupa espaço (*res extensa*). Essa seria justamente a divisão mente-corpo tão discutida na Psicologia.

Sobre a *res extensa*, ou melhor, sobre o corpo, para Descartes, ele era apenas um mecanismo que recebia ordens da *res cogitans* (mente ou alma). Isso acontece através de uma glândula existente no cérebro, que Descartes chamou de pineal. Essa visão do corpo como mecânico foi um impulso para a retomada de uma doutrina fundamental para a composição do pensamento moderno: o mecanicismo.

Como já vimos na seção 1.2, algumas ideias dos pré-socráticos, principalmente Demócrito, já deixavam pistas para uma visão mecanicista do mundo. Na Idade Moderna, essa tendência ressurgiu com outros aspectos que a tornaram completamente viável. O *zeitgeist* dos séculos XVII a XIX demonstra o predomínio do mecanicismo como compreensão de mundo. Para essa doutrina, o mundo era como um relógio construído por Deus. Todas as peças se encaixavam lógicamente e perfeitamente, e Deus, o grande relojoeiro, era o responsável por manter o relógio em funcionamento.

Também existem outras consequências diante dessa forma de pensamento. Se imagino um mecanismo em funcionamento, imagino uma série de peças movimentando-se de forma conjunta. Dessa imagem, podem-se deduzir duas coisas: 1) reducionismo, ou seja, é possível e necessário reduzir o foco em apenas uma ou algumas peças separadas do todo para compreender a sua função; 2) determinismo, a ideia de que uma peça define o movimento da outra peça que vem posteriormente na sequência, ou seja, uma peça empurra a outra, fazendo com que seus movimentos sejam definidos pela peça anterior. Uma engrenagem empurra a outra, que mexe o ponteiro. Segundo essa doutrina, seria possível transferir esse olhar para todo o Universo, incluindo o corpo e a mente humanos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Assimile

Mecanicismo: doutrina filosófica que compreende as coisas como um grande mecanismo.

Reduccionismo: procedimento de dividir o todo em partes menores.

Determinismo: princípio segundo o qual uma coisa define o movimento de outra coisa em uma relação de causa e efeito.

Esses três conceitos se complementam. Se há uma compreensão mecanicista, é possível reduzir a atenção do mecanismo como um todo a apenas uma peça (reduccionismo). Ao observar uma peça em funcionamento mecânico, percebe-se que o movimento dela define o movimento de outra.

Outra corrente filosófica que despontava a partir da Filosofia era o empirismo. Empirismo é a filosofia que apenas reconhece o conhecimento quando ele vem da observação e da experiência. Talvez não tenha ficado tão claro, mas esse pensamento

é exatamente oposto ao de Descartes. Se Descartes confia apenas na sua razão e desconfia do mundo externo, os empiristas confiam apenas no mundo externo e desconfiam da razão introspectiva. No entanto, os dois lados preparavam a base científica do futuro, que virá a considerar tanto o momento introspectivo e racional como o momento empírico de uma pesquisa (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Tente olhar para uma situação em funcionamento de forma mecanicista e empirista, ou seja, entenda-a como se fosse uma máquina. Aplique os conceitos do reducionismo e do determinismo para se concentrar em partes menores e nas relações entre elas. A partir de então, passe a considerar apenas as informações que você observar e não o que você imagina, espera ou acredita. Foi mais ou menos assim que as ciências modernas se formaram. Com certeza, essa forma de pensamento tem mérito nessa concepção.



Exemplificando

Numa clínica, existe um funcionamento do “todo”. Porém, para entendê-lo sempre vamos por partes. Reduza esse todo, por exemplo, aos profissionais e etapas de um processo, colocando-os em ordem de ação. Primeiro, é preciso marcar a consulta com a secretária, depois comparecer à consulta com o médico, pegar guias para exames, ir ao laboratório. Não posso passar por consulta sem marcá-la, nem ir ao laboratório sem as guias. Para entender a situação funcionando como um todo (meccanicismo), é preciso reduzi-la em partes (reducionismo) e entender que etapas precisam ser cumpridas para chegar às seguintes (determinismo).

Outras forças de pensamento aparecem na filosofia científica da época: o materialismo, o positivismo e o associacionismo. Materialismo é a tendência de acreditar apenas naquilo que é material, ou seja, concreto, físico. Assim, por exemplo, só se dá crédito quando uma hipótese é comprovada em um teste de laboratório.

O positivismo não é bem um pensamento, mas um movimento, uma doutrina materialista representada principalmente por Auguste Comte (1798-1857), que reconhecia apenas os fenômenos observáveis. Combatia o idealismo e considerava válidas apenas as informações quantitativas. A ideia do positivismo era conseguir criar explicações e intervenções em todo o Universo, visto que o entendiam como mecânico. Se há um mecanismo, é possível conhecê-lo e dominá-lo. O lema do positivismo era “saber para prever, prever para prover”, ou seja, conhecer para prever e controlar. O sonho positivista era, um dia, conseguir controlar todas as forças da

natureza. Era um movimento tão pretensioso que propunha, inclusive, uma religião positivista, toda baseada em conhecimentos lógicos e objetivos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Refleta

Você já pensou sobre o que as pessoas acham da Psicologia? A impressão que as pessoas costumam ter de ciência é justamente uma impressão positivista de que a ciência teria um poder de manipulação e controle sobre tudo. É por isso que ficam desconfiadas de estudantes de Psicologia, achando que eles a estão “analisando”; elas têm medo de ser manipuladas sem perceberem, considerando que a ciência psicológica de pretensão positivista é tão poderosa assim.



Vocabulário

Idealismo: de tendência oposta à do materialismo, o idealismo é uma filosofia que só dá credibilidade às coisas que não têm concretude, pois considera a verdade espiritual, mental ou subjetiva superior (HOUAISS; VILLAR, 2009).



Pesquise mais

Você sabia que a inscrição “Ordem e Progresso” na bandeira do Brasil é um lema positivista? Aprenda mais sobre a influência do positivismo no Brasil nesta reportagem da revista História Viva da Duetto Editorial: SÊGA, R. A. Ordem e progresso. **História viva**, São Paulo, n. 5, mar. 2004. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/ordem_e_progresso_imprimir.html>. Acesso em: 8 nov. 2015.

A última doutrina citada, o associacionismo, apesar de ter esse nome enrolado, não é difícil de entender. Ela se baseia na associação de ideias, ou seja, entende que é possível unir ideias simples e, assim, compor ideias complexas. É uma espécie de “atomismo psicológico”. Vários filósofos – enfaticamente os ingleses – defenderam essa doutrina, que teve bastante repercussão na psicologia científica, desde seu precursor, John Locke (1632-1704), e David Hume (1711-1776), seu fundador, passando por David Hartley (1705-1757), James Mill (1773-1836) e John Stuart Mill (1806-1873). As ideias simples seriam as mais básicas, ligadas a sensações físicas e que, unindo-se, constroem as complexas (ABBAGNANO, 2014; SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Todos esses filósofos também são considerados empiristas e desenvolveram algumas noções importantes para o início da Psicologia, como, por exemplo, a ideia de que, quanto mais se repete uma associação, mais rápida ela se torna. Uma

ideia que merece destaque é um conceito de John Stuart Mill denominado síntese criativa. Com ele, Mill, diferentemente da característica dos empiristas, reconhece uma possibilidade de subjetividade, pois afirma que não ocorre apenas a união dos elementos, mas alguma combinação a mais que cria algo novo, indo além da simples união associativa. "Algo" acontece dentro do sujeito e o que sai é uma coisa nova (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Com todo esse histórico, o pensamento moderno se mostra bastante preocupado com o controle e a prática, conforme o próprio pensamento positivista de conhecer para prever e controlar.

Sendo assim, desde o Renascimento e seu resgate da capacidade de raciocinar, uma série de pensamentos úteis para a resolução de problemas foi construída. Como no plano cartesiano, podemos descobrir informações pontuais para construir uma visão do todo e confiar na razão mais que nas impressões ilusórias. O mecanicismo, juntamente com o reducionismo e o determinismo, nos auxilia a fazer esse processo: dividir em partes e entender a relação entre as peças para conceber o funcionamento do todo. O materialismo exige que as ideias sejam concretizadas, assim como o empirismo, que só acredita naquilo que é feito na prática. Por isso, são bastante úteis na "engenharia de problemas", ou seja, em formas de entender e resolver problemas. John Stuart Mill, porém, acrescenta em uma pitada de subjetividade nessa receita toda ao propor o conceito de síntese criativa, no qual afirma que algo acontece dentro do sujeito que resulta numa ideia original. Pode-se ver, então, que a Psicologia vai se desenhando no meio de toda essa influência.

Sem medo de errar

"O caos!". Talvez seja a expressão que se tenha ao viver aquela situação de estar trabalhando num hospital sem experiência. É necessário descobrir o papel de um psicólogo hospitalar, tendo total consciência de que não é o mesmo do médico. É preciso localizar seu campo de atuação (Psicologia) diante de um diagnóstico médico.

E que tal tentar entender o hospital como uma grande máquina na qual cada profissional tem sua função? É possível notar que, de certa forma, o pensamento científico clássico funciona dentro do hospital em que começou a trabalhar.

Nesta seção, vimos uma série de possibilidades de pensamento que podem ser utilizadas para sistematizar sua compreensão desse novo e surpreendente trabalho. O mecanicismo, por exemplo, é um pensamento típico da Medicina clássica.

Ali estão presentes ferramentas que mudaram séculos do pensamento humano, como empregá-las no seu dia a dia? Na verdade, estamos usando o tempo todo essas influências no nosso cotidiano sem nos darmos conta disso.

A diferença entre fazer as coisas no senso comum e fazer as coisas profissionalmente é o grau de consciência que temos dela. O que estamos realizando aqui é clarear e conceituar os processos de pensamento. Quando você se vê diante de uma situação complexa, acredita ser capaz de compreendê-la através da razão; procura definir as etapas do processo e entender as relações entre elas; acredita nas informações lógicas, racionais e empíricas e, muitas vezes, associa a situações anteriores, chegando até a criar uma nova solução.

René Descartes e os empiristas trouxeram uma série de possibilidades de pensamento sobre o corpo e a mente. Seria possível conhecer, prever e controlar os sintomas psicológicos? Como você faria para lidar com toda essa dificuldade? Conforme vimos no parágrafo anterior, é possível aplicar esse tipo de raciocínio a fenômenos psicológicos ou a psicopatologias, buscando entender suas causas, seu funcionamento, elaborar uma forma de intervenção nesse processo.



Atenção!

Todas essas ideias foram criadas e detalhadas justamente para embasar o método científico. Portanto, com calma, é possível encontrar maior correlação entre teoria e prática e conseguir ter uma maior sensação de controle.



Lembre-se

Um dos pontos fortes tratados é justamente conseguir focar uma coisa de cada vez, descobrindo sua função e sua relação com as outras coisas. Para o positivismo e outras doutrinas mecanicistas, o mundo era uma grande máquina e, portanto, possível de ser compreendida.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
Quem tem razão?	
<p>1. Competência de fundamentos de área</p>	<p>Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.</p>

2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o Renascimento, o nascimento e as características do pensamento moderno. Compreender a filosofia de René Descartes, o mecanicismo, o empirismo e o associacionismo. Compreender o positivismo.
3. Conteúdos relacionados	O retorno da razão humana; mecanicismo, reducionismo e determinismo; René Descartes; o empirismo e o associacionismo; positivismo.
4. Descrição da SP	<p>Você vai para uma reunião no hospital e, ao conhecer o dia a dia dos seus diversos setores, começa a reparar que todas as orientações de funcionamento a serem seguidas nem sempre acontecem na prática.</p> <p>Os profissionais muitas vezes parecem ignorar o protocolo e fazer as coisas de outra maneira. Porém, essa maneira também possui seu jeito de funcionar. Por ficarem muito preocupados com a padronização dos processos devido aos procedimentos para evitar riscos de contaminação, os dirigentes tornaram-se temerosos. Eles percebem que alguma dedicação em determinados pontos faria toda a diferença.</p> <p>Mas conseguem ter mérito em outras questões relacionadas à interação e boa convivência entre os profissionais de saúde e resoluções de problemas emergenciais. Os profissionais, muitas vezes, resolvem questões muito graves que nem chegam aos ouvidos dos superiores. Às vezes, não chegam de propósito, devido ao risco existente.</p> <p>Você percebe, então, que há duas realidades distintas: aquela que foi concebida para que tudo funcionasse e aquela que realmente acontece. Os dirigentes não pressionam mais os profissionais porque acreditam que eles conseguem evitar problemas graves, e os profissionais não levam suas impressões como proposta de mudança por medo de serem punidos.</p> <p>Há uma saída para essa situação? A quem você dá crédito? À concepção mecanicista positiva criada para funcionar ou à realidade empírica dos funcionários?</p>
5. Resolução da SP	Você tem dois caminhos a seguir para resolver essa SP: o caminho do funcionamento mecânico e o caminho da observação empírica. Essas propostas seriam excludentes ou haveria a possibilidade de conciliar ambos os olhares?



Lembre-se

Além das ideias básicas, sempre é possível criar associações complexas inéditas.



Faça você mesmo

O funcionamento mecanicista e positivista, muitas vezes, é proposto a partir de uma teoria que deve ser obedecida durante a aplicação prática. O empirismo costuma funcionar, mas, se não houver uma busca maior, ele se mantém no nível da resolução de problemas sem maior aprofundamento.

Pesquise na internet sobre a diferença e a relação entre diferentes tipos de pesquisa científica, principalmente a questão entre pesquisa teórica e pesquisa empírica.

Faça valer a pena

1. O período denominado Modernidade ou Idade Moderna foi o período de solidificação de doutrinas que prezavam pelo conhecimento objetivo e lógico. Assinale a opção que demonstra por que isso foi possível.

- a) Porque o desenvolvimento pedagógico promovido pela escolástica começou a demonstrar resultado nessa época.
- b) Porque haviam conseguido provar que o conhecimento subjetivo não era capaz de produzir nenhuma teoria convincente.
- c) Porque a objetividade lógica fazia parte do positivismo, que contava com uma forte pressão no meio intelectual para que fosse considerada verdadeira.
- d) Porque a subjetividade e o absurdo eram considerados pecaminosos pela Igreja católica, e essa tendência se manteve até então.
- e) Porque o Renascimento trouxe a revalorização da razão humana, permitindo que ela se desenvolvesse em um nível científico.

2. Dentre as filosofias que se destacaram durante a Modernidade, o empirismo teve uma relevância fundamental para a formação da ciência. Assinale a opção que demonstra qual o ponto de vista empirista que influenciou na gênese do pensamento científico moderno.

- a) Considerar como válido apenas o conhecimento que pode ser observado ou é fruto da experiência.
- b) Utilizar uma base de conhecimento constituída por Empiris, que são elementos que fundamentam a realidade.
- c) Prezar pelo conhecimento empírico, o que significa confiar apenas na dúvida e na capacidade de raciocinar, duvidando de todo o resto.
- d) Pretender dominar a natureza, chegando a proclamar, inclusive, uma religião baseada na objetividade.
- e) Confiar apenas em dados provenientes da lógica subjetiva, o que colaborou para a investigação de aspectos psicológicos em geral.

3. Uma das correntes filosóficas mais peculiares da Modernidade é o positivismo. Seu movimento era tão pretensioso que chegou a propor uma religião positivista. Assinale a afirmação que demonstra um de seus lemas.

- a) O determinismo das pessoas pode levar a uma atmosfera de positividade.
- b) "Um por todos e todos por um."
- c) "Saber para prever, prever para prover."
- d) O mundo superior descrito por Platão, um dia, será conquistado.
- e) "Ordem, progresso e leis da natureza."

Seção 2.2

A psicofísica e as influências da fisiologia

Diálogo aberto

Há quem imagine que um profissional está sempre seguro e não tem mais dúvidas sobre que atitudes tomar em determinadas situações. Entretanto, é inevitável que aconteçam situações em que se sinta perdido e sem saber o que fazer.

Por vezes parece haver um preconceito muito grande com relação à função e à profissão do psicólogo. Isso pode acontecer tanto no senso comum como na opinião de outros profissionais. Alguns profissionais da saúde, por exemplo, poderiam achar que o psicólogo no hospital não tem muito para fazer, que deveria se concentrar na clínica, pois o hospital é para problemas físicos. Poderiam até mesmo dizer que os pacientes com sintomas psicológicos ou psiquiátricos querem chamar a atenção. Outros profissionais poderiam acreditar que a doença que o paciente traz é espiritual, então ajudariam de forma bastante compreensiva, indicando um centro espírita ou uma igreja para que orientem a pessoa. Mas, seja num caso ou em outro, não veem possibilidade de intervenção do psicólogo na área da saúde.

Em certas situações, há pessoas que até dizem essas coisas para o próprio psicólogo. Nesse caso, o que você responderia?

Se já vimos que a Psicologia não é igual ao senso comum, pois requer rigor filosófico e científico, e que também não é religião, pois compartilha do pensamento científico e não de crenças dogmáticas, chegou a hora de percebermos que a Psicologia também não é uma mera extensão da Medicina nem uma passagem para a Teologia.

Nesta seção, o objetivo é compreender a Psicofísica e localizar a Psicologia como uma área diferente da Medicina, indo além dos domínios da Fisiologia. Os primeiros investigadores científicos da Psicologia eram médicos fisiologistas que perceberam os limites do campo da Medicina e afirmaram que a Psicologia seria a ciência para ir além, atingindo outro campo de conhecimento e atuação.

Muitos médicos e outros profissionais da saúde são bastante competentes em sua área, mas desconhecem os fenômenos psicológicos. Não precisamos e não

devemos ser rudes com eles, mas também não podemos deixar que tenham essa péssima impressão do psicólogo e da Psicologia. Afinal, a intenção é que trabalhemos em conjunto e não uma área contra a outra.

O que você diria nessa situação? Como você explica e localiza de forma científica os fenômenos psicológicos em sua origem? Aliás, é bem possível que um dia você esteja nessa situação. Pense bem na sua resposta.

Não pode faltar!

O país que hoje conhecemos como Alemanha sempre foi uma área de grande instabilidade política, guerras e revoluções. A própria definição de nome e território mudou várias vezes. Se a política maior era problemática, alguma organização acontecia em pequena escala: cidades e vilarejos encontravam sua forma de buscar certa ordem. Como costumamos ouvir por aí, “há males que vêm para bem”, e pode-se dizer que isso aconteceu com a Alemanha. Uma das características desse território, principalmente no século XV, foi o grande número de universidades construídas e em funcionamento.

A combinação entre a desorganização política e o alto número de universidades facilitou para que essas instituições de ensino fossem bastante independentes de um sistema nacional naquela época. Isso significa que os professores e os alunos eram totalmente livres para estudar e pesquisar o que e como achassem melhor.

No decorrer do século XIX, aconteceu uma grande revolução na educação científica da Alemanha, possibilitando uma relação de maior troca de ideias e informações entre a Filosofia e a Ciência. Isso já acontecia a partir do pensamento de vários filósofos, como autores de escolas derivadas dos pensamentos de Descartes, que criaram a Filosofia da Mente. No contexto descrito aqui, as evoluções vêm da área médica e fisiológica (HEARNshaw, 1987).



Vocabulário

Filosofia da Mente: área da Filosofia que, a partir da discussão do problema mente-corpo, considera a existência e estuda as características da mente como substância pensante, imaterial e independente, mas que depende de um corpo para mantê-la. Os estudos da Filosofia da Mente abordam estudos de inteligência artificial, ciências cognitivas e redes neurais (ABBAGNANO, 2014).

Uma das consequências dessa liberdade foi a possibilidade de se estudar o que tinha interesse, e o maior interesse da época era estudar Psicologia. Vários laboratórios

de Psicologia foram construídos, gerando muitas pesquisas sobre o assunto (HEARNshaw, 1987). Há vários autores que colaboraram com esse desenvolvimento. Porém, dois merecem destaque pela contribuição à formação da Psicologia: Hermann von Helmholtz (1821-1894) e Gustav Theodor Fechner (1801-1887).

Helmholtz foi um cientista múltiplo. Um dos grandes nomes do século XIX. Suas pesquisas foram influentes na Física, na Fisiologia e na Psicologia. Guiava-se pelos princípios do mecanicismo, reducionismo e determinismo. Para ele, os órgãos dos sentidos funcionavam da mesma forma que uma máquina, o que possibilitava a aplicação desses princípios. Um dos fenômenos que intrigavam a Fisiologia da época era a transmissão de impulsos nervosos elétricos pelo organismo. Para Helmholtz, seu funcionamento era semelhante ao telégrafo e assim direcionou pesquisas que pretendiam investigar como se dava essa transmissão. Futuramente, essas mesmas pesquisas foram utilizadas para o desenvolvimento do telégrafo sem fio e do rádio (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Vocabulário

Telégrafo: antigo instrumento utilizado para comunicação em longa distância. Uma espécie primitiva de telefone. Porém, como não havia tecnologia para a transmissão de voz, a comunicação era feita através de um código que, combinando sons curtos e longos, criou um alfabeto de “bips” chamado Código Morse.

Com sua atividade teórica e experimental, Helmholtz era a favor de que os cientistas não apenas estudassem, mas produzissem aparelhos e máquinas que pudessem controlar as variáveis de uma pesquisa ou interferissem diretamente no fenômeno pesquisado. Para ele, a ciência tinha de ser prática. Com isso, ao estudar a visão, Helmholtz produziu uma série de equipamentos utilizados até hoje para fazer exames oftalmológicos; ao estudar a audição, produziu instrumentos de ressonância que faz vários dos sons típicos da música eletrônica e efeitos especiais que conhecemos hoje.

Com essa filosofia científica, Helmholtz criou uma forma de medir o tempo de reação de um músculo ao estímulo de um neurônio a partir de um experimento com a perna de um sapo. Ele estimulava com um choque um neurônio e conseguia medir o momento exato da contração muscular. Foi a primeira medição empírica da transmissão neuronal. Até então, os cientistas acreditavam que essa transmissão fosse praticamente imediata. Os dados de Helmholtz, porém, trouxeram a medida de 27 metros por segundo (27 m/s), que, embora seja bastante rápida, é bem mais lenta do que se imaginava.



Assimile

Estímulo: qualquer agente externo que provoque uma reação fisiológica no corpo, despertando o processo perceptivo (HOUISS; VILLAR, 2009). Uma imagem, por exemplo, recebe luz que reflete na retina, estimulando o nervo óptico; um som vibra o ar, que vibra o tímpano, estimulando o nervo auditivo.

Em seres humanos, ele percebeu que esse número trazia uma grande variação de uma pessoa para outra e até na mesma pessoa em duas testagens diferentes, o que fez com que desistisse de novos experimentos com humanos. Porém, vários pesquisadores se inspiraram nos resultados de Helmholtz para desenvolver estudos diversos, uma vez que este foi um dos primeiros trabalhos de pesquisa de processos psicofisiológicos.

Por causa disso, também deixou um grande legado de metodologia científica, ou seja, de formas bastante práticas e rigorosas para o estudo da psicologia científica. Seu trabalho, assim como o de Fechner, fortaleceu o contexto para que surgisse a psicologia experimental, a ser estudada na próxima seção (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Para os fisiologistas, o que une o homem ao mundo são as sensações. Por isso, elas eram seu maior objeto de estudo. Sensação é a tradução fisiológica do que é captado pelos órgãos dos sentidos. Lembra-se de que Descartes dizia não confiar nos sentidos porque eles nos enganam? Não é interessante pensar sobre isso?



Assimile

Sensação: se o estímulo é o evento externo que influencia o órgão do sentido, a sensação é a parte fisiológica desse processo, ou seja, como o corpo transforma e transmite esse evento externo em informação interna percebida.

Num ponto de vista mecanicista, acreditava-se que os órgãos dos sentidos reproduziam o mundo exterior com exatidão para o mundo interior. Com o tempo, identificaram que aquilo que percebemos não é exatamente igual ao mundo externo. Porém, o mundo continuava existindo e sendo comum a todos. Nessa época, os pesquisadores ficaram intrigados com isso e resolveram estudar melhor essa relação entre o mundo externo e o que é percebido dele.



Faça você mesmo

Para perceber como há uma diferença entre aquilo que é um evento

externo (estímulo) e o que é a assimilação desse estímulo por parte do corpo (sensação), faça uma brincadeira que aprendemos quando crianças. Peça para alguém fechar os olhos e estender um braço com a parte interna do antebraço voltada para cima. Encoste levemente no pulso a ponta de um dedo ou algum objeto fino e, vagorosamente, vá escorregando na direção do braço. Peça para a pessoa que está de olhos fechados dizer “pare” quando você chegar à junção da divisão do braço do antebraço. É muito comum que a pessoa diga o “pare” antes de chegar, mas jura que sentiu que você havia tocado o lugar exato. Dessa forma, você poderá entender na prática como a percepção que temos do mundo não é exatamente o que ocorre no mundo lá fora. Esse é o campo de atuação da Psicologia: o princípio do que é subjetividade, ou seja, do que diz respeito ao sujeito.

As diferenças entre o que percebemos e o que é a realidade objetiva são interessantes. Por exemplo, quando os ventiladores de uma sala estão ligados e todos estão se esforçando para falar e para ouvir até que, de repente, alguém desliga os ventiladores e provoca um alívio geral. Estavam todos incomodados e só depois percebem que havia um barulho de fundo obrigando todo mundo a se esforçar? Geralmente, a gente percebe somente quando o barulho irritante para e alivia a todos. Mas o barulho estava lá; por que não havia sido identificado? E quando você está carregando alguma coisa e pega mais um objeto e parece que aquilo não fez diferença? Matematicamente, há uma diferença, mas nossa percepção não é matemática.

Um pesquisador chamado Ernst Weber (1795-1878) havia elaborado, mais ou menos na mesma época, uma teoria que chamou de diferença mínima perceptível ou diferença mínima significativa. Com essa teoria, criou um cálculo para saber o quanto é necessário de estímulo para que a pessoa perceba que houve realmente uma alteração. Por exemplo, se alguém está carregando 40 kg, quanto é preciso colocar de peso a mais para que essa pessoa perceba essa diferença? Weber também calculou o quanto de estímulo é necessário para que a pessoa tenha uma sensação, chamada de sensação mínima perceptível (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Exemplificando

Você pode prestar atenção no dia a dia em momentos em que se fazem presentes a sensação mínima perceptível e a diferença mínima perceptível. Por exemplo, testando em que ponto o volume da TV fica baixo demais para ser ouvido e em que ponto fica alto demais, gerando reclamações. Se você mudar ponto a ponto gradualmente o volume, quando é possível perceber uma diferença significativa?

Pode parecer algo muito simples, mas este é o tipo de percepção que faz com que os psicólogos sejam mais sensíveis com relação às outras pessoas,

percebendo o que é necessário para estimulá-las e em que intensidade os estímulos podem ser muito fortes, a ponto de desagradá-las.

Essa informação pode ser uma metáfora para um diálogo numa entrevista psicológica: como posso, aos poucos, introduzir um assunto desagradável para a pessoa e até onde posso ir sem espantá-la de vez? Essa é uma percepção fundamental ao psicólogo.

Essas e outras pesquisas estimularam os estudiosos em Psicologia da época, assim como futuros pesquisadores também. Isso porque eles consideravam que esse espaço entre o físico e o metafísico não poderia ser estudado nem pela Medicina nem pela Filosofia. A Psicologia criava o seu espaço próprio que outras áreas do saber não estudariam. Entre esses pesquisadores pioneiros, está talvez, o mais conhecido fisiologista, antes de Wundt, a influenciar a formação da Psicologia: Fechner.

Gustav Theodor Fechner tem uma história interessante de muita atividade e conquistas intelectuais. Ele, assim como Helmholtz, foi um pensador múltiplo. Trabalhou como fisiologista por sete anos, como físico por 15 anos, como psicofísico por 14 anos, em estética experimental por 11 anos e como filósofo por 40 anos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Durante 12 anos, ficou inativo e foi considerado inválido pela possibilidade de ficar cego devido à fotofobia (intolerância à luz). Foi justamente após esse período de suposta invalidez que Fechner procurou estudar as sensações e a Psicologia.

Fechner, filho de um pastor, era também músico, filósofo, especialista em estética, físico e psicólogo. Tinha também seu lado místico e sempre foi um crítico do pensamento científico quando demonstrado de forma fria e exagerada. O positivismo é um exemplo de algo que Fechner execrava. Lamentava o fato de que a Modernidade estava transformando a sociedade e os pensamentos em algo puramente materialista e resolveu pôr à prova suas críticas, buscando por uma área do conhecimento que não pudesse ser reduzida ao materialismo (HEARNshaw, 1987). Ele deu, então, continuidade aos estudos de Weber, buscando calcular o ponto exato de união entre o físico e o psíquico. Por isso, o nome dado a essa tendência da época foi Psicofísica. É interessante como, na formação do pensamento psicológico, sempre há a presença de dois lados: um concreto e um abstrato.



Refleta

O pensamento de Fechner e sua Psicofísica trazem uma delimitação bastante interessante para os psicólogos e para a ciência em geral. Você percebeu por que esse conteúdo contribuiu para o surgimento da Psicologia? Se, antes, na Filosofia, todos debatiam se a verdade vinha do pensamento (como afirmava Descartes) ou se era trazida pela realidade

externa (conforme diziam empiristas e materialistas), a Psicofísica define o local em que essas duas possibilidades se confrontam. Isso significa que a contribuição da Psicofísica de Fechner e dos outros autores da época foi muito importante como uma verdadeira mudança no pensamento filosófico e científico da época.

Diversos experimentos foram realizados por Fechner, que amplificava ou reduzia o mesmo estímulo para chegar a números cada vez mais confiáveis para essa relação. Com isso, gerou métodos de pesquisa e experimentação em Psicofísica que depois vão se tornar referência para a psicologia psicométrica, ou seja, o uso de testes quantitativos para medir características psicológicas, como o teste de quociente de inteligência (QI), por exemplo (FREIRE, 2008). Os testes psicológicos são fatores fundamentais para demarcar a área da Psicologia. A aplicação de testes psicológicos é uma atividade exclusiva dos psicólogos. Nenhum outro profissional é autorizado a aplicá-los legalmente.



Refleta

Você já imaginou a importância de se definir as funções e atividades de cada profissão? Por vezes, os interesses de cada classe podem entrar em conflito. Isso aconteceu na última década entre o projeto de lei apelidada de Ato Médico e os conselhos de outros profissionais da saúde, que entenderam que a regulamentação do trabalho do médico estaria invadindo a autonomia de outras profissões da saúde. Vários conselhos, incluindo o de Psicologia, se pronunciaram oficialmente contra a proposta, que acabou sendo aprovada com importantes vetos presidenciais em pontos polêmicos do projeto. Compreenda essa história lendo a reportagem de Léo Rodrigues no Portal EBC, *Entenda o que é o Ato Médico*. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/06/entenda-o-que-e-o-ato-medico>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Os estudos de Fechner geraram fórmulas matemáticas que tinham grande precisão no cálculo dos estímulos e das sensações. Ele definiu com mais precisão o que Weber havia começado, chamando de limiar absoluto o ponto em que a pessoa começa a sentir o estímulo e de limiar diferencial o ponto em que ela sente uma diferença no estímulo, seja para menos ou para mais (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Assimile

Psicofísica: segundo Schultz e Schultz (2009, p. 72), Psicofísica é “o estudo científico das relações entre os processos mental e físico”.

percebendo o que é necessário para estimulá-las e em que intensidade os estímulos podem ser muito fortes, a ponto de desagradá-las.

Essa informação pode ser uma metáfora para um diálogo numa entrevista psicológica: como posso, aos poucos, introduzir um assunto desagradável para a pessoa e até onde posso ir sem espantá-la de vez? Essa é uma percepção fundamental ao psicólogo.

Essas e outras pesquisas estimularam os estudiosos em Psicologia da época, assim como futuros pesquisadores também. Isso porque eles consideravam que esse espaço entre o físico e o metafísico não poderia ser estudado nem pela Medicina nem pela Filosofia. A Psicologia criava o seu espaço próprio que outras áreas do saber não estudariam. Entre esses pesquisadores pioneiros está, talvez, o mais conhecido fisiologista, antes de Wundt, a influenciar a formação da Psicologia: Fechner.

Gustav Theodor Fechner tem uma história interessante de muita atividade e conquistas intelectuais. Ele, assim como Helmholtz, foi um pensador múltiplo. Trabalhou como fisiologista por sete anos, como físico por 15 anos, como psicofísico por 14 anos, em estética experimental por 11 anos e como filósofo por 40 anos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Durante 12 anos ficou inativo e foi considerado inválido pela possibilidade de ficar cego devido à fotofobia (intolerância à luz). Foi justamente após esse período de suposta invalidez que Fechner procurou estudar as sensações e a Psicologia.

Fechner, filho de um pastor, era também músico, filósofo, especialista em estética, físico e psicólogo. Tinha também seu lado místico e sempre foi um crítico do pensamento científico quando demonstrado de forma fria e exagerada. O positivismo é um exemplo de algo que Fechner execrava. Lamentava o fato de que a Modernidade estava transformando a sociedade e os pensamentos em algo puramente materialista e resolveu por à prova suas críticas, buscando por uma área do conhecimento que não pudesse ser reduzida ao materialismo (HEARNshaw, 1987). Ele deu, então, continuidade aos estudos de Weber, buscando calcular o ponto exato de união entre o físico e o psíquico. Por isso, o nome dado a essa tendência da época foi Psicofísica. É interessante como, na formação do pensamento psicológico, sempre há a presença de dois lados: um concreto e um abstrato.



Refleta

O pensamento de Fechner e sua Psicofísica trazem uma delimitação bastante interessante para os psicólogos e para a ciência em geral. Você percebeu por que esse conteúdo contribuiu para o surgimento da Psicologia? Se, antes, na Filosofia, todos debatiam se a verdade vinha do pensamento (como afirmava Descartes) ou se era trazida pela realidade

externa (conforme diziam empiristas e materialistas), a Psicofísica define o local em que essas duas possibilidades se confrontam. Isso significa que a contribuição da Psicofísica de Fechner e dos outros autores da época foi muito importante como uma verdadeira mudança no pensamento filosófico e científico da época.

Diversos experimentos foram realizados por Fechner, que amplificava ou reduzia o mesmo estímulo para chegar a números cada vez mais confiáveis para essa relação. Com isso, gerou métodos de pesquisa e experimentação em Psicofísica que depois vão se tornar referência para a Psicologia Psicométrica, ou seja, o uso de testes quantitativos para medir características psicológicas, como o teste de Quociente de Inteligência (QI), por exemplo (FREIRE, 2008). Os testes psicológicos são fatores fundamentais para demarcar a área da Psicologia. A aplicação de testes psicológicos é uma atividade exclusiva dos psicólogos. Nenhum outro profissional é autorizado a aplicá-los legalmente.



Refleta

Você já imaginou a importância de se definir as funções e atividades de cada profissão? Por vezes, os interesses de cada classe podem entrar em conflito. Isso aconteceu na última década entre o projeto de lei apelidada de Ato Médico e os conselhos de outros profissionais da saúde, que entenderam que a regulamentação do trabalho do médico estaria invadindo a autonomia de outras profissões da saúde. Vários conselhos, incluindo o de Psicologia, se pronunciaram oficialmente contra a proposta, que acabou sendo aprovada com importantes vetos presidenciais em pontos polêmicos do projeto. Compreenda essa história lendo a reportagem de Léo Rodrigues no Portal EBC, Entenda o que é o Ato Médico. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/06/entenda-o-que-e-o-ato-medico>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Os estudos de Fechner geraram fórmulas matemáticas que tinham grande precisão no cálculo dos estímulos e das sensações. Ele definiu com mais precisão o que Weber havia começado, chamando de limiar absoluto o ponto em que a pessoa começa a sentir o estímulo e de limiar diferencial o ponto em que ela sente uma diferença no estímulo, seja para menos ou para mais (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Assimile

Psicofísica – Segundo Schultz e Schultz (2009, p. 72), Psicofísica é “o estudo científico das relações entre os processos mental e físico”.

Entre as conclusões científicas e filosóficas a que Fechner chegou, talvez sua principal observação tenha sido a de que físico (corpo) e psíquico (mente) sejam apenas dois modos diferentes de se olhar para a mesma realidade. Ou seja, o mesmo fenômeno pode ser visto como físico ou psíquico. Esse conceito foi chamado de paralelismo psicofísico, que é a noção de que o que acontece no corpo acontece paralelamente na mente também e o que acontece na mente, acontece paralelamente no corpo também (FECHNER, 1860; traduzido por Pessoa Junior, 2012).



Assimile

Paralelismo psicofísico: noção de que há um paralelo entre corpo e mente quando ocorre um determinado fenômeno. Físico e psíquico seriam diferentes pontos de vista sobre a mesma coisa.

Há quem considere que Fechner teria sido o verdadeiro criador da Psicologia antes de Wilhelm Wundt, que é considerado o criador oficial da Psicologia como ciência. Como estamos realizando um olhar histórico desde o começo, podemos dizer que é muito difícil afirmar com clareza quem é o "dono" de um determinado pensamento do ponto de vista histórico, pois o *zeitgeist* está disponível para todos, não é algo que possa ser privatizado. A obra filosófica de Fechner é bastante produtiva e foi a base de toda a sua proposta de Psicofísica. Porém, foi praticamente ignorada pela época, limitando a influência de Fechner ao campo científico.



Pesquise mais

Para conhecer melhor a Psicofísica, leia o artigo do Prof. Dr. Arthur Arruda Leal Ferreira chamado "O lugar da psicofísica de Gustav Fechner na história da psicologia". Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/artigo07.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

Entre os conceitos da Psicofísica, a noção de psicologia experimental (que veremos na próxima seção) já está preparada para que, finalmente, a Psicologia possa se concretizar como uma ciência independente sem ser considerada uma subárea da Fisiologia ou da Filosofia.

Sem medo de errar

Lembre-se de que você está diante de alguém que simplesmente não acredita na ciência que você estudou. Seja um profissional da Medicina, de outro campo da área da Saúde, ou mesmo uma pessoa sem formação profissional.

Como dissemos lá no começo, não há necessidade de reagirmos de maneira rude. Na maioria das vezes, mesmo que se tratem de pessoas com formação, é comum que não consigam entender qual é exatamente a área de atuação da Psicologia. Às vezes, é difícil para nós mesmos chegar a essa compreensão, não é verdade?

Acredito que esteja bem claro que os trabalhos de Helmholtz, Weber, Fechner e a Psicofísica em geral podem ajudar muito no seu diálogo. Eles demonstraram de forma científica que a área de estudo que vai fundamentar o nascimento da Psicologia não é parte da Medicina nem da Física e nem da Filosofia. A Física estuda os acontecimentos do mundo externo. A Medicina estuda o funcionamento do corpo. A Filosofia estuda as ideias de forma abstrata e geral. A Psicologia envolve a relação entre o sujeito e o mundo e os desdobramentos subjetivos dessa relação. São, portanto, coisas diferentes.

Lembre-se dos conceitos básicos que geraram a Psicofísica e, por consequência, a Psicologia: o estímulo, a sensação, a própria definição de Psicofísica, o paralelismo psicofísico e demais ideias que considerar importantes.

Tente formular um pequeno texto como se estivesse explicando para alguém que não estudou Psicologia, demonstrando qual é o campo de atuação da Psicofísica.



Atenção!

A Psicofísica é uma proposta de superação do mecanicismo, destacando uma área de intermédio entre interno e externo. Tome cuidado para não retomar o mecanicismo anterior, ou seja, acreditar que o biológico (corpo) ou o mundo externo ou a Metafísica determinem um ao outro. A Psicologia nasce de uma interdisciplinaridade e é importante termos essa consciência.



Lembre-se

Fechner tentou demonstrar que os aspectos físico e psíquico são apenas dois pontos de vista sobre a mesma coisa (FECHNER, 1860). Na sua resposta, não caia novamente na velha divisão entre corpo e mente.

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.

O ninho da Psicologia	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender a Psicofísica e localizar a Psicologia como uma área diferente da Medicina, indo além dos domínios da fisiologia.
3. Conteúdos relacionados	Helmholtz e Fechner.
4. Descrição da SP	Em seu trabalho como psicólogo hospitalar, você é convidado para assumir um caso e acessa um prontuário que descreve os sintomas físicos de um paciente em tratamento ambulatorial. Os sintomas descritos são: falta de ar, insônia, cansaço, alteração do paladar e azia. Um dos médicos da equipe questiona o motivo da sua presença ali e pergunta se ela é realmente necessária. Você precisa justificar para a equipe qual seria o seu papel naquela situação. O que você diria?
5. Resolução da SP	Lembre-se dos conceitos principais da Psicofísica, principalmente o de paralelismo psicofísico e, pensando na área interdisciplinar que existe entre físico e psíquico, elabore uma possível resposta à pergunta da equipe sobre qual seria o seu papel no caso. Para isso, pense na relação desse paciente com seu mundo mediado pelos sintomas descritos. A partir disso, imagine os significados, pensamentos, interpretações e sentimentos que ele atribui aos desdobramentos desses sintomas.



Lembre-se

Não há necessidade de ser rude ou grosseiro; a maioria das pessoas desconhece a função e atuação do psicólogo. É seu papel demonstrar que sabe explicá-las.



Faça você mesmo

Procure na internet alguns sintomas de doenças médicas e pense quais seriam os possíveis paralelismos psicológicos envolvidos nos sintomas descritos. Imagine que cada sintoma físico corresponde a um aspecto psicológico e desdobra significados, pensamentos, sentimentos e interpretações pessoais. Tente imaginar como é viver e se relacionar com o mundo e com os outros através de cada sintoma descrito.

Faça valer a pena

1. A respeito da visão que Helmholtz tinha sobre o mecanicismo, é possível afirmar que:

- a) Os órgãos do sentido, assim como as coisas do mundo, funcionam como máquinas.
- b) O mundo funciona como uma máquina, mas o corpo não, pois é um organismo vivo.
- c) O corpo funciona como uma máquina, mas o mundo não, pois é uma criação divina.
- d) O corpo e o mundo funcionam como máquinas em relação determinista; os impulsos elétricos são uma exceção considerada um milagre determinado.
- e) Os impulsos elétricos e o corpo funcionam em relação mecânica; no mundo, apenas as coisas criadas pelo homem reagem à relação mecânica.

2. Sobre a sensação mínima perceptível (Weber) ou limiar absoluto (Fechner), é possível afirmar que:

- a) Diz respeito à atenção mínima que deve ser dada à sensação.
- b) Diz respeito ao mínimo de estímulo necessário para que ocorra a sensação.
- c) É o mínimo que se altera do estímulo para que a pessoa perceba que houve alteração.
- d) É a voltagem mínima de choque aplicado como estímulo para que o experimento seja bem-sucedido.
- e) É a estimulação mínima necessária para que a condução elétrica possa atingir 27 m/s.

3. O nome “psicofísica” expressa uma definição muito importante para a delimitação do campo de estudo e atuação da Psicologia. Que delimitação seria essa?

- a) Localizar a Psicofísica e a Psicologia como responsáveis pelo mundo interno do paciente, deixando o mundo externo exclusivamente para a Física.
- b) Localizar a Psicofísica como uma subdivisão da Física, deixando o mundo interno do paciente para os cuidados da própria subjetividade.
- c) Englobar a soma dos conceitos da Psicologia com os conceitos da Física.
- d) Demonstrar fisiologicamente a dúvida cartesiana (psiquê) transmitida à glândula pineal (físico).
- e) Estudar o campo de relação entre estímulo (externo) e a sensação (interna).

Seção 2.3

A psicologia experimental e o estruturalismo

Diálogo aberto

Retomando o contexto da situação geradora de aprendizagem desta unidade, você foi desafiado a assumir o cargo em um hospital público sem experiência prévia para isso.

Tivemos como desafio, anteriormente, a necessidade de se compreender o campo de atuação e o papel do psicólogo na prática em saúde. Entretanto, além da questão da prática profissional, a parte teórica também precisa ser aprimorada. Cientificamente, é preciso definir também o objeto de estudo. Caso contrário, não há como saber qual o objetivo ao ouvir o que as pessoas têm a nos dizer.

Além de saber o que ouvir, também é necessário que haja uma forma científica de se ouvir, ou seja, um método que vá além de meras impressões. Quando é que o assunto abordado se torna de interesse da Psicologia? Que pontos são realmente importantes para os fenômenos psicológicos? O que se pode concluir sobre o que foi falado e ouvido? Frequentemente, você, como profissional, terá a necessidade de relatar seu parecer técnico sobre um caso.

Wundt fundou a Psicologia como ciência com base em todos esses critérios citados acima. Titchener desenvolveu toda sua obra rígida a partir desses mesmos critérios. Como você pode compreendê-los na prática psicológica? É fundamental que haja essa compreensão, pois, sem essas diferenças, e principalmente a definição de um objeto, a Psicologia realmente não passa de um "bate-papo", como as pessoas costumam definir a partir do senso comum.

Supondo que você esteja ouvindo um paciente hospitalizado e em tratamento de câncer queixar-se de impotência sexual, o que poderia ser perguntado para buscar o objeto da Psicologia na fala do paciente? Como faria uma pergunta e de que forma relataria uma possível resposta? Qual seria a experiência que a pessoa tenta passar ao dizer as palavras que disse? Quais são os elementos componentes dessa fala?

Para ajudá-lo na solução dessa nova situação-problema, você aprenderá os

conceitos de experiência imediata, fusão, percepção e apercepção da psicologia experimental. Do estruturalismo, aprenderá a diferenciar o erro de estímulo e a importância de produzir relatórios imparciais.

Ao final, você terá alcançado os seguintes objetivos de aprendizagem: compreender os critérios que definiram a Psicologia como ciência; conhecer a psicologia experimental de Wundt; conhecer o estruturalismo de Titchener; e compreender as colaborações de Wundt e Titchener para a Psicologia.

Não pode faltar!

A Psicofísica foi uma grande colaboração para o desenvolvimento da Psicologia. Porém, ainda faltava alguma coisa. Ela era uma intuição, uma impressão ainda um pouco fugaz. Era necessária uma maior estruturação da área, o que foi alcançado com a psicologia experimental. Em seguida, o estruturalismo alterou um pouco esses fundamentos para atingir uma abordagem própria.

Wilhelm Maximilian Wundt (1832-1919) (Wilhelm Wundt se pronuncia "Vilhem Vunt"), nascido na Alemanha, é considerado o fundador da Psicologia como ciência. Assim como os representantes da Psicofísica, tinha uma formação científica diversificada e voltada às ciências naturais: era médico fisiologista e estudava física, química e matemática.

Dentre os laboratórios de Psicologia fundados na Alemanha no decorrer do século XIX (HEARNshaw, 1987), o que mais teve destaque foi o Laboratório de Psicologia da Universidade de Leipzig, fundado por Wundt.

A obra filosófica de Wundt compreende importantes contribuições com diversas áreas da Filosofia, como a Lógica, a Teoria do conhecimento, a Ética e a Metafísica. Outro grande feito importante para dar consistência à Psicologia foi ter criado um periódico de divulgação científica da área de Psicologia. Mas o trabalho que lhe trouxe fama foi o livro publicado em 1896 chamado *Compêndio de Psicologia* (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Nesse livro, Wundt define sua proposta do que é a Psicologia. Ele se posiciona contra a ideia da Psicologia como "ciência da alma". Para ele, a Psicologia como ciência da alma não é científica. É metafísica. Falar sobre "alma" abre a possibilidade de temas teológicos e abstratos demais para que se possa fazer ciência. Wundt também é contra a ideia de "ciência da mente". Segundo ele, a mente, como substância imaterial, não pode ser um objeto para se estudar. Essa concepção tornaria impossível um estudo verdadeiramente científico (ARAÚJO, 2007).

Estamos hoje bastante habituados a falar sobre "mente", mas é importante saber que

nem todos os pensadores concordam com esse conceito. Na Filosofia, por exemplo, existe um ramo chamado Filosofia da Mente, que tem seus conceitos e pressupostos como qualquer outra teoria. Há, inclusive, pensadores de diversas abordagens que não concordam com a noção de mente, como é o caso do próprio Descartes ao considerar a “coisa que pensa” (*res cogitans*) separada do corpo.



Vocabulário

Metafísica: investigação filosófica que estuda elementos que não são sensíveis, ou seja, que não têm materialidade (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Embora os fenômenos psicológicos tratem de coisas não materiais, Wundt pretendia estudar a Psicologia através do método científico e, por isso, fazendo uma psicologia experimental. Desde a Psicofísica de Helmholtz e Fechner, a busca pela Psicologia se dá na ligação entre o biológico e o subjetivo. Essa investigação é impossível para a Metafísica. Um exemplo de metafísica é o mundo das ideias de Platão, no qual se fala exclusivamente de coisas sem materialidade. Já a Filosofia da Mente pode ser entendida através da metáfora do software, ou seja, do programa de computador que precisa do equipamento físico, mas que não tem nenhum tipo de corpo material. Wundt quer evitar essas duas tendências. A Psicologia, para ele, seguindo a herança dos movimentos anteriores, também está no encontro entre o físico e o subjetivo.



Refleta

Você já pensou sobre o que seria a consciência? Nós estamos tão habituados a ser conscientes e a viver o dia a dia dessa forma que nunca pensamos sobre a consciência. Também estamos habituados a usar a palavra “mente” e ter um entendimento sobre essa compreensão. Mas, como vimos, nem todos concordam com isso. Ela é de origem biológica, metafísica ou, como dizem os autores que estudamos, está entre essas duas instâncias?

Para Wundt, a Psicologia é uma ciência empírica cujo objeto é a experiência imediata. Dessa forma, ele descreve com clareza a definição de Psicologia e o seu objeto de estudo, o que é fundamental para a existência de uma ciência (ARAÚJO, 2007).

Experiência imediata é a experiência mais pura que alguém pode ter, no sentido de não estar sujeita à interpretação ou análise racional. É a experiência que você vive e até consegue explicar, mas não fica muito satisfeito com a explicação. E, na verdade, nunca estará satisfeito, pois existe algo na experiência que não é possível passar para

ninguém, pois só serão percebidas quando se passa pela situação. A experiência imediata é aquela experiência mais pessoal e que mais contempla a subjetividade. Seguindo o pensamento de Wundt, a experiência imediata, como objeto de análise, é uma das coisas que fundam a área de estudo da Psicologia.



Assimile

Experiência imediata é a experiência vivida antes da interpretação ou análise racional e, portanto, é a mais pessoal e subjetiva.

Quando o psicólogo ouve a fala de alguém, uma de suas preocupações é conseguir encontrar nesse relato as experiências imediatas dessa pessoa. Para entender como alguém reage a determinadas situações de maneira mais autêntica, o melhor mecanismo é por meio da análise das experiências imediatas, e não através de opiniões, conceitos e raciocínios lógicos. Por mais que alguém afirme coisas, no momento em que a situação acontece, sem mediação, é que saberemos qual seria a reação verdadeira. Falar estando de fora de uma situação é uma coisa; reagir dentro da situação, sem ter muito tempo para pensar, é outra!



Exemplificando

Experiência imediata é mais fácil de ser entendida como a experiência que o sujeito tem diretamente. Podemos tentar entender, por exemplo, como é o sabor de uma fruta que não conhecemos através das explicações de alguém. Isso seria uma experiência mediada. Comer a fruta e sentir o gosto diretamente seria a experiência imediata. Outro exemplo é a diferença entre verificar a temperatura alta do dia num termômetro (mediada) e ir lá fora sentir o calor escaldante do sol.

A experiência “mediada” (mediada) é a mais objetiva, podendo ser quantificada, por exemplo, por um termômetro, em vez de a pessoa sentir o clima calor ou frio (imediata). Pertence, portanto, à área das ciências naturais e não à Psicologia.

Para Wundt e outros autores da época, a Psicologia é a ciência que estuda as formas universais, ou seja, ela pretende decifrar como todas as pessoas percebem a realidade, pensam e se expressam. Isso faz com que, no fundo, todas as ciências tenham origem na Psicologia, pois, como já mostrava a Psicofísica, não há um isolamento entre mundo interno (Psicologia) e mundo externo (ciências naturais). O conhecimento das ciências naturais nasce do pensamento humano, da razão humana. Isso quer dizer que alguém pensa, alguém raciocina. E esse alguém é estudado pela Psicologia.

A forma encontrada por Wundt para se estudar a Psicologia foi muito semelhante à da Psicofísica, ou seja, através de experimentos de laboratório, nos quais se estuda a

parte fisiológica em relação com os estímulos externos. A essa forma denominou-se psicologia experimental (ARAÚJO, 2007).

A psicologia experimental procura pelos fatos psíquicos, que são produzidos pela mente humana. Wundt pressupõe, portanto, que todos possuem fatos psíquicos subjetivamente.

Paralelamente às pesquisas em laboratório, Wundt propunha a psicologia dos povos (*Völkerpsychologie*). Ela seria um estudo complementar da psicologia experimental, pois dá uma outra dimensão para a realidade humana para além dos laboratórios. A psicologia dos povos de Wundt tem uma semelhança com a Antropologia, pois é o estudo de uma cultura ao qual Wundt pretendia aliar os conhecimentos da psicologia experimental. Dessa forma, o projeto de Psicologia de Wundt era construir uma ciência completa para o estudo do ser humano, do físico ao psíquico, do psíquico ao cultural. O autor dedicou-se bastante à psicologia dos povos nos seus últimos anos de vida. No entanto, não houve grande interesse da comunidade científica em aprofundar-se nessa temática.

Nessa sequência, do individual ao social, Wundt mostrava que a vida psíquica deveria ser entendida do simples para o complexo, na relação entre o sujeito e um objeto do mundo externo. A vida psíquica (complexa), para ele, é composta por elementos psíquicos (simples). Era preciso, então, buscar esses elementos. Os elementos psíquicos podem ser conhecidos através das sensações (objetivas) e os sentimentos simples que delas derivam (subjetivos). As sensações captadas pelos órgãos dos sentidos geram sentimentos simples, como gostar ou não gostar de algo, por exemplo. E desses elementos psíquicos simples são construídos os complexos psíquicos. Para Wundt, de acordo com Araújo (2007), os complexos psíquicos podem ser as representações, os sentimentos compostos, os afetos e os processos volitivos (volitivo se refere à vontade).

O processo que transforma os elementos simples em complexos se chama fusão. Essa palavra quer dizer que, basicamente, os elementos simples são unidos para que sejam criados os complexos psíquicos. Essa união desencadeia a síntese criativa, um fenômeno que já havia sido descrito por John Stuart Mill, como você pode ler na seção 2.1 desta unidade. Segundo Mill, algo acontece internamente no sujeito que faz com que surja uma ideia original. Essa "ideia original", para Wundt, é o complexo psíquico, que tem caráter subjetivo, ou seja, tem um significado próprio para cada sujeito. Com o conceito de fusão, Wundt descarta o associacionismo como fundador da consciência. Consciência, para Wundt, é a conexão entre os complexos psíquicos.

Recapitulando o processo descrito por Wundt: a partir da sensação, a experiência imediata produz elementos psíquicos simples. Os elementos simples formam complexos psíquicos, que compõem a consciência.

O processo pelo qual os conteúdos são trazidos à consciência se chama apercepção. Geralmente, a atenção acompanha a apercepção, mas também é

possível que conteúdos venham à consciência sem que haja atenção. Nesse caso, trata-se da percepção. Wundt define a atenção como o “ponto focal” da consciência, enquanto o restante se chama campo visual. Portanto, geralmente o que se percebe é o campo visual sem muita reflexão sobre ele.

Um último conceito de Wundt a ser abordado é o de causalidade psíquica. Para ele, há conteúdos que são conhecidos exclusivamente por um único ponto de vista físico ou psicológico (considerando o paralelismo psicofísico). Ele considera, no entanto, que o conhecimento psicológico tem maior autonomia por se tratar de um fenômeno da Psicologia no campo da Psicologia. Lembre que, em outros contextos, as ciências naturais consideram a causalidade física e usa, portanto, essa analogia (ARAÚJO, 2007).

Dessa forma, o pensamento de Wundt nos ajuda a ter critérios para identificar o conteúdo da Psicologia, ou seja, estar atento às referências que a pessoa faz às suas experiências imediatas. Quais são seus conteúdos e sentimentos mais simples? Quais são suas representações, seus sentimentos complexos, seus afetivos e suas vontades? A pessoa apercebe com atenção e clareza ou se percebe como parte de um campo visual? Ter clareza dos fundamentos da Psicologia vão ajudá-lo a desenvolver sua prática, seja qual for o contexto em que estiver.

Enquanto Wundt desenvolvia suas pesquisas em Leipzig, havia um estudante inglês interessado em estudar Psicologia, mas, ao mesmo tempo, impossibilitado, pois na Inglaterra não havia interesse nessa área e os ingleses nem acreditavam na possibilidade de seu desenvolvimento.

Esse estudante era Edward Bradford Titchener (1867-1927), que resolveu ir a Leipzig estudar com Wundt. Ao voltar à Inglaterra, continuou sem poder se desenvolver nessa área. Quando foi aos Estados Unidos é que Titchener teve destaque nas pesquisas em Psicologia. Levou para o país o conhecimento da psicologia experimental, traduziu os livros de Wundt para o inglês e montou seu próprio laboratório na Universidade de Cornell. Em suas pesquisas, desenvolveu uma linha de estudos na Psicologia denominada estruturalismo (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Assimile

Estruturalismo é a proposta de Titchener de buscar os elementos da consciência para compreender sua formação. Como analogia aos pré-socráticos, Titchener foi considerado um elementista, ou seja, alguém que procurava um elemento fundamental que forma a consciência. Os elementos da consciência foram apelidados de “átomos da mente”.

Nessa sua teoria, Titchener seguia os passos deixados por Wundt, como, por exemplo, os conceitos básicos e o método da psicologia experimental, mas tomou seu próprio rumo ao buscar uma objetividade maior na Psicologia. Ele buscava

entender os elementos da consciência como peças da estrutura da consciência. Ele tentava compreender como a consciência era formada. Acreditava que, ao estudar a organização dos elementos da consciência, entenderia a consciência como um todo. Definia, portanto, os elementos da consciência como objeto de estudo do estruturalismo e a introspecção como método. O que não se relaciona com os elementos da consciência não é considerado Psicologia.

Pode-se notar que Titchener tem uma proposta mais rígida de Psicologia que a de Wundt, e também se diferencia em relação ao objeto e ao método. Titchener também queria entender o ser humano no caminho do mais simples para o mais complexo, mas não tinha a mesma preocupação de Wundt de elaborar uma teoria mais completa, pois mantinha seus estudos de forma experimental sem buscar uma Psicologia Cultural, como a psicologia dos povos de Wundt. Ainda diferente do projeto de Wundt, ele aderiu também ao elementismo e ao associacionismo (ARAÚJO, 2007).

Para Titchener, a mente tem uma capacidade de organização voluntária, o que é diferente do mecanicismo passivo vigente até então em determinadas linhas de estudo de Psicologia. Porém, conserva um caráter mecanicista com energias renovadas. Para buscar os elementos da consciência, ele utilizava um caminho semelhante ao de Wundt: a experiência imediata.

Para se ter acesso à experiência imediata, obviamente, existe a necessidade de que haja pessoas vivendo essas experiências. É uma compreensão da subjetividade dos fatos objetivos. Titchener alerta, porém, para a possibilidade de erro de estímulo, que é a confusão entre o processo mental e o objeto de estudo. O processo mental é um instrumento, uma interpretação (que é uma experiência mediada) para se chegar ao objeto de estudo: a experiência imediata. Para ele, a consciência é a soma das experiências do momento, e a mente é a soma acumulada das experiências (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Com relação à pesquisa, Titchener não a realizava apenas pessoalmente, mas propagava o uso da introspecção, treinando os estudantes que participavam dos experimentos. Eles aprendiam, então, a relatar de forma objetiva e detalhada suas próprias experiências imediatas. Esses experimentos eram, por vezes, bizarros, como relatar como receber líquidos quentes ou gelados diretamente no estômago, relatar a experiência no uso do vaso sanitário ou até os momentos íntimos de prazer com parceiras amorosas. Os sujeitos deviam aprender a ser imparciais nos relatos, evitando o erro de estímulo. Essa forma de descrição e relato foi bastante importante para o desenvolvimento das pesquisas futuras em Psicologia (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Escolha uma experiência sobre a qual você não está acostumado a pensar e tente descrevê-la detalhadamente e de forma imparcial, concentrando-

-se nas sensações. Veja no “Exemplificando” em seguida como fazer essa descrição.



Exemplificando

Observe como seria, por exemplo, uma descrição de um momento de fome antes de sua saciação:

“Inicialmente, tenho uma sensação de vazio no estômago, como se um vácuo pedisse a presença de algo para digerir. Ocorrem algumas contrações como se algo passasse de um lado para outro do estômago vazio. Posso ouvir um barulho ao mesmo tempo que percebo um deslocamento interno de ar. Às vezes, chega a doer algumas partes, provocando uma necessidade quase incontrolável de buscar algo para comer. À medida que o tempo passa, torna-se mais difícil conseguir se concentrar em alguma atividade ou pensar em outra coisa.”

Titchener descreveu três estados básicos da consciência: 1) a sensação, que engloba os elementos presentes no objeto (cor, peso, tamanho etc.); 2) imagem, que são as ideias presentes no sujeito, como a lembrança, por exemplo; 3) estados afetivos, elementos das emoções presentes nas experiências. Dessa forma, a sensação traz características do objeto; a imagem, do sujeito; e os estados afetivos demonstram a relação entre eles.

Em 1896, Titchener lança um livro no qual expõe uma lista dos elementos da consciência envolvidos no processo de sensação. São 44.500 qualidades sensoriais individuais e que podem se combinar: 11.600 são auditivas e 32.820, visuais. Isso mostra a ousadia mecanicista do projeto de Titchener, assim como praticamente a sua inviabilidade.

Ele também define as categorias dos elementos mentais referentes à sensação e à imagem. São quatro: nitidez (a clareza que se tem); duração (quanto tempo dura); intensidade (se é fraco ou forte) e qualidade (o que distingue de outras sensações e imagens). As categorias dos elementos afetivos não possuem nitidez, pois é impossível concentrar a atenção sobre eles. Ao se fazer isso, a qualidade desaparece (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Apesar de toda essa pretensão teórica, Titchener teve um fim bastante frustrante. Sua teoria demonstra pouco interesse e pouca colaboração direta para a Psicologia. Titchener passa a alterar suas propostas teóricas, mudando completamente o seu projeto inicial. No fim da vida, ele passa a perceber os limites de suas propostas e a necessidade de um novo paradigma.



Vocabulário

Paradigma: grande conjunto de pressupostos filosóficos que compõem o contexto sobre o qual as teorias e técnicas são construídas.

Como vimos, Titchener buscava pelos elementos da consciência de maneira semelhante à das ciências naturais, o que acabou trazendo diversas propostas à Psicologia: buscar a relação entre os elementos e a fisiologia; encontrar leis de associação entre os elementos e a consciência; reduzir os processos conscientes a elementos mais simples.

A psicologia experimental de Wundt e o estruturalismo de Titchener são de uma época em que as propostas de Psicologia eram para construir uma ciência pura e teórica, sem qualquer preocupação de criar uma aplicação prática para ela. A partir da próxima seção, veremos uma tendência mais preocupada em criar uma prática com a Psicologia.



Pesquise mais

Para ter mais detalhes sobre os conceitos de Wundt, leia o artigo "A questão da consciência na Psicologia" de Wilhelm Wundt. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812011000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 31 dez. 2015.

Sem medo de errar

Há conceitos bastante importantes para a Psicologia de maneira geral nesta seção. Para resolver a situação-problema, é fundamental que você compreenda o conceito de experiência imediata.

No caso de um paciente em tratamento de câncer que se queixa de problemas sexuais, seria importante investigar se suas experiências imediatas estão presentes na sua fala. Essa queixa seria de fato autêntica? É algo que realmente o incomoda nesse momento? Ou essa queixa não se reporta a uma experiência imediata? Seria uma forma de evitar falar de outros sentimentos, outras vontades?

Outros conceitos que podem auxiliá-lo é o de apercepção e percepção de Wundt. Assim como a relação feita por Titchener entre imagem – estados afetivos – sensação. Esses são, respectivamente, elementos relacionados ao sujeito, à relação com o objeto e ao objeto. Isso faz pensar, analogamente, no que é conteúdo do paciente enquanto pessoa, como é sua relação com a doença e o que é o sintoma da doença.

Também é muito importante que você aprenda a fazer relatos imparciais, conforme a proposta do estruturalismo. Dessa forma, pode entender melhor o discurso, englobando todos os seus elementos e realizando um verdadeiro estudo sobre ele.



Atenção!

O conceito de erro de estímulo do estruturalismo de Titchener é importante para que você não cometa a confusão entre o objeto de estudo e o processo mental utilizado.



Lembre-se

Há uma importante diferença entre experiência imediata e experiência mediada. Esse é um dos critérios para definir o campo de atuação da Psicologia como ciência (ARAÚJO, 2007).

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
Onde está a Psicologia?	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender os critérios que definiram a Psicologia como ciência. Conhecer a psicologia experimental de Wundt. Conhecer o estruturalismo de Titchener. Compreender as colaborações de Wundt e Titchener para a Psicologia.
3. Conteúdos relacionados	Wundt e Titchener.
4. Descrição da SP	Imagine que, num hospital, ao atender uma paciente, ela se queixa de vários problemas físicos com os quais se irrita: gripe, cansaço, dores etc. O que você poderia perguntar para atingir o objeto da Psicologia num caso como esse? Imagine, também, a forma de relatar a possível resposta.
5. Resolução da SP	Para resolver a situação-problema, é fundamental que você compreenda o conceito de experiência imediata. Como esses sintomas físicos são sentidos e percebidos pelo paciente?

	<p>Outros conceitos que podem auxiliá-lo é o de apercepção e percepção de Wundt. Assim como a relação feita por Titchener entre imagem – estados afetivos – sensação. O que é da pessoa, como é a relação com a doença e o que é sintoma da doença?</p> <p>Também é muito importante que você aprenda a fazer relatos imparciais, conforme a proposta do estruturalismo.</p>
--	--



Lembre-se

Há uma importante diferença entre experiência imediata e experiência mediada. Esse é um dos critérios para definir o campo de atuação da Psicologia como ciência.



Faça você mesmo

Ao ouvir comentários das pessoas no dia a dia, tente imaginar como chegar à experiência imediata daquela fala. Esse é um ouvido de psicólogo, diferente da preocupação com o entendimento superficial das palavras.

Faça valer a pena

1. A psicologia experimental foi uma proposta de fundação científica da Psicologia. Entre os requisitos para que isso ocorresse, estão:

- O caráter experimentalista, que consiste em estimular os órgãos dos sentidos para que a pessoa relate posteriormente.
- A definição de campo e objeto de estudo, sendo eles a relação entre físico e psíquico e a experiência imediata.
- A definição da Psicologia como “ciência da alma” e sua investigação metafísica.
- A definição da Psicologia como “ciência da mente” embasada pela Filosofia da Mente.
- A definição da mente humana como fundadora de relações associacionistas.

2. Sobre o estruturalismo, de Titchener, é possível afirmar que:

- Estuda os elementos da consciência para compreender a sua estrutura como um todo.

- b) Organiza as pesquisas experimentais em Psicologia ao propor um método universal e abrangente.
- c) Seu projeto de prática revolucionou a Psicologia nos Estados Unidos e no mundo.
- d) Abriu caminho para diversas derivações de seus estudos, sendo, até hoje, uma das principais abordagens da Psicologia.
- e) Colaborou diretamente com o desenvolvimento da Psicologia, tendo sido Titchener coautor de diversas publicações da área.

3. Uma das influências de Titchener para a Psicologia foi a herança da elaboração de relatos imparciais, ou seja, neutros. Por qual motivo isso seria importante para a Psicologia?

- a) Para que o psicólogo tenha maior organização em seus documentos profissionais e pessoais.
- b) Para que a Psicologia consiga se manter como uma ciência natural exata.
- c) Para que seja possível concentrar a atenção nos dados da experiência imediata, sem que o sujeito distorça as informações de acordo com sua preferência.
- d) Para que se possa compartilhar os documentos com colegas de outras áreas científicas, conforme a formação dos psicofísicos (física, química, matemática e fisiologia).
- e) Para que se criem novos documentos, dando maior importância burocrática aos psicólogos como profissionais.

Seção 2.4

O funcionalismo e a psicologia como necessidade moderna

Diálogo aberto

No decorrer desta unidade, você vem enfrentando a possibilidade de precisar realizar um trabalho hospitalar sem experiência profissional suficiente. Da mesma forma que essa situação, a Psicologia um dia já foi assim: não sabia muito bem o que fazer, mas sabia que precisava fazer algo. Ainda que não haja segurança teórica suficiente, há momentos em que é preciso ir à prática, mesmo que se sinta inseguro. Isso pode acontecer várias vezes na sua carreira, mas não significa que você deva deixar de estudar e se preocupar apenas com a prática. Significa que, aos poucos, você conseguirá aproximar teoria e prática.

O funcionalismo e a psicologia funcional derivada dele representam um momento em que a Psicologia precisou tomar uma atitude como essa e propor práticas com o conteúdo teórico que tinham disponíveis para resolver problemas. No caso de um hospital público, problemas não lhe faltariam. E será muito importante que você conheça bem a teoria para conseguir solucionar problemas.

Vamos supor que você seja acionado, por exemplo, por um médico que não consegue lidar com um paciente que não quer tomar a medicação antibiótica. O paciente está afirmando que ele precisa melhorar sem remédio e, se tomar, vai tomar só um dia. O médico, depois que saem do quarto, diz a você que “essa gente que usa hospital público é assim mesmo”. Alguns membros da equipe demonstram concordar, outros ficam quietos.

Embora saiba que o paciente tem o direito de recusar a medicação, você poderia ajudar de alguma forma? O que dizer? O que a atitude desse paciente pode dizer a respeito dele? O conhecimento geral de Psicologia é suficiente para lidar com a situação ou é preciso considerar as particularidades deste paciente? Mas como fazer isso, se não há tempo para conhecê-lo com profundidade e saber da sua história de vida em detalhes? Suas atitudes são conscientes ou automáticas?

A Psicologia Funcional traz ideias e conceitos que mudam a forma de se pensar e

trabalhar a Psicologia. Com outro ponto de vista, é possível também rever as maneiras de se avaliar as pessoas com tanta exatidão, pois nem sempre você tem um laboratório por perto.

Após o cumprimento desta seção, você será capaz de compreender o conceito de evolução no contexto de adaptação e mudança; entender a importância de se concentrar na prática nos momentos que exijam ações rápidas; compreender a consciência como um fluxo em movimento e não como objeto estático; reconhecer e lidar com elementos irracionais e diferenças individuais nas pessoas; conhecer os pressupostos do estruturalismo, do darwinismo e do pragmatismo, bem como reconhecê-los em um possível contexto profissional.

Não pode faltar!

O funcionalismo, que depois viria a formar a psicologia funcional, foi a primeira escola de pensamento fundada nos Estados Unidos e responsável por uma grande revolução no pensamento psicológico. Ele ocorreu numa época em que a Psicologia começava a se separar com mais clareza da Filosofia, gerando diversos frutos.

Para entender que mudança bombástica foi essa na Psicologia, analise a palavra "funcionalismo". Se "estruturalismo" se referia à estrutura e à formação da consciência, em vez de perguntar "do que é feita a consciência?", o funcionalismo pergunta "para que serve a consciência? Qual é a sua função?" Como o conceito de consciência muda para cada autor, é importante pensá-lo como fenômeno, ou seja, como aquilo que de certa forma sabemos o que é mesmo sem ter um conceito formal definido. O que o funcionalismo faz é não tentar responder o que é ou do que é feita, mas para que serve. Entende a consciência como uma habilidade destinada a resolver problemas.

Por isso mesmo, dentre as principais características do funcionalismo está uma doutrina filosófica denominada pragmatismo, que expressa a preocupação com a prática e com a utilidade das coisas, a saber: a consciência (FREIRE, 2008).

O funcionalismo chegou a essas questões a partir de algumas novas influências filosóficas que surgiam na época, mas, principalmente, pela influência das teorias do biólogo inglês Charles Darwin (1809-1882), autor conhecido por suas teorias revolucionárias sobre as transformações da natureza, principalmente dos animais, fenômeno esse conhecido como evolução.

A ideia de que os seres mudam não é original de Darwin. O próprio avô de Charles Darwin, Erasmus Darwin, que era fisiologista, ao notar semelhança na constituição e funcionamento dos corpos de diferentes seres vivos, afirmava que todos os animais de sangue quente vinham de uma única família criada por Deus. Assim como os antigos gregos, Erasmus considerava que Deus havia criado a vida na Terra mas, em seguida,

deixara de interferir. Tudo o que ocorreu depois da criação foi por meio de leis naturais que provocaram mudanças (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) fazia estudos desse tipo sobre a natureza, criando teorias sobre transformações que os animais sofriam de acordo com as necessidades ambientais. O exemplo mais conhecido de suas teorias é a do pescoço da girafa, que havia crescido para alcançar as folhas mais altas e depois passaria essa característica para os seus descendentes (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Mesmo os pensadores religiosos estavam descontentes com a explicação bíblica de Noé, pois, ainda que acreditassem na sua história, julgavam impossível que ele tivesse conseguido reunir na arca todas as espécies e subespécies do mundo com todas as mínimas diferenças que demonstram de um indivíduo para o outro. Um mesmo tipo de pássaro, por exemplo, pode ter variações, como é o caso do sabiá, que apresenta mais de 15 tipos, como o sabiá-laranjeira, sabiá-poca, sabiá-do-campo etc. Isso é comum em todos os animais.

Atualmente, biólogos não conseguem entrar em consenso sobre quantas espécies animais existem no mundo e, a cada ano, novas espécies são descobertas. Segundo relatório da Organização Não Governamental World Wild Fund for Nature – WWF, entre 1999 e 2009, só na Amazônia, foram descobertos 257 novos peixes, 216 anfíbios, 55 répteis, 16 pássaros e 39 mamíferos que eram até então desconhecidos. Isso sem falar nas 637 plantas (WWF, 2010). Mais espécies foram descobertas nessa mesma época em outros lugares do mundo, como Ásia e Austrália.

Esse alto número de espécies já intrigava os estudiosos da época. Ainda que eles acreditassem na história de Noé, no máximo, seria possível considerar que ele tivesse abrigado matrizes das espécies que se transformaram depois. Para se ter ideia, especialistas calculam hoje – sem consenso – a possibilidade de existência de 8,7 milhões de espécies de animais no mundo, sendo uma diferente da outra. “Apenas” 1,3 milhão delas são catalogadas (BLACK, 2011). Portanto, hoje, do ponto de vista biológico, não é possível pensar que não há transformação e derivação de espécies animais.

Darwin realizou um estudo sistemático e detalhado sobre o assunto. Publicou em 1859 o livro *A Origem das Espécies*, no qual demonstra sua teoria da evolução e da seleção natural. A teoria da evolução consiste na afirmação de que os seres vivos mudam de geração para geração em busca de maior adaptação ao meio ambiente. Quanto mais adaptados ao meio, maiores são suas chances de sobrevivência. Já a seleção natural mostra de que forma essa evolução acontece: simplesmente, aqueles que não estão adaptados ao meio, morrem, e não passam para as próximas gerações a sua genética. Os animais morrem por motivos diversos: falta de comida, doenças, virar comida de outro animal etc. Se, em sua vida, não conseguiram se reproduzir, não passam sua genética para as próximas gerações. Quanto mais adaptados ao

meio, maior a chance de sobreviverem e repassarem sua genética; quanto menos adaptados, menores são essas chances. Diferente do que pode pensar o senso comum, "evolução", em termos científicos, significa movimento, mudança, e não necessariamente melhora.

Um dos grandes feitos de Darwin foi ter conseguido constatar situações que podiam demonstrar sua teoria enquanto estavam acontecendo. Ele fez isso, viajando para diversos lugares, como América do Sul (incluindo Brasil), Ilhas Galápagos, Taiti, Austrália etc. Recolheu bastante material e estudou-os exaustivamente.

Um dos exemplos mais conhecidos das suas descobertas é sobre os bicos dos tentilhões. Tentilhões são pássaros que vivem nas Ilhas Galápagos, região que, pela diversidade da fauna exótica, colaborou muito com o pensamento de Darwin. Eles são muito semelhantes entre si, mas demonstravam um bico muito diferente de acordo com o ambiente em que estavam. Ao observar o tipo de semente do qual se alimentavam, era possível notar que eles não conseguiriam comê-la se tivessem o bico diferente. Para Darwin, portanto, um ancestral comum sofreu modificações de acordo com o alimento disponível no ambiente. Décadas depois, no início dos anos 1970, biólogos realizaram uma pesquisa de mais de 30 anos, que constatou um aumento de cinco centímetros nos bicos dos tentilhões após mudanças climáticas significativas na região (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Exemplificando

Um exemplo de evolução no nosso cotidiano está no uso da medicação antibiótica. Quando uma prescrição médica diz que um antibiótico deve ser tomado durante uma semana, esse é o prazo para eliminar a bactéria do organismo. Porém, há pessoas que interrompem o uso assim que melhoram, sem cumprir o prazo. A colônia de bactérias não morre totalmente. As sobreviventes se reproduzem rapidamente e passam a se adaptar ao meio ambiente, ou seja, à química do antibiótico. As bactérias passam pelo processo de seleção: as que não resistem ao remédio morrem, e as resistentes sobrevivem e se reproduzem. A colônia evolui para uma espécie resistente àquele antibiótico. É comum que essa pessoa volte a ficar doente e os sintomas fiquem mais intensos. O médico receita um antibiótico mais forte, que, se não for ministrado corretamente, provocará o mesmo efeito, criando bactérias cada vez mais resistentes. É por esse motivo que existem hoje superbactérias altamente resistentes, que provocam diversas mortes quando surgem em hospitais e espaços de saúde.

Algo semelhante ocorre com o mosquito *aedes aegypti* transmissor da dengue, febre amarela urbana, zika e *chikungunya*. Se não for combatido

intensamente, o mosquito evolui, criando mais resistência e capacidade de adaptação.

A constatação de primatas semelhantes aos seres humanos, como orangotangos, gorilas e chimpanzés, trouxe o pensamento de que nossa constituição não estaria livre das teorias darwinianas. Era, sim, um tema polêmico para a época, mas desde o fim da Idade Média, o pensamento filosófico e científico não se encontrava mais comprometido com pressupostos religiosos. Cientificamente, o homem passaria a ser visto, portanto, como um animal entre os animais. A Psicologia passava a demonstrar uma compreensão mais específica sobre as características humanas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Assim, surge a ideia de que poderia haver uma função adaptativa da consciência, visando à seleção natural.

Pense em como as pessoas podem avaliar suas decisões a partir desse ponto de vista: que escolhas aproximam você da vida e que escolhas o afastam dela? Determinados conhecimentos poderiam fazê-lo perceber se as escolhas que tem feito são coerentes com a busca pela sobrevivência ou não.

O psicólogo estadunidense William James (1842-1910) foi o grande precursor da psicologia funcional. James estuda a obra de Wundt e passa a desenvolver suas críticas sobre a psicologia experimental. Em suas aulas, seus pensamentos sobre as relações entre Fisiologia e Psicologia vão tomando força e consistência. Com esses estudos, escreveu o livro *Os Princípios da Psicologia*, em 1890 (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

De acordo com Freire (2008), o livro traz algumas críticas diretas ao estruturalismo, por ser atomista e associacionista (elementismo). Critica Titchener e também Wundt por percorrerem um pensamento que segue do simples para o complexo. Por fim, critica também os métodos de Titchener, pois, para William James, é preciso pesquisar a Psicologia como ela se mostra no dia a dia, e não através de estudantes treinados dentro de um laboratório.



Refleta

O que você pensa dessa provocação de William James lançada a Titchener? Titchener acreditava estar sendo cuidadoso ao controlar as variáveis das pesquisas em laboratório. Mas o que pretende a Psicologia? Entender as pessoas dentro de um laboratório ou da forma como ela se mostra na realidade? Quando os estudantes eram treinados, essa não seria uma forma de produzir resultados já esperados? Titchener teria espaço para se surpreender com um fenômeno novo algum dia? Ou a proposta de James tem mais chance de encontrar novos acontecimentos?

O livro foi extremamente influente na sua geração e nas gerações seguintes. Foi vendido tanto para o público acadêmico como para o público leigo, o que resultou numa grande popularização da Psicologia.

James altera totalmente o caminho da Psicologia até então. Define o objeto da Psicologia como sendo os mecanismos de adaptação dos seres humanos ao seu ambiente. Ele afirma haver uma função evolutiva na consciência, cuja função seria garantir a sobrevivência do sujeito, concebendo que as pessoas sejam semelhantes aos animais. Devido a isso, também aborda aspectos não racionais na psicologia humana, como a emoção e a paixão, inclusive nos processos intelectuais. William James também estudou crenças e religiões e, segundo ele, as crenças e os desejos pessoais interferem no processo racional e na formação de conceitos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Para se conhecer o objeto da Psicologia, portanto, seria preciso realizar investigações através de dois caminhos: o dos fenômenos (experiência imediata) e o das condições (influência do corpo e do cérebro na consciência). Isso significa que James considerava a experiência do sujeito diante do ambiente e as subestruturas físicas da consciência, ou seja, as características corporais, principalmente no que diz respeito ao cérebro. Para ele, a consciência não pode ser dividida em elementos, pois é uma experiência constante denominada Fluxo de consciência (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Assimile

Fluxo de consciência: ideia de que a consciência não é um objeto, mas um movimento contínuo que não pode ser reduzido.

Para elaborar essa visão sobre a consciência, James assimila a Filosofia da Intencionalidade da consciência, resgatada e reelaborada por Franz Brentano da Escolástica de Santo Tomás de Aquino. Esse é um conceito típico da fenomenologia, que é uma filosofia bastante influente na Psicologia. A consciência deixa de ser entendida como um objeto construído por elementos para ser compreendida como um movimento do sujeito em direção ao mundo.

Ao se considerar a consciência dessa forma, não se pode conceber a existência de dois momentos iguais, mas de um movimento contínuo e ininterrupto. A subjetividade e as diferenças individuais, portanto, são amplamente consideradas na psicologia funcional. Dessa forma, unindo o conceito de intencionalidade com a ideia de que não somos totalmente racionais, James consegue fazer uma importante distinção para a Psicologia: a diferenciação entre escolha e hábito, sendo a escolha algo consciente e o hábito involuntário, “automático” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Preste atenção em suas ações no dia a dia e tente distinguir o que é escolha (atitude consciente e voluntária) daquilo que é hábito (ação automática e involuntária).

Com relação ao método de pesquisa, embora William James tenha suas recomendações, deixa claro que não há restrição de métodos. Essa é uma postura pragmatista, ou seja, o que realmente importa como verdade é que aquilo funciona na prática e não necessariamente o que tem coerência lógica ou filosófica (FREIRE, 2008). A verdade para o pragmatismo, portanto, é aquilo que “funciona”.

Seguindo a proposta teórica de William James, ele afirma que o eu é formado por três diferentes aspectos que se complementam: 1) o eu material (envolve aquilo que é pessoal, íntimo, corporal); 2) o eu social (contextualizado de acordo com as pessoas e lugares); 3) o eu espiritual (subjetividade, parte do mundo próprio). Para James, esses aspectos trabalham em conjunto e demonstram caráter evolutivo, ou seja, têm por finalidade a sobrevivência do sujeito (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Assim, a psicologia funcional buscará compreender como o sujeito interage com o mundo através dessas características.

Sendo esse um conhecimento tipicamente psicológico, fica claro o quanto James contribuiu para a formação da psicologia funcional.



Refleta

Seria possível, então, analisar a vida de alguém de forma rápida através desses três aspectos formadores do eu, ajudando a pessoa a repensar sua própria vida e também o ambiente ao seu redor?



Exemplificando

Ter como base a ideia da consciência como fluxo em busca de resolver problemas para melhor adaptar-se ao meio incentiva uma visão de homem ativo e autônomo, ou seja, capaz de resolver seus próprios problemas. Orientar alguém sobre a necessidade de tomar determinadas decisões para sua sobrevivência, quando feito de maneira competente, pode trazer resultados surpreendentes. Tendo em vista a teoria dos três “eus”, é possível, por exemplo, que a pessoa tome decisões que a prejudicam fisicamente para reafirmar um aspecto social, como reagir diante de um preconceito, ou por uma crença subjetiva que nunca foi debatida.

Com o tempo e com a evolução dos estudos e pesquisas na área, o funcionalismo foi se tornando cada vez mais detalhado e pesquisado até gerar a psicologia funcional. Ela, na verdade, não foi fundada por William James, mas totalmente inspirada no seu trabalho e nas bases teórico-filosóficas que ele já tinha elaborado. A Psicologia é fundada pelas escolas de Chicago e de Columbia. Os autores mais conhecidos da Escola de Chicago são John Dewey (1859-1952), James Rowland Angell (1869-1949) e Harvey A. Carr (1873-1954); o da Escola de Columbia é Robert Sessions Woodworth (1869-1962). A eles coube o papel de desenvolver e aprimorar as teorias de James, desenvolvendo-as, aplicando-as em diversos campos de atuação, acrescentando-as em seus conteúdos de ensino, assim como lhes trazendo reflexões sobre a Educação e a Ciência de forma geral. Foi através do trabalho deles que o funcionalismo tomou corpo e a psicologia funcional se consolidou (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Pesquise mais

Aprenda mais sobre o pragmatismo conforme descrito por John Dewey. Leia o artigo "O desenvolvimento do pragmatismo americano". Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-31662007000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 31 dez. 2015.

Devido a seu caráter pragmático, a psicologia funcional é a Psicologia voltada para a resolução de problemas práticos que envolvam pessoas e suas inter-relações. O novo ambiente social tinha várias demandas de problemas práticos com pessoas e relações interpessoais para serem resolvidos. Foi esse encontro de interesse e necessidade que propiciou à Psicologia uma ampla aplicação prática baseada nas premissas da psicologia funcional, que se pôs a criar e aprimorar técnicas e métodos para cumprir seu papel de forma cada vez mais eficaz e eficiente.

Ressalta-se aqui o papel da burguesia que, detentora do dinheiro, financiava pesquisas de acordo com o seu interesse. Grandes indústrias pagavam por laudos técnicos de psicólogos para demonstrar que produtos não geravam prejuízos psicológicos. Um exemplo foi a realização de aproximadamente 64 mil avaliações pelo psicólogo Harry Hollingworth, entre 1909 e 1911, que provou cientificamente que a Coca-Cola não causava alterações motoras e mentais e poderia, portanto, ser comercializada. Através dos fundamentos da psicologia funcional, ele criou seus próprios instrumentos de avaliação das funções psicológicas e realizou um trabalho competente e ético. A ética científica rigorosa foi uma exigência imposta por ele à empresa que o contratou (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Assim, de forma pioneira, vários psicólogos foram aos poucos aplicando as teorias da psicologia funcional e criando formas de atuação em diversas áreas, como: testes psicológicos, testes de inteligência, psicologia clínica, psicologia industrial e do trabalho, recrutamento e seleção, publicidade, psicologia forense, psicoterapia etc.

(SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

No entanto, é importante ressaltar que nem tudo foram flores na linhagem teórica evolucionista e funcionalista. Darwin tinha um primo chamado Francis Galton (1822-1911). Ambos sempre se mostraram muito inteligentes e frequentemente trocavam ideias sobre seus trabalhos e pesquisas. Galton era um interessado e obcecado pesquisador. Seu trabalho colaborou com diversas áreas do conhecimento, como Geografia, Antropologia, Meteorologia, Matemática, Estatística, testes mentais e outros.

Galton demonstrava interesse pelas diferenças individuais, o que era uma grande exceção no mundo científico, que costuma buscar pelo universal, ou seja, o que é comum a todos, e não o que é diferente para cada um. Foi ele quem descobriu que as pessoas têm impressões digitais exclusivas, ou seja, a impressão digital de uma pessoa nunca é igual à de outra. Até hoje, a impressão digital é utilizada em documentos e biometria para identificar as pessoas e assegurar sua identidade.

Em seus estudos sobre individualidade e herança genética, criou o conceito de eugenia, que, segundo ele, serviria para selecionar pessoas que viessem a melhorar geneticamente a espécie humana. Galton defendia que fossem identificados, na sociedade, os indivíduos "notáveis", para que fosse estimulada sua reprodução e desencorajada a reprodução dos sujeitos inaptos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Apesar de sua genialidade, Galton parece demonstrar com sua proposta eugênica que há realmente elementos não racionais nas escolhas e decisões humanas, como, por exemplo, o preconceito racial. Com sua busca científica sobre a hereditariedade biológica, Galton acaba criando uma base lógica para a discriminação racial ao estabelecer que existiriam pessoas geneticamente "melhores" e "piores". Esse pensamento foi utilizado para justificar o estímulo ao "embranquecimento" da sociedade brasileira e o regime nazista alemão, que considerava os alemães arianos superiores a toda a humanidade. Até hoje, ele é fonte para a discriminação e o racismo de modo geral. Mesmo com estudo formal, a pessoa pode ser preconceituosa.

Herbert Spencer (1820-1903), por sua vez, criou um desastre semelhante ao de Galton, chamado darwinismo social. Ele propôs uma aplicação direta das teorias da evolução e seleção natural às sociedades humanas, defendendo que aqueles que acumulam riquezas, fama e sucesso eram os tais "indivíduos notáveis", que de fato mereciam explorar as outras pessoas, assim como os animais aptos da natureza sobrevivem, enquanto outros morrem.

Essa é uma posição equivocada, justamente por ser muito coerente com o espírito mecanicista e determinista da época. No caso, um determinismo genético. Galton e Spencer não consideraram dois elementos que, guardadas as devidas proporções, estão presentes na teoria de Darwin e de outros autores: o aprendizado e a interação social com o meio ambiente. Isso sem contar as condições econômicas e sociais, que eram um fator, apesar de tão importante e influente, praticamente desconhecido

e desconsiderado na Filosofia e Ciência da época. Também não existiam conceitos hoje comuns, como vida comunitária entre espécies da natureza e a própria Ecologia enquanto um sistema de relações harmônicas.

Os usos indevidos das teorias funcionalistas, apesar de não serem uma boa lição, são importantes de serem lembrados como um grave problema ético a ser encarado pela Psicologia e suas pesquisas.

Por sua vez, o funcionalismo e a psicologia funcional, ao mudarem sua forma de questionar e entender a consciência buscando por suas funções em vez de sua estrutura, produziram uma série de empolgados e dedicados multiplicadores. Dessa maneira, influenciaram várias áreas e abordagens futuras, como a Educação, a psicologia da Gestalt, o behaviorismo e, entre outros desdobramentos, incentivaram a aplicação da Psicologia (FREIRE, 2008).

Sem medo de errar

Você está diante de um paciente que não quer tomar a medicação antibiótica utilizando razões subjetivas. Por causa disso, sofre preconceito do médico e de alguns membros da equipe e pode demonstrar uma atitude oposicionista, dificultando ainda mais as chances de tomar a medicação. Como psicólogo, como você pode ajudá-lo?

Adaptação é a palavra-chave das teorias darwinianas utilizadas na concepção da psicologia funcional. Portanto, se ainda houver dificuldades em se integrar ao novo ambiente de trabalho, refletir sobre atitudes que auxiliem nesse processo é fundamental.

Para que isso seja uma atitude, é preciso compreender o conceito de Pragmatismo. O psicólogo que conhece a psicologia funcional aprende a lidar com as situações, mesmo que não tenha informações profundas sobre o passado ou o “funcionamento” físico das pessoas. É possível compreender alguém através da forma como a consciência se manifesta no momento presente. Ao descrever o fluxo de consciência e considerar as diferenças individuais (subjetividade), é possível criar referências próprias para aquela situação. Se funcionar, ótimo. No caso, uma ação pragmática seria convencer o paciente a tomar o remédio.

O conhecimento ajuda, claro, mas é preciso conseguir explicar ao paciente uma teoria aplicada, como a teoria da evolução e a seleção natural, de maneira didática e convincente e numa linguagem que atinja o Eu do outro em suas três partes.

Também é preciso saber reconhecer aspectos racionais e não racionais nas pessoas para poder lidar com as diferentes situações, dissolvendo de forma polida os preconceitos que possam prejudicar outras pessoas.

Explicar para o paciente o funcionamento do antibiótico e a importância que esse remédio tem no momento é algo que pode funcionar. Porém, é preciso considerar suas crenças e opiniões pessoais, sendo compreensivo, mas introduzindo uma nova forma de pensar. Afirmar que estamos sempre aprendendo para poder sobreviver e que, nesta situação nova para ele, são precisos novos hábitos e atitudes. Outro ponto importante é demonstrar solidariedade, uma vez que o paciente foi alvo de preconceito por alguns membros da equipe médica, dizendo que o risco da sua saúde não deve ser um motivo para provar que está “certo”. Ele pode conversar sobre isso com a equipe num outro momento, mas esse é um assunto diferente do uso ou não da medicação.



Atenção!

Lidar com uma situação prática real exige muita perspicácia e velocidade de pensamento do psicólogo, pois, como diz o próprio William James, as pessoas não estão paradas num laboratório. A vida está acontecendo, as coisas estão mudando.



Lembre-se

Tenha em mente a mudança fundamental realizada pelo funcionalismo, que é procurar sempre a função das coisas: para que serve aquele pensamento? Aquele sentimento? Aquele atitude? Aquele opinião? Que ganho evolutivo ele pode ter? Que necessidades são atendidas por trás do que é visto?

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
É hora de evoluir	
<p>1. Competência de fundamentos de área</p>	<p>Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.</p>
<p>2. Objetivos de aprendizagem</p>	<p>Compreender o conceito de evolução no contexto de adaptação e mudança. Entender a importância de se concentrar na prática nos momentos que exijam ações rápidas. Compreender a consciência como um fluxo em movimento e não como objeto estático.</p>

	<p>Reconhecer e lidar com elementos irracionais e diferenças individuais nas pessoas.</p> <p>Conhecer os pressupostos do estruturalismo, do darwinismo e do pragmatismo, bem como reconhecê-los em um possível contexto profissional.</p>
3. Conteúdos relacionados	William James: darwinismo e pragmatismo na Psicologia.
4. Descrição da SP	<p>Um hospital lançou uma campanha para pacientes e profissionais da saúde sobre o uso responsável da medicação. Por ser psicólogo, você foi convidado pelo coordenador da equipe para falar sobre comportamentos diante de novas situações e o quanto eles podem facilitar a adaptação ou dificultá-la, dependendo da pessoa.</p> <p>Como você poderia reunir em um parágrafo as ideias principais desse tema sob o ponto de vista do funcionalismo?</p>
5. Resolução da SP	<p>O que você precisa saber para lidar com essa situação-problema é, principalmente, transformar o conhecimento teórico em prática. Por exemplo, entender o significado científico do conceito de evolução, assim como uma maneira de aplicá-lo ao tema proposto.</p> <p>A evolução traz duas ideias importantes para essa SP: 1) a de que um ser vivo é ativo em sua própria vida e, portanto, consegue desenvolver autonomia em momentos muitas vezes surpreendentes; 2) o problema do uso excessivo e não consciente do antibiótico.</p> <p>Será necessário considerar que existem diferenças individuais entre as pessoas, considerando sua consciência como algo próprio e em constante mudança (fluxo de consciência). Também é fundamental que consiga perceber aspectos não racionais nos pensamentos e fala das pessoas, incluindo os preconceitos.</p>



Lembre-se

O funcionalismo traz uma diferença muito grande no entendimento da consciência. Enquanto o estruturalismo se perguntava de que elementos ela era feita, o funcionalismo quer entender para que servem suas características na prática.



Faça você mesmo

Procure identificar nas suas ações, e nas das outras pessoas, quais possíveis funções evolutivas (garantia da sobrevivência) elas teriam. Função evolutiva é quando algum hábito ou ação tende a garantir a sobrevivência, como, por exemplo, hábitos de higiene com o corpo, com a comida, com a casa que previnem doenças ou a presença de transmissores de doenças. Identifique também se essas ações são racionais ou irracionais, escolhas ou hábitos.

Faça valer a pena

1. O funcionalismo, ao influenciar os estudos da Psicologia, fez com que ocorresse uma mudança na forma de questionar a consciência. Assinale a afirmação correta sobre o interesse do funcionalismo pela consciência:

- a) Com o término da catalogação dos elementos da consciência no estruturalismo, o funcionalismo deveria, então, estudar seu funcionamento.
- b) William James propõe que a consciência deve ser compreendida por meio de sua função evolutiva e não de sua formação.
- c) Charles Darwin concebeu a evolução da consciência nos primatas, acompanhando o desenvolvimento físico e deixando para o funcionalismo o estudo da Psicofísica.
- d) Após a descoberta do fluxo de consciência, a Psicologia deveria passar a medir a intensidade, a velocidade e a qualidade desse fluxo usando de testes mentais.
- e) William James propôs a mudança do foco dos estudos em Psicologia, da Psicofísica para a psicologia experimental.

2. A evolução através da seleção natural pode ser compreendida num exemplo simples do dia a dia. Assinale a frase que exemplifica essa situação:

- a) Quando são realizadas observações de pássaros tentilhões, é possível notar o quanto eles sofrem alterações com frequência.
- b) Os primatas, semelhantes aos humanos, são a prova de que nós um dia já fomos primatas também.
- c) Aprender a se comportar da forma correta em cada ambiente permite que esse conhecimento seja passado à próxima geração.
- d) Caso o uso de um antibiótico seja interrompido antes do prazo, a bactéria que sobreviveu pode evoluir e se tornar resistente a essa química.
- e) O cruzamento entre espécies é que proporciona a possibilidade de sobrevivência e evolução na natureza.

3. Sobre o objeto de estudo da Psicologia, segundo o funcionalismo, é possível afirmar que:

- a) Desde que Wundt propôs a experiência consciente como objeto da Psicologia na fundação dessa ciência, ele se manteve sempre o mesmo.
- b) A Psicologia não deve ter um objeto, visto que se considera a

subjetividade como um fluxo.

c) Seu objeto passa a ser o sujeito em adaptação no ambiente, sendo a consciência em fluxo um fator evolutivo.

d) Seu objeto é um aprimoramento dos elementos da consciência, o que demonstra seu caráter evolutivo.

e) Seu objeto é voltado à compreensão da evolução no homem, portanto, concentra-se na herança genética em laboratório.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- AQUINO, R. S. L. de et al. **História das sociedades**: das sociedades modernas às sociedades atuais. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.
- ARAÚJO, S. F. Wilhelm Wundt e o estudo da experiência imediata. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 92-104.
- BLACK, R. **Pesquisa calcula em 8,7 milhões número de espécies existentes**. Brasília: BBC, 2011. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/08/110824_especies_numero_pesquisa_rw.shtml>. Acesso em: 8 dez. 2015.
- DESCARTES, R. Meditações. In: **Descartes**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os pensadores).
- DEWEY, J. O desenvolvimento do pragmatismo americano. **Sci. Stud.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 227-243, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-316620070002000006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 dez. 2015.
- FECHNER, G. T. **Paralelismo psicofísico**. Tradução de Oswaldo Pessoa Júnior. São Paulo: USP, 2012 (1860). Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Fechner-Paralelismo-1.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- FERREIRA, A. A. L. O lugar da psicofísica de Gustav Fechner na história da Psicologia. **Memorandum**, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, n. 5, p. 86-93, 2003. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/artigo07.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2015.
- FREIRE, I. R. **Raízes da psicologia**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HEARNSHAW, L. S. O início da psicologia científica. Tradução: Caroline Passuello, Mariana Raymundo e Mayte Amazarray. In: HEARNSHAW, L. S. **The shaping of modern psychology**. London: Routledge, 1987. p. 124-48. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/musepsi/aula12.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2015.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MARCELLOS, C. F.; ARAUJO, S. F. A questão da consciência na psicologia de Wilhelm

Wundt. **Estud. Pesqui. Psicol.** Rio de Janeiro, v. 11, n. 1. jan./abr. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812011000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 31 dez. 2015.

REALE, G.; ANTISIERI, D. **História da filosofia**: do humanismo a Descartes. São Paulo: Paulus, 2004. v. 3.

RODRIGUES, L. Entenda o que é o Ato Médico. **Portal EBC**. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/saude/2013/06/entenda-o-que-e-o-ato-medico>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

SÊGA, R. A. Ordem e progresso. **História viva**, São Paulo, 5, mar. 2004. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/ordem_e_progresso_imprimir.html>. Acesso em: 8 nov. 2015.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage, 2009.

WWF. **Amazônia viva!**: uma década de descobertas: 1999-2009. Brasília: WWF-Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/?26345/amazonia-viva-uma-decada-de-descobertas-1999-2009>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

PRINCIPAIS ESCOLAS DO PENSAMENTO PSICOLÓGICO

Convite ao estudo

Bem-vindo à terceira unidade da disciplina História da Psicologia. Enquanto avançamos no tempo, juntamente com o desenvolvimento da Psicologia, encontramos diversos pensadores, teóricos e diferentes maneiras de se conhecer e praticar essa vasta ciência. Nesta unidade, você dará continuidade à formação da competência de fundamento de área, que é conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica, bem como os diferentes sistemas em Psicologia em seus pressupostos epistemológicos e concepções de ciência.

Com essas diversas maneiras de se pensar a Psicologia, conheceremos as principais abordagens teóricas. A partir dessas escolas é que as teorias atuais se formaram. Nesta primeira seção, você verá o behaviorismo ou comportamentalismo e seus autores iniciais: Pavlov, Watson e Skinner; na seção 3.2, estudará a Psicanálise e, depois de tanto ouvir que “Freud explica”, finalmente poderá explorar suas explicações; na 3.3, conhecerá a psicologia da Gestalt com seu importante questionamento sobre a percepção humana; e, na última seção, serão apresentadas as abordagens humanistas e a psicologia sócio-histórica, que não concordavam totalmente com as ideias do behaviorismo e da Psicanálise.

O objetivo desta unidade é apresentar as bases filosóficas e científicas presentes no surgimento das principais abordagens atuais em Psicologia. Quando você for atuar como psicólogo, precisará de uma linha teórica sobre a qual construirá seu pensamento teórico e prático. Como entender uma pessoa? Que atitude tomar diante de uma situação? O que dizer? O que escrever em um relatório? Todas essas perguntas terão uma direção

mais clara se você tiver definida a sua abordagem teórica.

A psicologia escolar, diferente do que as pessoas podem inicialmente pensar, não se limita à identificação de problemas de aprendizagem dos alunos. O psicólogo deve estar atento à realidade da escola brasileira e preocupar-se com o desenvolvimento da autonomia e da subjetividade de cada aluno. Por isso, ele deve ter um ótimo preparo, não apenas específicos da área da Educação, mas também em uma abordagem teórica em geral.

Nesta unidade 3, a situação geradora de aprendizagem que orientará os seus estudos é a seguinte: a diretora de uma escola pretende contratar um psicólogo para atuar na área da Educação, mas soube, por meio de conversas informais com amigos, que existem diferentes abordagens teóricas dentro da Psicologia. Reconhecendo seus limites de conhecimento sobre a Psicologia e sendo uma gestora preocupada com a Educação, qualidade e coesão do ambiente escolar, decidiu contratá-lo para prestar uma consultoria teórica.

Para que possa fazer uma boa contratação, ela quer conhecer as características de cada abordagem teórica da Psicologia e tomar uma decisão consistente para atender satisfatoriamente às necessidades dos professores e dos alunos.

Ela gostaria de uma reunião para esclarecer pessoalmente algumas dúvidas sobre as diferentes teorias e com relação à decisão que deve tomar. Você está preparado para essa conversa? É preciso um amplo conhecimento das bases da Psicologia para poder responder às dúvidas da diretora.

Seção 3.1

Behaviorismo

Diálogo aberto

Nesta seção, você aprenderá sobre a psicologia comportamental, também chamada de behaviorista. Trata-se de uma abordagem que teve grande influência no mundo da Educação. Seus pensamentos iniciais já se relacionavam com a forma como as pessoas e os animais aprendem determinados comportamentos. Por causa das pesquisas com animais, é comum que algumas pessoas desenvolvam ideias equivocadas ou muito simplistas sobre o behaviorismo.

Assim, tendo como base a concepção teórica do behaviorismo, você resolverá uma nova situação-problema, apresentada na sequência.

Ao chegar à escola, você é conduzido até a sala da diretora. Ela pede que você se sente diante dela. Sentada numa poltrona ao lado, estava a coordenadora pedagógica, também convocada para a reunião. Com algumas palavras de acolhimento, ela retoma a ideia do projeto e reafirma seu objetivo, mostrando-se uma pessoa bastante interessada e comprometida.

Após esses momentos iniciais, ela finalmente dá início ao esclarecimento das suas dúvidas, pedindo que você dê um exemplo de reforço e punição positivos e negativos para que ela entenda melhor a diferença entre eles. Outra coisa que ela e a coordenadora pedagógica gostariam de esclarecimento era sobre a modelagem, pois acharam um absurdo a ideia de usar o behaviorismo e manipular os alunos como se fossem ratos ou pombas.

Você consegue pensar em uma resposta didática para dar à diretora e à coordenadora? Elas estão esperando...

Ao encerrar esta seção, espera-se que os objetivos de aprendizagem tenham sido desenvolvidos, sendo eles: compreender o contexto histórico de surgimento do behaviorismo e seus pressupostos básicos; compreender o conceito de reflexo condicionado de Pavlov; e reconhecer a proposta de behaviorismo de Watson e a de Skinner.

Não pode faltar!

Antes de tudo, é preciso esclarecer o nome da abordagem que está sendo estudada aqui. O nome "behaviorismo" pode soar estranho no início, mas logo ele se torna familiar. A pronúncia desse nome é "birreiviorismo" e ele é derivado da palavra behavior (pronuncia-se "birreivior") utilizada no inglês com o significado de "comportamento". Por isso, dizer comportamentalismo no lugar de behaviorismo significa a mesma coisa. Entre os psicólogos, porém, usar a opção em inglês é bastante comum.

O behaviorismo é uma das principais abordagens da Psicologia e tem uma série de autores importantes. No entanto, diante do objetivo da disciplina, você se concentrará aqui em três nomes principais para compreender o pensamento behaviorista: Ivan Pavlov, John Watson e B. F. Skinner.

Um dos precursores do behaviorismo foi Edward Lee Thorndike (1874-1949), que direcionou sua investigação sobre o comportamento animal para os seres humanos. Thorndike procurava uma explicação para as coisas através do controle sistemático e rigoroso, típicos da ciência positivista.

Thorndike propôs o conexionismo: uma abordagem que acredita que há uma conexão entre estímulos e respostas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Para comprovar sua hipótese, ele criou um instrumento chamado "caixa-problema", na qual prendia um animal, que poderia se soltar sozinho se destravasse corretamente uma sequência de trancas.

Ele elaborou princípios da aprendizagem por tentativa e erro que foram bastante influentes na Psicologia, principalmente no behaviorismo. Os princípios são: 1) Lei do Efeito: a ação que leva à satisfação tende a ser repetida, e a ação que mantém a insatisfação tende a ser abandonada; 2) Lei do Exercício: quanto mais frequente, mais recente e mais intensamente uma associação é realizada, maior a chance de fixação (FREIRE, 2008; SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

O pensamento behaviorista surgiu como oposição ao estruturalismo e ao funcionalismo. No entanto, ele traz alguma herança do funcionalismo, como a base evolucionista, a psicologia animal e a visão de homem como um organismo em interação com o ambiente.

Um dos conceitos mais básicos do behaviorismo veio de um pesquisador russo chamado Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936). Esse pesquisador é da escola dos reflexologistas russos, que eram médicos fisiologistas dedicados aos estudos dos reflexos. Neurologicamente, o reflexo é uma reação do corpo que não depende da escolha do sujeito, como aquela conhecida batidinha no joelho que faz com que a perna se mexa automaticamente. Descartes já utilizava a teoria do arco reflexo, que é considerada no pensamento psicológico para demonstrar uma diferenciação entre

corpo e mente. Os funcionalistas também investigaram as funções dos reflexos na sobrevivência. Entretanto, Pavlov fez uma descoberta no mínimo intrigante: o reflexo condicionado (FREIRE, 2008).



Refleta

Você pensou sobre o nome desse conceito, reflexo condicionado? Consegue perceber como ele já é um tanto questionador com relação à ideia clássica de reflexo? Esse nome significa que são colocadas condições para que o reflexo ocorra. Isso é bastante inovador, visto que o reflexo era considerado algo que ocorre no corpo automaticamente.

A descoberta do reflexo condicionado se deu da seguinte maneira: Pavlov fazia uma pesquisa sobre processos digestivos de animais, utilizando um cachorro no seu experimento. Ele, inclusive, recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia com esse trabalho (CANÇADO; SOARES; CIRINO, 2007). Porém, um pequeno imprevisto fez com que desenvolvesse uma pesquisa paralela. Ele percebeu que o cão começava a salivar antes mesmo de receber o alimento. Salivar ao mastigar o alimento seria o reflexo incondicionado que ocorre naturalmente, pois o herdamos enquanto espécie a fim de garantir a sobrevivência. Em seguida, notou que a salivação acontecia a partir de um estímulo que, em princípio, não tinha qualquer relação com a comida, como, por exemplo, uma campainha. Também descobriu que esse estímulo pode ser alterado, fazendo com que o cão salive, por exemplo, com uma buzina ou com batidas na porta (FREIRE, 2008).

Dessa forma, é possível entender o conceito de reflexo condicionado: quando se cumpre uma condição (estímulo), o reflexo então acontece (resposta). Essa se tornou a fórmula básica para se entender um comportamento condicionado: a relação estímulo-resposta, abreviado como E-R ou S-R. A fórmula S-R passa, então, a significar a unidade elementar formadora do comportamento. Atualmente, o conceito de reflexo condicionado também passou a ser chamado de condicionamento clássico.

Mais um conceito interessante relacionado à descoberta de Pavlov vem de outro reflexologista russo: Vladimir M. Bekhterev (1857-1927). Ele fala sobre a existência de Reflexos Associados, que são reflexos que ocorrem por estímulos associados aos estímulos originais e não apenas pelos não condicionados, ou seja, é natural que ocorram associações de estímulos, mesmo sem a intenção de introduzi-los.



Exemplificando

Tanto no livro de Anthony Burgess como no filme de Stanley Kubrick, ambos com o título *A laranja mecânica*, você pode conferir um exemplo de reflexo associado.

Gostaria de avisá-lo que, para explicar o conceito, é necessário contar um trecho da história. Portanto, se pretende ler o livro ou assistir ao filme sem perder a surpresa, faça isso logo! Mas, acredite, quando a história é boa, você pode saber tudo sobre ela, que ela continua boa e pode ser revista várias vezes.

O personagem principal passa por um processo de condicionamento para deixar de ser violento. Enquanto assiste a cenas de violência, recebe uma substância que lhe causa enjoo. Após o encerramento das sessões, sempre que passa por uma situação de violência (motivo pelo qual havia sido preso), sente um forte enjoo que o impossibilita de agir.

Porém, uma variável que não havia sido prevista no processo de condicionamento era a música de fundo dos filmes que era obrigado a assistir. Era simplesmente a sua música preferida: a "Nona sinfonia" de Beethoven. E não havia motivo para que se evitasse que ele ouvisse uma música. A música é um reflexo associado que não estava previsto no processo de condicionamento e, por isso, eles são processados e obrigados a reverter o tratamento.

A discussão ética do livro/filme gira em torno desse direito de manipular as pessoas, ainda que elas sejam um problema social.

A teoria de Pavlov abriu a possibilidade de se encontrar na Psicologia as exigências de uma ciência clássica e mecanicista. Lembra-se do reducionismo? Nesse caso, tornou-se possível reduzir o todo (comportamento) em partes menores (S-R) para compreendê-lo.

Quem cuidou de investir pesado no desenvolvimento dessa forma de psicologia científica foi John Broadus Watson (1878-1958). A intenção de Watson era de aproximar a Psicologia das ciências naturais, que, segundo ele, deixaria de se chamar Psicologia para se chamar "ciência do comportamento". O objeto da sua proposta é o comportamento: o aspecto visível ligado à Psicologia, o que atendia a outras exigências das ciências naturais, como, no caso, o materialismo. Não haveria nada que não fosse visível na Psicologia. Seria o fim das especulações, da introspecção, das sensações. Mente, consciência, subjetividade deveriam ser excluídos: isso tornaria a Psicologia uma ciência mecanicista, materialista, determinista e objetiva. É importante esclarecer que a teoria do estímulo-resposta é característica do behaviorismo metodológico de Watson. Como veremos adiante, o behaviorismo radical é uma teoria complexa que não pode ser reduzida à ideia de estímulo e resposta.

Nada que fosse subjetivo deveria ser considerado para se fazer Psicologia. Seriam excluídos os sentimentos, as emoções, reflexões, desejos, experiência imediata. Apenas o comportamento público e observável é considerado, pois é passível de observação consensual, configurando-se, assim, uma abordagem objetivista (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

No behaviorismo metodológico, o homem é visto, então, como um organismo que interage com o meio, respondendo a estímulos. Assim como no funcionalismo, o ser humano é entendido como um animal entre os animais. Dessa forma, seria possível realizar experimentos com outros animais, como ratos, pombos, cães e macacos, e transportar as informações para a aplicação em seres humanos. Além disso, o estudo da psicologia animal permite experimentos que não são permitidos com humanos, como, por exemplo, lesões em órgãos dos sentidos e partes do cérebro para saber os efeitos no comportamento (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

O conhecimento é visto de forma totalmente empírica para o behaviorismo metodológico: nada é transmitido geneticamente; tudo se insere a partir da experiência, não havendo herança de inteligência, habilidade ou instinto. Tudo é aprendido através do condicionamento ambiental. Watson acreditava tão fortemente nisso que afirmava que, se lhe entregassem uma dúzia de crianças saudáveis e lhe dessem possibilidade de controlar variáveis e agir livremente com elas, poderia transformar cada uma delas no que quisesse: médico, advogado, artista, comerciante, mendigo ou ladrão, demonstrando também um determinismo em sua visão behaviorista da realidade. Para ele, os medos, ansiedades e fobias são respostas condicionadas estabelecidas no decorrer da vida. No entanto, o próprio Watson deparou com a impossibilidade desse extremismo, pois considerava o pensamento – que é subjetivo – uma forma de comportamento (FREIRE, 2008; SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Para a Educação, deixou propostas extremamente rígidas, criando um sistema regulador que recompensa comportamento esperado de forma objetiva e sem “sentimentalismo”. Em 1928, escreveu um livro que ficou muito famoso, chamado *Os cuidados psicológicos com a criança*, no qual apresentava um sistema para a educação dos filhos. Ele sugere que, para controlar seus filhos, os pais devem sempre demonstrar pouco afeto, deixando a criança em privação e satisfazê-la somente quando a criança demonstrasse um comportamento desejado pelos pais. Escrevia do ponto de vista de um controle absoluto sobre as crianças, o que lhe rendeu muitas críticas, principalmente sobre a falta de sensibilidade em relação aos pais e cuidadores das crianças. Watson chegou a se pronunciar oficialmente, dizendo-se arrependido do livro no qual desencorajava a demonstração incondicional do afeto (CANÇADO; SOARES; CIRINO, 2007).

Os métodos de trabalho da Psicologia, segundo ele, são basicamente a observação (com ou sem instrumentos) e o uso de testes. Devido a esse diálogo travado em revistas e jornais, no entanto, Watson foi responsável por uma grande onda de popularização da Psicologia. Watson avançou bastante a metodologia experimental da Psicologia, realizando vários experimentos em laboratório, sempre na busca de compreensão e manipulação da unidade S-R. Ele teve grande parte de suas expressões psicológicas agregadas à Psicologia em geral.

No final de sua carreira, porém, enfrentando problemas pessoais e profissionais, abandona a Psicologia e passa a trabalhar no mundo da publicidade, no qual faz muito sucesso ao estudar o comportamento do consumidor e propor diversas estratégias a empresas para divulgarem melhor seus produtos e venderem mais, compreendendo

cientificamente as relações de estímulo, resposta e satisfação psicológica dos consumidores (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Nessa polêmica e intensa jornada, Watson influenciou muita gente, que demonstrou grande admiração pelo seu sistema. Uma dessas pessoas foi o também psicólogo estadunidense Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). Skinner foi o psicólogo mais conhecido de um movimento denominado neobehaviorismo ou behaviorismo radical, que tinha como objetivo desenvolver e aprimorar o behaviorismo metodológico na Psicologia inaugurado por Watson. Porém, isso exigiu um certo rompimento com o extremismo do próprio Watson para poder superá-lo. Skinner, portanto, teve como maior influência teórica Charles Darwin e suas proposições sobre variação e seleção.

Skinner foi um pesquisador bastante ativo e desenvolveu conceitos importantes para a abordagem denominada behaviorismo radical, que recebe este nome porque pretende resgatar as “raízes” do behaviorismo. Diferentemente do behaviorismo metodológico, o behaviorismo radical também compreende os fenômenos introspectivos como comportamentos, sejam eles pensamentos ou emoções, considerando aspectos subjetivos como possibilidades coerentes de respostas ao meio. No behaviorismo radical, a ênfase atribuída às contingências e ao meio supera as possibilidades de escolha individual ou livre arbítrio, de acordo com Skinner, uma vez que as escolhas dependem diretamente das consequências que se impõem sobre os indivíduos. Inclusive, um dos livros de Skinner, chamado *O mito da liberdade*, esclarece esta questão.

Um de seus conceitos mais conhecidos é o de condicionamento operante. Com a noção de condicionamento operante, Skinner inova o behaviorismo ao propor o estudo e manipulação do comportamento de um organismo que opera no ambiente, ou seja, um organismo que é ativo e gera respostas ao explorar o ambiente. Ocorre uma associação entre o comportamento e suas consequências. Skinner entende que, nessa exploração, o organismo se condiciona e aprende a partir das consequências produzidas pelo meio. O comportamento é controlado pelas consequências. (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

No behaviorismo, o reforço é uma forma de aumentar a frequência de um comportamento desejado, recompensando o indivíduo por isso; tecnicamente, é uma tendência de redução da necessidade; quando um comportamento é reforçado, ele tende a se repetir por trazer um benefício ao organismo. Há dois tipos de reforço: o reforço positivo e o reforço negativo. Reforço positivo ocorre quando se apresenta uma consequência agradável com o objetivo de aumentar a frequência de determinado comportamento; por exemplo, permitir que uma criança assista filmes ou brinque depois que finalizar as tarefas da escola. Reforço negativo é quando se retira do ambiente algo que seja aversivo ao organismo; por exemplo, não castigar a criança por não ter finalizado a tarefa de casa no tempo esperado. As duas formas de reforçamento ajudam a aumentar a frequência do comportamento em questão (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Também há o conceito de Punição, que também se divide em positiva e negativa. A punição positiva significa acrescentar um elemento aversivo no ambiente; por

exemplo, palmadas em uma criança desobediente. A punição negativa ocorre quando se retira um elemento prazeroso; por exemplo, proibir uma criança de jogar videogame caso demonstre um comportamento indesejado.

Para extinguir o comportamento indesejado, o que deve ser feito é ignorar o comportamento e continuar a reforçar outros comportamentos mais adequados.



Assimile

Reforço Positivo: acrescentar algo prazeroso ou que satisfaça uma necessidade.

Reforço Negativo: retirar algo desagradável.

Punição Positiva: acrescentar algo aversivo.

Punição Negativa: retirar algo prazeroso ou que satisfaça uma necessidade.

Para se trabalhar com o condicionamento operante, Skinner defende o uso do reforço na aprendizagem. O comportamento pode, então, ser controlado através do reforçamento de suas respostas, desenvolvendo uma constatação de Thorndike de que a recompensa proporciona uma influência mais forte que a punição na aprendizagem. Na Educação, Skinner elaborou a Instrução Programada, que traz quatro princípios. Esses princípios afirmam que o aprendizado ocorre com mais facilidade quando:

- 1) O organismo é ativo (operante).
- 2) O organismo recebe reforço.
- 3) O conteúdo é apresentado progressivamente do simples para o complexo.
- 4) As diferenças individuais são consideradas.

A instrução programada é uma sistematização que foi utilizada em vários contextos de aprendizagem e, com um certo pragmatismo inerente ao autor, esteve presente nas escolas e métodos de ensino por um bom tempo (FREIRE, 2008).

Skinner elabora esquemas de reforço ou de reforçamento, que atribui diferentes formas de condicionamento que envolvem intervalos de tempo ou número de ações para o reforço. A intenção desses esquemas é que se aumente a frequência do comportamento. Por exemplo, se o rato precisa pressionar uma barra para receber alimento e aplica-se uma razão de dez ações para que o alimento seja entregue, o comportamento de pressionar a barra que seria realizado uma única vez passa a ser

realizado dez vezes quase que imediatamente devido à sua exploração (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Para estudar os tipos e esquemas de reforço, Skinner desenvolveu um instrumento semelhante à caixa-problema de Thorndike na qual colocava um rato e controlava as condições: basicamente comida, água, luz e choque. À sua revelia, o aparelho ficou conhecido como “Caixa de Skinner”.

Skinner propõe uma forma de modificação do comportamento que consiste no uso de reforços positivos para “controlar ou modificar o comportamento individual ou coletivo” (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009, p. 303). Uma dessas formas consiste na modelagem ou método de aproximação sucessiva no qual o reforço é dado em fases de ações (simples) que vão gradativamente aproximando o comportamento atual do comportamento final desejado (complexo). Para ele, é assim que crianças aprendem a falar: primeiro elas emitem sons aleatórios que vão sendo reforçados pelas pessoas ao redor quando se aproximam de uma palavra real, até que a criança consiga falar da mesma maneira que as outras pessoas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Outra técnica de modificação do comportamento do behaviorismo se chama dessensibilização sistemática. Ela consiste em, gradualmente, fazer com que o organismo se acostume com uma situação inicialmente aversiva. Pense em algo de que você não goste ou tenha medo. Imagine qual seria a situação mais aceitável relacionada àquele objeto e tente realizá-la. Siga essa linha de forma gradual até perder o medo. Se tem medo de elevador, o mais aceitável talvez seja pensar em um elevador. Depois de se acostumar, assistir filmes com elevador, depois olhar para um elevador, chegar perto de um até um dia finalmente entrar em um elevador sem medo.

Além disso tudo, sempre que alguém interage com o ambiente provoca alterações nesse meio, o que altera a relação de interação de outros organismos. Dessa forma, Skinner desenha um quadro de estímulos e respostas bem mais complexo que o de Watson, englobando as construções culturais humanas como fruto do condicionamento operante na interação com o ambiente (CANÇADO; SOARES; CIRINO, 2007).



Refleta

Quais serão os limites éticos do controle sobre as pessoas? Qual o limiar entre o bem social e o direito individual? Você acredita que a visão de homem de Watson e de Skinner eram diferentes no que diz respeito a esse aspecto ético?

Skinner, com seus conceitos elaborados, influenciou toda a Psicologia de maneira geral, mas, principalmente, a Educação, a Clínica e o adestramento de animais.

Após essa leitura, você consegue perceber que, daqui para frente, a Psicologia vai se tornando cada vez mais complexa e aplicada, consolidando finalmente sua importância científica e social.



Pesquise mais

Leia o artigo: CASTRO, M. S. L. B.; ROSE, J. C. C. O conflito ético e sua solução no Behaviorismo Radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. São Paulo: ABPMC / USP, 2015, 17, n. 2, p. 46-51. Disponível em: <<http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/749/439>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

Sem medo de errar

Para resolver a situação-problema e responder às dúvidas da diretora da escola, você precisará utilizar alguns pressupostos básicos e questionamentos pertinentes ao behaviorismo, localizados no seu desenvolvimento histórico.

Retome os conceitos de reforço e punição, diferenciando quando eles são positivos ou negativos. Para criar um exemplo de cada um deles, tente buscar situações do dia a dia ou do ambiente escolar para que a diretora e a coordenadora possam entender melhor. Esses são conceitos que costumam causar bastante confusão na sua compreensão e que, muitas vezes, são explicados por algumas pessoas de forma equivocada.

A segunda pergunta vai exigir de você uma reflexão mais aprofundada sobre o behaviorismo e uma colocação sobre a posição ética dessa teoria. Portanto, seria interessante não apenas entender os conceitos, mas conseguir pensar sobre eles, principalmente no que diz respeito ao papel do psicólogo de estimular a autonomia das pessoas e não a manipulação delas. Você pode utilizar o conceito de condicionamento operante para discorrer sobre isso ou dar um exemplo de modelagem ou outro tipo de modificação do comportamento.

Watson, apesar de ter sido um grande nome pioneiro do behaviorismo, atrapalhou um pouco o caminho, deixando uma fama para a abordagem behaviorista entre aqueles que não a conhecem muito bem, de que ela manipula as pessoas ao invés de estimular sua autonomia.

Lembre-se também que é possível que haja reflexos associados aos comportamentos demonstrados pelas crianças, algo que não esteja relacionado diretamente com o estímulo verdadeiro, mas torna-se associado a ele de alguma forma.

Depois de todas essas questões, você já pode ter tido algumas ideias para elaborar sua resposta. Seria interessante retomar novamente os conceitos de reforçamento e punição, para mostrar, por exemplo, que os professores podem colaborar com o surgimento de comportamentos inadequados sem que percebam.



Atenção!

Há uma grande diferença entre reforço negativo (retirada de um elemento aversivo) e punição negativa (retirada de um elemento prazeroso). No entanto, esse costuma ser um equívoco bastante comum quando os alunos iniciam os estudos sobre o behaviorismo.



Lembre-se

Skinner trouxe uma importante mudança na visão de homem anteriormente utilizada por Watson, o que ressaltou consideráveis questões éticas típicas do trabalho com seres humanos, conforme faz a Psicologia.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com a de seus colegas.</p>	
Modificação de preconceitos	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o contexto histórico de surgimento do behaviorismo e seus pressupostos básicos. Compreender o conceito de reflexo condicionado de Pavlov. Reconhecer a proposta de behaviorismo de Watson e a de Skinner.
3. Conteúdos relacionados	Pavlov, Watson e Skinner: a psicologia cientificamente comprovada.
4. Descrição da SP	Uma mãe recebe orientação da escola, sugerindo que procure atendimento psicológico para sua filha. Ela pediu algumas indicações para amigos e achou curiosa a inscrição de um dos cartões que recebeu: "psicóloga comportamental". Fez uma rápida pesquisa no Google e ficou com mais dúvidas do que tinha antes. Em uma situação informal, ela acaba sabendo da sua formação em Psicologia e decide perguntar-lhe sobre isso. Vendo o quanto ela estava ansiosa com o assunto, você decide ajudá-la.

	<p>A dúvida mais simples é sobre o significado das palavras condicionamento e reforçamento.</p> <p>A dúvida mais complexa é se a sua filha seria tratada como se fosse um experimento com animais, por exemplo, ganhando ração, ou se seria colocada numa daquelas gaiolas em tamanho gigante.</p>
5. Resolução da SP	<p>Conseguindo explicar de forma simples e objetiva os conceitos de reforço positivo e negativo e punição positiva e negativa com exemplos corriqueiros, você já pode dar uma ideia bastante significativa sobre o behaviorismo para essa mãe.</p> <p>Depois, você pode falar um pouco sobre como acontece a modificação do comportamento, como a modelagem e a dessensibilização sistemática, mostrando que o trabalho com pessoas é bem diferente dos experimentos realizados com animais e também das questões éticas e de desenvolvimento da autonomia nas pessoas, proporcionado pelo behaviorismo de Skinner.</p>



Lembre-se

Você precisa ter uma linguagem bastante didática para conseguir explicar os conceitos do behaviorismo para pessoas leigas. Para quem já estudou determinado assunto, algumas coisas parecem óbvias, mas, para a maioria das pessoas, elas não são.



Faça você mesmo

Observe qualquer situação do dia a dia e tente identificar os estímulos, respostas, reforços e punições nas relações entre as pessoas.

Faça valer a pena

1. Reflexo condicionado e condicionamento clássico são diferentes nomes dados ao mesmo fenômeno descrito por Pavlov. Assinale a afirmação que corresponde a uma descrição válida sobre esse fenômeno:

- a) É possível associar estímulos que inicialmente não demonstram ligação com o estímulo verdadeiro.
- b) Aquilo que recebe uma condição para acontecer, com o passar do tempo, se torna um acontecimento clássico.
- c) Ao receber uma condição, a resposta associa como estímulo aquilo que for diretamente anunciado pelo pesquisador.

d) Representa o desejo de Pavlov de controle do ambiente através da manipulação do organismo.

e) As condições impostas aos reflexos são introduzidas em comum acordo com as reações físicas e o ambiente.

2. Uma das grandes influências de Watson na elaboração do behaviorismo é o mecanicismo. Essa formulação ajuda na aceitação do behaviorismo como psicologia científica. Assinale a opção que traz uma das consequências dessa influência mecanicista para o início da abordagem behaviorista:

a) A consideração dos significados particulares do sujeito na relação com o objeto.

b) O condicionamento é possível devido à compreensão da percepção humana.

c) Abandona-se todo tipo de subjetividade para considerar apenas aquilo que é visível.

d) O fato de realizarmos atitudes que significam algo de maneira inconsciente.

e) A natureza humana encontra uma forma de demonstrar sua metafísica e experiência imediata.

3. Assinale a opção que traz corretamente as definições de punição positiva e negativa:

a) Punição positiva é encarar o castigo como necessário para se crescer e punição negativa é encarar o castigo com pessimismo.

b) Punição positiva é acrescentar algo aversivo e punição negativa é retirar algo prazeroso.

c) Punição positiva é o acréscimo de algo prazeroso e punição negativa é o afastamento de algo desprazeroso.

d) Punição positiva é a má consequência de uma atitude e punição negativa é a retirada de algo desprazeroso.

e) Punição positiva é a retirada de algo aversivo e punição negativa é a introdução de algo negativo.

Seção 3.2

Psicanálise

Diálogo aberto

Satisfeitas por ouvirem sua resposta sobre o behaviorismo, a diretora e a coordenadora pedagógica estavam agora interessadas em saber sobre a Psicanálise.

Elas queriam saber como era essa história de inconsciente, id, ego e superego, mecanismos de defesa. “É essa condição toda que realmente determina as nossas ações? É verdade que podemos fazer coisas sem saber o que estamos fazendo, igual àquele caso no Rio de Janeiro, em que um menino entrou na escola e matou um monte de gente? Isso pode acontecer aqui?”.

Em seguida, a coordenadora se manifesta: “E que loucura é essa de que tudo é sexo? Como é que alguém vai trabalhar com criança assim?”.

Seu trabalho aqui não vai ser pequeno. Explicar conceitos tão complexos em pouco tempo é um desafio e tanto. Você consegue pensar em uma forma de responder às duas gestoras?

A Psicanálise é uma abordagem teórica e prática que traz uma série de ferramentas possíveis para uma compreensão do mundo interno de cada um, compreendendo suas forças internas, seus impulsos, entre tantos outros aspectos. Seu criador, Sigmund Freud, teve um papel revolucionário no pensamento psicológico e no pensamento ocidental como um todo. Ele abriu um novo universo no mundo da psicologia compreensiva.

Após cumprir esta seção, os seguintes objetivos de aprendizagem serão atingidos: compreender o surgimento da Psicanálise com Freud; conhecer o conceito de inconsciente e identificar as suas implicações; compreender as tópicas freudianas; identificar as fases do desenvolvimento psicosssexual e; compreender os mecanismos de defesa.

Não pode faltar!

A Psicologia, quando se encontrava em formação, buscava a compreensão da consciência, e ela era investigada através de experiências conscientes. Porém, havia no ar especulações e reflexões acerca do que seria o inconsciente. O filósofo alemão Karl Robert Eduard von Hartmann (1842-1906) publicou em 1869 o livro *Filosofia do inconsciente*, defendendo a ideia de um inconsciente que agiria sobre a natureza e teria participado da criação do mundo. Na literatura, em 1886, Robert Louis Stevenson publicou o romance *O médico e o monstro*, no qual um pacífico e educado médico ingere uma poção que traz à tona seu outro lado, transformando sua personalidade na de um monstro que vivia escondida dentro dele (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). Em termos fisiológicos, se pensarmos em qualquer organismo vivo, ninguém tem consciência sobre o funcionamento completo de seu corpo enquanto ele ocorre, por exemplo, de como o coração está batendo, de como corre o sangue pelas veias ou até mesmo como está sendo feita a digestão.

Falar sobre a Psicanálise e seu surgimento é, basicamente, falar sobre o pensamento de Freud, que, a partir do *zeitgeist* do inconsciente de sua época, criou algo completamente novo, inaugurando o conceito de inconsciente no mundo da Psicologia. Por causa disso, enfrentou muitas críticas dos médicos tradicionais, pois inaugurava uma proposta nova com temas bastante polêmicos, como a sexualidade infantil, por exemplo. Devido a toda essa controvérsia, a indicação de Freud ao prêmio Nobel foi um processo que levou doze anos e, no fim, foi negada sob alegação inicial de não haver base científica, e dizem que, entre as argumentações, um dos motivos era ele ser uma pessoa psicicamente doente para receber tal prêmio. Diversas pessoas fizeram várias tentativas para indicá-lo aos prêmios de Fisiologia ou Medicina e de Literatura. Ainda assim, ele nunca recebeu o Nobel. Isso mostra a polêmica do seu trabalho (NOBEL PRIZE, 2016).

Sigmund Freud (1856-1939), o criador da Psicanálise, foi um médico neurologista nascido em território atualmente pertencente à República Tcheca. Porém, mudou-se para Viena com a família quando tinha apenas três anos de idade (LOUREIRO, 2007).

O médico e professor Josef Breuer recebeu em seu consultório Bertha Pappenheim, uma moça de 21 anos com diversos sintomas, incluindo paralisia de membros e perda de memória. Breuer não conseguia identificar uma causa física para os sintomas e foi procurar Freud para discutir o caso. Para proteger o sigilo da paciente, Breuer sempre a apresentou como Anna O. Ele percebeu que hipnotizá-la e deixá-la falar sobre as coisas que haviam acontecido em sua vida ajudava a aliviar os sintomas. Percebeu também que as coisas que contava se relacionavam com pensamentos que a incomodavam. Breuer chamou esse método de trabalho de "limpeza de chaminé" e depois conceituou-o como catarse. Ele permite o "desabafo" da pessoa, como se diz popularmente (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Anna começou a demonstrar sentimentos de desejo com relação a Breuer, o que o deixou bastante perturbado. Ele reagiu encerrando os atendimentos. Freud denominou posteriormente esses fenômenos de transferência e contratransferência. A transferência é quando o paciente atribui ao analista sentimentos que, a princípio, eram voltados para outra pessoa. A contratransferência é o conjunto dos sentimentos e reações inconscientes do analista voltados para o paciente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009; LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

Freud e Breuer publicaram juntos em 1893 o trabalho *Estudos sobre a histeria*, relatando e analisando o caso. Esse texto é considerado o marco inicial da Psicanálise. Diferente dos laboratórios alemães, a preocupação da Psicologia passa a ser a psicopatologia e, a partir de sua observação, o objeto é a movimentação psicológica inconsciente a ser decifrada pela Psicanálise.

A histeria mostrava claramente a perda do controle sobre o corpo – com paralisias e anestésias em determinadas partes do corpo – e, em casos mais graves, perda da consciência. Freud não encontrava nenhuma lesão física nos nervos que pudesse explicar os sintomas, mas supôs que a tal lesão seria uma ação psicológica sobre o corpo, a ideia agindo sobre o membro (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Mas como isso poderia acontecer?

Freud trouxe para a linguagem científica um conceito que já se apresentava na Filosofia: o inconsciente. Não foi Freud quem criou o conceito de inconsciente, mas o adaptou para trazê-lo a uma compreensão clínica.



Assimile

Inconsciente: parte do aparelho psíquico que guarda os conteúdos reprimidos da consciência por apresentarem perigo ao ego (STRATTON; HAYES, 2011).

O filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) elaborou o conceito de Mônadas. As mônadas, assim como a *arché* dos antigos gregos, são, para Leibniz, espécies de “átomos espirituais” que compõem toda a realidade, seja física ou espiritual. Elas são eternas, indivisíveis e imateriais e trazem em si a representação de todo o mundo. A alma seria a mais perfeita e ativa das mônadas e passaria para a consciência informações pela apercepção ou percepção. Haveria, portanto, diferentes graus de consciência, desde a inconsciência total até a consciência claramente apercebida (HOUAISS; VILLAR, 2009; ABBAGNANO, 2014).

Johann Friedrich Herbart (1776-1841), filósofo, psicólogo e educador, influenciado por Leibniz, criou o conceito de limiar da consciência. Para ele, pequenas percepções se movimentam abaixo do limiar da consciência. Através da apercepção podem chegar à consciência, mas só podem permanecer nela se tiverem ligação com

os outros elementos que já a habitam. Quando é incompatível, gera conflito ou é expulsa da consciência, tornando-se uma ideia inibida. É um processo dinâmico e conflituoso no qual as ideias lutam para se manter na consciência. Esse processo ocorre independente da razão ou da escolha do ser humano. Ele acontece ainda que os conteúdos surjam contra a sua vontade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

O físico, médico e filósofo Gustav Theodor Fechner, na Psicofísica, já considerava a existência de um inconsciente. Sua analogia do iceberg impressionou o autor da Psicanálise. Segundo Fechner, a estrutura da consciência era comparável à de um iceberg. A enorme montanha de gelo visível é apenas uma pequena parte do iceberg. A parte que fica embaixo d'água é muito maior que a parte visível. Os elementos inconscientes também seriam muito maiores que as partes apercebidas pela consciência (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Freud concebe o conceito de aparelho psíquico, que é o conjunto organizado de todas as instâncias e forças psicológicas que constituem a psiquê humana. Dentro do aparelho psíquico, ocorre uma relação de forças que se integram ou se pressionam, como os estudos sobre pressão da Física da época. Haveria uma pressão interna no indivíduo que se altera de acordo com a dinâmica do aparelho psíquico, principalmente o inconsciente (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Exemplificando

Fazendo uma analogia com uma panela de pressão, é possível entender que precisa haver uma válvula de escape para essa pressão, impedindo a explosão da panela. Os sintomas seriam essas válvulas de escape, deixando a energia psicológica diminuir um pouco da pressão interna. A catarse também funciona dessa forma, do mesmo jeito que Breuer fazia com Anna O.

Na busca de compreender o aparelho psíquico, Freud publica em 1900 um livro de muita repercussão denominado *A interpretação dos sonhos*. No fim desse texto, você lerá um pouco sobre os sonhos, mas, nesse momento, entenda a compreensão freudiana sobre o funcionamento psicológico das pessoas. Nesse livro, ele explica o que foi chamado de primeira tópica, a primeira proposta teórica sobre a organização da psiquê.

Freud divide a psiquê em inconsciente, pré-consciente e consciente. Na metáfora do iceberg, o inconsciente seria a parte submersa, às quais não se tem acesso; o pré-consciente seria o limiar entre um e outro, as coisas que estão saindo do inconsciente e chegando à consciência (a linha do mar, na metáfora); e o consciente é onde há a luz do sol, da razão, a parte visível do iceberg (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Entre os anos 1920 e 1923, Freud formulou a segunda tópica. Dividiu o aparelho

psíquico em três outras instâncias: id, ego e superego. O id ou isso é a instância inconsciente de onde brotam as pulsões instintivas; é o lado animal em busca de satisfação e prazer. Sua presença é uma clara influência da teoria da evolução de Darwin na teorização psicanalítica. As pulsões originadas do id podem ser de duas categorias básicas: pulsões de vida e pulsões de morte. As pulsões de vida, também chamadas de Eros são as que buscam o prazer e a sobrevivência, como a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação. As pulsões de morte ou Tânatos são as que buscam um relaxamento das tensões; porém, falando em extremos, tensão é vida e o relaxamento completo da tensão é a morte. Ela pode se manifestar, por exemplo, através de atitudes de autodestruição ou, quando dirigida a um objeto externo, como uma pulsão de agressão (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

O superego é a instância que guarda a moral, as regras, os valores que foram assimilados pela pessoa e agora ficam dentro dela, sendo a maior parte inconsciente. É a instância responsável pelo sentimento de culpa. Às vezes, essa censura é tão forte que pode deixar a pessoa paralisada na vida. Essas duas instâncias, id e superego, brigam o tempo todo entre si para ocupar o espaço do aparelho psíquico, gerando conflitos subjetivos entre o desejo e a moral, a vontade e a proibição.

O ego, traduzido do latim por eu, é, ao mesmo tempo, o mediador e o resultado desse conflito, porém sua ação é bastante limitada, pois ele não é capaz de acessar os conteúdos inconscientes e, portanto, não tem poder para alterá-los simplesmente por sua vontade (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992; STRATTON; HAYES, 2011).

Tudo é resultado de uma movimentação psicológica interna complexa chamada de psicodinâmica (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). É como se o aparelho psíquico tivesse “vida própria”, independente da consciência ou vontade da pessoa.

Para Freud, portanto, o aparelho psíquico vive um conflito e uma movimentação inconsciente da qual nós somos o resultado. Uma imagem comum é a de uma pessoa em dúvida sobre que atitude tomar, e imaginariamente ouve de um lado um anjinho e de outro lado um diabinho, dando opiniões contrárias. Há horas em que um vence, há horas em que o outro vence. É claro que a teoria freudiana é bem mais complexa que isso, mas é uma alegoria possível.

O resultado desse conflito gera dois tipos básicos de personalidade: a neurótica, ligada à realidade, mas com características de preocupação e tensão excessivas, entre outros sintomas possíveis; e a psicótica, desconectada da realidade e entregue à fantasia ou desintegrada e desorganizada psiquicamente. A base da personalidade de qualquer pessoa, inevitavelmente, seria estruturada a partir de uma origem psicopatológica.



Refleta

Você percebeu o quanto as ideias iniciais da Psicanálise lembram o mecanicismo e o determinismo? O inconsciente é que define se a pessoa

estará alegre, triste, calma, irritada, por que ela tomou determinada decisão e não outra, se ela gosta disso ou daquilo, se ela sente vontade de uma coisa e de outra não etc. Todas as falas e ações do sujeito já são definidas antes de se concretizarem (FREIRE, 2008).

Essas instâncias são formadas na infância. A infância, portanto, determina, inconscientemente, a personalidade adulta.

Para serem fechadas no inconsciente, as ideias que tentam habitar a consciência trazem, por exemplo, um desejo moralmente insuportável para permanecer lá. Como o conflito é muito intenso, ele não pode permanecer e é sumariamente reprimido para o inconsciente. Caso ele venha à tona ou esteja próximo disso, há um sério risco de o ego entrar em colapso, gerando uma grave psicopatologia, como um surto psicótico (STRATTON; HAYES, 2011).

Mas você deve estar se perguntando que tipo de desejo seria assim tão perturbador. De fato, teria que ser um desejo muito grave, como um trauma por ter sofrido um abuso sexual na infância. Porém, Freud percebeu, com o tempo, que, para haver uma sensação de trauma na infância, ele não precisa ser real, mas imaginado pela pessoa. Foi assim que Freud começou a desconfiar da existência de sexualidade infantil.

Freud percebeu que as forças vindas do id geravam um impulso de energia sexual denominado libido. Ela se converte em energia vital para o funcionamento físico e mental. Todo impulso pela vida teria uma natureza sexual, mas não restrita ao ato sexual. No senso comum, no entanto, ainda se fala da libido de maneira ligada exclusivamente à relação sexual (STRATTON; HAYES, 2011; LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).

Todo o desenvolvimento da personalidade parte de uma base sexual. Freud descreveu as fases do desenvolvimento psicosexual. Para ele, é pelo desenvolvimento do prazer que se dá a sobrevivência e o desenvolvimento humanos.

A primeira fase é a fase oral, na qual o prazer físico se localiza na boca. Todos os bebês nascem propensos a sentir prazer nessa região para que mamem. Mamar, portanto, não seria apenas um reflexo, mas também um ato prazeroso. A fase seguinte é a fase anal, na qual o prazer está no controle do esfíncter, músculo circular do ânus. A criança aprende a controlar o momento de defecar porque sente prazer físico nesse controle. A terceira é a fase fálica, na qual a criança percebe o prazer físico no órgão genital. É comum que, nessa época, a criança manipule os órgãos genitais e relate sentir "cócegas" (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Aproximadamente entre os três e cinco anos de idade, as crianças passam pelo chamado complexo de Édipo. Trata-se de uma analogia feita por Freud com a tragédia grega *Édipo Rei*, de Sófocles. Na peça, Édipo, separado da família quando bebê,

cumpra a profecia sobre o seu destino quando, sem saber, mata seu pai e se casa com sua mãe. Depois de descobrir o que fez, pune a si mesmo com grande sentimento de culpa. Freud defende que, durante o desenvolvimento psicosssexual, ocorre uma complexa relação de sentimentos dentro da família que segue um funcionamento semelhante ao de Édipo. O menino passa a disputar a atenção da mãe, encarando o pai como rival. A menina, por outro lado, rivaliza com a mãe pela atenção do pai (LAPLANCHE; PONTALIS, 1992).



Pesquise mais

Leia a peça original de Sófocles *Édipo Rei* e perceba o quanto ela foi pertinente para o pensamento de Freud, disponível no link: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000024.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

Depois da fase fálica, vem um intervalo da sexualidade chamado de período de latência. No início da adolescência, começa a se manifestar a última fase do desenvolvimento psicosssexual: a fase genital. Essa é a fase em que o prazer fisicamente se localiza no órgão genital, mas que tem a busca de um objeto externo para a realização desse prazer: uma outra pessoa (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Apesar de completo o desenvolvimento, porém, podem ser estabelecidos pontos de fixação no decorrer das fases de desenvolvimento psicosssexual, o que faz parte da definição das personalidades no futuro. Um ponto de fixação na fase oral pode fazer com que a pessoa leve para a vida adulta o prazer oral, tornando-a, por exemplo, fumante, alcoolista, comedora compulsiva, apreciadora da prática do sexo oral ou, de maneira mais abstrata, alguém que "devora" informações, fala em excesso etc.

Um ponto de fixação na fase anal pode gerar uma personalidade controladora ou que tende a reter coisas: guardar dinheiro sem nunca gastar ou precisar ter tudo mesmo sem usar; mais literalmente, pode, de fato, significar o prazer na relação sexual anal.

A fase fálica simboliza o autoprazer e, portanto, o narcisismo, isto é, o amor por si mesmo. Assim, uma fixação nessa fase pode resultar na masturbação excessiva, inclusive preferindo a masturbação ao sexo genital; ou resultar em personalidades egocêntricas que parecem realmente acreditar que são mais importantes ou melhores que as outras pessoas.

A complexidade da psicodinâmica é tão grande que o aparelho psíquico cria mecanismos de defesa do ego. São formas de funcionamento psicológico cuja função é evitar que conteúdos indevidos cheguem à consciência. Eles são basicamente cinco: recalque, formação reativa, regressão, projeção e racionalização (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Recalcar significa reprimir um desejo considerado proibido pelo superego, depositando-o no inconsciente. A formação reativa ocorre quando a pessoa vive um conflito interno sobre determinado tema e, como defesa, passa a atacá-lo externamente; um exemplo comum e atual é o da homofobia: quanto mais homofóbica se mostra a pessoa, é mais provável que ela tenha desejos homossexuais inconscientes.

Regredir é retornar psicologicamente a um estágio anterior do desenvolvimento psicosssexual ou a uma idade na qual a pessoa se sente menos conflituosa ou mais protegida. É muito comum ver crianças que, diante do nascimento de um irmão mais novo, voltam a querer dormir no berço, tomar mamadeira e usar fraldas. Segundo a Psicanálise, é preciso que a pessoa reviva essa fase anterior para superar determinados conflitos não resolvidos na época.

A projeção é um dos mecanismos mais comuns: a pessoa que vive determinado conflito ou sentimento indesejável, em vez de reconhecê-lo em si, inconscientemente, o atribui a outras pessoas. Alguém que tem dificuldades de relacionamento, por exemplo, afirma que “as pessoas são muito complicadas”.

Por fim, a racionalização consiste em encontrar explicações racionais para justificar os próprios sentimentos e comportamentos irracionais. Por exemplo, alguém que gosta muito de carros, mas está em dificuldades financeiras, explica com diversos argumentos por que motivo precisa trocar seu carro atual, mesmo que a situação concreta não demonstre real necessidade disso (STRATTON; HAYES, 2011).

Durante os sonhos, também ocorre uma espécie de mecanismo de defesa do ego, pois os sonhos são exemplos de grandes quantidades de conteúdos inconscientes tentando vir à consciência. Freud considera que os sonhos são fantasias cuja principal função é realizar os desejos inconscientes do sonhador. Porém, embora, durante o sono, a vigília do superego esteja rebaixada, ela ainda é forte o bastante para distorcer o conteúdo inconsciente, transformando-o em imagens e símbolos. Depois de acordados, outras defesas em relação aos conteúdos dos sonhos é fazer com que sejam esquecidos rapidamente (recalque) ou que sua compreensão racional se torne cada vez mais difícil de ser realizada (STRATTON; HAYES, 2011).

Para Freud, porém, para que haja uma compreensão do conteúdo inconsciente do sonho ou do sintoma, é preciso que um analista faça a mediação interpretativa dos significados dos conteúdos inconscientes, o que é bastante diferente da experiência imediata de Wilhelm Maximilian Wundt, médico, filósofo e psicólogo alemão (FIGUEIREDO; SANTI, 2008). Para isso, utilizava-se de um método interpretativo enquanto técnica de prática psicanalítica.

Desde muito cedo, Freud havia abandonado a hipnose. Para ele, não fazia sentido ver que o paciente se lembrava de tudo durante a hipnose e, quando voltava ao estado consciente, não se lembrava do que havia dito. Era um acesso ao conteúdo inconsciente, mas sem que o paciente pudesse resgatar esse conteúdo para sua consciência.

Na prática da psicanálise, Freud foi cada vez mais se aproximando das técnicas de interpretação dos símbolos, tanto imagens simbólicas como falas simbólicas. A técnica que defendeu, porém, é pouco interventiva. O paciente deve se deitar num divã para que esteja relaxado e consiga atingir um estado de consciência não totalmente racional, facilitando o acesso ao inconsciente. O analista se senta atrás do paciente para buscar a neutralidade, sem interferir no processo de resgate dos conteúdos inconscientes.

O paciente é convidado a falar à vontade sobre o que quiser de sua vida. Essa técnica se chama associação livre, na qual os conteúdos vão surgindo e se encaixando de alguma forma, que, muitas vezes, pode não ser compreendida nem pelo paciente, nem pelo analista. É comum, porém, que o analista compreenda ou tenha uma intuição da compreensão do processo. Ele fica atento ao discurso do paciente o tempo todo. Porém, não é a mesma atenção que se usa no dia a dia; é uma atenção chamada atenção flutuante, na qual o analista está atento não às palavras e assuntos superficiais que o paciente traz, mas ao sentido mais profundo que aquelas palavras e assuntos simbolizam, visando sempre ao conteúdo inconsciente. Suas falas, geralmente, são curtas e raras, acompanhando o paciente em sua associação livre (LOUREIRO, 2007).



Faça você mesmo

Tire um momento para deixar seus pensamentos soltos, sem tentar se prender a eles. Relaxe e preste atenção em como eles vão surgindo. No começo, eles parecem não ter qualquer relação entre si. Com o tempo, porém, é comum que eles passem a se tornar cada vez mais coesos e organizados. É mais ou menos dessa maneira que funciona a associação livre.

Uma forma saudável de transformação da libido e da pressão dos conflitos descrita por Freud é a sublimação. Ela desloca a energia dos instintos para objetos culturalmente aceitáveis e produtivos, como os estudos, a escrita ou a arte (STRATTON; HAYES, 2011). O incentivo às atividades artísticas e culturais, portanto, costumam ser grandes promotoras da saúde psicológica.

A Psicanálise foi de suma importância para o surgimento e a consolidação da psicologia clínica enquanto prática e enquanto fundamentação teórica em diversas áreas. Uma de suas contribuições para a Psicologia de forma geral foi, através das propostas de interpretação do inconsciente, mostrar que as pessoas não sabem tudo sobre elas mesmas. A razão não tem controle sobre tudo. As pessoas não têm controle total nem sobre si mesmas. Devido às suas contribuições teóricas profundas, a Psicanálise sempre foi utilizada para a compreensão da personalidade, influenciando qualquer área de atuação da Psicologia, como escolar, social, organizacional etc.

Freud escreveu uma extensa e influente obra e atraiu o interesse de muitas pessoas. Algumas se destacaram bastante e criaram suas próprias teorias, como sua filha Anna

Freud (1895-1982), que desenvolveu muitos trabalhos de análise infantil; Melanie Klein (1882-1960), que defendia que o aparelho psíquico se formava no bebê quando estava em relação com o seio materno; Sándor Ferenczi (1873-1933), que estudou o abuso sexual e o trauma psicológico; Alfred Adler (1870-1937), que desenvolveu a sua psicologia individual e os conceitos de sentimento de inferioridade e complexo de inferioridade; Karen Horney (1885-1952), que implementou a noção de ansiedade básica; Jacques Lacan (1901-1981), que se propôs a um resgate e uma consequente revisão da obra freudiana; e, entre tantos outros, o caso especial de Carl Gustav Jung (1875-1961), fundador da psicologia analítica, do qual falaremos em seção futura (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Sem medo de errar

Apesar de a Psicanálise ser uma abordagem criada e aplicada por um médico dentro da clínica, ela não se limita aos consultórios do mundo psi. Freud foi um autor que influenciou praticamente toda a cultura ocidental, contribuindo para a mudança de pensamento e comportamento da sociedade contemporânea. A Psicanálise fornece teorias complexas sobre a personalidade que podem ser utilizadas em qualquer campo que envolva a compreensão de seres humanos: escola, trabalho, criminologia, sociologia, antropologia, filosofia... A psicanálise freudiana afetou tudo isso de forma significativa.

O que a diretora e a coordenadora estão pedindo é a explicação de apenas alguns elementos dessa compreensão tão abrangente. Retome e explique a elas os conceitos postos em questionamento: inconsciente, id, ego, superego e mecanismos de defesa. Porém, não se limite à mera explicação. Você pode demonstrar de maneira ampla e criativa as formas como a Psicanálise pode intervir no meio educacional.

Se você entendeu, por exemplo, que as pessoas precisam aliviar a pressão psicológica que sofrem no dia a dia, fazendo a "limpeza de chaminé", sugira, a partir dos conceitos de catarse e de sublimação, demonstrar a necessidade de espaços expressivos, como atividades lúdicas e artísticas.

Diante disso, é possível notar que a escola não é apenas um lugar de ordem e disciplina, pois as pessoas também têm necessidades emocionais que precisam ser satisfeitas. Cada pessoa ali presente vive conflitos pessoais, diferentes formas de viverem as pulsões de vida e de morte, assim como diferentes tipos e graus de censura do superego.

Freud foi polêmico em sua época, e sua teoria continua sendo polêmica hoje. Tente demonstrar corretamente o conceito de libido, tirando o preconceito sobre as compreensões muito literais sobre esses conceitos.

A Psicanálise ensina que nem tudo é consciência racional. Aquilo que sabemos de nós mesmos é apenas uma pequena parte em comparação ao aparelho psíquico

todo. Além disso, as ações do ego são determinadas pelos conflitos internos entre id e superego. Porém, há casos raros que envolvem uma complexidade maior na composição de uma psicopatologia, como a do atirador na escola do Rio de Janeiro.



Atenção!

A Psicanálise tem muitos conceitos; cuidado para não se confundir. É importante que entenda a conexão entre os conceitos.



Lembre-se

Não adianta incentivar apenas atividades que promovam o desenvolvimento consciente, pois a consciência é apenas uma pequena parte limitada do aparelho psíquico.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.</p>	
Psicanalizando	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica e os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o surgimento da Psicanálise com Freud. Conhecer o conceito de inconsciente e identificar as suas implicações. Compreender as tópicas freudianas. Identificar as fases do desenvolvimento psicosssexual. Compreender os mecanismos de defesa.
3. Conteúdos relacionados	Freud: a revolução do inconsciente e o papel da psicanálise na aplicação da Psicologia.
4. Descrição da SP	No caminho da escola, você pode observar o trânsito lotado de carros. Não é raro escutar alguns palavrões e, saber que, às vezes, até mesmo brigas e assassinatos ocorrem. Imagine que alguém peça a você uma opinião sobre isso. Não uma opinião pessoal, mas uma análise sob o ponto de vista da Psicanálise. Como entender as situações de violência diárias que enfrentamos ou presenciamos? A rotina que se vive tem alguma relação com isso?
5. Resolução da SP	Depois de estudar a Psicanálise, é possível perceber que apenas aconselhar as pessoas sobre o que devem ou não fazer não é suficiente. Podem existir coisas tão profundas que a própria pessoa não tem consciência. O aparelho psíquico é formado por várias forças em conflito que se enfrentam para ter atenção.

	<p>As explosões de violência são momentos em que uma dessas pulsões vêm à tona, mostrando que a razão não controla tudo, que o homem não é capaz de controlar totalmente nem a si mesmo.</p> <p>Pensando nos conceitos de catarse e sublimação, é possível perceber que, se houvesse mais tempo livre na sociedade para atividades lúdicas e artísticas para aliviar ou expressar as pressões, possivelmente essas explosões não seriam tão frequentes.</p>
--	---



Lembre-se

O id é a instância inconsciente que origina as pulsões para a vida e para a morte. A pulsão de agressão é uma pulsão de morte.



Faça você mesmo

Observe o trânsito quando tiver a oportunidade e perceba o quanto as pessoas se transformam quando ativamente fazem parte dele. Elabore uma resposta que tente compreender essa mudança, baseando-se nos conceitos de inconsciente, id e pulsão.

Faça valer a pena

1. Sigmund Freud e Josef Breuer escreveram juntos um trabalho considerado o marco inicial da Psicanálise. O que Freud e Breuer buscavam neste estudo?

- Compreender as lesões neurológicas em jovens soldados.
- Compreender as patologias da época sob uma nova perspectiva.
- Compreender a histeria de uma maneira diferente da tradicional.
- Divulgar resultados de pesquisas sobre a sexualidade infantil.
- Redefinir o objeto da Medicina para que fosse totalmente psicológico.

2. Fechner e Freud utilizavam-se da metáfora do iceberg para se referir ao inconsciente. Assinale a opção que demonstra o significado dessa metáfora:

- A frieza das relações humanas nem sempre é percebida imediatamente.

- b) O aparelho psíquico está sempre à deriva, deixando-se levar pela natureza.
- c) Nem tudo é aquilo que parece ser; por isso, não se pode confiar nas impressões.
- d) É muito perigoso e desgastante lidar com o aparelho psíquico, sob risco de "naufrágio".
- e) A maior parte do aparelho psíquico está inconsciente, abaixo do limiar da consciência.

3. Segundo a Psicanálise, há uma sequência de desenvolvimento psicosssexual pela qual todas as pessoas passam. Assinale a opção que traz essas fases em sequência correta:

- a) Fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital.
- b) Fase oral, fase fálica, período de latência e fase genital.
- c) Fase anal, complexo de Édipo, fase genital e fase oral.
- d) Fase fálica, período de latência, fase oral e fase anal.
- e) Fase genital, fase oral, fase fálica e fase anal.

Seção 3.3

A psicologia da Gestalt

Diálogo aberto

Um tanto mais aliviadas com o seu esclarecimento sobre o desenvolvimento psicosssexual, a diretora e a coordenadora disseram que queriam saber sobre aquela outra abordagem que “tem um nome esquisito”.

Disseram ter achado até interessantes as ilusões de ótica, mas não conseguiram entender como poderiam trabalhar com esse tipo de conhecimento na escola. “A gente vai ficar passando esses desenhos no projetor? Em que isso vai ajudar?”, pergunta, brincando, a coordenadora.

Após alguns risos, a diretora pergunta: “O que esses princípios com figuras têm a ver com as pessoas no dia a dia? E essa coisa de falar que a Educação é para ser vista ‘como um todo’? O que quer dizer?”.

Sim, de fato, é curioso, mas estranho, para alguém leigo entender que os princípios da percepção têm uma interpretação psicológica. Você vai precisar explicar isso para elas, demonstrando como isso interfere na Psicologia e no aprendizado e explicar o que é essa visão do todo que a Gestalt traz. Está pronto?

Os objetivos de aprendizagem desta seção são: compreender a mudança de perspectiva trazida pela psicologia da Gestalt e compreender os conceitos e princípios dessa psicologia. Para tanto, serão abordados como conteúdos o fenômeno phi (pronuncia-se “fí”), bem como a percepção e o sujeito como parte da realidade.

Seguindo a linha dos psicólogos alemães, chegamos a um ponto de grande divergência no desenvolvimento da Psicologia. Até o momento, a maioria das propostas teóricas buscava uma compreensão mecanicista e reducionista, tentando identificar os elementos básicos para entender o todo. A psicologia da Gestalt surge propondo justamente o caminho contrário. Vamos entender como?

Não pode faltar!

O filósofo Immanuel Kant (1724-1804), no decorrer de sua extensa e influente obra, trabalhou muito a relação entre o sujeito que observa e o objeto observado. Em algum momento afirma que, quando percebemos um objeto, inevitavelmente encontramos nossas próprias características psicológicas, o que dá a impressão de haver uma divisão em partes. Kant diz que, por sermos humanos, temos características e limites em nossa percepção de mundo. Para ele, a organização psicológica se dá através de um sentido e não por associação. Além disso, a percepção não é passiva, e sim uma organização ativa daquilo que é percebido (REALE; ANTISERI, 2005).

Na época de surgimento da Gestalt, início do século XX, estava ocorrendo uma mudança muito importante no *zeitgeist*, principalmente no campo da Física. O pensamento mecanicista estava deixando de ser o principal para dar lugar ao pensamento das relações de força, geralmente invisíveis, como a eletricidade e o magnetismo. Lembrando que, na Psicofísica, a Física foi uma ciência bastante influente na formação da Psicologia.

Na Psicologia, a Gestalt simboliza essa passagem no pensamento do objetivismo para a relação de forças. O início dessa ideia se deu através de uma experiência vivida por Max Wertheimer (1880-1943). Ele viajava de trem quando se deu conta que, ao mudar o foco do seu olhar, tinha uma impressão de que a paisagem lá fora se movia. Começou, então, um experimento laboratorial juntamente com seus colegas Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Köhler (1887-1967) (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Para entender a proposta de Wertheimer, segue uma explicação semelhante ao que ele realizou em laboratório: imagine que haja uma divisória com dois furos para os olhos. Porém, há outra divisória entre os furos, fazendo com que cada olho esteja olhando para uma câmara diferente. Dessa forma, mecanicamente, não há passagem de uma câmara para outra.

Imagine que, em cada uma dessas câmaras, próximas da divisória do meio, há uma lâmpada. Caso uma delas pisque e, muito tempo depois, a outra piscar, a visão do sujeito com os olhos nos buracos da divisória será a de duas luzes que piscaram separadamente. Porém, se o tempo entre o piscar de uma lâmpada e o da outra for diminuindo, em algum momento o sujeito dirá ter visto uma luz correndo de um lado para o outro. No entanto, não é possível que a luz tenha de fato se movido, pois lembre-se de que as lâmpadas estão em câmaras separadas e ninguém as tirou do lugar. Esse é um fenômeno comum quando são instalados pisca-piscas na época de Natal. As luzes sempre dão a impressão de estar em movimento, mas sabemos que as lâmpadas são fixas e não saem do lugar.

O que ocorre, portanto, é uma ilusão de movimento ou movimento aparente, denominada fenômeno phi (pronuncia-se "fi"). Se o experimento foi feito à prova de

alterações objetivas, quer dizer, se nenhum objeto externo poderia provocar essa ilusão, então não há outra hipótese se não essa ilusão ser fruto da percepção do sujeito. Você se lembra de quando Descartes dizia que os sentidos nos enganam? A Gestalt dirá que isso não é bem uma enganação, mas uma característica da percepção humana. Nossa percepção interfere na realidade objetiva para entendê-la melhor, organizando-a de uma maneira que nos faça sentido (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009; FREIRE, 2008).

Isso significa que o sujeito não é passivo, que ele interfere ativamente (embora não conscientemente) na organização da percepção de mundo. O movimento aparente é algo que só se mostra a partir de determinada combinação entre os objetos sensíveis e a percepção. Por isso, o principal lema da Gestalt é: "O todo é maior que a soma das partes" (MORAES, 2007).



Assimile

Fenômeno phi: o movimento aparente que ocorre devido à organização da percepção e não à movimentação real dos objetos.

Esse é o mesmo princípio do cinema (que passa 24 fotos por segundo na projeção) e dos desenhos animados, inclusive os mais simples, que podem ser feitos com um bloquinho de papel folheado com o dedo.

Em parte, esse é um dos motivos para o nome dessa escola teórica da psicologia: Gestalt é uma palavra alemã cuja tradução não foi realizada devido à possibilidade de má compreensão dos conceitos. A língua alemã tem uma riqueza muito grande de significados e, por isso, é considerada uma das línguas filosóficas. Gestalt, no que diz respeito à percepção, pode significar organização, isto é, a forma como a percepção organiza aquele contexto. Em outros momentos, pode significar forma, como a forma do objeto em si, estrutura ou padrão (FREIRE, 2008).

A teoria da Gestalt é contra a ideia de que a percepção se dá através da soma de elementos. Para os pesquisadores da Gestalt, a combinação entre as coisas percebidas é realizada pela percepção, podendo surgir algo que não pode ser encontrado na simples acumulação dos elementos.



Exemplificando

Um exemplo simples e concreto é o seguinte: se tenho tijolos, sacos de cimento e cal, areia, água e ferramentas, não tenho automaticamente uma parede. É preciso que alguém tenha o conhecimento necessário para saber a quantidade e a organização desses materiais para transformá-los em uma parede. E esse conhecimento não está na simples aquisição

do material. Outro exemplo é musical: se a percepção fosse uma soma de elementos, não seria possível ouvir a harmonia de uma música. O acorde (base da harmonia) é composto por três notas musicais simultâneas, criando um efeito sonoro que não pode ser separado. Se uma das notas for retirada, já não se trata do mesmo acorde; se forem tocadas em sequência e não simultaneamente, temos uma melodia, mas não um acorde. O som do acorde é maior que a soma das notas.

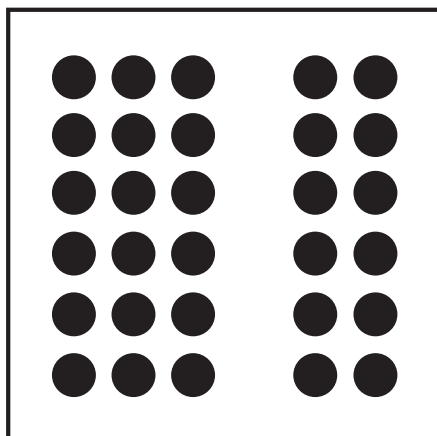
E por que a escolha da palavra “forma” além do significado de organização? Os psicólogos da Gestalt elaboraram a teoria de que nós temos tendências perceptivas que nos fazem buscar pela “boa forma”. Isso significa que simplificamos, unimos e completamos aquilo que observamos para tornar mais familiar e conhecido, fazendo sentido em relação ao conteúdo que já conhecemos.

Para a Gestalt, as sensações dos diferentes órgãos dos sentidos se misturam num sistema complexo de organização e haveria algumas características gerais da percepção que foram descritas pelos três pesquisadores.

Os princípios da organização perceptual seriam os seguintes:

- Proximidade: temos a tendência de agrupar as partes que estejam próximas no tempo ou no espaço, conforme pode ser visto na Figura 3.1.

Figura 3.1 | Princípio da proximidade

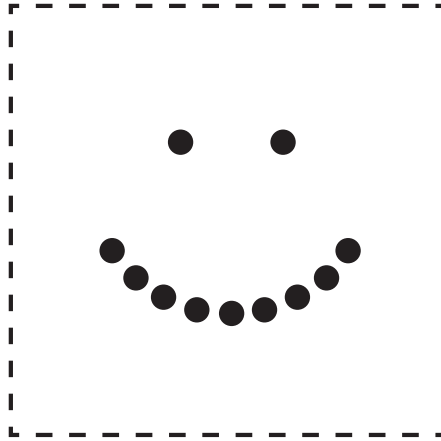


Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_proximidad.png

Crédito: By Chr5commons [GFDL (<<http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html>>) or CC BY-SA 4.0-3.0-2.5-2.0-1.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0-3.0-2.5-2.0-1.0>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 15 jan. 2016.

- Continuidade: tendemos a seguir uma direção para ligar os elementos de forma que pareçam sem interrupção, conforme a Figura 3.2.

Figura 3.2 | Princípio de continuidade

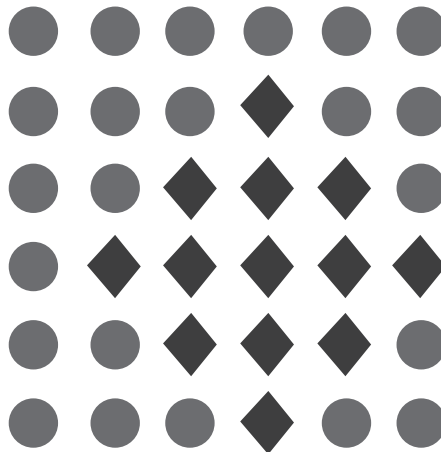


Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_Principles_Composition.jpg.

Crédito: By Impronta (Own work) [CC BY-SA 3.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 15 jan. 2016.

- Semelhança: as partes parecidas tendem a ser unidas, criando um novo agrupamento, conforme a Figura 3.3.

Figura 3.3 | Princípio de semelhança

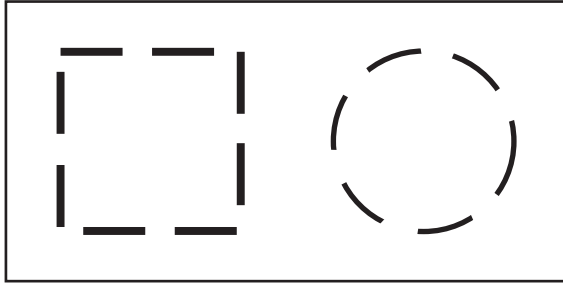


Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_Principles_Composition.jpg.

Crédito: By Impronta (Own work) [CC BY-SA 3.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 15 jan. 2016.

- Preenchimento: completamos os espaços faltantes das figuras para que se aproximem de formas mais conhecidas, conforme a Figura 3.4.

Figura 3.4 | Princípio do preenchimento

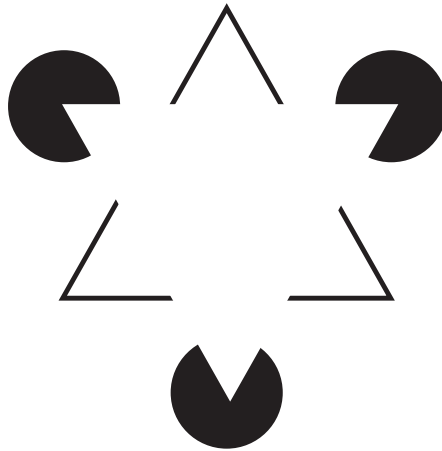


Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_cierre.png.

Crédito: By Chr5commons [GFDL (<<http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html>>) or CC BY-SA 4.0-3.0-2.5-2.0-1.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0-3.0-2.5-2.0-1.0>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 15 dez. 2015.

- Simplicidade ou pregnância: buscamos a “boa Gestalt” simétrica, simples e estável mesmo que ela esteja apenas sugerida e com vários detalhes ao redor, conforme a Figura 3.5.

Figura 3.5 | Princípio da simplicidade ou pregnância



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_Principles_Composition.jpg.

Crédito: By Impronta (Own work) [CC BY-SA 3.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 20 jan. 2016.

- Figura-fundo: o objeto observado ou parte do objeto observado, ao receber mais atenção e foco da percepção, é chamado de figura. Porém, os outros objetos ou partes não deixam de existir, tornando-se fundo. No entanto, podemos alternar o foco, transformando em figura outros objetos ou partes, tornando todo o restante em fundo. Os estudos da Gestalt geraram várias figuras ambíguas, ou seja, que podem ser diferentes, dependendo da parte eleita como foco, conforme a Figura 3.6.

Figura 3.6 | Princípio da figura-fundo



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gestalt_Principles_Composition.jpg.

Crédito: By Impronta (Own work) [CC BY-SA 3.0 (<<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/>>)], via Wikimedia Commons. Acesso em: 20 jan. 2016.



Pesquise mais

Para constatar a pertinência científica da Gestalt na ciência atual, leia o artigo "A Psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea" escrito pelo Prof. Arno Engelmann, um dos maiores divulgadores da psicologia da Gestalt no Brasil:

ENGELMANN, A. A Psicologia da Gestalt e a ciência empírica contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Brasília, v. 18, n. 1, p. 1-16, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a02v18n1.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Por considerar a percepção do todo, a Gestalt também foi oposição ao behaviorismo e ao reducionismo em geral (STRATTON; HAYES, 2011). Com ela, é possível identificar a lógica da organização perceptiva, que inclui, inclusive, elementos intelectuais. Uma das influências da Gestalt foi a psicologia do ato de Franz Brentano. A psicologia do ato foi uma outra proposta de transformar a Psicologia em ciência, mas de uma forma diferente das ideias de Wundt.

Wundt consagrou a Psicologia como ciência, mas as ideias de Brentano (principalmente o conceito de intencionalidade da consciência, já comentado no funcionalismo) influenciaram a criação da fenomenologia por um de seus alunos, Edmund Husserl. Enquanto método, a Gestalt se utilizou da descrição fenomenológica para encontrar a linguagem científica do que é percebido.

A Gestalt considera que a percepção se dá pelas relações entre os objetos e não pela sensação individual de cada elemento. Não é difícil perceber, por exemplo, que, mesmo que mudemos o ângulo de observação de um objeto ou o tom de uma música, não acreditamos que sejam outro objeto ou outra música. A alteração também pode ser de tamanho ou brilho. Isso se chama constância perceptual, ou

seja, mesmo quando algumas qualidades do objeto sejam alteradas devido ao ponto de vista, não implica impressão de que o objeto seja outro (MORAES, 2007; SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

A partir do seu lema de que o todo é que define as partes, ou seja, de que a percepção se dá do todo para as partes, os pesquisadores da Gestalt estenderam o lema para estudos sobre a aprendizagem, a memória, as reações motoras etc. As partes, por sua vez, se voltam para o sentido comum definido pelo todo.

Na Educação, afirmavam que o homem é uma totalidade: as partes do aprendizado (uma fórmula, um acontecimento histórico, uma teoria) precisam estar relacionadas com o contexto total para que tenham um sentido e se relacionem com a vida real atual do aluno, estimulando a interdisciplinaridade e a transposição do conhecimento para problemas reais (assim como fazemos no presente material). A Educação, portanto, não pode partir de suposições, mas sempre da realidade (MORAES, 2007).

Mesmo na leitura, o aprendizado se dá do todo para as partes: a criança assimila, inicialmente, a forma da palavra, e, com o tempo, vai detalhando as letras. Por isso, é comum a troca de letras no meio da palavra. O ensino tradicional, no entanto, insiste que se aprenda letra por letra, sílaba por sílaba até chegar à palavra, ou seja, das partes para o todo.



Refleta

Você percebeu o quanto é possível ampliar a compreensão dos princípios da Gestalt para fenômenos psicológicos além da percepção. Por exemplo, o princípio de figura-fundo faz pensar que a mudança de foco em determinada figura não anula a existência da outra figura. Se transpusermos essa constatação para outro contexto, podemos afirmar que dois pontos de vista sobre a mesma coisa são possíveis sem que um esteja “certo” e outro “errado”. Trabalhar com essa possibilidade ajuda a evitar preconceitos e lugares comuns, auxiliando as pessoas envolvidas a refletirem sobre o que percebem, podendo ver a mesma figura sob outra perspectiva. Isso significa que podem pensar sobre a mesma coisa de um jeito novo.

Outro conceito bastante importante da Gestalt e que influenciou a Psicologia como um todo, tornando-se uma palavra comum, é o conceito de insight. Esse fenômeno foi bastante estudado por Köhler.

Em suas observações de resolução de problemas por macacos numa ilha africana, Köhler percebeu que, quando os animais tinham em seu campo de visão todas as ferramentas para resolver o problema, eles o resolviam após um tempo. Esses problemas eram, por exemplo, usar uma vara para alcançar uma fruta fora da jaula,

encaixar uma vara na outra para frutas mais distantes ou empilhar caixotes para o mesmo fim, se necessário. Dessa forma, comprovava a teoria da Gestalt sobre a organização perceptiva da realidade.

Porém, o que observou, além disso, foi que eles olhavam o cenário por um tempo, mexiam nos objetos e nada faziam. Até que, de repente, tomavam uma iniciativa e resolviam a situação sem dificuldades, como se tivesse entendido o que precisava ser feito de uma hora para a outra. Esse momento em que “cai a ficha” e a gente entende alguma coisa foi chamado de insight. É como se os pensamentos trabalhassem sozinhos e, quando a conclusão acontece, ela vem à consciência. insight é a compreensão repentina de um problema ou questão, incluindo, por vezes, sua solução.

Com essa descrição de fenômeno, a Gestalt contestou a ideia de tentativa e erro propagada por outros pesquisadores, principalmente do behaviorismo, afirmando que, se deixassem o animal visualizar o todo do problema, ele resolveria mais rapidamente, sem tentar e errar tantas vezes (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Diante de alguma história, pode ser um livro, filme ou narrada por alguém, tente trocar o ponto de vista do personagem principal pelo de outro personagem. Como seria a história da Chapeuzinho Vermelho contada pelo Lobo, por exemplo? Ou a da Branca de Neve sob o ponto de vista da maçã? Uma mudança na perspectiva sobre o mesmo acontecimento traz grandes novidades e ideias criativas. Essa é a ideia da alternância entre figuras e fundos, facilitando uma compreensão mais ampla sobre o fenômeno. Divirta-se!

Como os criadores da psicologia da Gestalt, ao emigrarem para os Estados Unidos, estabeleceram-se em localizações diferentes, o núcleo de pesquisa acabou se desintegrando e os estudos acabaram praticamente se extinguindo, salvo uma pesquisa ou outra. No entanto, deixou uma herança bastante influente e, de certa forma, revolucionária. Marcou os estudos sobre Psicologia e percepção e criou uma base teórica consistente para o surgimento das psicologias humanistas, que consideram o homem como um sujeito ativo e não fruto de forças externas ou psicodinâmicas.

Sem medo de errar

Relembrando rapidamente a situação-problema a ser resolvida agora, seu desafio é esclarecer à diretora da escola e a coordenadora pedagógica sobre a psicologia da Gestalt, demonstrando a sua compreensão sobre o contexto escolar.

Um exemplo que pode ser utilizado é a solução de conflitos entre professores e alunos. Para resolver um conflito entre professores e alunos, você precisa compreender e ampliar o pensamento geral da psicologia da Gestalt. Simplesmente demonstrar e explicar os princípios não é suficiente para que seja visualizada sua aplicação. É preciso ir além das definições e explicações físicas óbvias, imaginando como seria uma compreensão psicológica com base em tais princípios. Explicar isso de uma forma que as gestoras entendam é sua primeira parte do desafio.

A segunda parte é encontrar um exemplo concreto em cada um dos princípios da psicologia da Gestalt. Explique cada um dos seis princípios e busque uma forma de aplicação para eles, preferencialmente relacionada ao mundo da Educação.

Talvez o princípio de figura-fundo tenha sido o mais trabalhado aqui, demonstrando que um ponto de vista sobre algo não elimina os outros ângulos possíveis de observação e compreensão do fenômeno.

Para ajudá-lo, segue uma reflexão sobre o ambiente escolar sob o viés da psicologia da Gestalt: tanto os professores quanto os alunos são partes fundamentais da escola. Não existe escola sem professor e muito menos sem alunos. Porém, pensar a escola como um todo, pensar a Educação como um todo, mostra que as partes precisam estar voltadas para esse objetivo maior. Essa é uma forma de pensamento que combate o preconceito e os lugares comuns.

No entanto, se as partes estão conflitando, essa é a realidade, isso é parte do todo escolar que está se mostrando, e é preciso lidar com a situação sem ignorar esses acontecimentos e reconhecer as necessidades de cada grupo para se atingir a estruturação completa. Pode-se perceber, por exemplo, que os professores precisam cumprir suas obrigações, e os alunos precisam de mais momentos de lazer, ou perceber o sentido que aquele conteúdo tem em sua vida. Ou, até mesmo, fazê-los enxergar o conflito do ponto de vista do outro.



Atenção!

Um dos trabalhos do psicólogo é conseguir identificar a pertinência dos diferentes pontos de vista sem ocupar uma posição de julgamento.



Lembre-se

Se o sujeito é considerado ativo na própria concepção de mundo, então ele também pode ser considerado ativo em seus comportamentos e atitudes. Assim como ele participa do todo, ele também faz essa realidade (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.

De um lado para o outro

1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica e os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender a mudança de perspectiva trazida pela Psicologia da Gestalt. Compreender os conceitos e princípios da psicologia da Gestalt.
3. Conteúdos relacionados	O fenômeno phi e outro ponto de vista sobre a Psicologia; a percepção e o sujeito como parte da realidade.
4. Descrição da SP	Trabalhando na área educacional, você é convocado para participar das reuniões com os pais e professores, pois há vários relatos das duas partes de que os dois grupos parecem não se entender. Os pais reclamam que os professores só falam coisas que eles não entendem e criticam os pais e os alunos o tempo todo. Os professores reclamam que os pais não participam e, quando participam, apenas criticam seu trabalho e defendem os próprios filhos. O que você pode fazer para intervir nessa situação e conseguir maior interação entre os dois grupos?
5. Resolução da SP	A psicologia da Gestalt traz a possibilidade de se trabalhar com diferentes pontos de vista sem que eles sejam excluídos. Além disso, é possível estimular que um grupo consiga alterar seu foco, conhecendo o ponto de vista do outro grupo. É possível trabalhar com o uso de imagens e dinâmicas que proporcionem essa compreensão intergrupal.



Lembre-se

Pelo princípio de figura-fundo, é possível demonstrar que não há um único foco correto sobre o objeto. Dependendo de qual a parte escolhida para foco, as outras se tornam fundo.



Faça você mesmo

Procure algum ponto de vista diferente do seu em um assunto qualquer e, em vez de tentar rebatê-lo, tente entendê-lo como um outro ponto de vista válido. Depois disso, tente visualizar o todo sobre esse assunto

como algo para o qual as partes devem estar voltadas. Por exemplo, se o assunto for relacionado à Educação, pensar sobre o que é a Educação; se o assunto for política, pensar sobre o que é a Política.

Faça valer a pena

1. A psicologia da Gestalt, ao revisar sob novas influências filosóficas as tendências da Psicologia da época, assumiu uma postura teórica bastante divergente do que havia sido desenvolvido por Wundt e outros teóricos. Que alteração foi essa?

- a) A renomeação de todos os elementos formadores da consciência.
- b) O estudo das psicopatologias em vez de experimentos de laboratório.
- c) A compreensão da percepção a partir do todo para as partes e não o contrário.
- d) O estudo do fluxo da consciência em ação como um caráter evolutivo.
- e) A compreensão da percepção a partir do reducionismo e do mecanicismo.

2. O principal lema da psicologia da Gestalt afirma que "o todo é maior que a soma das partes" e, dessa forma, resume grande parte do pensamento em questão. Assinale a opção que explique o significado dessa frase.

- a) Por mais que somemos os elementos, somos incapazes de visualizar o todo.
- b) O todo é uma referência inatingível para a percepção humana.
- c) A soma dos elementos não é suficiente para se atingir a organização exigida pelo todo.
- d) As partes possuem valores positivos e negativos que, num jogo de forças, se anulam.
- e) Sem considerar os elementos metafísicos, nunca se poderá chegar ao todo.

3. A psicologia da Gestalt descreve alguns princípios sob os quais ocorre a percepção, o aprendizado e a compreensão de mundo. Associe os nomes dos princípios da coluna da esquerda com as definições da coluna da direita. Em seguida, assinale a opção que demonstra corretamente a relação entre os conceitos e suas explicações.

- I. Proximidade
- II. Continuidade
- III. Semelhança
- IV. Preenchimento
- V. Simplicidade ou
Pregnância
- VI. Figura-Fundo

1. Completamos os espaços faltantes das figuras para que se aproximem de formas mais conhecidas.
2. Temos a tendência de agrupar as partes que estejam próximas no tempo ou no espaço.
3. Buscamos a “boa Gestalt” simétrica, simples e estável mesmo que ela esteja apenas sugerida e com vários detalhes ao redor.
4. Um objeto recebe mais atenção, mas os outros objetos ou partes não deixam de existir.
5. Tendemos a seguir uma direção para ligar os elementos de forma que pareçam sem interrupção.
6. As partes parecidas tendem a ser unidas, criando um novo agrupamento.

- a) I-2; II-5; III-6; IV-1; V-3; VI-4.
- b) I-4; II-1; III-6; IV-2; V-5; VI-3.
- c) I-5; II-2; III-4; IV-3; V-1; VI-6.
- d) I-5; II-6; III-3; IV-1; V-2; VI-4.
- e) I-2; II-6; III-4; IV-3; V-1; VI-5.

Seção 3.4

Abordagens humanistas e a abordagem sócio-histórica

Diálogo aberto

Seguindo as explicações sobre as abordagens, você percebeu que a diretora e a coordenadora pedagógica da escola estavam bastante confusas no começo da conversa, mas agora pareciam estar mais confortáveis devido aos esclarecimentos que têm surgido no diálogo.

A psicologia da Gestalt tinha deixado muitas dúvidas que você conseguiu esclarecer. Agora, está para começar o questionamento sobre as psicologias humanistas e a psicologia sócio-histórica. Essa é a última etapa da reunião de vocês.

Elas se mostravam surpresas com o número de teorias diferentes que existiam na Psicologia. E cada uma com um pensamento diferente. Não faziam ideia da diversidade que é a Psicologia.

E a primeira pergunta era sobre isto: “Como é que se pode dizer que existe uma psicologia humanista se, dentro dela mesma, tem um monte de teorias diferentes?”, perguntou a diretora. A coordenadora praticamente emendou sua pergunta à da colega: “Essas teorias todas falam de liberdade. Isso quer dizer que vamos deixar os alunos fazerem o que querem?”.

Quiseram imediatamente expor as dúvidas sobre a psicologia sócio-histórica para que você respondesse tudo de uma só vez.

No começo, vieram as dúvidas gerais sobre a psicologia humanista e a sócio-histórica: “Nós entendemos que as condições sociais influenciam no jeito de ser do aluno e no seu aprendizado. Mas então nós vamos ter que mudar a sociedade? E como fica o papel da escola?”.

Bem, você tem bastante material para explicar para as duas gestoras. Isso parece bom, mas exige de você uma compreensão ampla na busca de elementos comuns

e um bom poder de síntese. Mostre que consegue fazer isso para elas, ajudando no esclarecimento das dúvidas. Lembre-se de que esta é a última seção da Unidade 3, e, então, aproveite para dar uma conclusão sobre o estudo que fez de todas as abordagens. Não precisa ser uma síntese completa de todas as teorias, mas o seu parecer técnico sobre a aplicação escolar das diferentes abordagens, ajudando-as a perceber qual seria a melhor escolha para elas.

Conhecendo a proposta das psicologias humanistas e da psicologia sócio-histórica como contestação do behaviorismo e da Psicanálise, você conseguirá explicar com clareza o que for necessário.

Ao fim desta seção, você deverá ser capaz de compreender as principais diferenças e semelhanças entre as abordagens humanistas mais conhecidas da Psicologia; compreender os princípios da psicologia sócio-histórica; compreender a retomada da visão de mundo de Heráclito na Psicologia; e compreender a chamada terceira força como oposição ao behaviorismo e à Psicanálise.

Não pode faltar!

Durante os anos 1920 e 1930, havia uma parte da geração de psicólogos que estava um tanto descontente com as teorias disponíveis. Segundo eles, a Psicologia se mantinha entre dois determinismos: o behaviorismo com o determinismo do ambiente, e a Psicanálise com o determinismo do inconsciente. A contestação da psicologia tradicional e das abordagens dominantes feita pela psicologia da Gestalt abriu a possibilidade de desenvolvimento de novas formas de se pensar e fazer Psicologia ao definir a percepção como uma participação ativa do sujeito na realidade.

Esses psicólogos, descontentes com o panorama da época, buscaram fundamentações teóricas alternativas na Gestalt teoria e nas filosofias próximas, como a fenomenologia e o existencialismo, que fortaleceram as psicologias humanistas. Tanto a Gestalt quanto a psicologia humanista tiveram influência de Franz Brentano, filósofo e teólogo que era contrário à Psicologia de Wundt (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Refleta

Você consegue perceber o que essas propostas de Psicologia vieram questionar? Você já pensou se você é de fato o responsável pelos próprios atos ou se há elementos internos ou do meio ambiente que dominam suas ações?

Um pensador de grande influência no movimento da psicologia humanista foi o filósofo e teólogo austríaco Martin Mordechai Buber (1878-1965). Ele diferencia os

tipos de relação que as pessoas podem ter. Das relações estabelecidas com o mundo concreto, há duas diretamente ligadas à Psicologia: a relação EU-ISSO, que se dá entre uma pessoa e um objeto, e a relação EU-TU, que ocorre entre duas pessoas. Porém, Buber ressalta que a relação EU-TU não é usual, mas muito difícil de se atingir, pois exige profunda aceitação e respeito. Na maioria das vezes, as pessoas estabelecem entre si uma relação EU-ISSO (BUBER, 2004).

A possibilidade de haver uma relação especial e quase sagrada entre duas pessoas inspirou muitos psicólogos no desenvolvimento de suas teorias humanistas, que valorizam a relação entre o terapeuta e seu cliente. Nesse caso, tratava-se de uma aplicação clínica da abordagem.



Vocabulário

“Cliente” é a maneira como Rogers propôs nomear o tradicional “paciente”. Sua intenção era evitar o jargão médico e considerar a pessoa atendida alguém também ativo no processo de psicoterapia.

Em pouco tempo, várias novas propostas teóricas surgem na Psicologia como alternativa ao behaviorismo e à Psicanálise. O que elas tinham em comum era a ênfase na possibilidade de mudança das pessoas, a oposição ao reducionismo, a busca de compreensão do homem como um todo, incluindo atitudes, valores e convivência social (STRATTON; HAYES, 2011). Alguns psicólogos migraram das teorias tradicionais para as novas propostas teóricas. As novas propostas, porém, mantêm uma dívida teórica para com as psicologias e filosofias tradicionais, pois formaram esses psicólogos, que, muitas vezes, adaptaram conceitos das suas abordagens de origem para elaborar seus fundamentos.

Esse movimento foi chamado de Terceira Força da Psicologia e é herança do humanismo, uma tendência cultural e filosófica que, de forma ampla, pode ser entendido como qualquer pensamento criado pelo ser humano e voltado para ele. Nesse sentido, ele teria começado com o próprio surgimento da Filosofia grega, que se opôs às explicações mitológicas. Muitos séculos depois chegamos ao Renascimento, que foi o auge do humanismo conforme você já estudou na unidade anterior. Seu reflexo mais recente foi a Declaração Universal dos Direitos do Homem realizada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU), numa época em que, após a Segunda Guerra Mundial, os países viviam um clima de busca por paz e união. No Direito, essa declaração significou o rompimento com as teorias deterministas, sejam de caráter biológico, geográfico, histórico, cultural ou de outra natureza (FIGUEIREDO, 1991; BUYS, 2007).

Uma das críticas feitas às psicologias tradicionais é que elas não têm uma referência de saúde psicológica para o ser humano. No entanto, conforme já explicitado, as

teorias psicológicas incluídas na psicologia humanista enfatizam a capacidade humana, seus desejos, a experiência imediata, a experiência consciente, a liberdade (contra o determinismo), o desenvolvimento de seus potenciais, a compreensão integrada do homem e a criatividade como capacidade humana de superação das situações (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009). A liberdade, porém, merece um esclarecimento: ela significa uma sensação de liberdade, de escolha consciente do que fazer, mais do que ter um grande número de opções. Além disso, no sentido existencial, a responsabilidade sobre a escolha está sempre presente, seja ela qual for. No behaviorismo, a liberdade é considerada um mito (como diz o título de um livro do próprio Skinner: *O mito da liberdade*). Na Psicanálise, a liberdade é um tema bastante complexo e relativo, pois é sempre uma liberdade possível diante da psicodinâmica e do inconsciente. Para o existencialismo, que influencia as psicologias humanistas, o homem é totalmente livre, pois pode alterar suas escolhas diante do mundo a qualquer momento.

A psicologia humanista começou a se formar na década de 1930 nos EUA. Seus primeiros e principais autores foram Abraham Maslow, Gardner Murphy, Gordon Allport e Carl Rogers. Eles estavam em busca de uma nova visão de ser humano fora dos determinismos ou que trouxesse a possibilidade de ultrapassar os determinismos (BUYS, 2007).

Outros, assim como os psicólogos da Gestalt, deixaram a Europa e emigraram para os Estados Unidos, principalmente os descendentes de judeus que moravam na Alemanha. Há dois deles que fizeram essa viagem já com algumas teorias na bagagem: Jacob Levy Moreno (1889-1974) e Frederick Salomon Perls (1893-1970), mais conhecido como Fritz Perls. Há outro caso, um tanto extremo, de Viktor Emil Frankl (1905-1997) que foi preso pela polícia nazista e passou por três campos de concentração. Perdeu absolutamente tudo o que tinha e seus familiares e, a partir dessa experiência trágica, elaborou a sua teoria própria.

Abraham Maslow (1908-1970) teve uma infância difícil, uma péssima relação com a mãe e usou sua própria experiência de vida para contestar os determinismos do behaviorismo e da Psicanálise. Teve contato pessoalmente com Kurt Goldstein, também pesquisador da Gestalt na Alemanha que emigrou para os Estados Unidos. Após desenvolver pesquisas próprias sobre motivação, desenvolveu a Hierarquia das necessidades. A hierarquia das necessidades é uma forma de categorização das necessidades humanas, desde as mais básicas, necessárias à sobrevivência, como comida, água e sono (base da pirâmide) até as mais elevadas, como a realização pessoal.

Maslow também pesquisou a autorrealização, que é o desenvolvimento máximo dos potenciais de uma pessoa. Segundo ele, as pessoas que atingem esse patamar são perspicazes, éticas, compromissadas, sensíveis, criativas e altruístas. Exemplos de autorrealizadores são grandes nomes da humanidade, como o líder pacifista indiano Mahatma Gandhi.

Por sua obra, Maslow foi um dos maiores inspiradores da efetivação da psicologia humanista, sendo considerado por muitos o seu fundador (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Outro autor de grande importância para essa forma de pensar a Psicologia foi Carl Ransom Rogers (1902-1987). Assim como Maslow, Rogers sempre se inspirou na experiência pessoal para elaborar sua teoria. A valorização da experiência de vida como forma de conhecimento é uma marca da Psicologia Humanista.

Rogers criou a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O pressuposto básico da ACP é o de que as pessoas têm uma tendência natural ao crescimento. Caso esse crescimento não esteja acontecendo naturalmente, o que ocorre é um bloqueio dessa tendência.

Segundo ele, uma influência fundamental sobre o funcionamento se dá devido às condições de valor atribuídas entre as pessoas. Uma das maiores necessidades humanas é ser aceito pelo outro e, para isso, transformamos nosso comportamento de maneira a torná-lo mais agradável a quem imaginamos nos julgar. Como isso ocorre desde que somos crianças, não é fácil perceber se estamos de fato fazendo, dizendo ou pensando algo por vontade própria ou para agradar aos outros.

O papel do terapeuta na Terapia Centrada no Cliente (TCC) é ajudar a pessoa a perceber seus próprios sentimentos e necessidades para que consiga viver sem prestar contas aos outros o tempo todo e aceitar a si mesmo.

Uma característica fundamental que o terapeuta deve desenvolver e demonstrar no processo terapêutico é a empatia. Empatia é um termo bastante comum nas psicologias humanistas e significa a capacidade de perceber o sentimento do outro como se estivesse no lugar do outro, sem julgá-lo, aceitando-o sem a imposição de condições de valor.



Assimile

Empatia: capacidade de perceber os pensamentos e sentimentos alheios, como se fosse o outro. Porém, como bem alerta Rogers, sem nunca perder a noção de “como se”, isto é, não se esqueça de que você é você e não o outro.

Dessa forma e com outros critérios, Rogers acredita na mudança de personalidade das pessoas. As psicologias humanistas resgatam como diferencial a visão de mundo propagada na Antiguidade por Heráclito. Caso você não se lembre, Heráclito era aquele filósofo pré-socrático que dizia que tudo muda o tempo todo, que nada permanece. Até então, os autores estavam primordialmente buscando por teorias universais de personalidade, ou seja, por uma ideia de permanência das características psicológicas, acreditando que a personalidade fosse algo fixo.

Essa mudança, com o tempo, acabou ocorrendo nas outras abordagens também, mas os autores da psicologia humanista foram os primeiros a divulgá-la, pois é um pensamento fruto da ideia de que as pessoas são capazes de enfrentar seus próprios problemas e de mudar a qualquer momento, se tudo for propício para isso. Para a psicologia humanista, assim como para Heráclito, o homem é um devir, ou seja, um eterno “vir a ser”. Isso significa que, enquanto estão vivas, as pessoas podem mudar a qualquer momento (HOUAISS; VILLAR, 2009). Por isso, o homem é visto também como um ser de possibilidades.



Pesquise mais

A Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa disponibiliza uma série de textos sobre a teoria de Rogers e suas aplicações em diversos campos de atuação da Psicologia. Leia os assuntos que mais lhe interessarem e conheça as possibilidades dessa abordagem. Disponível em: <<http://www.apacp.org.br/index.php/diversos/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Dos autores que emigraram da Europa para os Estados Unidos, Jacob Levy Moreno, médico psiquiatra, já tinha uma longa estrada percorrida de forma revolucionária na saúde e na Filosofia, sempre ligando a prática da saúde mental ao teatro. Assim como os anteriormente citados, aproveita-se da sua experiência pessoal, profissional e dos estudos para elaborar conceitos e teorias.

Moreno desenvolveu o Psicodrama, uma proposta teórico-prática que se utiliza de técnicas de teatro para atingir a sensibilidade das pessoas. Ele define como missão do Psicodrama resgatar a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade das pessoas. Segundo ele, todos nascem com essas capacidades, mas elas são perdidas no decorrer da vida social. Desde o momento em que nasce uma pessoa, há muita expectativa das outras pessoas em seu redor sobre seu futuro. A isso, Moreno chama de Matriz de Identidade: o ambiente físico e psicológico existente na família quando o bebê vem ao mundo.

Baseando-se na psicologia do desenvolvimento, Moreno cria três técnicas básicas para o Psicodrama: 1) técnica do duplo – na qual outra pessoa faz o papel no lugar da que está sendo atendida em situações em que ela não consegue agir ou se expressar, como se fosse um dublê (esse “ator” é nomeado ego auxiliar); 2) técnica do espelho – o ego auxiliar “imita” a pessoa que está contando sua história, enquanto ela faz a “cena” ou assiste de fora à própria história sendo interpretada por outro; 3) técnica da inversão de Papéis – quando uma pessoa troca de papel com outra, preferencialmente se a história envolve as duas, como, por exemplo, um conflito entre mãe e filha no qual, após a exposição inicial, a mãe passa a interpretar a filha, e a filha interpreta a mãe (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988).

Moreno criou teorias e técnicas de terapia individual e grupal, de debates para assuntos polêmicos, de mapeamento de redes sociais, de constelação e tantas outras contribuições mais específicas desenvolvidas a partir do grande legado que deixou.

Fritz Perls, também médico e com ideias já construídas na Europa, trouxe para a América a Gestalt-Terapia. Fritz teve toda uma formação psicanalítica e chegou a dar aulas de Psicanálise. No entanto, suas ideias eram muito contrastantes com as bases teóricas estabelecidas por Freud. Ao criar sua nova abordagem teórica, manteve alguns conceitos mas incorporou uma diversidade de outras influências: psicologia da Gestalt, Martin Buber, conceitos médicos, zen-budismo, meditação, entre outros.

Para Perls, o organismo está sempre em busca de equilíbrio, chamado na Medicina de homeostase. Quando entra em desequilíbrio, surge uma necessidade. A necessidade obriga o organismo a interagir com o meio ambiente para que possa ser satisfeita. O elemento que deve satisfazer a necessidade torna-se figura na percepção do sujeito, enquanto os demais elementos tornam-se fundo. No entanto, o fundo continua a existir mesmo que não seja o foco da atenção. A Gestalt-Terapia afirma que deve ser considerado o “todo” de uma relação entre organismo e mundo: não deve haver separação entre dentro e fora do organismo, nem olhar o individual sem o contexto coletivo. Essa tendência na Filosofia se chama holismo.

Outra referência importante para Perls é a noção de aqui-agora, característica das abordagens humanistas, mas recebe uma atenção especial na Gestalt-Terapia: o terapeuta não deve mencionar elementos que não estejam presentes na sessão. Todos os sentimentos e pensamentos importantes têm alguma forma de estar presente na fala ou nos gestos da pessoa que está sendo atendida (SOMMERS-FLANAGAN; SOMMERS-FLANAGAN, 2006).

Um objetivo da Gestalt-Terapia é a *awareness* (a pronúncia é “auernés”), que é uma consciência constante de si e do mundo, na qual o sujeito se percebe ao máximo grau de consciência possível atuando no meio ambiente.

Perls era uma pessoa bastante polêmica e impactante; fazia muitos grupos terapêuticos e costumava filmá-los. Ficou conhecido por utilizar uma atitude de bastante intensidade, provocando as pessoas que atendia para que elas reagissem da forma mais autêntica possível.

Conforme comentado anteriormente, o caso de Viktor Emil Frankl é um tanto trágico e peculiar. Sobrevivente de três campos de concentração, Frankl elabora a Logoterapia, abordagem na qual o principal aspecto a ser desenvolvido é o sentido de vida da pessoa que está sendo atendida.

Ele afirma ter sido o seu sentido de vida que o manteve vivo durante essas situações extremas que viveu. Desde então, desenvolveu uma forma de psicoterapia na qual se procura, através das escolhas de cada um, pelo sentido que a vida e as coisas da vida

têm para a pessoa atendida. Descobrir por que a pessoa quer viver é fundamental para sua saúde psicológica. É um motivo maior que a mera sobrevivência (FRANKL, 2008).

Outra oposição às psicologias tradicionais não está ligada às psicologias humanistas nem aos Estados Unidos. Ela se formou na União Soviética (hoje Rússia), justamente um país considerado inimigo dos Estados Unidos na época da Guerra Fria. Por esse mesmo motivo político, nunca recebemos muitas informações e incentivos para conhecer e estudar a Psicologia que se desenvolveu nessa região do mundo. Através de alguns pesquisadores da América Latina, no entanto, esse conhecimento foi sendo divulgado entre nós. Foi assim que veio a nós a psicologia sócio-histórica (GONZÁLEZ REY, 2007).

Como o próprio nome diz, a psicologia sócio-histórica considera o homem em seu contexto social e histórico para poder compreendê-lo. Porém, não se limita apenas ao campo de atuação da psicologia social. Pode ser uma teoria psicológica independente e ser aplicada em qualquer área da Psicologia.

Assim como as psicologias humanistas, a sócio-histórica sofre influência da visão heraclítica (referente ao filósofo pré-socrático Heráclito) do mundo, compreendendo o homem como um ser em constante mudança. Outra característica já presente em Heráclito, mas não comentada anteriormente, é a dialética, isto é, a possibilidade de construção da verdade a partir das diferenças e não das semelhanças.

O pensamento dialético foi bastante influente na União Soviética devido à filosofia de Karl Marx (1818-1883), filósofo e economista alemão cuja principal obra se chama *O Capital*, na qual desenvolve um longo estudo sobre a sociedade capitalista, isto é, a sociedade que funciona com base no uso do dinheiro. A obra de Marx ainda é altamente influente na Filosofia, nas Ciências e na Economia como um todo. Ele foi eleito na Inglaterra o filósofo mais importante da História da Filosofia.

Marx vem de uma tradição de filósofos alemães que desenvolveram a dialética como método de pesquisa, como Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) (a pronúncia é "Réguel") e Ludwig Feuerbach (1804-1872) (pronuncia-se "Fóierbá"). A dialética de Hegel, porém, apesar de apresentar as bases para a dialética de Marx, é mais idealista e distante do mundo concreto. Feuerbach introduz o materialismo como possibilidade de uso da dialética, ou seja, uma dialética que fosse voltada para a matéria e não apenas para conceitos abstratos.



Exemplificando

A dialética, conforme proposta por Hegel, é um processo que funciona por meio de três etapas. A primeira é uma afirmação: chama-se tese. A segunda é uma posição contrária da tese: a antítese. E a terceira é a busca de uma superação do confronto, o que há de interesse comum entre as partes: chama-se síntese.

Se ocorrer uma discussão, por exemplo, na qual um aluno defende sua preferência pelo behaviorismo (tese); e outro afirma que a Psicanálise seria melhor (antítese), ambas as partes concordarão que a intervenção do professor é importante para que conheçam as abordagens com mais profundidade (síntese), seja para concordar, seja para discordar dela.

Finalmente, Marx apresenta o método do materialismo histórico dialético, que visava buscar a síntese dos opostos, levando em consideração o contexto histórico e os materiais disponíveis a cada uma das partes contrárias.

Dessa forma, as condições sociais disponíveis ao sujeito são fundamentais para que ele seja quem é e desenvolva sua personalidade. Assim como as psicologias humanistas, a sócio-histórica considera que há muita diferença de pessoa para pessoa, dependendo do mundo ao seu redor: social, histórico, político, econômico, cultural etc.

Um dos psicólogos mais conhecidos da abordagem sócio-histórica foi Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934). Vygotsky é bastante influente na psicologia do desenvolvimento, pois estudou o desenvolvimento infantil e do aprendizado, tornando-se referência na área. A psicologia de Vygotsky pretende pensar o fenômeno psicológico como experiência que acontece dentro da cultura e de forma coletiva. O homem intervém e transforma a História e a sociedade. O sujeito e sua psicologia são construções históricas e sociais e isso depende do mundo material.

Segundo os fundamentos do pensamento marxiano (referente a Marx), a ferramenta de trabalho separou o homem da relação imediata com o mundo. Desde os instrumentos mais simples, como um palito de dentes, até mais complexos, como um robô. Os animais vivem uma relação imediata com o mundo porque não fazem a subjetivação da realidade. Subjetivar significa incorporar para si a realidade da sua forma. A subjetivação, segundo Vygotsky, é que constitui o mundo psicológico, ou seja, é o conjunto de sentidos atribuídos na subjetivação do mundo concreto (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Contempla-se a subjetividade individual, na qual o sujeito vai se construindo a partir das relações, interpretações e sentidos, que produz a partir do mundo social, e a subjetividade social, que é a parte subjetiva da sociedade conforme apreendida pelo sujeito.

Segundo a psicologia sócio-histórica, não existe natureza humana; o que existe é condição humana. Essa ideia é bastante próxima do que as psicologias humanistas compreendem como liberdade. O momento histórico da sociedade muda as pessoas, e as pessoas mudam o momento histórico (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Lembrando que tudo tem um lado material, a psicologia sócio-histórica identifica

nos objetos a história a ser contada. Se hoje escrevo um texto no computador, é preciso considerar uma série de materiais e de pessoas que participaram para que isso fosse possível: o Renascimento, que defendeu o livre pensamento para que a tecnologia pudesse ser pensada, os diversos engenheiros que esboçaram projetos de máquinas calculadoras, os mineiros que coletaram os materiais para a fabricação das peças, os operários que montam as peças na esteira, os programadores que em décadas de trabalho chegaram a esse formato final de uso etc. Tudo o que você olhar ao seu redor tem o envolvimento de milhares de pessoas no decorrer da História.



Faça você mesmo

Escolha um livro de qualquer abordagem teórica da Psicologia e tente imaginar quantas e quais pessoas participaram do processo para que você pudesse hoje ter em mãos e ler esse livro, assim como poder pensar livremente sobre essas teorias.

Dessa forma, a psicologia sócio-histórica também busca uma libertação dos limites impostos pelos determinismos biológicos, pois a produção humana não é instintiva, é ensinada através da cultura. “A cultura é a humanização do mundo material” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 75).

Vygotsky ressalta a importância da linguagem como parte da cultura. A linguagem é a transmissora de valores culturais e instrumento de mediação da relação entre as pessoas, seja de forma ampla ou próxima. Ao aprender uma língua, ela traz também influências sobre a forma de pensar e sentir.

A psicologia cultural humana, conforme pensada pela teoria sócio-histórica, mostra que a Psicologia não pode jamais vir da psicologia animal, pois eles tomam atitudes a partir de seus instintos, não criam uma cultura. A linguagem e o pensamento têm origem social e cultural. Assim como as psicologias humanistas falam do “todo” e do holismo, a psicologia sócio-histórica considera que a consciência e o comportamento são uma unidade que não pode ser desfeita (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

O homem é visto de forma totalmente ativa: transforma a realidade, produz recursos para satisfazer suas necessidades, organiza-se em sociedade para o trabalho e transforma a história, que, por sua vez, transforma todas as pessoas. A psicologia social busca a libertação humana da alienação provocada pela sociedade (FERREIRA, 2007).

Sem medo de errar

Para responder às perguntas da diretora e da coordenadora, você precisará compreender os fundamentos das psicologias humanistas, buscando uma síntese para

eles, isto é, encontrar o que essas teorias, que têm características e técnicas diferentes, apresentam em comum, como, por exemplo, a postura diante do determinismo. Retome o que foi estudado sobre liberdade, criatividade, devir, sensibilidade e outras características que encontrar.

Outro aspecto que deve ser considerado é esclarecer o conceito de liberdade de maneira diferente do que se pensa no senso comum. Quando falamos uma palavra no dia a dia, seu significado não costuma ser tão rigoroso quanto os estudos filosóficos e científicos exigem.

Sobre a dúvida relacionada à psicologia sócio-histórica, a pergunta apresentada reflete um pouco da dificuldade que temos ao mudar o jeito de pensar a Psicologia. Não é tão fácil assim mudar a perspectiva de uma psicologia que olha para um único sujeito desde a sua origem para uma subjetividade construída a partir da cultura e da sociedade. Assim como as psicologias humanistas, a sócio-histórica está buscando uma forma de evitar o determinismo.

E quem é “a sociedade”? Pense uma forma de explicar para elas que a escola, os alunos, os professores, os coordenadores e diretores também são parte da sociedade; que somos construídos e construímos a História e a sociedade. Ajude-as a pensar no papel da escola diante disso.

Sendo essa a última etapa do diálogo entre vocês, é importante esclarecer que não há uma abordagem que seja melhor ou pior que as outras. Também não há uma abordagem que é mais indicada em determinados casos e outras para outros casos específicos. É importante que a escola entenda essa posição e decida pelo profissional que melhor domine sua abordagem, seja ela qual for.

As teorias são uma forma, uma tentativa de se pensar o fenômeno psicológico como ele se mostra e não uma verdade absoluta sobre ele. A Filosofia e a Ciência são pensamentos que devem estar sempre abertos à mudança e à reflexão diante de um mundo que muda sem parar.



Atenção!

Por mais que você tenha uma preferência teórica, isso não significa que as outras opções sejam ruins. Cuidado para não pensar de forma a defender aquilo que lhe agrada, mas forneça instrumentos para que seja feita a melhor escolha profissional para os alunos da escola.



Lembre-se

Liberdade no sentido filosófico tem um significado diferente do usual. É um conceito apresentado como contraposição aos determinismos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009; BUYS, 2007).

Avançando na prática

Pratique mais

Instrução

Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois compare-as com as de seus colegas.

Uma ciência de possibilidades

1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender as principais diferenças e semelhanças entre as abordagens humanistas mais conhecidas da Psicologia. Compreender os princípios da psicologia sócio-histórica. Compreender a retomada da visão de mundo de Heráclito na Psicologia. Compreender a chamada terceira força como oposição ao behaviorismo e à Psicanálise.
3. Conteúdos relacionados	Alternativas ao behaviorismo e à Psicanálise; a redescoberta de Heráclito na Psicologia; Vygotsky e uma psicologia social.
4. Descrição da SP	Um aluno de Psicologia está em dúvida sobre que abordagens ele deveria se aprofundar. Ele te procurou para conversar um pouco sobre isso. Disse que já conheceu o behaviorismo e a Psicanálise, mas gostaria de saber se existem abordagens com outra visão de homem. Também perguntou, dentre todas as abordagens da Psicologia, qual você acredita ser a melhor ou a pior abordagem?
5. Resolução da SP	Responda a ele utilizando seu conhecimento a respeito das abordagens que se opõem ao behaviorismo e à Psicanálise. Seja bastante sensato ao responder sobre a diferença entre as abordagens, demonstrando que todas podem ser competentes em qualquer campo de atuação.



Lembre-se

É importante que você consiga ter um conhecimento básico sobre todas as abordagens para dar essa resposta, inclusive as já tratadas em seções anteriores desta unidade.



Faça você mesmo

Ao retomar os fundamentos das abordagens, pense sobre quais características mais chamam a sua atenção. Você concorda com elas? Discorda delas? Esse é um exercício importante para sua futura escolha teórica e profissional.

Faça valer a pena

1. Martin Buber foi um filósofo e teólogo que inspirou vários autores das psicologias humanistas. Entre seus conceitos, estão os dois tipos de relação que as pessoas estabelecem: a relação EU-ISSO e a relação EU-TU. Assinale a opção que traz a definição correta de uma dessas duas relações:

- a) EU-ISSO é uma relação que exige profunda aceitação e respeito entre as pessoas.
- b) EU-ISSO é uma relação com um objeto que exige profunda aceitação e respeito.
- c) EU-ISSO e EU-TU possuem a mesma definição de relação, mudando apenas o objeto.
- d) EU-TU é uma relação que exige profunda aceitação e respeito entre as pessoas.
- e) EU-TU é uma relação usual que se tem com qualquer tipo de objeto.

2. A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi criada por Carl Rogers nos Estados Unidos. Segundo essa teoria, as pessoas nascem com uma tendência natural ao crescimento. No entanto, essa tendência pode ser bloqueada quando:

- a) A pessoa perde a empatia, não conseguindo mais estabelecer relações profundas, respeitadas e de aceitação com os outros.
- b) Sentimentos de autenticidade passam a impedir que a pessoa aja para ser aceita e provoca dificuldades relacionais em sua vida.
- c) A vontade se sobrepõe à aceitação, incentivando a pessoa a buscar as condições de valor impostas pela sociedade.
- d) Condições de valor exigidas nas relações fazem com que as pessoas ajam para serem aceitas e não conforme seus sentimentos e vontades.
- e) A aceitação condicional entra em conflito com a aceitação incondicional, provocando uma crise de valores.

3. A Gestalt-Terapia, abordagem elaborada por Fritz Perls, teve uma grande influência da psicologia da Gestalt, mas também de outras fontes diversas. Assinale a opção que traz a definição correta de um dos conceitos da Gestalt-Terapia:

- a) Homeostase é o controle da saúde física através do equilíbrio fisiológico e deve ser constatado antes da psicoterapia.
- b) Ao considerar o aqui-agora, o terapeuta não deve incluir temas que não estejam presentes na sessão.
- c) A técnica da figura-fundo consiste em focar individualmente cada um dos temas trazidos em sessão.
- d) *Awareness* é a constatação do conteúdo inconsciente que necessita vir à consciência para que haja processo terapêutico.
- e) Uma postura que considera o holismo tende a considerar o sujeito como determinado pelo ambiente.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de Psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BUBER, M. **Eu e tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- BUYS, R. C. A psicologia humanista. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 339-348.
- CANÇADO, C. R. X.; SOARES, P. G.; CIRINO, S. D. O behaviorismo: uma proposta de estudo do comportamento. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 179-194.
- CASTRO, M. S. L. B.; ROSE, J. C. C. O conflito ético e sua solução no Behaviorismo Radical. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, São Paulo: ABPMC / USP, 2015, 17, n. 2, 46-51.
- FERREIRA, A. A. L. Da psicologia ideológica à psicologia revolucionária: o marxismo na psicologia ocidental. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 367-370.
- FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.
- FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. **Psicologia**: uma (nova) introdução. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008. (Série Trilhas).
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos Aveline. 25. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.
- FREIRE, I. R. **Raízes da Psicologia**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de psicodrama**: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.
- GONZÁLEZ REY, F. L. A psicologia soviética: Vygotsky, Rubinstein e as tendências que a caracterizaram até o fim dos anos 1980. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

p. 349-365.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOUREIRO, I. Luzes e sombras. Freud e o advento da psicanálise. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 371-386.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 301-318.

NOBEL PRIZE. **Nobel prize**. Disponível em: <<http://www.nobelprize.org/>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia**: de Spinoza a Kant. v. 4. São Paulo: Paulus, 2005.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cengage, 2009.

SOMMERS-FLANAGAN, J.; SOMMERS-FLANAGAN, R. **Teorias de aconselhamento e de psicoterapia**: contexto e prática: habilidades, estratégias e técnicas. Tradução de Dalton Conde de Alencar; revisão técnica de Stella Luiza M. Aranha Carneiro. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de psicologia**. Tradução de Esméria Rovai. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL E TENDÊNCIAS ATUAIS DA PSICOLOGIA

Convite ao estudo

E eis que chegamos à quarta e última unidade da história da Psicologia. Tivemos uma viagem bastante vasta até o momento e precisamos terminá-la. Nesta unidade, você conhecerá os caminhos da Psicologia no Brasil e as tendências da Psicologia nos dias atuais e para o futuro. Esses são os últimos passos para a formação da competência de fundamento de área: conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica, bem como conhecer os diferentes sistemas em Psicologia em seus pressupostos epistemológicos e concepções de ciência.

Na seção 4.1, você conhecerá a cronologia da Psicologia no Brasil, como ela aconteceu a partir dos jesuítas, das faculdades de Medicina e como se tornou uma ciência independente. Na segunda seção, resgataremos algumas abordagens derivadas das escolas de Psicologia que você estudou na unidade 3, como as teorias de Bandura, Carl Gustav Jung e Kurt Lewin. Na seção 4.3, pensaremos sobre as tendências da Psicologia como ciência para o futuro, analisando sua constante interdisciplinaridade, a possibilidade de surgimento de novas abordagens e a busca de síntese entre as diferentes teorias vigentes. A seção final, 4.4, pensará sobre as tendências da Psicologia no Brasil, analisando a sua ação política, as várias áreas de atuação e as interfaces que já estão consolidadas na prática profissional.

O objetivo desta unidade é entender o desenvolvimento da Psicologia no Brasil e pensar sobre o seu encaminhamento futuro no Brasil e no mundo. Afinal de contas, a Psicologia, assim como qualquer Filosofia e Ciência, não é feita só de passado. Conforme estamos vendo desde o começo deste trabalho, a história também serve para pensar o futuro. Assim que você sair da faculdade, a Psicologia não vai parar de mudar. E esse é um desafio constante para os pesquisadores e profissionais da área.

Por isso, a profissão preza pela constante formação e estudo, incentivando a participação em congressos, debates, discussões, pesquisas e demais formas de produção científica para tornar a Psicologia cada vez mais consciente e instrumentalizada.

Aqui na unidade 4, vamos pensar em como seria a sua participação nesses meios de debate e produção de conhecimento, situações que os psicólogos precisam enfrentar para se manterem atualizados, e, para tanto, foi desenvolvido o seguinte contexto gerador de aprendizagem.

Você ingressou numa equipe de trabalho do Conselho Federal de Psicologia para fazer um estudo sobre o histórico e as tendências da Psicologia. Será necessário produzir materiais para que todos os psicólogos do país conheçam a história da sua ciência e profissão. Perceba que essa proposta é diferente do que vem sendo trabalhado até aqui. Você está pronto para ir além do passado e pensar o presente e o futuro com a história?

Prepare suas informações e seu raciocínio para essa equipe funcionar bem.

Seção 4.1

Cronologia da psicologia no Brasil

Diálogo aberto

Como você já sabe, você foi selecionado para ingressar numa equipe de pesquisa para gerar material sobre a história e as tendências da Psicologia hoje. Esse é um trabalho interessante e também de muita responsabilidade, pois será divulgado para os psicólogos de todo o país.

Uma etapa que fará a base do trabalho futuro é conhecer a nossa própria história. Você já se perguntou sobre como a Psicologia chegou até o Brasil e como se tornou o que é hoje? Por que é que hoje nós podemos nos matricular numa faculdade de Psicologia e ser um profissional da área?

Muita coisa aconteceu para chegar até aqui e vai ser difícil administrar tantas informações sem uma organização suficiente para isso. Assim, o primeiro desafio que o Conselho pede para a sua equipe resolver é organizar essas informações de uma forma que fique compreensível para todos os envolvidos.

Como fazer isso? Conhecendo o material da seção 4.1, você será capaz de traçar uma linha histórica evolutiva para cumprir sua missão. Dessa forma, poderá expor o conteúdo levantado de maneira mais clara e didática para que todos possam trabalhar.

São objetivos de aprendizagem desta seção: compreender o nascimento e o desenvolvimento da Psicologia no Brasil; compreender o estabelecimento da Psicologia como ciência e profissão.

Bom trabalho!

Não pode faltar!

Para compreender o surgimento da Psicologia no Brasil, será preciso voltar um pouco no tempo e retomar o contexto da filosofia medieval. Isso porque o Brasil começa sua história oficial – aquela que nos é ensinada nas escolas – na época em que a Europa vivia, do ponto de vista político, o final da Idade Medieval.

Conforme o conteúdo que você estudou na Unidade 1, a filosofia medieval teve como seus grandes representantes Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Santo Agostinho foi do período da patrística, época dos primeiros padres da Igreja Católica, que tinham como objetivo o diálogo com os pagãos; sua maior influência filosófica era Platão. Santo Tomás de Aquino, mais ao fim da Idade Média, viveu a escolástica sob influência maior de Aristóteles; a escolástica tinha um forte caráter pedagógico para tentar conciliar a fé católica com a razão filosófica.

Quando o Brasil foi ocupado pelos portugueses, a tendência escolástica era predominante na Companhia de Jesus, congregação religiosa dos jesuítas. A vinda e permanência dos jesuítas no Brasil entre os séculos XVI e XVIII tinha um propósito: a catequização das pessoas que aqui já habitavam, conhecidas popularmente como “índios”. Esse nome foi dado de forma equivocada aos povos originários de todo o continente, pois era destinado aos habitantes da Índia, território em que Cristóvão Colombo e todos os outros aventureiros europeus acreditavam ter chegado sem ter consciência de que estavam na América, incluindo Pedro Álvares Cabral, considerado oficialmente o “descobridor” do Brasil (GALEANO, 2010).

“Catequizar”, na linguagem católica, significa justamente “educar” dentro dos preceitos religiosos (HOUAISS; VILLAR, 2009). É um misto de patrística e escolástica: divulgar o catolicismo aos pagãos (no caso, os índios), porém já com uma complexidade filosófica e pedagógica desenvolvida.

Retomando novamente a unidade 1, um dos tratados de Aristóteles que foi bastante influente para o surgimento do pensamento psicológico foi o *De Anima*, ou seja, o tratado sobre a alma. Santo Tomás, ao desenvolver o tema, fala sobre as potências da alma, que devem se transformar em ato. Essa filosofia influenciou tanto a Psicologia como a pedagogia. A posição de Aristóteles – e, portanto, de Tomás e da escolástica – trazia a possibilidade de se aprender a partir do mundo real e não apenas pelo mundo das ideias, como diziam Sócrates e Platão.

Havia um grande interesse dos jesuítas nessa obra de Aristóteles, o que impactou bastante no desenvolvimento de um pensamento voltado para a psicologia filosófica, sempre no intuito escolástico de conciliar a filosofia com a fé cristã. Nesse sentido, a

história da Psicologia no Brasil é quase a mesma história da Filosofia no Brasil (MASSIMI, 2001).

A Psicologia, claro, não trata do que hoje conhecemos como ciência, mas um conhecimento sobre a alma humana, uma busca de compreensão sobre como se dá o conhecimento, o aprendizado, a memória, o pensamento, temas que podem ser retomados na seção 1.4 e que hoje configuram área de estudo da Psicologia.

Uma figura bastante conhecida na história da literatura e filosofia no Brasil é a do jesuíta Padre Antônio Vieira (1608-1697). O que nem todos sabem, no entanto, é que o Padre Vieira utiliza o conhecimento psicológico desenvolvido pelos jesuítas para elaborar seus famosos sermões, tidos como exemplo de texto argumentativo no estudo da filosofia e da literatura. Vieira estudava como poderia atingir a percepção e as potências dos ouvintes, despertando neles a potência apetitiva da alma pela palavra cristã (CERQUEIRA, 2011).

Com essas experiências, foi se construindo uma forma de psicologia do índio, ou seja, os jesuítas foram se tornando cada vez mais conhecedores do pensamento e comportamento indígena, chegando a considerá-lo humano e não animal (MASSIMI, 2007). Com o tempo, o Renascimento surgia na Europa, e seus ecos começavam a ressoar por aqui. Os jesuítas, envoltos no *zeitgeist* renascentista e humanista, fundaram Colégios em algumas cidades para desenvolver o potencial dos índios ao máximo que pudessem.

As limitações da Coroa portuguesa, no entanto não permitiram que a Educação fosse muito longe: nos séculos XVII e XVIII, a fundação de universidades estava proibida no Brasil, o que impediu o desenvolvimento de pesquisas em solo brasileiro, incluindo a possibilidade de surgimento de uma psicologia genuinamente brasileira. Além disso, em 1759, os jesuítas são expulsos do Brasil e de Portugal, levando consigo toda a sua experiência adquirida em dois séculos de trabalho. Os jovens de famílias ricas podiam estudar no exterior, mas estudar em terras brasileiras, nem pensar. Com o tempo, no entanto, foi inevitável que trouxessem influências europeias para a concretização de centros de estudos no Brasil (MASSIMI, 2007).

Como você pôde ver na unidade 2, no século XIX, o *zeitgeist* vivido pelo mundo era o da consolidação das ciências positivistas, mecanicistas, reducionistas, deterministas materialistas, objetivistas e tantas outras características que rimem com a ideia de controle da Modernidade. Em todo lugar, a busca pelo conhecimento era constante. Fosse pela tentativa de domínio, fosse pela saúde pública, havia pessoas preocupadas em desenvolver pesquisas e produzir conhecimento no Brasil. Isso só aconteceu, no entanto, com a vinda da família real portuguesa para cá em 1808.

A demanda por profissionais começou a surgir e, de 1830 a 1833, as escolas de cirurgia de Salvador e do Rio de Janeiro são transformadas em Escolas de Medicina, passando a funcionar como faculdades na formação de médicos (ROCHA, 2004; PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).



Exemplificando

Sempre que há uma mudança histórica significativa, praticamente todo o contexto é alterado por isso. Veja, por exemplo, o caso da vinda da família real portuguesa para o Brasil: até esse momento, o Brasil era uma terra voltada à exploração de recursos naturais a serem enviados para a Europa. Não havia uma preocupação verdadeira sobre como era a vida da população aqui. A partir do momento em que o rei Dom João VI e sua família vieram para cá, passou a ser necessário provê-los com construções, alimentos, serviços, médicos, professores e tantos outros profissionais de qualidade suficiente para trabalhar para um rei. Com isso, toda a sociedade brasileira acabou sendo beneficiada. Por puro interesse pessoal do rei, é claro, mas fomos beneficiados.

Pouco tempo depois, na evolução de seus estudos, a faculdade começa a realizar pesquisas e publicar teses com temas psicológicos. Aos poucos, os estudos de Psicologia nas duas faculdades de medicina se tornam uma realidade. Uma característica interessante que se mostra é que as pesquisas da Faculdade da Bahia trazem uma tendência social mais marcante, enquanto a do Rio de Janeiro busca as compreensões psicológicas mais relacionadas à saúde.

Segundo Pereira e Pereira Neto (2003), que utilizaram o método de sociologia das profissões, a Psicologia no Brasil pode ser dividida em três grandes períodos: o período pré-profissional (1830-1890), o período de profissionalização (1890/1906-1975) e o período profissional (a partir de 1975).

Ainda não existe, porém, a Psicologia como ciência ou profissão independente. Dessa forma, a Psicologia está sempre ligada a alguma outra área, como a Medicina, a Enfermagem ou a Pedagogia. Dessa forma, dá-se o período pré-profissional da psicologia, ou seja, época em que ela vai se constituindo uma área específica do saber, mas ainda sem autonomia suficiente para ser uma profissão. Dessas teses, destacam-se alguns nomes como José Lino dos Santos Coutinho (1784-1836); Eduardo Ferreira França (1809-1857); Abílio Cesar Borges, o Barão de Macahubas (1824-1891), Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906); Juliano Moreira (1873-1933); e Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947) (ROCHA, 2004; PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

Como em todo o mundo, no século XIX, a Psicologia estudada no Brasil se dava de maneira a reproduzir os métodos das ciências naturais e se limitava a pesquisas sobre percepção e reações físicas, como audição, visão, reflexos etc. A introdução do positivismo no Brasil se deu através do trabalho de Luís Pereira Barreto (1840-1923), médico e filósofo formado na Bélgica. Quando voltou ao Brasil, Barreto tornou-se um grande divulgador da doutrina de Auguste Comte. Como você viu no desenvolvimento da psicofísica e em outros momentos desta disciplina, a Psicologia está sempre entre o fisiológico e o filosófico de alguma forma (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

A disciplina de *Psychologia* começa a ser ensinada nos currículos de diversos cursos de formação de outras áreas, como o Direito, a Filosofia, a Pedagogia, a Medicina e a Teologia. Dessa maneira, a Psicologia vai se institucionalizando e marcando importante presença nas universidades, hospitais, escolas, igrejas, tribunais e onde quer que se abordassem fenômenos psicológicos (MASSIMI, 2007).

Essa presença vai criando uma posição importante para a Psicologia, que é a sua aceitação popular, passo importante para que viesse a se tornar uma profissão reconhecida pela sociedade no futuro.

Na passagem do século XIX para o XX, são fundados no Rio de Janeiro alguns laboratórios de Psicologia Experimental. Esses laboratórios seguiam o mesmo modelo dos laboratórios alemães que geraram os trabalhos da Psicofísica e da Psicologia Experimental de Wilhelm Wundt, o fundador oficial da Psicologia. O Laboratório de Psicologia Experimental mais antigo do Brasil chamava-se *Pedagogium*. Fundado em 1890, era dirigido por Manoel Bomfim (1868-1932). Em 1898, em São Paulo, Francisco Franco da Rocha estruturou o Hospital de Juqueri, um dos mais importantes manicômios do país, embora em 1852 já houvesse o Hospício Pedro II no Rio de Janeiro (MASSIMI, 2007). Esse momento marca o início do período de profissionalização da Psicologia (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

Desde então, vários laboratórios e hospícios foram construídos no território nacional sempre, correlacionados, de alguma forma, ao serviço médico que se especializava como saúde mental. Algumas instituições voltavam seu trabalho para outras finalidades específicas, como o estudo e tratamento do alcoolismo, por exemplo (MASSIMI, 2007).

Nessa época, a ideia de um curso de Psicologia começa a ser cogitada. Dessa forma, porém, apesar de colaborar para o desenvolvimento da Psicologia, a Psiquiatria buscava criar a função de psicólogo como um auxiliar subordinado ao médico, e não como um profissional detentor de uma ciência própria. Essa impressão, de certa forma, ainda permanece em algumas instituições (ANTUNES, 2004).

Em 1934, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) inseriu no currículo uma disciplina chamada Psicologia Geral, que marcou a ampla divulgação da Psicologia como área de estudo nos diversos cursos, conforme anteriormente mencionado. Os cursos de Sociologia e Pedagogia aderiram à disciplina, que passou a ser obrigatória.

Em 1946, a formação do profissional de Psicologia foi instituída por decreto. Para se tornar um especialista em psicologia, era preciso cursar três anos de Filosofia, Biologia, Fisiologia, Antropologia ou Estatística. Essa era a formação mais próxima de um psicólogo na época. Dessa forma, é possível ver a diversidade que a Psicologia traz para o pensamento científico.

O currículo do curso de Psicologia atingiu sua estrutura básica em 1957, o que permitiu que fossem inaugurados os primeiros cursos de Psicologia, tanto nas faculdades – Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e USP em São Paulo – como em cursos independentes (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

Em termos acadêmicos, filosóficos e científicos, a Psicologia parecia muito bem encaminhada ou até praticamente resolvida. Mas isso não era o suficiente para se tornar uma profissão. Para a população, o trabalho do psicólogo era completamente desconhecido. Até hoje, para algumas pessoas que não são da área, é difícil entender o que exatamente faz um psicólogo.



Faça você mesmo

Pergunte a algumas pessoas – que não estudem Psicologia – de diferentes realidades como elas acham que seja a atividade do psicólogo. Essa é uma maneira de você perceber se hoje já existe uma compreensão social da profissão ou ainda não.

A oportunidade de alteração dessa realidade, no entanto, veio com o processo de industrialização iniciado por Getúlio Vargas nos anos 1940 e que, no fim dos anos 1950, começava a dar frutos. Psicólogos eram empregados nas indústrias para que pudessem fazer a gestão dos funcionários, como recrutamento e seleção, treinamento, remanejamento interno, ou até mesmo identificar possíveis psicopatologias que viessem a surgir no ambiente de trabalho.



Refleta

Lembra-se de quando falamos sobre a formação da burguesia no fim da Idade Média e o quanto ela fazia diferença na história a partir de então? No caso do Brasil, a industrialização alimentava o crescimento de uma burguesia nacional, pois burguesia se define por ser a dona dos meios de produção (no caso, fábricas). Como você pode perceber, houve um papel fundamental da burguesia na demanda pelo trabalho do psicólogo na história brasileira. Será que teríamos Psicologia sem a industrialização? Ou ela teria um outro formato diferente do que conhecemos hoje?

Nesse mesmo período, também começam a aumentar o número de publicações sobre Psicologia e surgem periódicos de divulgação científica específicos para a área (ANTUNES, 2004).

Outros campos de aplicação além da medicina e da indústria começam a se formar: a escola, como parceira da pedagogia, auxiliando os professores em como lidar com alunos-problema ou compreender os mecanismos de aprendizagem; e a atuação social nas entidades que se voltavam para o acolhimento de crianças abandonadas (ANTUNES, 2004).

Com todos esses caminhos, a Psicologia foi se tornando mais próxima da população, até que, em 27 de agosto de 1962, foi sancionada pelo presidente João Goulart a Lei nº 4.119, que finalmente reconheceu a profissão de psicólogo de maneira independente de outra ciência ou profissão, dispondo de cursos próprios, cujas exigências foram emitidas pelo Conselho Federal de Educação no mesmo ano. Essa mesma lei foi regulamentada ainda no governo João Goulart em 1964.

A prática profissional que garantiu que a Psicologia não fosse submissa à Medicina ou à Pedagogia foram basicamente os testes psicológicos, domínio exclusivo do psicólogo até hoje. Nenhum médico ou pedagogo é autorizado a utilizar os testes psicológicos. Por causa dessa aprovação, comemora-se o Dia Nacional do Psicólogo no dia 27 de agosto (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003). Nessa época, a Psicologia se desenvolvia principalmente nas áreas da educação, do trabalho e da clínica.



Pesquise mais

Conheça mais sobre os testes psicológicos e a sua história no Brasil através do texto da Prof^a Dr^a Márcia Ferreira Amêndola, psicóloga com grande experiência no atendimento e avaliação de crianças: http://www.canalpsi.psc.br/canalpsi_revista/artigo12.htm

Como se sabe, no período de 1964-1985 o Brasil viveu uma ditadura militar-empresarial, que realizou sérias reformas na sociedade, principalmente na Educação, retirando do currículo disciplinas que poderiam apresentar ameaça ao regime, como a Filosofia e a Sociologia. Os currículos da Psicologia foram voltados para um ensino técnico, retirando a tendência social da área. Dessa forma, a Psicologia pôde ser direcionada, evitando a crítica social e atendendo às demandas do governo e da burguesia. Até hoje, há nichos da Psicologia que demonstram uma tendência bastante conservadora, embora a classe de modo geral lute pela participação social do profissional psicólogo em causas progressistas em suas áreas de atuação (ANTUNES, 2004).

O novo problema que surgiu a caminho da profissionalização foi a necessidade de identificar e unir os profissionais de Psicologia para que pudessem ser assistidos e fiscalizados, tornando a profissão mais confiável do ponto-de-vista ético e profissional. Somente em 1971 foi realizado em São Paulo o I Encontro Nacional de Psicologia, no qual os psicólogos trabalharam para a criação do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs). Após alguns anos de trabalho, divulgase em 1975 o primeiro Código de Ética Profissional dos Psicólogos, o que consolida todas as exigências para que a Psicologia se tornasse uma profissão independente e consistente, passando ao período profissional. Segundo a sociologia das profissões, as exigências são: uma área específica e complexa de conhecimento; uma prática exclusiva da categoria, demanda e reconhecimento da sociedade pela profissão; e a instituição de órgãos reguladores da prática profissional (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).



Assimile

Segundo a sociologia das profissões, a Psicologia tornou-se uma ciência e profissão independentes porque cumpriu os requisitos para isso: 1) ter um conhecimento complexo e uma prática exclusivos (a Psicologia e os testes psicológicos); 2) registrar e fiscalizar os profissionais da classe através de controle de conduta (Conselhos e Código de Ética); 3) conseguir o reconhecimento e a demanda do Estado e da sociedade (lei de reconhecimento da profissão e demanda da população) (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

A partir de então, os campos de trabalho da Psicologia foram se diversificando e se tornando cada vez mais complexos e detalhados, criando associações e grupos específicos de trabalho dentro de cada área de atuação do psicólogo.

Sem medo de errar

Você tem um desafio bem interessante pela frente! Organizar informações a pedido do Conselho de sua classe profissional para criar uma linha do tempo é um trabalho que será útil a todos os psicólogos.

Quando se trata de informações históricas, uma parte delas: as datas, os acontecimentos, os nomes e os documentos, não têm muito segredo. São o que são e precisam apenas ser apresentados. Para essa parte, seria interessante recorrer não só ao livro didático, mas também a outras informações da internet e às referências bibliográficas referentes a esta seção.

Porém, há outra parte realizada sobre esse material: a análise crítica. Para que você consiga realizar um trabalho que não se limite ao copiar e colar, é preciso pensar sobre quais os desdobramentos de cada situação e cada contexto. Você imagina como era um tratamento psicológico em 1890? Como uma pessoa que não tinha acesso à escolaridade em 1920 poderia compreender o trabalho de um psicólogo? Como os profissionais estudavam e se formavam sem usar computadores, celulares e internet em 1950?

Organize as informações sobre os principais eventos que transformaram o pensamento psicológico numa ciência independente e numa profissão aqui no nosso país. Essas informações serão a base para todo o trabalho de pesquisa da equipe.

Crie uma linha cronológica com as informações objetivas e tente estabelecer relações históricas e contextuais entre os acontecimentos. Pense sobre cada fato ocorrido e o contexto daquela época. Você fará um excelente trabalho!



Atenção!

Analisar criticamente não significa emitir uma opinião pessoal a respeito dos acontecimentos. Seus pensamentos precisam ser criteriosos, rigorosos e fundamentados teoricamente para que possam ser validados cientificamente.



Lembre-se

Lá na seção 1.1, falamos exatamente sobre o estudo da história e como produzir informações consistentes sobre o passado: “[...] analisar também significa ter um olhar crítico sobre a informação histórica e, através de argumentação lógica e análise dos dados, conseguir demonstrar seu posicionamento”.

Avançando na prática

Pratique mais	
<p>Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.</p>	
Uma história em minha vida	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos; e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o nascimento e o desenvolvimento da Psicologia no Brasil. compreender o estabelecimento da Psicologia como ciência e profissão.
3. Conteúdos relacionados	A "psicologia" jesuíta; o pensamento psicológico na faculdade de medicina; a Psicologia como ciência independente.
4. Descrição da SP	Você precisa dar um parecer psicológico sobre um caso (de qualquer área de atuação da Psicologia: clínica, escola, trabalho, hospital etc.). Para fazer um trabalho mais fundamentado, decide retomar o histórico dos atendimentos para poder analisá-lo criticamente e aumentar a compreensão sobre ele.
5. Resolução da SP	Como não podemos ter acesso a um caso real nessa situação, inspire-se em alguns acontecimentos importantes da sua vida para criar um caso fictício. Não se trata de fazer uma autoanálise, mas de organizar dados históricos e obter alguma compreensão que vá além da simples constatação. Por exemplo, utilize alguns dados objetivos como ano de nascimento, data de entrada e saída da escola, de casamento, informações sobre o nascimento dos filhos, uma conquista pessoal e outros eventos importantes para montar um personagem. Você pode criar outras situações ou modificar os originais para não se expor. Crie uma linha histórica, tentando relacionar os acontecimentos com o contexto histórico.



Lembre-se

Facilita a solução deste "Avançando na prática" se você tiver algumas referências amplas, como os períodos estabelecidos por Pereira e Pereira Neto (2003) para a Psicologia: pré-profissional; profissionalização; profissional. Você pode criar nomes ou categorias mais adequadas para esse caso em especial.



Faça você mesmo

Ao definir os eventos marcantes de sua vida, pesquise quais foram os acontecimentos históricos da época e tente ampliar a contextualização sobre as datas escolhidas.

Faça valer a pena!

1. A filosofia medieval, envolta em temas teológicos, foi a tônica do início da filosofia e da psicologia no Brasil. Como aconteceu a entrada dessas duas áreas de pensamento no país?
 - a) Os colonizadores do Brasil decidiram trazer filósofos e teólogos nos barcos para o primeiro contato com os índios.
 - b) Ao chegarem ao Brasil, descobriram que os índios tinham uma filosofia equivalente à europeia.
 - c) Durante a viagem, os padres desenvolveram uma filosofia própria que unia filosofia e psicologia.
 - d) Com a industrialização, a psicologia finalmente pôde ser uma profissão de utilidade no Brasil.
 - e) Através das missões jesuíticas, que tinham a intenção de catequizar os índios.

2. Durante os séculos XVII e XVIII, sob ordem da Coroa portuguesa, o Brasil estava impedido de construir universidades no país. Assinale a opção que traz uma consequência direta dessa proibição.
 - a) Como a economia do país era voltada à exploração de recursos naturais e não de trabalhos intelectuais, a consequência foi o acúmulo de recursos.
 - b) Por causa dessa proibição, o Brasil pôde se fortalecer perante outros países, pois concentrou-se na produção e no enriquecimento interno.
 - c) Houve uma fuga em massa para os outros países da América Latina, pois a população estava ávida pelo conhecimento universitário.
 - d) A psicologia, assim como tantas outras áreas de conhecimento, não pôde se desenvolver através de estudos e pesquisas.
 - e) A população mais jovem deixou o país com destino à Europa, gerando um déficit populacional no Brasil.

3. A psicologia pôde se estabelecer como profissão devido à existência de um contexto específico que possibilitou esse acontecimento. Assinale a opção que demonstre corretamente o contexto brasileiro propício para o estabelecimento da psicologia como profissão.

a) A recriação da psicologia experimental no Brasil com a fundação do laboratório Pedagogium sob direção de Manoel Bomfim.

b) O encontro de culturas diversas, como, no caso, a jesuítica e a indígena, gerando um ambiente propício para o conhecimento psicológico.

c) O atendimento dos familiares reais a partir da sua chegada ao Brasil e a criação das faculdades de Psicologia da Bahia e Rio de Janeiro.

d) A institucionalização da psicologia através da criação de hospitais psiquiátricos e do processo de industrialização.

e) O advento das leis sanitárias que obrigavam a higienização constante, gerando problemas mentais em seus funcionários.

Seção 4.2

Derivações importantes das principais escolas da Psicologia

Diálogo aberto

Iniciamos a seção 4.2, que traz três importantes abordagens derivadas das grandes escolas, mas que nem sempre são mencionadas. No entanto, são abordagens que fazem diferença na história da Psicologia e não podem ficar para trás.

Você trabalhou na organização das informações históricas sobre as principais abordagens da Psicologia e realizou um bom trabalho para o embasamento das informações encomendado pelo Conselho de Psicologia da sua região.

No entanto, você ficou um pouco desconfiado da qualidade do trabalho ao perceber que essas informações estavam muito parecidas com todas as outras que você já conhecia. O resumo cronológico poderia estar mais completo e com algumas teorias a mais que poderiam fazer a diferença. O que você poderia fazer diante dessa possibilidade?

Seu desafio agora é buscar outras teorias para incluir na sua organização de informações.

Você já pensou em quantas possibilidades teóricas a Psicologia pode se desenvolver? Ao ler o "Não pode faltar!" desta seção, você terá condições de cumprir com esse desafio e ir além.

Os objetivos desta seção são compreender a teoria sociobehaviorista de Albert Bandura, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e a teoria de campo de Kurt Lewin.

Não pode faltar!

Como você pôde ver anteriormente, há três escolas básicas que geraram as principais abordagens da Psicologia: o behaviorismo, a psicanálise e a psicologia da Gestalt (base das psicologias humanistas).

Nesta seção, veremos uma derivação de cada uma dessas três escolas. É claro que existem mais teorias derivadas de cada uma dessas matrizes. Porém, a Psicologia se compõe de uma gama infindável de teorias que constroem novas diferenças técnicas ou compreensões entre as já conhecidas.

Como derivação do behaviorismo, apontamos aqui o seu terceiro estágio representado pelo psicólogo canadense Albert Bandura (1925-). Para que se compreenda a linha evolutiva do behaviorismo, o primeiro estágio é representado por Watson e o segundo por Skinner.

O terceiro estágio do behaviorismo também é chamado de sociobehaviorismo ou behaviorismo social. Os autores dessa abordagem formaram-se como behavioristas, mas passaram a exercer a Psicologia de forma diferente da de Skinner (que, por sua vez, já havia se diferenciado de Watson).

Nascido no Canadá, Albert Bandura era filho de imigrantes e teve uma infância pobre. Trabalhou na construção civil e conseguiu cursar Psicologia porque era o curso oferecido num horário que ele conseguia frequentar. Porém, envolveu-se com o curso e fez uma grande carreira. A proposta teórica de Bandura se chama teoria social cognitiva (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Vocabulário

Cognitivo: relativo à cognição.

Cognição: processo de conhecer (HOUAISS; VILLAR, 2009).

O diferencial de sua compreensão psicológica comportamental é de que, na interação entre estímulo e resposta, ocorre a influência de elementos culturais e sociais como crenças, expectativas e a escolaridade da pessoa.

Bandura entende que o homem tem mais participação na operação do seu próprio comportamento, intensificando a linha de Skinner de afastamento do mecanicismo. A pessoa participa da escolha da resposta que será emitida, assim como repete essa mesma resposta, ainda que não receba reforçamentos.

Outra ideia importante da teoria de Bandura é a de Reforço Vicário, que é a ideia de que as pessoas podem aprender através da observação dos comportamentos dos outros, assim como pelas suas consequências. Ou seja, não preciso necessariamente passar por uma situação para aprender com ela. Se vejo alguém levar um choque ao colocar a mão num fio desencapado, não preciso colocar também a mão, pois já sei que também levaria choque ao fazer isso. Por isso, a abordagem tem a palavra “cognitiva” no nome: é possível aprender através do pensamento sobre o comportamento alheio.

Entre o estímulo e a resposta, portanto, não ocorre um automatismo, mas um processo cognitivo. Para ele, a exposição a um modelo é que gera a aprendizagem. Esse modelo pode ser uma pessoa com a qual o observador se identifique. Ou uma pessoa que pareça superior por algum motivo, despertando o desejo no observador de se igualar ao modelo, tornando-se também superior aos outros. Bandura considera, então, que há comportamentos intrinsecamente motivados, isto é, surgem a partir do próprio sujeito (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Outro conceito elaborado por Bandura é o da autoeficácia, fenômeno semelhante ao de autoestima, ou seja, que faz com que a pessoa acredite ser capaz de superar determinadas situações.

A modificação do comportamento, para Bandura, pode ser feita através do uso de modelos sociais que incentivam as pessoas a reproduzi-los (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Exemplificando

Uma campanha pública de saúde pode se utilizar da teoria de Bandura para criar a sua estratégia de alcance do público-alvo ou parte dessa estratégia. Para atingir a maioria das pessoas da população com uma mensagem de estímulo a determinadas atitudes de prevenção, é possível utilizar um ator ou atriz que tenham as características físicas da população que se encontra em risco e que poderia se beneficiar ao desenvolver essas atitudes.

Após demonstrar uma derivação teórica do behaviorismo, veja um autor que criou uma teoria inovadora a partir da Psicanálise: Carl Gustav Jung (1875-1961). Ele foi um médico nascido na Suíça que, por muito tempo, foi visto como o aluno de Psicanálise preferido de Freud, que o considerava seu herdeiro teórico. No entanto, com o passar do tempo, Jung começou a desenvolver a sua própria teoria e foi se afastando cada vez mais da psicanálise freudiana.

Quando Jung lança a sua psicologia analítica, rompe totalmente com Sigmund Freud. Claro que não houve um desperdício de aprendizado. Toda a teoria de Jung parte daquilo que ele havia assimilado no seu conhecimento sobre a psicanálise. Porém, as variações conceituais de Jung tomam um caminho tão diferente que já não é possível mais afirmar que a sua proposta de Psicologia também seja denominada Psicanálise (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Jung não acreditava que a energia vital tinha uma origem tão fundada na sexualidade. A sexualidade era uma parte da vida, mas não ocupava o mesmo lugar que Freud destinava a ela na psicanálise. A libido era compreendida como uma energia

da vida em geral, não originária do sexo, embora pudesse envolvê-lo também. Outros conceitos que são fundamentais na Psicanálise, como o complexo de Édipo, não têm relevância na psicologia analítica, que percorre outros caminhos, pois não faziam muito sentido na vida de Jung.

Um exemplo da diferença na abrangência dos conceitos entre as teorias de Freud e Jung está bem representado na teoria do inconsciente. Conforme você já estudou na seção 3.2, Freud adapta a filosofia do inconsciente à Psicologia e cria todo um sistema teórico para explicar sua fundação e seu funcionamento psicodinâmico. Tudo isso compreendendo o funcionamento em cada pessoa individualmente (SILVEIRA, 1997).

Na psicologia analítica, Jung sob influência de filósofos que estudaram religiões orientais, como, por exemplo, Arthur Schopenhauer (lê-se Chopenrráuer), ultrapassa os padrões da ciência moderna e o olhar mecanicista esperado da época. Jung elabora o conceito de inconsciente coletivo. Pelo próprio nome, você já pode perceber que não se trata de algo referente a apenas um indivíduo. O inconsciente individual é chamado por Jung de inconsciente pessoal; já o inconsciente coletivo é um conceito que envolve toda a humanidade e a sua história, entendendo que todas as pessoas acessam conteúdos universais que Jung chama de arquétipos (STRATTON; HAYES, 2011).

Toda a humanidade estaria unida através da história por meio do inconsciente coletivo. Os arquétipos seriam imagens fundamentais que constam do inconsciente coletivo e se manifestam no decorrer da história para cada um de nós (STRATTON; HAYES, 2011).



Assimile

Arquétipos: imagens fundamentais que constam do inconsciente coletivo e se manifestam no decorrer da história para cada um de nós (STRATTON; HAYES, 2011).

Para Jung, os arquétipos aparecem através de símbolos que costumam estar presentes em manifestações artísticas e místicas desde as civilizações mais antigas até as dos dias atuais. Entre alguns exemplos de arquétipos, é possível citar os mais conhecidos: *self*, *persona*, *anima* e *animus* e *sombra* (SHCULTZ; SCHULTZ, 2009).

O *self* talvez seja o principal arquétipo para a teoria de Jung. Ele equilibra os aspectos do inconsciente, criando uma unidade e constância da identidade de cada um. Concebe uma estabilidade à personalidade humana.

A palavra *persona* está relacionada ao princípio da palavra *personalidade*. Porém, não são sinônimos. *Persona* é a palavra utilizada para definir a máscara construída

no teatro grego para que os atores pudessem interpretar as personagens das peças a serem encenadas. Dessa forma, o arquétipo *persona* se refere a uma espécie de máscara que as pessoas usam em sua vida social, cumprindo seu papel social e a imagem que desejam mostrar aos outros na vivência em sociedade. Porém, essa máscara não corresponde à verdadeira personalidade (SILVEIRA, 1997).

Anima e *Animus* são as características respectivamente femininas e masculinas das pessoas. Nos homens, a *anima* contrabalança, apresentando elementos femininos e, nas mulheres, o *animus* ressalta características masculinas. Para Jung, todas as pessoas têm um lado feminino e um lado masculino.

A sombra, por sua vez, seria o lado obscuro de cada um de nós. Um lado que abarca características que não costumamos encarar ou aceitar. É o lado mais impulsivo, primitivo e animal da nossa personalidade. Encarar a própria sombra é sempre um desafio para cada um de nós.

Na composição da personalidade, além da influência dos arquétipos, participam também as características de introversão e extroversão. Essas palavras já fazem parte do vocabulário comum da Psicologia (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

As pessoas introvertidas são aquelas que são voltadas para si, fechadas, introspectivas e isoladas. As extrovertidas são as que demonstram tendência oposta, ou seja, buscam as relações externas, são sociáveis e voltadas para o mundo.

A introversão e a extroversão podem ser combinadas com quatro funções psicológicas cuja relação compõe os oito tipos psicológicos propostos por Jung. As funções são: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Os oito tipos são os frutos da combinação entre as funções e as características de introversão e extroversão, gerando o pensador introvertido, o pensador extrovertido, o sensível introvertido e o extrovertido, o sensitivo introvertido e o extrovertido; e o intuitivo introvertido e o extrovertido (SILVEIRA, 1997).

Por causa dos seus profundos e detalhados estudos sobre a personalidade, Jung foi um autor bastante influente na criação dos testes de personalidade, bastante utilizados no trabalho do psicólogo.



Pesquise mais

Leia o artigo “Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo”, de Nilton Soares Formiga e Ivana Mello. Ele traz uma exposição sobre as possibilidades de uso dos testes projetivos em Psicologia, utilizando Jung entre suas referências:

FORMIGA, N. S.; MELLO, I. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 20, n. 2, jun. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200004>. Acesso em: 28 fev. 2016.

O último autor a ser visto nessa seção é Kurt Lewin (1890-1947). Psicólogo alemão que também emigrou para os Estados Unidos, Kurt Lewin é um herdeiro das teorias da psicologia da Gestalt. A teoria elaborada por ele é a teoria de campo. Sua proposta consiste na aplicação da teoria de campos de força na psicologia. A teoria de campos de força é da física. Como você já viu anteriormente, a física passava por uma alteração fundamental do entendimento das coisas em sua forma física concreta para a consideração de forças invisíveis (MORAES, 2007).

Lewin considera de grande importância a influência de aspectos sociais no comportamento das pessoas. Dessa forma, Lewin levanta a proposta de existência de um campo psicológico denominado espaço vital. O espaço vital engloba tudo o que acontece na vida da pessoa em termos de temporalidade: passado, presente e futuro. As experiências se acumulam à medida que a vida vai passando. Assim, o espaço vital se configura de diferentes formas, dependendo das experiências de vida de cada um.

Ele chegou a criar cálculos para mapear o espaço vital das pessoas através de seus objetivos e escolhas, chamando esses mapas de mapas topológicos. O mapa era desenhado através de vetores (setas) que indicavam a pessoa em direção ao seu objetivo e os sinais de positivo e negativo para mostrar as coisas que atraem ou repelem a pessoa em busca desses objetivos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Faça você mesmo

Para melhor compreender o que está coletando enquanto teoria para resolver a situação-problema, esboce um mapa que demonstre o seu interesse em cumprir o desafio e as dificuldades que surgem nessa trajetória.

Para Kurt Lewin, seria possível atingir um equilíbrio entre o sujeito e o seu ambiente. No entanto, o desequilíbrio surge frequentemente para ele, que busca novos objetivos, demonstrando tensões e necessidades. As satisfações dessas necessidades levam, novamente, ao estado de equilíbrio.

Um pesquisador chamado Bluma Zeigarnik, orientado por Kurt Lewin, percebeu que, enquanto a necessidade não for satisfeita, a tensão continuará, ainda que se

configure como fundo (considerando o princípio de figura-fundo da seção 3.3). Constatou ainda que as pessoas se lembravam mais das coisas que não haviam finalizado do que aquelas que já tinham terminado. Esse fenômeno ficou conhecido como Efeito Zeigarnik (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).



Refleta

Por quanto tempo seria possível manter um estado de equilíbrio sem nenhuma tensão ou necessidade aparecendo? Se estamos em constante relação com o mundo, é inevitável que a todo momento surjam novas demandas, interesses, objetivos, necessidades e tensões que nos desestabilizam e nos fazem tentar buscar de volta o equilíbrio perdido.

Os estudos de Kurt Lewin tiveram uma grande influência na formação da psicologia social. A sua consideração e ênfase nos aspectos sociais, assim como no contexto de forças que interferem nas tensões, escolhas, necessidades e satisfações das pessoas, foi fundamental para isso (MORAES, 2007).

Sem medo de errar

Para diferenciar o alcance das suas informações, você pode buscar os principais conceitos das abordagens derivadas das principais escolas de pensamento da Psicologia. Do behaviorismo, você pode acrescentar como derivação a teoria social cognitiva desenvolvida por Albert Bandura.

Na parte destinada à Psicanálise, você pode sugerir que se amplie um campo para inserir a derivação criada por Carl Jung: a **psicologia analítica** e seus principais conceitos.

Finalmente, você pode unir os conceitos mais importantes da **teoria de campo** elaborada por Kurt Lewin e demonstrar sua proximidade com a psicologia da Gestalt.



Atenção!

É importante que você perceba quais as significativas diferenças entre as derivações teóricas tratadas nessa seção e as suas linhas originárias para que não haja misturas conceituais.



Lembre-se

Jung foi influente na criação de testes de personalidade. Bandura e Lewin influenciaram a psicologia social. Na assimilação das informações do livro didático, você pode acrescentar às informações já levantadas uma indicação para os testes de personalidade e para a psicologia social também.

Verifique a melhor forma de organizar suas informações, se por meio de um resumo, de um mapa conceitual, de uma linha cronológica do tempo, ou outra que julgar mais apropriada para sintetizar a sua análise.

Avançando na prática

Pratique mais	
Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.	
Ilustres desconhecidos	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos; e a concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender a teoria sociobehaviorista de Albert Bandura, a psicologia analítica de Carl Gustav Jung e a teoria de campo Kurt Lewin.
3. Conteúdos relacionados	Bandura; Jung; Kurt Lewin.
4. Descrição da SP	Imagine que um aluno de Psicologia procura você para se orientar sobre abordagens. Ele reclama que já está quase se formando e sempre ouviu dos professores que há diversas variações das abordagens teóricas, mas quase nunca ouve falar sobre essas derivações. Sua preocupação é que ele pode estar deixando de ter acesso a um conhecimento que pode alterar a sua escolha a respeito da abordagem teórica a ser utilizada em sua vida profissional. Ele pede, então, a você um exemplo de abordagem derivada de cada uma das principais escolas-matrizes da Psicologia.
5. Resolução da SP	Você pode apresentar para este aluno uma visão rápida sobre as teorias de Bandura, Jung e Kurt Lewin para que, caso seja do interesse dele, ele possa pesquisar mais sobre esses autores e suas teorias.



Lembre-se

Assim como você aprendeu nas abordagens principais, entre as abordagens derivadas também não há uma melhor ou mais indicada que as outras.



Faça você mesmo

Além da apresentação das abordagens, procure artigos sobre cada uma delas para apresentar ao estudante curioso. Você pode buscar pelo nome das teorias em bases científicas abertas, como o Scielo ou o Google Acadêmico, por exemplo.

Faça valer a pena!

1. A teoria de Bandura faz parte do movimento do sociobehaviorismo. Que pontos dessa abordagem se diferenciam da abordagem de origem?

- a) Ela mantém uma compreensão fixa sobre sujeito e ambiente.
- b) Ela não conhece as posições mais abrangentes do behaviorismo.
- c) Ela considera o inconsciente.
- d) Ela leva em consideração elementos culturais e sociais.
- e) Ela considera o condicionamento operante.

2. Um dos conceitos mais conhecidos da teoria de Jung é o de inconsciente coletivo. Assinale a opção que o explica corretamente:

- a) Existem sociedades em que várias pessoas se tornam inconscientes simultaneamente.
- b) É a forma como são chamadas as alas psiquiátricas dos hospitais destinados à saúde mental.
- c) Um forte senso de comunidade que une as pessoas sem que elas percebam o motivo.

- d) É um inconsciente que envolve toda a humanidade e a sua história, entendendo que todas as pessoas acessam conteúdos universais.
- e) Uma síntese entre as teorias de Freud e Jung, o que gera uma terceira proposta teórica da Psicanálise.

3. Kurt Lewin elaborou a teoria de campo. Assinale a opção que explica a referência utilizada na escolha desse nome:

- a) É uma forma de expressar a abordagem que faz uma pesquisa profunda no campo histórico de cada um.
- b) Lewin pesquisou populações da área rural com mais ênfase que na área urbana.
- c) Foi um movimento de deixar os laboratórios de Psicologia para se ir a campo estudar.
- d) É uma referência aos campos de força, mudança importante da Física da época.
- e) É uma referência aos prédios construídos para exercer a Psicologia.

Seção 4.3

Tendências da psicologia como ciência

Diálogo aberto

O seu trabalho na organização de informações foi um sucesso. Outras equipes conseguiram utilizar os dados e a linha do tempo para maior compreensão e divulgação da Psicologia.

O Conselho agora pretende promover um novo estudo. Dessa vez, será preciso pôr à prova a capacidade da história de pensar de forma crítica e ampla. Você deverá elaborar uma lista de informações para poder criar uma palestra sobre o desenvolvimento da psicologia contemporânea e suas tendências. Caso suas informações sejam aprovadas, você poderá participar como conferencista do próximo Congresso Nacional de Psicologia.

Este é um estudo que visa compreender os rumos a serem tomados pela Psicologia. Você já se perguntou como será a Psicologia no futuro? Assim que você terminar o seu curso, o conhecimento psicológico não ficará parado. Artigos são escritos e publicados todos os dias em diversas revistas de Psicologia do mundo todo. As outras ciências que influenciam a Psicologia também não param. Os cientistas continuam produzindo.

Após a leitura da seção 4.3 do livro didático, você será capaz de compreender o desenvolvimento contemporâneo da Psicologia e identificar tendências atuais da ciência psicológica.

Com essa nova habilidade, você deverá criar uma lista dessas tendências, explicando-as para que outros também possam compreendê-las. Para mostrar o quanto a história pode contribuir com a compreensão do presente e futuro, levante ao menos uma reflexão própria sobre o que você pensa que pode acontecer com a Psicologia no futuro.

Não pode faltar!

A partir desta seção, faremos um movimento diferente do que está sendo feito até agora. Assim como foi dito na seção 1.1, a história não é uma ciência que se volta exclusivamente para o passado. Ela traz a possibilidade de compreender o presente e identificar tendências para o futuro. É o que faremos nesse momento: entender o quadro atual da Psicologia e identificar as linhas que vêm sendo pesquisadas, criando um contexto que permita compreender as tendências para o futuro.

Também já foi dito antes, mas, lembrando, o período histórico que vivemos hoje, por enquanto, é denominado de **Contemporaneidade**. A Contemporaneidade já foi chamada de Pós-Modernidade por ser o período posterior à Modernidade. Alguns autores, no entanto, foram bastante críticos a esse título e houve um consenso pelo nome contemporaneidade. Esse nome significa simplesmente o tempo em que estamos, o tempo que se vive.



Assimile

Contemporaneidade: coexistir, existir ao mesmo tempo que [algo ou alguém], na mesma época de [algo ou alguém] (HOUAISS; VILLAR, 2009).

É muito difícil compreender um momento histórico enquanto ele ainda acontece. Por isso, não é possível definir e descrever com clareza e precisão a Contemporaneidade. Algumas características, por exemplo, podem ser identificadas: o avanço tecnológico, a cultura global, o olhar sobre o ambiente, o pluralismo, a diversidade, as mudanças rápidas, o consumismo e outras. Tudo isso provoca uma grande alteração na forma de se entender a ciência, o mundo, a cultura e o sujeito (SCHNITMAN, 1996).

Em palavras mais diretas, pode-se dizer que o mundo vem mudando muito. Não é possível escolher uma teoria elaborada nos séculos XIX e XX e simplesmente transportar o seu conhecimento para o século XXI.

Vários intelectuais concordam que estamos vivendo uma passagem de período, mas não se sabe como será o futuro de fato. Em um momento de passagem, a tradição anterior costuma ser quase totalmente desconstruída, embora mantenha influências no período seguinte. Assim foi na passagem da Antiguidade para a Idade Média e da Idade Média para a Modernidade.

Uma curiosidade da nossa época é que em alguns momentos ela parece totalmente controlada e ordenada e, em outros, um completo caos fora de qualquer controle. Ninguém pode afirmar exatamente o que está sob controle e o que está à beira do caos.

Talvez por isso muitas histórias de romances e filmes levantam a hipótese de máquinas de alta tecnologia com inteligência artificial (controle científico absoluto) possam se voltar contra o homem de maneira destrutiva (caos e imprevisibilidade). Sendo assim, um dos lemas é o de que “tudo é possível”, seja pela ordem, seja pelo caos. A combinação desses elementos levanta uma gama de possibilidades de acontecimentos bastante diversificadas.



Pesquise mais

Zygmunt Bauman é sociólogo e é considerado um dos mais conhecidos intelectuais que buscam descrever a Contemporaneidade. Leia uma entrevista com ele realizada pelo projeto Fronteiras do Pensamento e perceba como é possível identificar características de nossa vida pessoal na descrição que ele faz da realidade: <http://www.frenteiras.com/entrevistas/zygmunt-bauman-e-possivel-que-ja-estejamos-em-plena-revolucao>.

A Psicologia é uma ciência que sempre trouxe desafios para os paradigmas tradicionais científicos. Seu objeto de estudo varia entre fenômenos humanos, como o comportamento, a subjetividade ou a percepção. Isso mostra que há uma grande diferença entre os objetos da ciência tradicional, que tendem a ser mais estáveis, e o “objeto” humano, que muda o tempo todo e sempre carrega particularidades pessoais.

Consciente de seus paradoxos, a Psicologia sempre encarou em si as dificuldades a serem enfrentadas na contemporaneidade, sendo chamada por alguns de seus teóricos de **espaço de dispersão do saber**. Isso significa que não há uma possibilidade única de chegar a afirmações cientificamente corretas sobre a Psicologia. Behaviorismo, psicanálise, psicologia humanistas, psicologia sócio-histórica... Cada uma dessas abordagens tem suas próprias teorias que podem ser diferentes e discordantes, mas todas são válidas e coerentes. Além disso, todas funcionam na prática (GARCIA ROZA, 1977).

Um desafio para a Psicologia é justamente buscar a compreensão dessa possível unidade. O que há de comum entre as diferentes abordagens teóricas? É possível unificar as teorias psicológicas ou pelo menos reduzir a diferença entre elas? É claro que não é possível ignorar a história de cada teoria ou simplesmente fazer um uso eclético das teorias, usando ora uma abordagem, ora outra. Isso é um erro. Entretanto, é possível desenvolver pesquisas dentro de cada abordagem ou comparando os conceitos de cada abordagem e perceber a que fenômeno psicológico a teoria está se referindo ao propor sua explicação. É possível entender a mesma atitude de uma pessoa de maneira diferente, como, por exemplo, a dedicação excessiva ao trabalho.

Do ponto de vista do behaviorismo, pode ser compreendida como um comportamento de busca de recompensa; na Psicanálise, pode ser uma fuga de pensamentos perturbadores; nas psicologias humanistas ou existenciais, como uma tentativa de se igualar a um ideal de homem; na Psicologia Sócio-histórica, como a assimilação da obrigação de produzir.

Mas o que é esse fenômeno? O querer trabalhar mais que o recomendado ou mais que as outras pessoas fazem ou até se sentir viciado na atividade laboral? Independente da explicação, as pessoas continuarão fazendo isso. Uma síntese entre essas teorias demoraria muito tempo (talvez décadas ou até séculos) para se concretizar, mas, aparentemente, alguns primeiros passos parecem estar sendo dados por alguns autores de cada abordagem teórica. Eles estudam, a partir de sua própria teoria, as técnicas de outras abordagens. É provável que uma ciência (qualquer uma) nunca tenha consenso, mas possivelmente ocorrerão aproximações teóricas entre abordagens no futuro.

Há outras tendências demonstradas pelas características da Contemporaneidade que impactam no campo da Psicologia.

Lembram-se da burguesia e sua influência nas mudanças da sociedade? Vimos na unidade 2 o quanto ela contribuiu para o Renascimento, logo que conseguiu ser reconhecida como classe relevante; também foi importante seu papel na industrialização das cidades durante a Modernidade e na Revolução Francesa. No entanto, o que a burguesia sempre busca como benefício não é exatamente o bem-estar social, mas o aumento da lucratividade de seus negócios. O benefício social pode acontecer quando lhe for conveniente, mas, por vezes, também pode promover um desastre social se isso for financeiramente relevante para seus negócios.

O que tem se mostrado atualmente é uma busca pela volta de um certo conservadorismo mundial. Vários políticos tradicionalistas têm se beneficiado dessa tendência para pregar o combate a direitos de minorias e a permanência da concentração da renda mundial na mão de poucas pessoas: aquelas que detêm a propriedade dos meios de produção, ou seja a própria burguesia.

Para isso, alguns valores antigos, medievais ou modernos (e até a eugenia) têm sido resgatados como forma de controle social e financeiro.

Por que falar de política aqui se esse parece um assunto à parte? Justamente porque os psicólogos é que lidam diretamente com as pessoas que sofrem as consequências dessas políticas. Se a tendência da contemporaneidade é a diversidade e a multiplicidade, desde a metade do século XX, as pessoas passaram a assumir publicamente suas posições que até então eram polêmicas ou proibidas, com relação, por exemplo, à sexualidade; ao uso de substâncias psicoativas; ao comportamento social; à aplicação dos Direitos Humanos; à etnia; à separação entre religião, ciência e Estado; às decisões sobre seu próprio corpo etc. Essas pessoas enfrentam e

enfrentarão muitas dificuldades ao viverem em sociedades que tentam impedir sua expressão e direitos civis.

Os psicólogos conhecerão esses temas através da fala das pessoas que enfrentarão tais dificuldades, sofrimentos e conflitos ao buscarem por melhorias em sua vida particular. Será preciso reconstruir certas referências clássicas e fundamentadas que, durante a história, combateram o preconceito e a segregação nas organizações sociais. A luta democrática segue no sentido de se conviver com as diferenças, o que não é fácil e exigirá bastante mediação dos profissionais do diálogo: os psicólogos.



Exemplificando

Segregação é a separação de determinados membros da sociedade através de características de grupos. Por exemplo, os escravos separados dos senhores, os pagãos separados dos cristãos, os judeus e ciganos separados dos arianos, os pobres separados da classe média e dos ricos, os homossexuais separados dos heterossexuais etc. Talvez o exemplo mais recente seja o que foi vivido no regime inglês do *Apartheid* (apartação, separação) na África do Sul que terminou oficialmente em 1994 através da luta de Nelson Mandela e outras importantes figuras. Negros não podiam nem transitar na mesma calçada que os brancos até então. É assustador o quanto isso é recente e o quanto ainda há lugares que vivem regimes parecidos, ainda que não tenham isso como lei, inclusive no Brasil.

Além da necessidade de se lidar com o impacto das características da contemporaneidade nas pessoas, a Psicologia enfrenta e enfrentará outros desafios específicos da área, como a relação com as novas tecnologias e suas rápidas interatividades interpessoais. Como exemplo disso, podemos pensar em novas psicopatologias, como o “vício” em redes sociais ou em informações. Esses fenômenos já foram percebidos pela Psicologia e pela Psiquiatria e chegam a provocar verdadeiros prejuízos psicológicos nas pessoas, como o término de relacionamentos, a distração excessiva de atividades mais importantes (estudo e trabalho), o descuido com a própria saúde e outras possibilidades a serem descobertas.

Ainda sobre a tecnologia, deparamo-nos com as pessoas vivendo relações mediadas por meios digitais, através de textos ou câmeras. Essa é uma forma nova de relacionamento, até então rara, mas hoje bastante comum e que, aparentemente, será acentuada no futuro. É preciso compreender as características dessa forma de relacionamento, tanto entre as pessoas a serem atendidas pelo psicólogo nos diversos contextos, como na relação entre o psicólogo e essas mesmas pessoas. Alguns serviços psicológicos já são realizados através de videoconferências pela internet. Essa relação mediada se ampliará? É bastante possível.



Refleta

Você já se perguntou sobre o uso das tecnologias de comunicação na Psicologia? Ela teria uso possível em qualquer área de atuação do psicólogo? Seu uso deveria ser restrito a determinadas situações? Há muita diferença entre a relação pessoal e a relação mediada pelos meios de comunicação? Reflita sobre esses pontos, pois a Psicologia precisará das suas reflexões no futuro.

Aliás, uma das aplicações atuais da Psicologia é justamente colaborar com o desenvolvimento da interface de interação dos programas de computadores com as pessoas. Especialistas em relações humanas, os psicólogos, junto com os engenheiros e programadores, contribuem para tornar o funcionamento das máquinas e robôs mais próximos daquilo que é natural e intuitivo para os seres humanos. Computadores, caixas eletrônicos, *softwares*, *tablets*, celulares, robôs e até eletrodomésticos: todos eles são mais acessíveis devido ao estudo de psicólogos que trabalham no processo de criação de sistemas, assim como no desenvolvimento da Inteligência Artificial (IA) das máquinas mais avançadas (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Retomando a ideia da dispersão do saber e a busca de unidade das teorias psicológicas, é preciso considerar as mudanças teóricas internas de cada uma das escolas principais da Psicologia. Quando estudamos, na história da Psicologia, o nascimento das principais escolas, não podemos trazer o contexto e as ideias iniciais de cada uma das abordagens para a realidade atual. Para se adaptar às mudanças do mundo, cada abordagem foi desenvolvendo seus conceitos e técnicas, atendendo a esses aspectos ao máximo possível.

Claro que não será possível listar todas as mudanças que ocorreram e estão ocorrendo em cada uma das abordagens. Isso seria um trabalho extenso e específico por si só. Tentaremos apenas compreender o caminho que está sendo produzido de maneira geral.

Entre as mudanças realizadas dentro da linha behaviorista, um nome que será encontrado com facilidade é análise do comportamento. Esse nome foi escolhido como um título abrangente para organizar as linhas de desenvolvimento do behaviorismo. A análise do comportamento engloba o behaviorismo radical, a análise experimental do comportamento e a análise aplicada do comportamento (CARVALHO NETO, 2002).

Cada uma dessas linhas desenvolveu uma série de conceitos detalhados sobre compreensão e aplicação dos conceitos do behaviorismo, tendo uma grande influência da psicologia de Skinner.

Uma derivação do behaviorismo que não pode deixar de ser citada é a **psicologia comportamental cognitiva ou psicologia cognitivo-comportamental**. Sendo uma abordagem que enfatiza os processos cognitivos, propõe uma série de técnicas e estratégias de intervenção psicológica que são muito pesquisadas e utilizadas em diversos campos profissionais da Psicologia. Por esse motivo, é uma das abordagens mais citadas em pesquisas científicas na área da saúde.

Algumas derivações foram mais longe do núcleo comportamental com influências filosóficas diversas, como é o caso da psicologia comportamental cognitiva construtivista ou simplesmente cognitivo-construtivista. Esse modelo teórico questiona a tendência racionalista da comportamental cognitiva e introduz outras perspectivas com um vocabulário não muito comum às abordagens de base comportamental, como a vivência do sujeito, por exemplo (ABREU; CANGELLI FILHO, 2005).

Na Psicanálise também aconteceram mudanças. Essas mudanças, claro, não são unânimes e são concentradas em autores que criaram suas pequenas escolas dentro da grande escola da Psicanálise.

Um dos nomes mais conhecidos é Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista francês que, ao retomar a obra de Freud, faz uma leitura própria, concentrando a atenção de sua teoria na importância da linguagem e da percepção.

Outro autor importante e bastante estudado na psicanálise atualmente é Donald Woods Winnicott (1896-1971). Winnicott desenvolve alguns conceitos bastante disseminados na psicanálise atual, como o de objeto transicional, um objeto utilizado pela criança como apoio para se desvencilhar do cuidado da mãe e interagir com o mundo. Ele também revê algumas posições clássicas sobre a relação da criança com a mãe, criando a ideia de que, mesmo não tendo uma mãe exemplar, a criança consegue se desenvolver se tiver uma mãe suficientemente boa. Sob influência da filosofia existencial, Winnicott traz para a Psicanálise alguns temas existenciais a serem abordados na Psicologia, como a solidão, por exemplo (DUNKER, 2007).

Para finalizar o eixo da Psicanálise, é interessante citar um autor bastante atual, vivo e produtor, que tem usado a base psicanalítica para realizar uma compreensão da História e da sociedade. Seu nome é Slavoj Žižek. Ele também é considerado, assim como Bauman, um dos intelectuais que desbravam a contemporaneidade e seus fenômenos atuais, como a violência, por exemplo.

Sobre as psicologias humanistas, é muito difícil desenhar uma linha clara desse desenvolvimento, pois não é uma escola única. É o conjunto de várias teorias diferentes e independentes que se colocam contra o determinismo. Sendo assim, apenas algumas linhas serão comentadas por serem mais abrangentes ou conhecidas.

Uma das abordagens humanistas mais conhecidas é a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), criada por Carl Rogers. Um dos alunos de Rogers, Marshall Rosenberg (1934-2015), foi posteriormente seu colega de trabalho e adaptou a influência da ACP à filosofia pacifista de Mahatma Gandhi (líder político indiano que praticava e pregava uma revolução sem armas). Dessa união, cria a Comunicação Não Violenta (CNV), uma forma de refletir sobre si e sobre as relações humanas e buscar uma maneira não invasiva de expor suas necessidades, assim como compreender as necessidades alheias. Devido a essas características, a CNV é muito utilizada na mediação de conflitos, pois sua intenção é nunca excluir as partes interessadas em um conflito (ROSENBERG, 2006).

Se a teoria de Rogers teve suas derivações, os pensamentos de Maslow também geraram frutos. Ele foi considerado um dos primeiros a pensar a Psicologia aplicada para além da patologia, ou seja, considerar que o conhecimento psicológico também pode servir para proporcionar bem-estar e felicidade às pessoas, em vez de apenas tratar sintomas, transtornos e comportamentos inadequados. Foi isso que ele sugeriu com sua teoria da autorrealização.

Inspirado nessa postura teórica e embasado em novas pesquisas em Psicologia, Martin Seligman criou a psicologia positiva, uma abordagem que se dedica ao estudo e à promoção da felicidade. Entre os fenômenos que colaboram com a promoção da felicidade está, por exemplo, o fluxo de consciência ou flow, que é a concentração intensa e prazerosa em uma única atividade. Em outras palavras, seria aquele momento em que você se dedica a uma atividade e está tão interessado nela que nem percebe o tempo passar; quando vê, foram horas de trabalho que pareceram apenas alguns minutos (SCHULTZ; SCHULTZ, 2009).

Com o desenvolvimento de pesquisas e com a prática profissional nos campos de atuação, algumas tendências internas da psicologia humanista foram se tornando mais próximas da psicologia sócio-histórica, combinando suas proposições teóricas em diversos momentos, mas, principalmente, quando ambas se dedicam à atuação na saúde pública.

É importante frisar também o desenvolvimento interno e interdisciplinar de cada área de atuação a partir da prática: psicologia hospitalar (junto com médicos e outros profissionais da saúde), social (com assistentes sociais), da educação (com pedagogos e professores), do trabalho e organizacional (com empresários e administradores), neuropsicologia, clínica etc. Todas elas influenciaram na produção teórica, colaborando com a atualização das abordagens psicológicas para compreender o mundo de hoje. Foram se dedicando a resolver problemas importantes do mundo contemporâneo, como o estresse, o autismo, a inclusão social, a inclusão de pessoas com deficiência, a compreensão do mundo infantil atual, entre outras possibilidades. Diversas abordagens teóricas se fizeram presentes nesses campos, cada uma à sua forma.

Novas áreas também foram surgindo com o reconhecimento de novas necessidades e perspectivas contemporâneas, como, por exemplo, a psicologia ambiental, que se dedica às reflexões sobre a saúde (ou patologia) psicológica proporcionada pelo ambiente habitado pelas pessoas. Juntamente aos profissionais de arquitetura e urbanismo, pensam em como tornar a cidade um ambiente mais saudável (MOSER, 1998).

Também cabe destacar a psicologia econômica, que analisa as formas como as pessoas gastam seu dinheiro a partir de aspectos psicológicos, como desejo, impulso, emoção etc. Outros psicólogos têm se destacado nas áreas de organização pessoal e profissional, auxiliando as pessoas a desenvolverem suas habilidades de planejamento. Outro problema contemporâneo é a frequência maior da relação entre pessoas de diferentes culturas, gerando dificuldades pessoais numa mudança de contexto impactante a ponto de facilitar o surgimento de transtornos psicológicos (FERREIRA, 2007).



Faça você mesmo

Através de mecanismos de busca, procure por “novas áreas da psicologia” e veja quantas possibilidades essa ciência pode abranger.

Esses são apenas alguns exemplos do que tem acontecido hoje no mundo da Psicologia em âmbito mundial. Conforme dito no início, não é possível fazer uma leitura completa desse desenvolvimento sem que seja realizado um longo e extenso trabalho especificamente sobre isso, o que não é a intenção deste trabalho.

Sem medo de errar

Ao ler o conteúdo deste livro didático, você poderá elencar as atualidades e tendências da Psicologia citadas no texto.

Além disso, você pode, conforme sugere o “Faça Você Mesmo”, levantar outras informações que não se encontram no texto.

Você deverá elaborar uma lista de informações para poder criar uma palestra sobre o desenvolvimento da psicologia contemporânea e suas tendências. Caso suas informações sejam aprovadas, você poderá participar como conferencista do próximo Congresso Nacional de Psicologia. Dessa forma, você pode criar uma lista simplificada que aponte os acontecimentos e tendências pedidos na situação-problema.

A partir das informações levantadas, é possível refletir e apontar ao menos uma reflexão a partir de sua própria compreensão do texto, como a relação da Psicologia com as novas tecnologias de comunicação ou sobre as novas áreas de atuação do psicólogo que vêm surgindo diante das necessidades contemporâneas.

A sua missão é levantar as tendências para criar uma lista e pensar sobre; não há necessidade de um relatório profundo e extenso sobre elas.



Atenção!

O conhecimento científico, incluindo o psicológico, está sempre em construção. Portanto, nem sempre você terá informações tão claras para utilizar como base em suas reflexões. Pensar crítica e logicamente é fundamental.



Lembre-se

Contemporaneidade significa coexistir, existir ao mesmo tempo que [algo ou alguém], na mesma época de [algo ou alguém] (HOUAISS; VILLAR, 2009).

Avançando na prática

Pratique mais	
Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.	
Para onde vou?	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da Psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em Psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender o desenvolvimento contemporâneo da Psicologia. Identificar tendências atuais da ciência psicológica.
3. Conteúdos relacionados	A interdisciplinaridade da Psicologia; novas abordagens; a busca de síntese entre abordagens.

4. Descrição da SP	Um estudante do último semestre de Psicologia procura você para perguntar sobre as possibilidades de trabalho na profissão na qual está quase adentrando. Ele está preocupado se conseguirá aplicar tudo o que aprendeu na faculdade no seu campo profissional de atuação. Dessa forma, resolveu lhe perguntar como é a entrada no mercado de trabalho depois da faculdade: se é possível aplicar a Psicologia da forma como aprendemos na faculdade ou se há muita diferença entre o que se aprende e o mundo fora do curso.
5. Resolução da SP	Utilize o livro didático ou outros mecanismos de pesquisa e busca para mostrar ao formando o que é a contemporaneidade, período histórico que vivemos hoje, e como a Psicologia se desenvolve nesse período. Junto com ele, pense novas possibilidades a partir de suas próprias percepções sobre essas informações.



Lembre-se

O estudo da história de forma crítica pode promover a capacidade de desdobrar as situações do presente e alcançar possíveis situações inéditas no futuro (TORRES, 2016).



Faça você mesmo

Observe situações do seu dia a dia e pense como a Psicologia poderia compreender ou intervir de alguma forma. Um exemplo é a violência surgida nas mensagens trocadas via redes sociais. Ao lidar com opiniões ou posicionamentos divergentes, as pessoas demonstram grande intolerância, chegando a trocar ofensas e ameaças. O uso da comunicação não violenta poderia intervir na maneira em que as pessoas dialogam, compreendendo os sentimentos e necessidades envolvidos nessas situações.

Faça valer a pena!

1. O período histórico que vivemos hoje é denominado Contemporaneidade. Ela se diferencia dos outros períodos por suas características próprias que ainda não são totalmente conhecidas. Assinale a opção que define corretamente uma das características da Contemporaneidade:

- a) O desenvolvimento tecnológico proporcionou à humanidade total controle sobre a natureza.
- b) Apesar de toda tentativa de controle, não há uma previsibilidade total; tudo é possível acontecer.
- c) Apesar dos avanços tecnológicos da Modernidade, a tentativa de controle falhou, gerando o caos atual.
- d) As relações humanas são estabelecidas de forma mais consistente devido aos meios de comunicação.
- e) Houve redução do estresse diário devido ao aumento das ferramentas tecnológicas do trabalho.

2. Ao que tudo indica e conforme afirmam determinados intelectuais, estamos em um momento de mudança de período histórico, vivendo a Contemporaneidade. Sobre isso, é possível afirmar que:

- a) Se conseguirmos descrever esse momento com clareza, será mais fácil viver e fazer as escolhas mais coerentes.
- b) Essa passagem foi planejada de uma maneira bastante eficaz e, por isso, há poucas dificuldades a serem enfrentadas.
- c) A contemporaneidade espelha características mistas da Antiguidade e Idade Média, tornando-se de fácil compreensão.
- d) As características da contemporaneidade podem ser compreendidas ao se fazer uma projeção das características da Modernidade.
- e) Como é muito difícil perceber um período enquanto ele acontece, não é possível definir ainda as características da contemporaneidade.

3. O que significa a expressão “dispersão do saber” utilizada para definir a psicologia como forma de produção científica?

- a) Que a psicologia como ciência é um projeto que não pode se cumprir completamente.
- b) Que a psicologia consegue concentrar diferentes teorias, sendo todas válidas e eficazes à sua maneira.
- c) Que a psicologia não consegue se agregar em um projeto único para que possa cumprir as exigências da produção científica.
- d) Que não é possível acompanhar o conhecimento psicológico da mesma forma que se pode acompanhar o de outras ciências.
- e) Que a psicologia tem a capacidade de unificar saberes dispersos, criando a coerência interna das suas teorias.

Seção 4.4

Tendências atuais da psicologia no Brasil

Diálogo aberto

Encerrado o seu trabalho com o Conselho, você decide que, assim como a psicologia, você não vai parar no tempo.

Com a consciência de que um dos deveres éticos do psicólogo é se manter atualizado, você toma conhecimento do anúncio do próximo Congresso Nacional de Psicologia e decide participar.

Entre as opções de participação, você se inscreve na história da psicologia. No entanto, enquanto tantos outros participantes exibem o passado, você decide exibir o presente e o futuro. Dentre as modalidades de apresentação, você percebeu que a melhor opção seria apresentar um pôster que pudesse demonstrar as tendências da psicologia no Brasil.

Antes, porém, seu trabalho deve ser aprovado. Para isso, você deve criar um pequeno texto de um único parágrafo, englobando todos os itens da sua lista e suas explicações.

Assim como na última seção, ao ler o conteúdo deste material, você será capaz de compreender os rumos da psicologia. Porém, dessa vez, será o desenvolvimento da psicologia no Brasil, suas lutas e tendências no contexto contemporâneo. No conteúdo desta seção, você encontrará a relação entre a psicologia e a ação política; a multiplicidade das áreas de atuação; e algumas interfaces já consolidadas.

Para planejar o pôster para o congresso, você deve coletar as informações necessárias para indicar a evolução da psicologia no Brasil conforme o que tem se mostrado atualmente nessa ciência. Com este material, produza o parágrafo para a avaliação. Caso a comissão avaliadora do Congresso aprove seu material, permitirá, então, que você confeccione o pôster!

Não pode faltar!

Apesar de o nosso país estar obviamente conectado com o mundo todo, a psicologia no Brasil demonstra algumas características próprias nem sempre presentes em outros lugares. É comum que cada país, cada região tenha suas características que influenciam, direta ou indiretamente, o pensamento e a personalidade de seus cidadãos.

Apesar de sua origem ter recebido uma grande ajuda e participação da burguesia e das elites nacionais, a psicologia no Brasil tem um caráter fortemente social e crítico (PEREIRA; PEREIRA NETO, 2003).

A teoria crítica foi uma das contribuições da Escola de Frankfurt, instituição alemã cujo nome oficial era Instituto de Pesquisa Social. Esse instituto foi fundado em Frankfurt em 1923 e reuniu filósofos, sociólogos, antropólogos, psicólogos e demais pesquisadores interessados em compreender a nova sociedade que se formava no século XX num período da história chamado de Período Entreguerras, ou seja, no período após a I Guerra Mundial (1914-1918) e a II Guerra Mundial (1939-1945).

Da Escola de Frankfurt surgiram vários intelectuais que compreenderam o *zeitgeist* daquela época e que, de certa forma, ajudaram muito a compreender a contemporaneidade. Intelectuais como, por exemplo, Horkheimer, Adorno, Marcuse, Walter Benjamim e Habermas. Da Escola de Frankfurt vieram conceitos que hoje são comuns, mas que na época foram revolucionários. Conceitos como os de indústria cultural, que é a produção e propagação da cultura com objetivo de lucro; e a razão instrumental, que é o uso do conhecimento filosófico e científico para justificar a dominação de classe da burguesia. Esses autores tiveram uma forte influência da filosofia de Marx, mas também se basearam em outros pensadores para compor sua compreensão inovadora (REALE; ANTISERI, 2006).



Pesquise mais

Para conhecer melhor a Escola de Frankfurt, leia o seguinte artigo:

NASCIMENTO, J. F. A Escola de Frankfurt e seus principais teóricos. **PIDCC**, Aracaju, v. 3, n. 5, p. 244-249, 2014. Disponível em: <<http://www.pidcc.com.br/artigos/052014/11052014.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

A teoria crítica e a Escola de Frankfurt influenciaram Silvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006), psicóloga e pesquisadora que, juntamente com seus colegas, fundamentou a linha contemporânea da psicologia social brasileira nos anos 1980 (LANE; CODO,

1989). Esse grupo recebeu influência da teoria crítica da Escola de Frankfurt e agregou a essa influência uma tendência fenomenológica aliada à psicologia sócio-histórica.

A presença da abordagem sócio-histórica colocou os profissionais brasileiros sempre engajados em lutas por direitos civis de minorias e da própria classe, além de levantar várias bandeiras de políticas públicas, assumindo aquilo que chamou de protagonismo da Psicologia (BOCK, FURTADO, 2007). A psicologia se tornou personagem principal de diversas mudanças sociais e políticas ocorridas no Brasil no decorrer dos anos 1990 e, ainda mais estruturadamente, na década de 2000.



Exemplificando

A palavra protagonismo significa ser o personagem principal de algo. Quando se fala da psicologia como protagonista na sociedade, isso significa que o psicólogo, em vez de apenas aceitar os acontecimentos sociais e se adaptar às mudanças, deve participar ativamente das mudanças. Com o protagonismo, acredita-se que a psicologia também deve participar de discussões de grande impacto social. Por exemplo, antigamente, uma discussão sobre a possibilidade da redução da maioria penal ficaria restrita ao Direito. No entanto, com os estudos de desenvolvimento humano, a psicologia tem muito a contribuir com informações importantes.

Tanto a teoria crítica da Escola de Frankfurt como a filosofia de Marx e a Psicologia Sócio-Histórica trazem uma visão de homem como construtor da história e defendem a participação ativa de todos na sociedade.

O Brasil conta com dois grandes sistemas públicos nos quais muitos psicólogos atuam e criam forte experiência. O primeiro é o Sistema Único de Saúde (SUS), concebido pela Constituição Federal de 1988 e responsável, entre outras coisas, pelo serviço público de saúde à população. Há uma série de conhecidos problemas na prestação desse serviço, é claro. Esses problemas ocorrem, principalmente, por se tratar de uma gestão mista entre governos federal, estadual e municipal, o que faz com que haja muita diferença na qualidade do serviço prestado em cada região do país, do estado ou até mesmo da cidade.

Apesar de seus problemas, o SUS é uma grande conquista construída no decorrer de décadas e com a dedicação de muitas pessoas que, desde a base, conseguiram levar à concretização a possibilidade de atendimento gratuito à população brasileira e até a estrangeiros que necessitarem de atendimento enquanto estiverem no país.

Embora ainda tenha um número baixo de profissionais da psicologia, o SUS emprega psicólogos em diversos contextos de sua estrutura, como o atendimento em Centros de Saúde, como parte da equipe do Programa de Saúde da Família, nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e em alguns serviços especializados (BRASIL, 1990). O SUS não pretende, porém, oferecer serviços individuais de longo prazo, como uma psicoterapia profunda, por exemplo.

O segundo sistema citado é bem mais novo que o SUS e tem um foco para o social: é o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), constituído oficialmente em seu formato atual em 2011. Embora já estivesse em projeto desde 1988 (também pela Constituição Federal), só começou a ser de fato implementado em 2004. O SUAS hoje é um dos sistemas que mais empregam psicólogos, pois, além de ser realizado através de Organizações Governamentais (OGs) e Organizações Não Governamentais (ONGs), tem em sua diretriz técnica a obrigação de contratação de psicólogos para trabalharem em dupla com assistentes sociais. Assim, todo serviço de acolhimento social em OGs e ONGs precisa ter ao menos um psicólogo.

O SUAS tem por objetivo evitar que a população brasileira fique vulnerável aos perigos da vida em sociedade, como a violência, a fome e o desemprego. Sua gestão também é compartilhada entre as três esferas de governo: federal, estadual e municipal. E, por isso, também apresenta as mesmas características do SUS com relação à qualidade de serviço. Ele atua, na relação direta com o cidadão, através dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS), ou através do cofinanciamento público de ONGs, que também podem captar renda de outras fontes.

Os psicólogos trabalham em equipe nos diferentes tipos de proteção social da população: a proteção social básica (dedicada à prevenção), a proteção social especial de média complexidade (dedicada ao restabelecimento dos vínculos sociais abalados) e a proteção social especial de alta complexidade (dedicada à recuperação de vínculos rompidos) (BRASIL, 2011).

Além dessas estruturas públicas que se utilizam dos serviços da psicologia, o conselho representativo da classe, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), assume e organiza os debates de diversos dos temas e propostas importantes e geralmente polêmicos para o trabalho dos psicólogos. Por exemplo, o posicionamento oficial contra a redução da maioria penal, pela valorização da Declaração Universal dos Direitos Humanos, pela melhoria e legalidade no sistema prisional, pela oficialização dos relacionamentos homoafetivos, pela despatologização (deixar de ver como "doença mental") da transexualidade e do travestismo, pelo direito ao aborto, pela defesa do SUS, pelo combate à violência etc. Além disso, o Conselho fornece apoio e orientação técnica para os profissionais da Psicologia nas suas diversas áreas de atuação. Toda essa postura do CFP de colocar os psicólogos como protagonistas da sociedade ajudou a contribuir para a construção de novas políticas públicas.



Faça você mesmo

Explore o site do CFP (www.cfp.org.br) e tome conhecimento de alguns temas debatidos pela classe. Escolha um tema que achar interessante e se inteire sobre as atualidades desse debate.

Um dos movimentos que merece destaque no contexto brasileiro da psicologia é a Luta Antimanicomial. Esse é um movimento que começou na luta pela constituição do SUS por volta de 1987 e que visava um tratamento mais humanizado aos pacientes de saúde mental. Se, tradicionalmente, esses pacientes eram isolados da sociedade em manicômios e tratados com métodos questionáveis com relação à violação de seu corpo e sua subjetividade (uso de eletrochoque e medicação sem que houvesse convencimento e autorização do próprio paciente), profissionais da saúde mental, juntamente com os pacientes, buscavam formas terapêuticas que favorecessem a autonomia e a sociabilidade dessas pessoas (LÜCHMANN; RODRIGUES, 2007).



Assimile

Luta Antimanicomial: movimento que propõe tratamento humanizado a pacientes psiquiátricos, com ênfase na autonomia e sociabilidade.

Algumas conquistas foram sendo alcançadas isoladamente e, cada vez mais, um grupo engajado na busca dessas conquistas foi se formando por todo o país. Hoje, vários manicômios foram fechados e o CAPS é utilizado como uma alternativa ao tratamento isolado, tentando promover a convivência entre os pacientes psiquiátricos e os outros membros da sociedade.



Refleta

Você já pensou sobre o que significa “tratamento”? A proposta é que a pessoa em tratamento consiga resgatar sua capacidade saudável. Se, no caso dos pacientes psiquiátricos, por exemplo, o relacionamento interpessoal é uma característica a ser recuperada e exercitada, como essas pessoas poderiam exercitar a relação com outras pessoas estando isoladas da sociedade?

Essa é justamente a pauta da diversidade, comentada na seção anterior. No entanto, conforme também comentado na seção anterior, existe a necessidade de uma constante vigilância contra retrocessos nessas conquistas, pois há muitos interesses empresariais e políticos envolvidos nesse tema. O neoconservadorismo busca restabelecer gradativamente o funcionamento de manicômios de maneira sutil. O CFP integrou à sua ação a inspeção de manicômios na fiscalização de possíveis violações aos direitos humanos, o que trouxe uma série de constatações e denúncias que até então permaneciam escondidas do público em geral e até dos profissionais de saúde.

Fora dos manicômios, mas ainda na questão dos tratamentos, temos os movimentos de desmedicalização. Embora o nome pareça um tanto radical, ela propõe que se medique as pessoas que de fato precisem de medicação. Ela não propõe que se exclua o papel do médico nos serviços de saúde, mas prega o uso ético do diagnóstico médico e da medicação utilizada.

Um exemplo atual do abuso da medicalização e da medicação é o caso do transtorno de déficit de atenção / hiperatividade (TDAH). Repentinamente, os diagnósticos de TDAH cresceram e o uso do metilfenidato (princípio ativo da ritalina) disparou. Pesquisadores foram em busca do fenômeno e descobriram que grande parte dos diagnósticos de TDAH não se comprovavam, pois estavam mais relacionados a questões psicológicas, pedagógicas e sociais do que biológicas. Sendo assim, não havia motivo para o uso de medicação.

A recomendação e fiscalização realizada pelo grupo é de que haja critérios mais rigorosos para o diagnóstico e, principalmente, a medicação das crianças. Essa é a proposta do movimento de desmedicalização (SCHICOTTI; ABRÃO; GOUVEIA JÚNIOR, 2014).

Como você pode notar, a Psicologia trabalha com muitas interfaces na atuação, ou seja, correlacionando-se com outras áreas e atuações, criando áreas interdisciplinares de estudo e atuação em vários momentos. Algumas dessas interfaces já se encontram bastante consolidadas, outras, ainda em formação.

A propósito, considerando a dicotomia explorada por Platão, conforme você estudou na seção 1.2, a psicologia está quase sempre em diálogo interdisciplinar, fazendo interfaces com outras áreas do pensamento e ação humanos. Essas áreas são reconhecidas pelo CFP através da gestão das especialidades em Psicologia. Na resolução 013/2007, o Conselho reconhece onze especialidades: Psicologia Escolar/Educacional; Psicologia Organizacional e do Trabalho; Psicologia de Trânsito; Psicologia Jurídica; Psicologia do Esporte; Psicologia Clínica; Psicologia Hospitalar; Psicopedagogia; Psicomotricidade; Psicologia Social; Neuropsicologia.

Porém, na mesma resolução o Conselho afirma que poderá reconhecer novas especialidades a qualquer momento, desde que haja produção teórica, prática, técnica e social que justifique essa necessidade (CFP, 2007).

Um exemplo de nova área de atuação e pesquisa é a intervenção psicológica de emergência e catástrofes, que mobiliza uma série de psicólogos para oferecer suporte psicológico numa situação de catástrofe natural ou acidental, como enchentes, deslizamentos de terra, tsunamis, terremotos, incêndios etc. Um exemplo recente foi o estouro da barragem das mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton em Mariana – MG. Pessoas perderam tudo: casa, bens, familiares e tantas outras coisas fundamentais à privacidade e identidade. As pessoas precisam e demandam a necessidade do contato psicológico para poderem reestruturar suas vidas como um todo (CRPMG, 2016).

O que foi abordado nesta seção diz respeito às ações oficiais da psicologia e não elimina as diferenças entre as abordagens nem as influências das teorias psicológicas em produção em âmbito mundial. Como é possível notar, a psicologia é bastante movimentada no Brasil. Essas são apenas algumas das tendências possíveis de serem identificadas. Elas mostram, porém, diversas possibilidades para se pensar na psicologia diante dos problemas contemporâneos.

Sem medo de errar

Ao ler o conteúdo desta seção do livro didático, você poderá elencar as atualidades e tendências da psicologia citadas no texto. Você também pode, conforme sugere o “Faça você mesmo”, levantar outras informações que não se encontram no livro didático.

Você deverá coletar informações para criar uma lista. Essa lista servirá de base para você criar o seu parágrafo sobre o desenvolvimento da psicologia contemporânea no Brasil e suas tendências.

A partir das informações levantadas, é possível refletir e apontar ao menos uma reflexão a partir de sua própria compreensão do texto, como a psicologia atua no Brasil e que rumos tomará no futuro diante das características e necessidades contemporâneas.

Não há necessidade de um relatório profundo e extenso sobre elas, apenas um parágrafo que concentre as informações necessárias.

Caso suas informações sejam aprovadas, você poderá elaborar e apresentar seu pôster no próximo Congresso Nacional de Psicologia.



Atenção!

A psicologia contemporânea no Brasil em seu protagonismo social tem forte influência da teoria crítica da Escola de Frankfurt e da psicologia sócio-histórica.



Lembre-se

Na desmedicalização, a recomendação é de que haja critérios mais rigorosos para o diagnóstico e, principalmente, a medicação (SCHICOTTI; ABRÃO; GOUVEIA JÚNIOR, 2014).

Avançando na prática

Pratique mais	
Instrução Desafiamos você a praticar o que aprendeu, transferindo seus conhecimentos para novas situações que pode encontrar no ambiente de trabalho. Realize as atividades e depois as compare com as de seus colegas.	
Futuras gerações	
1. Competência de fundamentos de área	Conhecer os domínios da psicologia como ciência e profissão, em uma perspectiva histórica; os diferentes sistemas em psicologia em termos dos seus pressupostos epistemológicos; e concepção de ciência que lhe são subjacentes.
2. Objetivos de aprendizagem	Compreender os rumos da psicologia no Brasil.
3. Conteúdos relacionados	Psicologia e ação política; a multiplicidade das áreas de atuação; interfaces consolidadas.
4. Descrição da SP	Você foi convidado a falar para um grupo de estudantes de Psicologia. Eles estão organizando a Semana da Psicologia e receberam o seu nome como indicação. O tema da palestra é <i>A Psicologia no Brasil: Hoje e Amanhã</i> . Para isso, você deve coletar informações sobre a situação da psicologia no Brasil hoje e elencar quais são suas tendências para o futuro. Os alunos também pediram que você elabore um pequeno resumo da sua palestra para o jornalzinho do curso.
5. Resolução da SP	Utilize o livro didático ou outros mecanismos de pesquisa e busca para mostrar aos alunos como se desenvolve a psicologia no Brasil e quais são seus temas de lutas atuais. Pense em novas possibilidades a partir de suas próprias percepções sobre as informações levantadas.



Lembre-se

A teoria crítica da Escola de Frankfurt, juntamente com a Psicologia sócio-histórica, influenciou o protagonismo da Psicologia no Brasil (LANE; CODO, 1989).



Faça você mesmo

Entre no site do Conselho Federal (www.cfp.org.br), escolha um dos temas em pauta de discussão na psicologia e ouça os comentários que as pessoas fazem sobre esse tema no dia a dia. Dessa forma, você conseguirá diferenciar o tipo de pensamento científico do pensamento do senso comum.

Faça valer a pena!

1. A teoria crítica da Escola de Frankfurt influenciou o cenário do pensamento mundial e brasileiro no século XX. O que foi a Escola de Frankfurt?

- Uma instituição criada em Frankfurt para atender às necessidades de educação básica da população.
- Uma empresa criada em Frankfurt para atender às necessidades de educação superior da população.
- Uma instituição alemã criada em Frankfurt para tentar compreender a nova sociedade que se formava no século XX.
- Uma instituição alemã criada em Frankfurt para tentar compreender os meios de comunicação da sociedade do século XX.
- Uma instituição alemã criada em Frankfurt para tentar compreender o sistema educacional da sociedade do século XX.

2. A expressão protagonismo da psicologia é o exemplo de um diferencial da psicologia no Brasil. O que ela pretende expressar?

- Que os psicólogos devem participar ativamente das discussões de impacto social, ainda que envolvam outras áreas.
- Que os psicólogos devem receber passivamente as decisões de impacto social debatidas por classes específicas.

- c) Que os psicólogos devem receber e assimilar o impacto social debatido por outras classes profissionais.
- d) Que os psicólogos devem participar ativamente das discussões de impacto exclusivo na área da Psicologia.
- e) Que cada psicólogo deve decidir ativamente sua opinião sobre as questões de impacto social.

3. Sobre o protagonismo social da psicologia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) assume um papel importante. Que papel é esse?

- a) O CFP assume e organiza os debates de diversos dos temas e propostas importantes e geralmente polêmicos para o trabalho dos psicólogos.
- b) O CFP organiza debates sobre os diversos temas e propostas importantes, mas evita os temas mais polêmicos.
- c) O CFP assume e organiza os temas e propostas importantes e polêmicos para o trabalho dos psicólogos; decidida sua posição, ela é imposta aos profissionais.
- d) O CFP organiza os debates sobre os temas e propostas importantes e polêmicos para o trabalho dos psicólogos, mas deixa o debate livre sem assumir posição.
- e) O CFP identifica os temas e propostas importantes e polêmicos para que os psicólogos evitem debates acalorados que propagam a violência.

Referências

ABREU, C. N.; CANGELLI FILHO, R. A abordagem cognitivo-constructivista de psicoterapia no tratamento da anorexia nervosa e bulimia nervosa. **Revista Brasileira Terapias Cognitivas**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000100006>. Acesso em: 12 mar. 2016.

AMENDOLA, Marcia Ferreira. **Panorama da história dos testes psicológicos no Brasil**. Disponível em: <http://www.canalpsi.psc.br/canalpsi_revista/artigo12.htm>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ANTUNES, M. A. M. A psicologia no Brasil no século XX desenvolvimento científico e profissional. In: MASSIM, M.; GUEDES, M. C. (Orgs.). **História da psicologia no Brasil: novos estudos**. São Paulo: EDUC/Cortez, 2004. p. 109-152.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. A psicologia no Brasil e suas relações com o marxismo. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 503-513.

BRASIL. Presidência da República. Casa civil. **Lei nº 8.080**. Brasília: Subchefia para assuntos jurídicos, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa civil. **Lei nº 12.435**. Brasília: Subchefia para assuntos jurídicos, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm>. Acesso em: 19 mar. 2016.

CARVALHO NETO, M. B. Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. **Interação em Psicologia**, v. 6, n. 1, p. 13-18, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=406708&indexSearch=ID>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

CERQUEIRA, L. A. A ideia de filosofia no Brasil. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, v. 20, n. 39, p. 163-192, mar. 2011. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/dfci/publicacoes/a_ideia_de_filosofia_no_brasil>. Acesso em 06 Abr. 2016.

CFP – Conselho Federal de Psicologia. **Resolução CFP Nº 013/2007**. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CRPMG. **Conselho propõe reflexão sobre a atuação de psicólogas e psicólogos nas emergências e desastres**. Belo Horizonte: CRPMG, 2016. Disponível em: <<http://www.crpmg.org.br/GeraConteudo.asp?materialID=4888>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DUNKER, C. I. L. Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 387-411.

FERREIRA, V. R. M. Psicologia econômica. **Pensata**, São Paulo, v. 47, n. 3, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v47n3/v47n3a08>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GARCIA ROZA, L. A. Psicologia: um espaço de dispersão do saber. **Rádice**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, 20-26, 1977.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social**: o homem em movimento. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LÜCHMANN, L. H. H.; RODRIGUES, J. O movimento antimanicomial no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, mar./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232007000200016>. Acesso em: 19 mar. 2016.

MASSIMI, M. A psicologia dos jesuítas: uma contribuição à história das ideias psicológicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, mar. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000300018>. Acesso em: 16 fev. 2016.

MASSIMI, M. Ideias psicológicas na cultura luso-brasileira, do século XVI ao século XVIII. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 75-83.

MASSIMI, M. O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2007. p. 159-168.

MICHENER, H. A.; DELAMATER, J. D.; MYERS, D. J. **Psicologia social**. Tradução de Eliane Fittipaldi e Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MORAES, M. O gestaltismo e o retorno à experiência psicológica. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio

de Janeiro: Nau, 2007. p. 301-318.

MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 3, n. 1, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1998000100008>. Acesso em: 15 mar. 2016.

PEREIRA, F. M.; PEREIRA NETO, A. P. O psicólogo no Brasil: notas sobre seu processo de profissionalização. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 19-27, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a02>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da Filosofia, 6**: de Nietzsche à escola de Frankfurt. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção História da Filosofia, 6).

ROCHA, N. M. D. A faculdade de medicina da Bahia e a preocupação com questões de ordem psicológica durante os oitocentos. Em: MASSIM, M.; GUEDES, M. C. (Orgs.). **História da psicologia no Brasil**: novos estudos. São Paulo: EDUC/Cortez, 2004. p. 89-107.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação não violenta**. São Paulo: Ágora, 2006.

SCHICOTTI, R. V. O.; ABRÃO, J. L. F.; GOUVEIA JÚNIOR, S. A. TDAH e medicalização: considerações sobre os sentidos e significados dos sintomas apresentados por crianças diagnosticadas. **Nuances**: estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 25, n. 1, p. 135-154, jan./abr. 2014.

SCHNITMAN, D. F. (Org.) **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cengage, 2009.

SILVEIRA, N. **Jung**: vida e obra. 16. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Vida e Obra).

STRATTON, P.; HAYES, N. **Dicionário de psicologia**. Tradução de Esméria Rovai. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ISBN 978-85-8482-429-8



9 788584 824298 >